

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Jorge Leite Jr

*“NOSSOS CORPOS TAMBÉM MUDAM”:*

SEXO, GÊNERO E A INVENÇÃO DAS CATEGORIAS

“TRAVESTI” E “TRANSEXUAL” NO DISCURSO

CIENTÍFICO

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC – SP

Jorge Leite Jr

*“NOSSOS CORPOS TAMBÉM MUDAM”:*

SEXO, GÊNERO E A INVENÇÃO DAS CATEGORIAS

“TRAVESTI” E “TRANSEXUAL” NO DISCURSO

CIENTÍFICO

DOUTORADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Professora Doutora Maria Celeste Mira.

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

---

---

---

---

---

Dedico este trabalho a Paloma de Albuquerque,  
com muito amor,  
sempre.

## AGRADECIMENTOS

Muitas são as pessoas a quem eu devo agradecimentos:

à Paloma de Albuquerque, por sempre ter sido meu porto seguro;

à minha orientadora, Maria Celeste Mira, que muito tem me ensinado com seu conhecimento, sua amizade, sua paciência e sua alegria, e que carinhosamente me ajudou quando precisei;

às professoras Berenice Bento, Carla Cristina Garcia, Eliane Robert Moraes, Margareth Rago, Mariza Werneck Furquim e ao professor Julio Assis Simões pela grande generosidade intelectual, amizade e por acompanharem este trabalho apresentando inúmeras contribuições e incentivos a ele;

aos queridos amigos pesquisadores e militantes Adriana Estevão, Alessandra Saraiva, Alexandre Peixe (Xandão), Aline de Freitas, Anna Paula Vencato, Cláudia Rodrigues, Eduardo Prates, Fernanda Moraes, Flávia Teixeira, Isadora Lins França, Larissa Pelucio, Maria Elvira Diaz, Mariane Ottati Nogueira, Nicole Monteiro, Patrícia Andrade, Paula Machado, Regina Facchini e Renata Rebello;

aos amigos do dia-t e todos da Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo;

à todos os meus amigos de muitos anos e muitas histórias que, entre tantas pessoas, tenho obrigação de citar: Fernanda Sartoris, Karine Batista (Foz), Penélope Rodrigues, Roberto Veiga e Rodrigo Gontijo;

à Syntia Alves, por tanto companheirismo, carinho e ajuda;

à Tatiana Melitello (Tati), um agradecimento especial;

aos meus pais, Jorge Leite e Elvira Guinato Leite, por continuarem confiando e apostando em mim;

à Camilla Leite London Guedes, Alexandre Leite London Guedes e Giovanna Leite London Guedes, por tanta alegria;

ao CNPQ e a todas as pessoas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais;

ao Zé, *in memoriam*, um grande abraço;

às pessoas entrevistadas e a todas aquelas que direta ou indiretamente me ajudaram na realização deste trabalho e não estão citadas por descuido de minha parte: muito obrigado.

## Resumo

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a construção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. Partindo da diferenciação entre o hermafrodita da antiguidade, mais associado ao campo mágico e mítico, e o pseudo-hermafrodita da medicina moderna, vemos como este segundo foi interiorizado através do discurso das ciências da psique. Desta base conceitual, durante o século XX, desenvolvem-se lentamente as categorias de “travesti” e “transexual”, compreendendo o trânsito entre os sexos e os gêneros como uma manifestação psicopatológica.

Palavras-chave: gênero, sexualidade, travesti, transexual

## Abstract

The goal of this work is to ponder the construction of the “transvestite” and “transsexual” categories in scientific discourse. Starting from the distinction between antiquity's hermaphrodite, more closely associated with magical and mythical notions, and modern medicine's pseudohermaphrodite, it can be seen how the latter became internalized through the discourse of psychological sciences. Throughout the 20<sup>th</sup> century, the “transvestite” and “transsexual” categories slowly developed from this conceptual basis, understanding the transit between sexes and genders as psychopathological manifestations.

Keywords: gender, sexuality, transvestite, transsexual

*E no canto da rua  
Zombando, zombando  
Zombando está  
Ela é moça bonita  
Girando, girando  
Girando lá  
  
Oi girando laroie  
Oi girando lá<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Trecho da letra de *Moça Bonita*, ponto cantando na umbanda para saudar a Pomba Gira, entidade que tem em sua atuação central a sexualidade e a magia .



*“NOSSOS CORPOS TAMBÉM MUDAM”:*  
SEXO, GÊNERO E A INVENÇÃO DAS CATEGORIAS  
“TRAVESTI” E “TRANSEXUAL” NO DISCURSO  
CIENTÍFICO

- Introdução .....	12
- Parte I – Matrizes conceituais: os mundos mágicos e médicos .....	18
- Capítulo I – O hermafrodita no imaginário antigo .....	18
O hermafrodita mítico da Antiguidade .....	18
O simbolismo cristão do hermafrodita medieval e os relatos de viagens renascentistas .....	27
O hermafrodita após o Renascimento: o interesse humanista e científico .....	36
Espiritualidades ambíguas, corpos limítrofes e roupas trocadas: das androginias da alma e travesamentos do corpo .....	41
- Capítulo II – O pseudo-hermafrodita da medicina moderna .....	52
Modernidade, ciência sexual e o nascimento do pseudo-hermafrodita anatômico: dos mistérios de Deus aos desígnios das gônadas .....	52
A busca pelas “leis naturais” do corpo e suas possíveis transgressões .....	63
A interiorização do hermafrodita e o surgimento da “inversão” sexual .....	73
- Capítulo III – O hermafrodita psíquico e o nascimento do moderno “travestismo” sexual .....	82
Os hermafroditas psíquicos entre os “perversos” e os “pervertidos” .....	82
Os casos do húngaro em Krafft-Ebing e do juiz Daniel Paul Schreber em Freud: análises fundantes .....	92
Magnus Hirschfeld e o nascimento do(a)s moderno(a)s travestis .....	100

- Parte II – Sexualidades, identidades e distinção social .....	110
- Capítulo IV – Biomedicinas, mídias, ciências sociais e o nascimento da “transexualidade” .....	110
Teoria <i>queer</i> e sociedade de controle .....	113
- Capítulo V - Ciências e mídias: as construções teóricas sobre a transexualidade e seus limites .....	132
Os primórdios do “gênero” e o exemplo de outras culturas .....	132
Harry Benjamin, John Money, Robert Stoller e Christine Jorgensen: construindo as pessoas transexuais .....	135
- Capítulo VI - Um aparte sobre psicanálise, travestis e transexuais .....	153
As teses de Robert Stoller e seus seguidores .....	153
Os psicanalistas lacanianos e suas influências .....	162
Gênero e verdade .....	171
- Capítulo VII – Nomeação e distinção .....	178
A disputa terminológica .....	178
Os termos “travesti” e “transexual” no Brasil .....	191
- Considerações finais .....	213
- Bibliografia .....	217

Tudo tem seu tempo. – *Quando o homem deu a todas as coisas um gênero, não acreditou estar brincando, mas obteve uma profunda compreensão: - apenas muito tarde, e talvez ainda não completamente, ele deu-se conta da enormidade desse erro. – De igual modo, o homem conferiu a tudo o que existe uma relação com a moral e revestiu o mundo de um significado ético. Um dia, isso terá tanto valor quanto hoje tem a crença na masculinidade ou feminilidade do sol.*

Nietzsche, *Aurora*<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> NIETZSCHE, Friedrich, *Aurora*, São Paulo, Companhia das letras, 2004, p. 15

# INTRODUÇÃO

*Nossos corpos também mudam. O que fomos, o que somos agora, não seremos mais amanhã*<sup>1</sup>.

Este trabalho teve origem na continuação de minha dissertação de mestrado: *Das maravilhas e prodígios sexuais: a pornografia “bizarra” como entretenimento*. Ao analisar os corpos que são ou fazem coisas fantásticas no campo da pornografia, percebi que as travestis encarnam, neste discurso específico da cultura de massas, a espetacularização da questão sexual/corporal e os limites entre idéias de corpos e gêneros “masculinos” e “femininos”. Ao mesmo tempo, essas pessoas evocam também um dos principais e mais antigos *freaks* (ou maravilhas) de nossa cultura: o hermafrodita com seu erótico chamado para “o melhor dos dois mundos”. Seja como mito, seja como “anormalidade fisiológica”, esta figura sempre questionou as intersecções entre homens e mulheres e suas legitimidades sócio-históricas.

Neste sentido, a discussão sobre gênero, suas especificidades, variáveis e limitações mostra-se novamente ligada à temática do corpo historicamente sexuado e, assim, do corpo intersexuado. “Intersexo” é o termo usado em certas áreas da medicina, em especial a partir da segunda metade do século XX (apesar dele surgir no seu início), para se referir à ambigüidade sexual fisiológica, substituindo a antiga expressão “hermafrodita”. No início desta pesquisa, os atuais “intersexos” e os antigos “hermafroditas” mostravam-se apenas mais uma curiosa variedade do debate entre sexo e gênero, sem nenhuma ligação consistente com travestis ou transexuais.

Estudando as travestis, percebi que o discurso sobre este tema, seja o da cultura de massas, o científico ou o militante, está completamente entrelaçado ao discurso sobre as transexuais. Os limites entre uma pré-suposta ou uma recém-criada “identidade” e outra, supostamente mais conhecida, a travesti, bem como as marcas distintivas entre elas, vão do mais rígido em textos científicos ao mais intencionalmente flexível na cultura de massas,

---

<sup>1</sup> Ovídio, *Metamorfoses*, São Paulo, Madras, 2003, p. 310

passando pela complexa miscelânea de idéias, vivências e estratégias da experiência concreta e cotidiana de tais pessoas.

Quanto mais aprofundava o estudo sobre as travestis, mais me envolvia com a questão das transexuais, principalmente na pesquisa de campo, não sabendo os limites entre umas e outras, fora, apenas, as definições clínicas. E percebi que nem elas sabiam. Identificar-se como travesti ou transexual era muitas vezes uma questão situacional. Dependendo do lugar e da situação, tal pessoa se apresentava como uma ou outra das identidades. E às vezes com outras ainda, do tipo “*gay*” ou “*mulher de verdade*”.

Depois vieram se aproximando as *drag-queens*, *crossdressers*, transformistas, homossexuais masculinos extremamente afeminados, homossexuais femininas altamente masculinizadas, heterossexuais masculinos altamente afeminados, heterossexuais femininas extremamente masculinizadas, e assim num crescendo de pessoas, desejos e situações que questionavam alguns limites e, ao mesmo tempo, faziam questão de demarcar outros.

Enquanto eu estava preocupado tentando recortar meu “objeto de estudo”, “travestis” ou “transexuais”, não reparava que o campo me trazia justamente a fluência, as alianças e os conflitos entre tais “identidades”. Em especial, a maneira como elas são interpretadas e constantemente recriadas. Mas afinal, a quem interessa este discurso da identidade? E, principalmente, a quem (e a quê) interessam os claros e precisos limites entre estas tais identidades?

Percebi também que esta discussão entre travestis e transexuais (e uma série de outros “transgêneros”) se dá principalmente tendo como foco o corpo. Neste campo, o “capital corporal” seja talvez a moeda de maior valor. Mas como separar corpo, gênero e política, a não ser conceitualmente e dentro do meio científico?

Assim, notei que o discurso científico é o pano de fundo com o qual se discutem as concepções políticas e mesmo as espetacularizações do mundo do entretenimento. Pretendi então buscar neste campo as origens e justificativas para tais distinções clínicas e político-identitárias.

Desta maneira, o objetivo deste trabalho foi analisar a origem e o desenvolvimento dos conceitos científicos de “travesti” e “transexual” e o

quanto estes são baseados em normas sociais que organizam as diferenças de gênero. Neste percurso, descobri que definições únicas sobre corpos e identidades sexuais e seus limites entre masculinidade e feminilidade nunca existiram, variando conforme os grupos e os discursos (médicos, religiosos, políticos) mesmo dentro de uma época específica. Historicamente construídas, essas concepções são, no entanto, naturalizadas e vivenciadas como se assim o fossem. Muitas vezes, ouvi de pessoas as mesmas falas que encontrei em textos médicos do início do século XX, em especial no que diz respeito a uma “essência” humana (seja o que for, em cada caso, considerado como “essência”).

De certa forma, a primeira parte deste trabalho, “Matrizes conceituais: os mundos mágicos e médicos”, procura mostrar como se constituiu historicamente esse tipo de “senso comum” sobre a “natureza” ou “essência” do masculino e feminino. Conforme Bourdieu, *a capacidade de fazer existir em estado explícito, de publicar, de tornar público, quer dizer, objetivado, visível, dizível, e até mesmo oficial, aquilo que, por não ter aderido à existência objetiva e coletiva, permanecia em estado de experiência individual ou serial, mal-estar, ansiedade, expectativa, inquietação, representa um considerável poder social, o de constituir os grupos, constituindo o senso comum, o consenso explícito de qualquer grupo*<sup>2</sup>.

Busquei então localizar as matrizes conceituais que fecundaram o solo em cima do qual hoje nós plantamos e colhemos novas idéias. E, desta forma, reencontrei a figura do hermafrodita.

Conforme analisou Mircea Eliade<sup>3</sup>, a idéia de androginia em seu sentido mais amplo, pode-se dizer mítico, revela, para este autor, a nostalgia de toda cultura por uma nunca existente idade de ouro, quando os opostos eram unos, as diferenças integradas e as divergências, contradições e desigualdades não tinham lugar distinto na existência. Assim, independente do quanto o conceito de um mundo perfeito e perdido tem ressonâncias universais ou não, o mito do andrógino, encarnado em sua figura mais expressiva, o hermafrodita, é antes de tudo pertencente ao campo do fantástico, mas um fantástico intrinsecamente ligado à vida cotidiana.

---

<sup>2</sup> BOURDIEU, Pierre, *O poder simbólico*, Difel/ Bertrand Brasil, Lisboa, 1989, p. 142

<sup>3</sup> ELIADE, Mircea, *Mefistófeles e o Andrógino*, São Paulo, Martins Fontes, 1999

Tendo como base os seres primordiais de Platão – os Andróginos – ou o deus Hermafrodito e suas múltiplas encarnações na Idade Média e no Renascimento, todo o discurso sobre a ambigüidade sexual estava intrinsecamente relacionado ao mundo espiritual, ao campo do fantástico, ao universo dos monstros e criaturas mágicas. Da antiguidade grega até a consolidação da nova visão de corpo humano no fim do século XVIII, este agora com dois sexos e cada um com seu gênero específico, a temática da união conceitual ou fisiológica de ideais ou caracteres considerados masculinos e femininos fazia parte das “maravilhas” da existência.

Com o advento da modernidade e toda a mudança política, econômica, social e epistemológica que esta trouxe, a existência mágica e sobrenatural é – quase completa e definitivamente – afastada da cultura “oficial” que, desde o século XVII, estrutura-se então como racionalista e científica. Desta maneira, a figura do hermafrodita perde seu lugar como representação de uma ordem superior, ao mesmo tempo perigosa e saudosista.

Surge então o pseudo-hermafrodita, longe dos deuses, filho da modernidade, da medicina e da “ciência sexual”. Não mais um “prodígio” da natureza, mas um “desvio” desta. Passa-se agora a buscar o “verdadeiro sexo” que irá definir quem é “homem” e quem é “mulher”, sem os “perigosos” riscos de interpretações equivocadas. Neste processo, a ambigüidade sexual não perde lugar, mas é principalmente interiorizada. Dentro do nascente universo das ciências da psique, toda uma fauna humana irá desabrochar na visão dos cientistas. Nasce aí o “hermafrodita psíquico”.

Dele, irão se originar todos os “perversos sexuais” do século XIX, em especial aqueles que misturam e discutem, de forma direta e consciente ou não, as questões entre homens e mulheres, masculinos e femininos. Gays, lésbicas, invertidos, travestis, transexuais, *crossdressers*, todos vêm de um mesmo ser nunca antes aparecido na cultura ocidental: o hermafrodita psíquico, criado pelo debate científico entre cirurgiões, endocrinologistas, psiquiatras, psicólogos e psicanalistas.

No primeiro capítulo, analiso a figura do hermafrodita da antiguidade e suas influências culturais até o século XVIII, estando este ser eminentemente ligado ao mundo mágico religioso e ao modelo conceitual de um corpo com

dois gêneros, segundo estudo de Thomas Laqueur<sup>4</sup>. Esta idéia de hermafrodita servirá de base para as outras criadas no século XIX.

No segundo capítulo, estudo o surgimento da figura do novo hermafrodita ou, mais precisamente, o pseudo-hermafrodita, fruto da mudança cultural, política, tecnológica e epistemológica da modernidade, agora vigorando o modelo conceitual de dois sexos cada um com um gênero distinto. Nesta parte, foco no discurso médico-cirúrgico a “criação” desta nova entidade sexual do Ocidente.

No terceiro capítulo centro o estudo nos discursos das recém criadas ciências da psique: psiquiatria, psicologia e psicanálise. Estes trabalhos, interiorizando a idéia de hermafrodita, inventam o “hermafrodita psíquico”. Concentro então o texto no surgimento lento e nebuloso do conceito de “travesti” moderno, ou seja, uma identidade clínica e patológica surgida no âmbito da “ciência sexual”.

Segue então a segunda parte do texto, *Sexualidades, identidades e distinção social*. Continuo tratando com o discurso médico, mas agora tendo como foco o surgimento das “identidades de gênero” e a popularização, via mídia, destes conceitos científicos sobre sexos e gêneros.

Assim, no capítulo quatro, introduzo os conceitos sobre gênero da filósofa americana Judith Butler e de “sociedade de controle” do também filósofo, francês, Gilles Deleuze, com os quais analiso o século XX.

No quinto capítulo, apresento o desenvolvimento do conceito de transexualidade, através das teorias de seus mais famosos estudiosos, o médico endocrinologista Herry Benjamin, o médico e psicólogo John Money e o psicanalista Robert Stoller, além da transexual que lançou o “fenômeno” na mídia mundial: Christine Jorgensen.

O capítulo seis trata da questão da transexualidade pelo viés psicanalítico e suas relações com a noção de “verdade”.

Já o sétimo capítulo analisa as disputas sociais envolvidas nos termos “travesti” e “transexual” e algumas de suas características no Brasil, seguido das Considerações Finais.

---

<sup>4</sup> LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001



Durante o texto, em acordo com o que aprendi em campo e como uma reivindicação da grande maioria – mas não totalidade – das travestis e transexuais que conheci, utilizarei a expressão “mulher transexual” ou “travesti feminina” para me referir às transexuais ou travestis que se apresentam no gênero feminino, independente de seu sexo biológico. Da mesma maneira, chamo de “homens transexuais” ou “travestis masculinos” os transexuais e travestis que se identificam com o gênero masculino. Desta forma, dependendo do caso, usarei os artigos definidos no masculino ou feminino de acordo com o gênero de quem estiver me referindo.

Percebi assim que os conceitos na área da sexualidade e gênero são sempre relacionais. Com base em quê e a partir de qual referência pode-se dizer que alguém é macho ou fêmea, homem ou mulher, masculino ou feminino, homo, hetero, e por aí em diante? Esta é um pouco da história – que continua até hoje – sobre a luta para criar tais portos seguros e sua constante percepção de que os sólidos edifícios que sustentam a idéia de uma Essência Humana, constante, imutável, sexuada e generificada, estão também constantemente se alterando. Creio que, como afirmou Montaigne, *a coisa merece ser contada*<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> MONTAIGNE, Michel de, *Ensaaios, Livro I, cap. XXI A força da imaginação*, São Paulo, Abril Cultural, 1972, p. 56

# Parte I – MATRIZES CONCEITUAIS: OS MUNDOS MÁGICOS E MÉDICOS

## I

### O hermafrodita no imaginário antigo

#### O hermafrodita mítico da Antiguidade

*Minha intenção é contar histórias sobre corpos que assumem diferentes formas<sup>1</sup>.*

O hermafrodita ou andrógino (que percorre toda a nossa cultura da Antiguidade ao século XVIII) não é apenas mais um monstro dos compêndios e coletâneas de narrativas fantásticas, mas o grande prodígio sexual que gradualmente vai crescendo em importância e influência até o surgimento da “ciência sexual” no século XIX, fonte de desejo e medo, de curiosidade e receio. Como afirmou Foucault, *na Idade Clássica, é um terceiro tipo de monstro que, na minha opinião, é privilegiado: os hermafroditas. Foi em torno dos hermafroditas que se elaborou, em todo caso que começou a se elaborar, a nova figura do monstro, que vai aparecer no fim do século XVIII e que vai funcionar no início do século XIX<sup>2</sup>.*

O conceito de hermafrodita do período vitoriano e seus descendentes “identitários”, são fundamentais para compreender as questões de sexo e gênero na época. Discussões e conflitos sobre os limites da fisiologia, espiritualidade, de lugares e papéis criados, ordenados e desejados entre as pessoas conhecidas e reconhecidas como “homens” e “mulheres” são literalmente encarnados neste ser.

---

<sup>1</sup> Ovídio, *Metamorfoses*, op. Cit., p. 9

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel, *Os Anormais*, São Paulo, Martins Fontes, 2001, p. 83

Constantemente evocado, da praticidade mágica popular ao saber científico, da filosofia à política, da espiritualidade aos deleites sexuais permitidos ou proibidos, a idéia de hermafrodita revelou-se neste trabalho algo fundamental tanto por seu constante redimensionamento – mesmo quando considerado elemento raro - quanto por sua impactante aparição e transformação ao longo dos séculos. Frente aos chamados hermafroditas e/ ou andróginos, corpos e gêneros tiveram suas antigas certezas e limites questionados, assim como novas esperanças e expectativas despertadas. Entre o hermafrodita da Antiguidade e o do século XIX, não houve “evolução”, mas rupturas, mudanças e o surgimento de uma nova entidade conceitual.

A pessoa considerada hermafrodita foi fundamental para todo o discurso médico-moral-espiritual da Antiguidade ocidental, tanto pela matriz greco-romana quanto judaico-cristã. De sua associação com o universo mágico ao surgimento da ciência sexual no século XIX, estes seres assim nomeados estavam no centro das discussões sobre o que hoje entendemos como sexo e gênero, seja em termos de moral religiosa ou do cientificismo higienista.

O importante deste período, da Antiguidade grega clássica até aproximadamente o século XVIII, é que ser homem ou mulher fazia parte de um todo envolvendo posição social, grau de liberdade, desejos, roupas, comportamentos e espiritualidade, sendo a diferenciação genital apenas mais um, mas não o principal, dos elementos que caracterizavam esta distinção, pois o corpo era visto como um só para os dois, variando apenas seu grau de desenvolvimento<sup>3</sup>.

Neste período histórico, segundo Foucault, o que rege as formas do conhecimento e do saber desenvolvidas até então, é aquilo que o autor situa como uma *epistémê* antiga que, entre os séculos XVI e XVII começa a adquirir novos contornos e outra *epistémê*, moderna, formada a partir de rupturas com o modelo anterior e consolidada no século XIX, trazendo novas maneiras de compreender o conhecimento, gerando suas específicas classificações e categorias de pensamento<sup>4</sup>.

Dentro desta forma antiga ou arcaica de refletir sobre o próprio saber e organizar o universo, alguns elementos conceituais eram fundamentais, tais

---

<sup>3</sup> LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, op. Cit., 2001

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas*, São Paulo, Martins Fontes, 1987

como as correspondências entre as formas, as semelhanças entre os espaços e os corpos, a simpatia ou antipatia entre os elementos do mundo, a íntima relação entre a parte e o todo, sendo um antes de tudo a manifestação do outro e existindo entre eles apenas uma graduação manifesta, inclusive entre a voz e o objeto nomeado, entre os sons e as substâncias, entre “as palavras e as coisas”; ou seja, havia um princípio de circularidade e extensão entre o microcosmo e o macrocosmo, o corpo humano e o universo, ambos sendo tomados como constantes referências de si mesmos e de suas relações, representadas desde o clima da natureza até as roupas usadas no cotidiano.

Conforme Foucault, no capítulo “*a prosa do mundo*”, de seu livro “*As palavras e as coisas*”, até o fim do século XVI, a semelhança desempenhou um papel construtor no saber da cultura ocidental. Foi ela que, em grande parte, conduziu a exegese e a interpretação dos textos: foi ela que organizou o jogo dos símbolos, permitiu o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiou a arte de representá-las. O mundo enrolava-se sobre si mesmo: a terra repetindo o céu, os rostos mirando-se nas estrelas e a erva envolvendo nas suas hastes os segredos que serviam ao homem. A pintura imitava o espaço. E a representação – fosse ela festa ou saber – se dava como repetição: teatro da vida ou espelho do mundo, tal era o título de toda linguagem, sua maneira de anunciar-se e de formular seu direito de falar<sup>5</sup>.

Desta forma, se a questão da diferença entre homens e mulheres é tão focada hoje na fisiologia e no sexo, este ponto não era o principal do debate até então. Atitudes, vestuários e conhecimentos considerados masculinos em pessoas reconhecidas como mulheres e vice-versa poderiam exemplificar uma indevida mistura entre homens e mulheres, masculinos e femininos, caracterizando também um certo tipo de hermafroditismo. Uma genitália ambígua era sim um sinal de desordem espiritual-social-corporal, como o era uma vestimenta ambígua ou um comportamento ambíguo, e o que variava a periculosidade de tal situação era o grau quantitativo de tal mistura. Por isso que, durante muito tempo, se não fosse em textos médicos específicos, o termo andrógino era muitas vezes usado como sinônimo de hermafrodita, cujo

---

<sup>5</sup> Idem, ibidem, p. 33

sentido principal residia na união homem/ mulher ou masculino/ feminino em um mesmo ser.

A figura do hermafrodita possui um especial foco na genitalidade, e ela é importante neste estudo não porque este foco era importante no período, mas porque vai se tornar importante como locus de diferenciação a partir do século XVIII. É apenas com a modernidade que este todo irá se fragmentar, e o hermafrodita de até então se tornará o pseudo-hermafrodita da biomedicina e o hermafrodita psíquico das ciências da psique, que por sua vez também irão subdividi-los em várias e novas categorias, levando a outros limites a separação conceitual entre corpo e mente, antes indissociáveis na figura do antigo hermafrodita.

Mas o dito hermafrodita – ou mais precisamente o pseudo-hermafrodita - que surge no fim do século XIX é uma entidade nova na História. Ele é filho do racionalismo iluminista, do questionamento e distanciamento para com o universo mágico e mítico, fruto da ciência médica e psíquica, da nova visão fisiológica de dois sexos e dois gêneros distintos. Não mais um monstro fascinante, mas um anormal. O novo e último hermafrodita conceitual do Ocidente, o do século XIX, é o grande pai – e mãe - das identidades “transgêneras” da segunda metade do século XX e início do XXI: travestis, transexuais, *drag queens*, *drag kings*, intersexos, *crossdressers* entre tantas outras identidades em constante surgimento<sup>6</sup>.

Desta forma, apenas para exemplificar esta importância, apresentarei um breve histórico deste mito/ conceito em algumas de suas curiosas e persistentes influências até o século XIX.

\*

Conforme a crítica literária Marie Miguët, em seu verbete *andróginos* no *Dicionário de mitos literários*<sup>7</sup>, possivelmente existia na Antiguidade uma tradição mística órfico-babilônica que seria a fonte tanto do mito do andrógino em Platão quanto o de um Adão masculino e feminino, o *Adam Cadmon*, que influenciaria interpretações apócrifas do mito da criação do Gênesis na cultura judaico-cristã.

---

<sup>6</sup> HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2004

<sup>7</sup> MIGUET, Marie, *Andróginos* in BRUNEL, Pierre (org.), *Dicionário de mitos literários*, Rio de Janeiro, José Olympio, 2005

Unidos ao tema do deus Hermafrodito narrado por Ovídio, estas três fontes vão influenciar a discussão mística, artística, filosófica, social e médica sobre a ambigüidade sexual e os limites culturais e fisiológicos entre masculino e feminino com reflexos até os dias de hoje, embora a distinção deste tema entre tais campos do conhecimento só tenha se dado mais fortemente – mas nunca completamente - a partir do fim do século XVIII.

Platão em *O Banquete*<sup>8</sup>, pela voz de Aristófanes, conta o mito grego dos andróginos. Segundo o autor, antigamente a natureza humana era composta de três seres: os machos, filhos do Sol, as fêmeas, filhas da Terra e os andróginos, filhos da Lua, que por sua vez era filha do Sol e da Terra. Todos tinham as formas arredondadas, como esferas, além de dois braços, duas pernas, dois genitais e uma cabeça com dois rostos opostos. A única diferença encontrada nos andróginos, é que possuíam os dois sexos, um masculino e outro feminino.

Por tentarem fazer guerra contra os deuses, Zeus os castigou dividindo-os em dois corpos distintos, cada um possuindo apenas um sexo, para assim enfraquecer-lhes. Depois, virou o rosto e o agora único sexo deles para trás, que passou a ser, a partir de então, a parte da frente do novo corpo, dando assim a oportunidade destes novos seres de procriarem durante a busca por sua metade perdida. Quando procuravam sua outra parte em alguém do sexo oposto ao seu, poderiam gerar descendentes e aumentar o número de fiéis para os deuses; quando faziam isto em alguém do mesmo sexo, obtinham satisfação e, assim acalmados, não se revoltariam novamente. Zeus também deixou um sinal para o homem lembrar-se de sua condição anterior e não se esquecer de seu castigo: o umbigo. Desta maneira, a humanidade atual descenderia de encontros sexuais motivados por uma frustrada busca por outra parte de si mesmo.

No mito grego escrito por Platão o conceito de androginia que aí encontra sua fonte inspiradora do termo, vai representar antes de tudo uma divina e perdida união espiritual. Os andróginos possuem a junção do masculino e feminino inclusive no próprio nome (do grego *andros* significando “homem” e *gynos*, “mulher”) e evocam o saudosismo de uma vivência de

---

<sup>8</sup> PLATÃO, *O Banquete*, São Paulo, Edipro, 1996

completude. Referem-se ao universo perfeito das Idéias, verdadeira origem de nosso mundo decaído, o das aparências e enganos, gerador de angústias e aflições segundo a doutrina deste filósofo. *Vê-se bem a função etiológica do mito: relatar o sofrimento dos amantes separados, quer sejam homossexuais ou heterossexuais*<sup>9</sup>.

Mas este sofrimento em Platão é antes de tudo pela perda da união harmoniosa que só é possível no mundo Ideal, muito mais do que pela separação entre os amantes. O amor que causa a eterna busca por algo que falta é o amor por aquele mundo perdido, onde os amantes eram unos. Por isso, apesar de haver uma gradação entre amores considerados mais simplórios, como aqueles entre um homem e uma mulher (originados neste texto da Vênus vulgar) e os mais desenvolvidos, como entre um homem e um jovem (originados da Vênus Celeste), segundo a voz de Pausânias, a origem de toda dor amorosa esta ligada à ruptura com um plano superior da existência. Todos os homens atuais seriam assim, a encarnação de uma punição e uma falta, e o andrógino, a representação do que não somos e nem podemos mais ser: *cada um de nós é, pois, uma metade de homem separada de seu todo*<sup>10</sup>.

Ainda para Marie Miguet, através de rituais religiosos de influência oriental (como a troca ritual de roupas entre os sexos ou o “travestismo” sagrado) e principalmente via representação estética, o mito do andrógino divulgado por Platão, sem foco discursivo algum em sua genitalidade, vai desenvolver-se gradualmente como a imagem de uma pessoa com dois sexos, tanto na questão corporal quanto em sutilezas de papéis de gênero masculinos e femininos. Para a representação concreta do andrógino platônico, foi fundamental a união deste com a figura explícita do hermafrodita da religiosidade popular grega.

Um dos maiores modelos desta figura com os dois sexos pode ser encontrado no livro *Metamorfoses*, do autor latino Ovídio, escrito entre 8 e 14 d. C., no qual ele narra o na época já muito antigo mito do deus Hermafrodito (ou Hermafrodite).

---

<sup>9</sup> MIGUET, Marie, *Andróginos*, op. Cit., p. 27

<sup>10</sup> PLATÃO, *O Banquete*, op. Cit., p. 37

Hermafrodito, filho de Hermes, mensageiro dos deuses, e de Afrodite, deusa da beleza e do amor, unia a graça e a formosura de sua mãe com a virilidade e força de seu pai. Um dia, quando foi banhar-se em um lago, a ninfa Salmákis, que lá habitava, apaixonou-se por sua figura e tentou possuí-lo, abraçando-o fortemente. Assustado, ele a repeliu, mas a sensual ninfa rogando aos deuses que não o separassem, conseguiu juntar seu corpo ao de Hermafrodito, suplicando: *Que nunca chegue o dia que irá nos separar!*

Segundo Mignet, para Hermafrodito a união ao corpo feminino é sinônimo de queda, desgraça e inferiorização através da divisão e enfraquecimento de seus atributos antes unicamente masculinos. Ele transforma-se em um meio homem, pois também torna-se uma meia mulher. Já para a ninfa, a união não só é motivo de prazer pelo não afastamento do amado, mas também é causa de um incremento de poder e reconhecimento, pois agora ela também se torna um meio homem. O deus então pragueja e amaldiçoa o lago e seus futuros banhistas: *Hermafrodite viu que a água havia feito dele um meio homem. Mirou seus braços macios e elevou a voz a um tom que era quase de soprano, implorando: “Ó pai e mãe, concedam-me essa graça! Que daqui para frente, todo aquele que vier mergulhar nesta lagoa, saia dela meio homem, feito mais fraco pelo toque desta maléfica água”*<sup>11</sup>.

Através do mito, uma desqualificação do feminino e da mulher é apresentada e a idéia de ambigüidade sexual mostra-se um mau augúrio, um triste destino a ser evitado. Por ser feminina, e assim entendida como um masculino não completamente evoluído, a ninfa enfraquece Hermafrodito ao unir-se a seu corpo. Assim, a união dos dois sexos parece ferir não apenas a hierarquia de uma ordem divina, mas principalmente a social, que teme a desorganização de um mundo com papéis bem distintos e claramente delimitados, arriscando, pela proximidade perigosa entre os sexos, seus papéis e lugares sociais, o retorno ao imaginado caos social, um mito tão estruturante e persistente como o da idade do ouro primordial, da qual os andróginos faziam parte.

No século I d.C., o poeta e filósofo latino Tito Lucrécio Caro escreveu falando sobre o tema: *numerosos também foram os monstros que a terra nessa*

---

<sup>11</sup> OVÍDIO, *Metamorfoses*, op. Cit, págs. 82 e 83 respectivamente.



*época esforçou-se por criar e que nasciam com aspecto e membros estranhos – tal como o andrógino, intermediário entre os dois sexos, que não é nem um nem outro e que não pertence a nenhum* <sup>12</sup>. Não podemos nos esquecer que, como afirmou Eliade, desde a Grécia o nascimento de pessoas com os dois sexos ou alguma outra forma de ambigüidade genital era motivo de sacrifício da criança, pois consideravam isto algum tipo de mau presságio ou um castigo dos deuses<sup>13</sup>.

Em Roma, segundo o historiador Santiago Moreno, pelo menos até o início do cristianismo, havia uma profunda associação entre as sacerdotisas, as matronas e o campo religioso das profecias e prodígios. As mulheres eram consideradas as melhores anunciadoras de prenúncios e fatos sobrenaturais, mas eram também vistas como incompetentes ou perigosas para interpretar mensagens. A interpretação, mais associada ao lado “racional” e “prático” era prerrogativa dos homens.

As mulheres, em especial por sua capacidade de procriação, eram consideradas também fontes de prodígios, como os *miraculum* ou os perigosos *monstrum*, ou monstros. Dentre estes últimos, os mais terríveis eram as crianças então já chamadas de hermafroditas, andróginos, *seminas* ou *semivir*. Tais seres, fora da “ordem” anatômica conhecida e desejada, encarnavam a punição por algum desvio não apenas dos pais ou da família próxima, mas talvez de toda a coletividade e da já então criada burocracia estatal. O filósofo, orador e político Marco Túlio Cícero (séc. I a.C.) questiona: *e o nascimento de um andrógino não foi um prodígio funesto?*

Uma das maiores listas oficiais da época sobre os nascimentos de monstros e hermafroditas (e sua eliminação ritual) é do século II a. C., abarcando fundamentalmente graves fases de crises políticas ou militares. Crianças com ambigüidade genital ou fora dos padrões “sexuais” esperados eram então jogadas vivas nas águas, *sem derramamento de sangue*<sup>14</sup>. Desta forma, percebe-se que durante tais períodos as crianças assim nascidas eram mais denunciadas por medo de serem a causa ou sinal de um mal maior,

---

<sup>12</sup> Citado em KAPPLER, Claude, *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*, São Paulo, Martins Fontes, 1994, p. 167

<sup>13</sup> ELIADE, Mircea, *Mefistófeles e o Andrógino*, São Paulo, Martins Fontes, 1999, p. 103

<sup>14</sup> MONTERO, Santiago, *Deusas e adivinhas*, São Paulo, Musa, 1998, págs. 79, 127 e 88 respectivamente.

embora muitas devam ter sido poupadas por seus pais em épocas mais tranquilas socialmente<sup>15</sup>.

Em 77 d. C., o oficial romano Plínio, O Velho, falando de terras distantes, escreve: *Além do país de Nasamons (...) existem os andróginos, que carregam seus dois sexos e fazem nas relações sexuais ora papel de mulher, ora de homem. Aristóteles acrescenta que possuem o seio direito masculino e o esquerdo feminino*<sup>16</sup>.

No mito dos andróginos de Platão, escrito no século IV a. C., a união sexo/ gênero é originada no campo das idéias perfeitas e associada a uma elite sócio-cultural, os filósofos. Em relação ao deus Hermafrodito, a origem é distinta. Segundo o médico francês Louis Ombredanne, o deus com dois sexos veio do Oriente e penetrou na Grécia talvez via Chipre no século V a. C., ou seja, um século antes do textos de Platão<sup>17</sup>. Neste, percebe-se um inegável foco em sua corporalidade ostentando os genitais masculinos e femininos e suas inúmeras variações focadas nos caracteres sexuais ditos hoje “secundários”, como os seios e a barba. Da mesma forma, o culto a hermafrodito possui um forte apelo popular e material.

Percebe-se assim uma já sutil mas persistente distinção entre estas duas entidades/ conceitos desde suas origens gregas: filósofos e sábios, ou seja, um pequeno grupo detentor de um alto e valorizado “capital cultural”<sup>18</sup> (e, neste caso, “capital espiritual” pela não distinção entre conhecimento e espiritualidade) devotam-se a reflexões sobre o mito da nostálgica androginia perdida e almejada. Já pessoas comuns, “do povo”, cultuam um deus cuja especificidade é descaradamente corporal e genital, exigindo obrigações e principalmente, sacrifícios reais, concretos e, no caso de crianças com genitais “deformados” ou “ambíguos”, sacrifícios humanos.

Da idéia de um ser original associado ao mundo divino cujo foco era a unidade das almas masculina e feminina, desdobra-se a imagem de um deus com características dos dois sexos em um mesmo corpo. Do ideal espiritual, aparece o prodígio da natureza, a maravilha que causa espanto, medo e fascinação. Mas por representar um corpo demasiadamente concreto e

---

<sup>15</sup> Idem, ibidem, 1998

<sup>16</sup> PRIORE, Mary Del, *Esquecidos por Deus*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p.20

<sup>17</sup> OMBREDANNE, Louis, *Les hermaphrodites et la chirurgie*, Paris, Masson et Cie., 1939, p. 6

<sup>18</sup> BOURDIEU, Pierre, *La Distincion*, Madrid, Taurus, 1988

“genitalizado”, distanciando-se do mundo perfeito, ideal e abstrato do platonismo - que nessa época já se popularizou em toda a cultura greco-romana e é uma das mais importantes e fortes influências do recém-nascido cristianismo - quando Ovídio escreve sobre Hermafrodito, este deus já apresenta muito mais as marcas de uma dita “decadência” humana do que uma lembrança da união espiritual. Ele evoca nem tanto uma humanidade perdida, mas uma junção trágica e infeliz para a vida humana, em especial para o macho da espécie, medida e padrão da cultura greco-romana<sup>19</sup>.

## O simbolismo cristão do hermafrodita medieval e os relatos de viagens renascentistas

- *Senhor sabe: Deus é definitivamente; o demo é o contrário Dele*<sup>20</sup>.

Durante a Idade Média, o cristianismo, depois de tornar-se religião oficial do então esfacelado e impotente Império Romano, procura infiltrar-se Europa adentro substituindo os antigos cultos religiosos, ditos agora “pagãos”, pela crença no deus único, pregando então a salvação em outra vida através do máximo sofrimento nesta vida. Assim, todos os antigos seres mágico-religiosos, deuses, entidades da natureza, espíritos pessoais ou familiares (que não devemos nos esquecer tinham para a época uma existência concreta e real) e todo um enorme universo de crenças e práticas foram vistas como um empecilho à nova doutrina cristã, associando-as à única entidade maligna aceita e necessária ao cristianismo: o diabo.

Desta maneira, os seres antigos e moralmente ambíguos como os monstros, prodígios e maravilhas da natureza tornam-se unicamente perigosos, malignos e medonhos inimigos do deus único e, conseqüentemente, do também único homem aceitável como tal: o cristão. Quem permanece ao lado destas entidades, está também contra a Igreja que lentamente vai crescendo em poder e extensão.

---

<sup>19</sup> BOURDIEU, Pierre, *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005

<sup>20</sup> ROSA, João Guimarães, *Grande sertão: veredas*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006, p. 42

Por forte influência do platonismo, entre as várias interpretações filosófico-religiosas que vão ordenando as bases do cristianismo durante sua fase inicial de estruturação doutrinária, está a idéia de Deus como algo eterno, constante e de essência imutável. O diabo, por sua vez, forja-se como o “oposto” e a “inversão” de Deus, sendo inconstante, transitório, exageradamente ligado à variedade e mudança das formas, nunca definitivo, completo ou perfeito. Deus revela-se nas idéias claras e aparências precisas, enquanto o diabo associa-se aos conceitos dúbios e formas intermediárias<sup>21</sup>.

Já considerados funestos e maus presságios desde a Antiguidade, os ditos hermafroditas, andróginos ou quaisquer pessoas com “deformidades”, ambigüidades ou alterações físicas passam a ser vistas, desde a baixa Idade Média, como essencialmente malignas pois sua origem não pode ter outra causa que a de encontros, castigos, pactos ou acordos com Satã<sup>22</sup>. Agora passam a ser mortas não apenas para eliminar um Mal que elas inevitavelmente encarnam para os olhos de tal cultura, mas principalmente em nome de um Bem maior: evitar que o demônio e seus frutos desorganizem o frágil e constantemente ameaçado reino de Deus sobre a terra.

Neste período, conta-se sobre um cinocéfalo (homem com cabeça de cão que ladra ao invés de falar) hermafrodita em visita à corte francesa. Este estranho ser representando a união de homens e animais e dos dois sexos foi considerado um importante aviso contra os desvios da sexualidade, em especial os cruzamentos de gêneros e raças. Através de sua aparência, via-se claramente a proibição da homossexualidade e da zoofilia. Sua forma denunciava os perigos de se ultrapassarem os limites da organização do mundo: limites de hierarquias sociais, espirituais, geográficas e corporais. *O monstro corporifica aquelas práticas sexuais que não devem ser exercidas ou que devem ser exercidas apenas por meio do corpo do monstro*<sup>23</sup>.

Apesar do cristianismo não ver com bons olhos a crenças em seres com dois sexos, como o antigo deus Hermafrodito ou o Andrógeno, muitas interpretações sobre estas figuras surgem dentro da própria Igreja. No século IX, um místico irlandês chamado João Escoto Eriugena (ou Erigena),

---

<sup>21</sup> MINOIS, Georges, *História do riso e do escárnio*, São Paulo, Unesp, 2003

<sup>22</sup> KAPPLER, Claude, *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*, op. Cit.

<sup>23</sup> COHEN, Jeffrey Jerome, *A Cultura dos Monstros: Sete Teses*, in SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), *Pedagogia dos Monstros*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000, p. 44

influenciado por outros pensadores cristãos, formulou a teoria de que Cristo, como encarnação de Deus, é o Todo, sendo assim homem e mulher, masculino e feminino. Para este pensador, a divisão entre os sexos foi consequência do pecado original e, após o Juízo Final, tal divisão será abolida novamente. Desta maneira, Escoto ajuda a criar a idéia de um Cristo andrógino, de clara influência neo-platônica e cita Máximo, o Confessor, monge cristão do século VII para quem Cristo ressuscitado não era *nem homem nem mulher, ainda que tivesse nascido e morrido homem*<sup>24</sup>.

Mas esta também já é uma versão que tenta unir, de maneira pacífica e dentro da lógica da bondade divina, o princípio de masculinidade de Adão com o de feminilidade da sua separada primeira esposa, Lilith, mito que, segundo Brigitte Couchaux, já é encontrado literariamente em sua forma judaico-cristã pelo menos desde o século III d. C., sendo constantemente reavivado durante os vários períodos de renovações culturais seguintes<sup>25</sup>.

Nestas versões rabínicas e apócrifas sobre o mito de origem da humanidade, Deus criou uma companheira para Adão, não apenas com barro, mas com sangue e saliva, assustando o primogênito do Senhor. Esta primeira mulher foi chamada de Lilith, significando talvez “espírito da noite” ou mesmo “libertinagem”. Quando faziam sexo, Lilith insistia em ficar por cima e tomar o controle do ato, ou seja, assumir a atitude consagrada e esperada de um “macho”. Ante as recusas de Adão sobre esta alteração nas posturas e papéis sexuais, ela se inflama de ódio e o abandona, afastando-se para o deserto e passando a copular insaciavelmente com demônios, dos quais torna-se a grande fonte geradora. Depois disto, Deus tira uma costela de Adão e dela cria Eva, a mãe dos homens. Esta segunda esposa embora submissa a seu marido mostrava-se também extremamente débil em obediência e inclinada às tentações. Cedendo aos convites da serpente maligna, ela aceita provar do fruto proibido da Árvore do Conhecimento e ainda o oferece a seu companheiro, levando não somente ambos, mas toda a humanidade futura à ruína, originando a miséria da existência<sup>26</sup>.

---

<sup>24</sup> Apud ELIADE, Mircea, *Mefistófeles e o Andrógino*, op. Cit., p. 107

<sup>25</sup> COUCHAUX, Brigitte, *Lilith* in BRUNEL, Pierre (org.), *Dicionário de mitos literários*, op. Cit., p. 583

<sup>26</sup> SICUTERI, Roberto, *Lilith, A Lua Negra*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

Assim, Lilith revolta-se e passa a gerar os demônios que irão destruir a descendência do próprio marido. Já Eva é uma derivação do corpo masculino, uma “reprodução” deste modelo primeiro. Se Adão é feito “à imagem e semelhança de Deus”, Eva é feita a partir desta reprodução, sendo a cópia de uma cópia.

Esta questão dos limites e junções entre homem/ mulher, masculino/ feminino, Adão/ Lilith - Eva, é tão grave para a tradição religiosa ocidental que, pelo menos desde o século XIII, segundo a crítica literária Marie Miguet, surgem interpretações rabínicas sobre o *Adão Cadmon*, um Adão primeiro que, novamente, evoca o mito do andrógino original ao unir em si mesmo as naturezas masculinas e femininas.

Seja para judeus ou cristãos, as diferenças entre o que é ser homem ou mulher e, principalmente, onde reconhecer tais limites - do ser espiritual anterior à queda, até a pessoa concreta com suas vestes cotidianas - uma passagem bíblica sempre os inquietou: antes da narração do nascimento de Eva – e supostamente, de Lilith - aparece em Gênesis (1:26): *Disse também Deus: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, às aves do céu, às bestas, e a todos os répteis, que se movem sobre a terra, e domine em toda a terra. E criou Deus o homem à sua imagem: Fê-lo à imagem de Deus, e criou-os macho e fêmea*<sup>27</sup>. Em outra tradução desta parte final (Gênesis 1:27): *Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou*<sup>28</sup>. Este é o trecho que, narrando a criação de um ser homem e mulher, inspirará as idéias tanto do *Adão Cadmon* judeu quanto do Cristo andrógino, ao resgatar depois de ressuscitado a dignidade perdida do Adão cristão.

Também a figura do diabo, a partir da baixa Idade Média, começa a ser apresentada muitas vezes como possuindo pênis e seios femininos em um só corpo<sup>29</sup>. Apesar de a grande maioria das representações de tal entidade mostrá-la principalmente como masculina, pois sua versão feminina ganha cada vez mais espaço na imagem da bruxa, quando satã é associado à união do masculino e feminino, ele está mais para os dois sexos no corpo, como os

---

<sup>27</sup> Gênesis 1:26, *Bíblia Sagrada*, Rio de Janeiro, edição Barsa / Catholic Press, 1964

<sup>28</sup> Gênesis 1:27, *Bíblia Sagrada*, Rio de Janeiro, Sociedade Bíblica do Brasil, 1969

<sup>29</sup> KAPPLER, Claude, *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*, op. Cit., p. 375

hermafroditas do que os dois gêneros no espírito, sem foco algum nos genitais, como o andrógino que, por estar mais associado ao mundo ideal e mais afastado da matéria, não por acaso, foi relacionado ao Cristo.

Desta maneira, forma-se gradualmente uma relação sutil na qual o Cristo e seus anjos são quase assexuados, pois o que importa são as sutilezas do espírito em manifestações de masculinidade ou feminilidade, enquanto o diabo e seus demônios tornam-se hipersexuados, focando na genitalidade corporal todo o desregramento cósmico da junção macho e fêmea<sup>30</sup>.

Ainda assim, a influência da figura hermafrodita é tão forte que, quando necessária, ajudou a justificar poderes terrenos em nome da fé cristã. Este é o caso quando, no século XIV, um advogado italiano evoca este mito para justificar “os dois corpos do rei”, ou seja, uma idéia teológico-político-jurídica que vai se formando lentamente na baixa Idade Média e ganhando força cada vez maior na Europa, em especial na Inglaterra, até formar os pilares do que hoje conhecemos como Estado moderno, burocracia e a distinção entre pessoas e cargos públicos. *Fica-se a cogitar se foi por lógica ou por ironia da história que o solene culto romano dos deuses e das funções públicas estabeleceu-se na raiz da moderna deificação e idolatria dos mecanismos estatais*<sup>31</sup>.

Segundo o importante trabalho de Kantorowicz, do debate teológico-político sobre as capacidades, hierarquias e limites entre os poderes terrenos e os poderes divinos, ambos encarnados pelo rei, mas também representados por seu reino e pela Igreja, nasce um arcabouço conceitual que vai criar, em um processo que leva séculos, a *ficção jurídica* dos “dois corpos do rei”, ou seja, a concepção de que o rei possui seu corpo material, humano e perecível mas também um corpo divino e político, representado pelo reino, o nascente Estado moderno e suas relações com os súditos. O primeiro corpo pode morrer e ser substituído, mas o segundo é imortal e deve a todo custo manter a si mesmo, sob pena da sociedade voltar ao mítico caos original e destruidor.

É dentro deste contexto de debate intelectual e criação conceitual que Baldus, advogado e grande autoridade jurídica italiana, analisava no século XIV

---

<sup>30</sup> MONGELLI, Lênia Márcia de, *Ética cristã X androginia (em torno da demanda do Santo Graal)* in *Veritas* – revista trimestral de filosofia e ciências humanas da PUC-RS, Porto Alegre, V. 40, Nº 159, setembro de 1995

<sup>31</sup> KANTOROWSKICZ, Ernest H., *Os dois corpos do rei*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 122

os limites e distinções entre a pessoa do rei e o cargo de rei. Como demonstrou Kantorowicz, a figura do hermafrodita foi usada para justificar a superioridade do corpo político sobre o corpo natural, pessoal e humano, de acordo com a máxima jurídica latina de “o mais digno atrai para si o menos digno”. Da mesma forma que um sexo/ gênero dominante determina o caráter masculino ou feminino de um hermafrodita, assim também o corpo político, que é maior e dominante, deve determinar as ações de um rei. *O que se adequava aos dois sexos de um hermafrodita, adequava-se juridicamente também aos dois corpos de um rei*<sup>32</sup>.

Mesmo em questões aparentemente tão específicas e importantes como o corpo físico do rei e seu corpo político, a figura do hermafrodita exerce sua influência conceitual. Certamente em discussões teóricas de tal magnitude, os exemplos, metáforas e comparações não poderiam ser escolhidos aleatoriamente. Neste período, como demonstrou o historiador Peter Burke, as classes “populares” e as elites ainda compartilham de um mesmo imaginário e cultura.<sup>33</sup> Desta forma, não apenas a iniciante nobreza européia participava de festas e eventos sociais ao lado dos camponeses, mas também partilhava os hábitos, conceitos e códigos com estes, pois a origem cultural de ambos era a mesma e o processo de distanciamento social estava começando.

Assim, é facilmente concebível uma entidade mitológica de caráter popular com grande foco na genitalidade representar uma grave discussão filosófica e legal. Apenas com o gradual distanciamento entre estes grupos que, muito por influência da religiosidade do período e suas analogias, o hermafrodita associa-se à materialidade popular e o andrógino concentra-se no campo psíquico e subjetivo de uma elite intelectualizada.

Ainda no século XIV, o controverso escritor Jean de Mandeville (ou Mandavila) cria uma das mais importantes coletâneas de textos de viagens até então. Este texto, chamado *O livro das maravilhas do mundo*, narra sobre as terras encontradas a leste da Europa, em grande parte ainda desconhecidas e já famosas desde a Antiguidade, como a Índia, a Etiópia, Jerusalém e o reino do Preste João, todos locais onde o maravilhoso faz parte do cotidiano. Entre tantos povos com hábitos e aparências bizarras, como os homens sem boca ou

---

<sup>32</sup> Idem, *ibidem*, p. 23

<sup>33</sup> BURKE, Peter, *A cultura popular na Idade Moderna*, São Paulo, Companhia das letras, 1989, p. 291



mulheres que engravidam aos oito anos de idade, encontram-se os hermafroditas e suas variações: *Há em outra ilha homens e mulheres que são unidos, e não têm mais de uma teta. E têm membros de homem e de mulher cada um deles, e usam daquele que querem, e o que faz como mulher, aquele engravida e tem filhos (...) e naquela terra todas as mulheres tem barba, como se fossem homens, e não têm cabelo na cabeça (...) na África existem mulheres barbudas, que sabem tantas artes diabólicas que fazem secar as árvores e matam as crianças de mal-olhado*<sup>34</sup>.

Os povos monstruosos, que até o fim da Idade Média eram encontrados em especial no Oriente, passam a ser vistos também no Ocidente graças à nova era de navegações e viagens. Pero de Magalhães Gandavo afirma em *História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil*, publicada em Portugal em 1576: *e assim também deve haver outros muito maiores monstros de diversos pareceres que no abismo desse largo e espantoso mar se esconde, de não menos estranheza e admiração: e tudo se pode crer, por difícil que pareça: porque os segredos da natureza não foram revelados todos ao homem, para que com razão possa negar, e ter por impossível as coisas que não viu, nem de que nunca teve notícia*<sup>35</sup>.

Animais e plantas com os dois sexos já eram famosos desde a Antiguidade e com a descoberta do Novo Mundo, readquirem novo fôlego no hoje chamado “imaginário” ocidental. Como, por exemplo, a mantícora: *é um animal que vive na Índia, possui fisionomia humana, cor de sangue, olhos amarelos, corpo de leão, cauda de escorpião e corre tão rápido que nenhum outro animal pode lhe escapar. Mais do que qualquer alimento, ela gosta de carne humana. As mantícoras se acasalam de tal maneira que ora uma fica embaixo, ora outra*<sup>36</sup>, segundo uma descrição de 1263, e que no Brasil, na época do descobrimento, é encontrada com o nome de *hay*.

Muito por influência do humanismo, a partir do século XVI o monstro que fará sucesso tanto no imaginário filosófico quanto no cotidiano popular não será mais o distante, mas o próximo. Não mais homens sem cabeça e com o rosto no peito como os encontrados na Índia, mas os corcundas e ditos “aleijões”

---

<sup>34</sup> MANDAVILA, Juan de, *Libro de Las Maravilhas Del Mundo*, Madrid, Visor, 1984, p. 132.

<sup>35</sup> TAUNAY, Afonso de E., *Zoologia Fantástica do Brasil*, São Paulo, Edusp, 1999, p. 78

<sup>36</sup> PRIORE, Mary Del, *Esquecidos por Deus*, op. Cit., p. 17

encontrados em toda a Europa. O rei Henrique IV da França, no século XVI, possuía uma boba da corte talvez hermafrodita<sup>37</sup>, o que só aumentaria sua “estranheza” e, conseqüentemente, o prestígio do rei. *Há inúmeros relatos de homens que amamentavam e imagens do menino Jesus com seios. As meninas podiam tornar-se meninos, e os homens que se associavam intensamente com mulheres podiam perder a rigidez e a definição de seus corpos perfeitos, e regredir para a efeminação*<sup>38</sup>. Assim, graças a esta renovada curiosidade humanista sobre o corpo diferente, os hermafroditas passam a ter lugar como figuras fundamentais nos textos e classificações da época.

Neste período, uma das teorias que explicavam a origem de pessoas com as mais variadas formas físicas ditas “estranhas”, seja de nascença ou alterações que ocorriam durante a vida, tinha origem na remota Antiguidade e durou até o século XIX na cultura popular: a força da imaginação. Assim, uma mulher grávida poderia ver algo que a impressionasse, e esta impressão, se forte o suficiente, poderia passar para o corpo do bebê em formação. Muitos casos de mulheres brancas que geravam filhos negros foram explicados por esta teoria. O importante é ressaltar como o universo psíquico e o corpo físico ainda não estavam tão separados conceitualmente e a dita “imaginação”, ou seja, as impressões e vivências psíquicas mostram-se elementos capazes de realizar manobras e prodígios concretos na fisiologia humana.

Montaigne, em seus *Ensaio*s, de 1580, falando sobre esta *força da imaginação*, cita uma história contada por Plínio na qual um homem transforma-se em mulher no dia de suas núpcias, afirmando que vários autores antigos narraram metamorfoses deste tipo. O próprio Montaigne diz ter sido testemunha de um caso inverso: *de passagem por Vitry-le-François, foi-me dado ver um rapaz a quem o bispo de Soissons dera o nome de Germain na confirmação, e que todos os habitantes do lugar haviam tratado por Maria, como mulher, até a idade de vinte e dois anos. Quando o conheci já era velho, muito barbudo e não se casara. Explicou-me que, em conseqüência do esforço feito para saltar, ocorrera o aparecimento de seus órgãos viris*. Na continuação, conta que é comum as moças desta região entoarem uma canção folclórica

---

<sup>37</sup> MINOIS, Georges, *História do riso e do escárnio*, op. Cit., p. 292

<sup>38</sup> LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, op. Cit., p. 19

dizendo para tomarem cuidado pois, se fizerem muitos exercícios, podem tornar-se rapazes. *Não é tão extraordinário assim o caso e, essa espécie de acidente se verifica não raro. Pode-se observar que a ação da imaginação em tais casos consiste em uma contínua obsessão e excitação que levam a mudança definitiva de sexo como solução mais cômoda e eficiente*<sup>39</sup>.

O curioso do primeiro exemplo de Montaigne, o de um homem que vira mulher, é este tipo de metamorfose ser uma exceção – mas não uma impossibilidade - para as idéias da época. Ao menos no campo literário-filosófico, desde Aristóteles acreditava-se que mulheres poderiam se transformar em homem pois a natureza tende sempre a evoluir para as formas mais perfeitas. Narrando alguns dos exemplos que depois serão mais repetidos sobre mulheres que se transformam em homens, o importante médico e estudioso sobre “monstros e prodígios” do século XVI, Ambroise Paré, esclarece que *a razão porque as mulheres podem converter-se em homens é que têm oculto dentro do corpo o que os homens têm a descoberto, salvo que não tem bastante calor nem capacidade para sair para fora o que, devido a frieza de seu temperamento, se mantém como preso em seu interior*<sup>40</sup>.

Sua lógica tem base segundo o mesmo argumento evolutivo das formas. No caso citado por Montaigne, da mulher/ feminino, para o homem/ masculino, o contrário raramente se apresentaria, sendo isto um regresso da natureza, um tipo de involução fisiológica que atentaria contra a própria ordem do cosmos.

O filósofo narra também seu encontro *com uma criança monstruosa* de quatorze meses, possuindo dois corpos e uma única cabeça, sendo que o pai e os tios pretendiam exibi-la *para ganhar alguns soldos*. E ainda outro: *acabo de ver um pastor do Medoc, de trinta anos mais ou menos, que não mostra vestígios das partes genitais. Apresenta no lugar delas três orifícios pelos quais urina constantemente. Tem barba, sente desejo e procura a carícia de mulheres. Os que denominamos monstros não o são perante Deus, pois só Deus distingue e aprecia, na imensidade de Suas obras, as formas infinitas que imaginou*<sup>41</sup>.

---

<sup>39</sup> MONTAIGNE, Michel de, *Ensaio, Livro I, cap. XXI A força da imaginação*, op. Cit., 1972, p. 56

<sup>40</sup> PARÉ, Ambroise, *Monstruos y prodígios*, Madrid, Siruela, 2000, p. 42

<sup>41</sup> MONTAIGNE, Michel de, *Ensaio, Livro II, cap. XXX A propósito de uma criança monstruosa*, op. Cit., p. 329

Ora, neste trecho, Montaigne retorna à tese de Santo Agostinho na qual, no século V em seu livro *A cidade de Deus*, afirma que todos os então ditos monstros e aberrações, se reais, são parte fundamental da Criação, pois Deus é perfeito, logo todas suas obras e criaturas também o são. Se o homem considera tais seres como inferiores e “erros da natureza”, isto decorre unicamente da vaidade humana e de seu desconhecimento das intenções divinas. E, não por acaso, este pensador medieval também usou hermafroditas/ andróginos em seus exemplos de seres incríveis: *Assegura-se, com efeito, que alguns têm o olho no meio da testa, que outros têm os pés virados para trás, que outros possuem ambos os sexos, a mamila direita de homem e a esquerda de mulher, e que, servindo-se carnalmente deles alternativamente, geram e dão à luz*<sup>42</sup>.

Seja nos debates teológicos ou na literatura de viagens, de especulações religiosas sobre um outro mundo onde reside o divino à relatos e análises filosóficas de maravilhas fascinantes deste mundo, a temática da ambigüidade sexual/ de gênero irá permanecer como questão de fundo para os limites filosóficos, sociais e, cada vez mais, fisiológicos entre homens e mulheres. Igual a um portento causador de espanto, medo, curiosidade, receio e desejo, a figura do hermafrodita/ andrógino será uma constante que atravessará épocas e territórios dentro do que se convencionou chamar de cultura do Ocidente.

## O hermafrodita após o Renascimento: o interesse humanista e científico

*Vós que tantas honras fazeis aos monstros, poderíeis amar os homens?*<sup>43</sup>

O Renascimento traz consigo uma nova efervescência cultural e com ela uma nova concepção sobre os monstros, “aqueles que mostram”. O termo monstro não possui uma origem muito clara. O que se sabe com certeza é que

---

<sup>42</sup> AGOSTINHO, Santo, *A Cidade de Deus*, XVI, 8 apud ECO, Humberto, *História da feiúra*, Rio de Janeiro, Record, 2007, p. 114

<sup>43</sup> JOHNSON, Ben, *Every Man in his Humor* (1598), apud PRIORE, Mary Del, *Esquecidos por Deus*, op. cit., p. 53

sua origem é latina, podendo vir tanto de *monstra* que significa “mostrar, apresentar”, quanto de *monstrum*, com significado de “aquele que revela, aquele que adverte”<sup>44</sup>, ou mesmo de *monstrare* que possui a idéia de *ensinar um comportamento, prescrever a via a seguir*<sup>45</sup>.

O importante é que “monstro” é aquele que “mostra” algo: uma revelação sagrada, a ira dos Deuses, as infinitas e misteriosas possibilidades da natureza ou até mesmo aquilo que o homem pode tornar-se. É assim, a encarnação de algo fora do cotidiano ou do previsto. Representa uma alteração maligna ou benéfica da ordem do mundo. Mas não é apenas o terror que a figura monstruosa provoca, embora este elemento vá crescendo gradualmente em importância. É também fascínio, encanto, dúvida, fonte de curiosidade e desejo. Por isso, desde o período da Antiguidade até pelo menos o século XVI, os monstros eram classificados entre as “maravilhas” ou “prodígios” do universo e podiam evocar tanto o medo quanto a risada através de suas formas exageradas, assustadoras ou ridículas.

Desta maneira, a partir do Renascimento e do movimento humanista, os hermafroditas acendem um novo debate sobre sua condição, deixando de ser perseguidos pela Igreja e queimados nas fogueiras inquisitoriais apenas por sua ambigüidade sexual e conseqüente indefinição quanto a um gênero masculino ou feminino.

Conforme mostrou Foucault<sup>46</sup>, e segundo o próprio especialista em monstros da época, o médico Ambroise Paré<sup>47</sup>, a partir de agora, os hermafroditas devem escolher um sexo social e viver de acordo com ele: roupas, atitudes, sentimentos, papéis sociais, hierarquias, tudo deve estar em conformidade com o sexo escolhido, sem espaços para a ambigüidade de gênero, sob pena de perseguição, prisão ou mesmo, nos casos em que a definição como um homem ou mulher não se mostrava clara e satisfatória, a

---

<sup>44</sup> THOMSON, Rosemarie Garland, *From Wonder to Error: A Genealogy of Freak Discourse in Modernity* in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural Spectacles of the Extraordinary Body*, New York, New York University Press, 1996, p. 3; COHEN, Jeffrey Jerome, *A Cultura dos Monstros: Sete Teses*, op. Cit., p. 27; KAPPLER, Claude, *Monstros, Demônios e Encantamentos no Fim da Idade Média*, op. Cit., p. 334

<sup>45</sup> TUCHERMAN, Ieda, *Breve História do Corpo e de seus Monstros*, Lisboa, Vega, 1999, p. 103

<sup>46</sup> FOUCAULT, Michel, *Os Anormais*, op. Cit., p. 84

<sup>47</sup> PARÉ, Ambroise, *Monstruos y prodígios*, op. Cit., p. 38

pena de morte<sup>48</sup>. *As proibições relativas ao sexo eram, fundamentalmente, de natureza jurídica. A “natureza” em que às vezes se apoiavam era ainda uma espécie de direito. Durante muito tempo os hermafroditas foram considerados criminosos, ou filhos do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser, embaraçava a lei que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção*<sup>49</sup>.

Percebe-se assim a idéia de que os limites entre o que é ser homem e mulher devem ser constante e rigidamente mantidos e vigiados, sob pena de uma perigosa mistura ocorrer, ainda que as transgressões a estes limites sejam um constante chamado ao prazer proibido, representado pela fascinante e eroticamente carregada figura do hermafrodita.

No século XVII, o filósofo francês René Descartes vai lançar as bases do racionalismo moderno, com seu *Discurso do método* (1637), suas *Meditações* (1641) e *As paixões da alma* (1649). Nestes textos, procurando provar a existência de Deus<sup>50</sup>, o autor cria alguns dos conceitos filosóficos que até hoje sustentam nossa cultura erudita filosófico-científica: a dúvida sistemática, a distinção entre uma alma imortal e um corpo mortal – embora intrinsecamente unidos durante a vida de um ser humano - e, principalmente, a razão como a única fonte confiável para se alcançar uma pressuposta Verdade, seja espiritual ou científica.

A distinção entre alma e corpo é conhecida desde pelo menos o platonismo na Antiguidade e o cristianismo foi muito influenciado por esta crença. Fossem católicos, ortodoxos ou protestantes, em suas várias subdivisões, todos acreditavam na vida da alma em outro mundo, mas com uma diferença: neste outro mundo também existiria uma substância física que seria inseparável desta alma. Seja o mesmo corpo (sofrendo as penas do inferno), seja um novo corpo como no caso dos santos e escolhidos por Deus (que sobem aos céus) ou no corpo morto, ressuscitado e purificado no dia do Juízo

---

<sup>48</sup> Thomas Laqueur, em seu livro *Inventando o sexo*, faz uma crítica a esta visão de Foucault, chamando-a de utópica e afirmando não ser tão simples a questão da “escolha” do gênero a que se ia pertencer, pois isto era mais imposto pelo grupo local do que pela “autonomia” da pessoa. Porém, o importante é ressaltar que a partir de então, os hermafroditas não eram mais perseguidos apenas por terem esta característica. LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, op. Cit., p. 161

<sup>49</sup> FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, Graal, 1988, p. 39

<sup>50</sup> DESCARTES, René, *Discurso do método*, São Paulo, Abril cultural, 1973, págs. 35; 55; 57

Final<sup>51</sup>, o importante é que todos viveriam física e organicamente em outro mundo. *Não é a Idade Média que separa a alma do corpo de maneira radical, mas sim, a razão clássica do século XVI*<sup>52</sup>.

É com Descartes que a idéia de alma, como sede da razão, vai ganhar uma nova e desconhecida autonomia em relação ao corpo. A nova alma cartesiana é idéia pura, menos estruturada como essência espiritual/ religiosa e mais como conceito filosófico, na qual sua substância é completamente distinta do sustentáculo material da carne, como ele mesmo afirma em várias passagens dos livros citados: *E notando que esta verdade: eu penso, logo existo, era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos cétricos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la sem escrúpulo, como o primeiro princípio da Filosofia que procurava (...) De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo que é*<sup>53</sup>.

Mas o ponto mais importante desta discussão filosófica para este trabalho sobre travestis e transexuais, é que houve uma sutil, porém profunda mudança em relação a discussão sexo/ gênero. Para Descartes, o que importa é a razão, e esta capacidade é encontrada tanto no homem quanto na mulher. O foco não é mais uma suposta superioridade fisiológica e espiritual do masculino em relação ao feminino, mas a habilidade de bem utilizar o pensamento de maneira racional, e isto os dois sexos podem conseguir, pois este é um dom dado por Deus em igual proporção para ambos.

Assim, graças à influência do pensamento cartesiano, surge um novo elemento para a autonomia das mulheres e suas conseqüências culturais. Se estas eram, pelo viés da religião, inferiores aos homens por conta de sua espiritualidade fraca, pela ótica desta nova corrente filosófica elas são iguais, graças à capacidade racional que é anterior e superior às divisões de sexo e gênero.

Neste sentido, várias discussões foram levantadas no período sobre o papel das mulheres na sociedade e sua então considerada “natural” submissão

---

<sup>51</sup> Como é afirmado na oração católica do Credo: (...) *creio na ressurreição da carne* (...).

<sup>52</sup> LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas, *Uma história do corpo na Idade Média*, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2006, p. 36

<sup>53</sup> DESCARTES, René, *Discurso do método*, op. Cit., p. 54

ao homem. E mais uma vez, a figura do hermafrodita foi usada para exemplificar esta tensão, seja contra uma possível “emancipação” feminina, seja a favor. Segundo pesquisa da historiadora Natalie Zemon Davis, em 1673, Gabriel de Foigny escreve sobre um país fictício chamado Austrália e habitado por sábios hermafroditas.

Para Davis, *os australianos, para quem o sexo era único, não podiam compreender como um conflito de vontades poderia ser evitado no contexto da “possessão mútua” do casamento europeu. O viajante francês respondeu que era simples: mãe e filho estavam sujeitos ao pai. O hermafrodita, horrorizado com tal autonomia que era o sinal de íntegros “homens” de verdade, pôs de lado o padrão europeu, considerando-o bestial*<sup>54</sup>. Neste texto seiscentista, a união dos dois sexos, representada pelo hermafrodita mostra-se uma alternativa social superior e mais equilibrada que o predomínio do pólo masculino.

Em meio a um conjunto de transformações que engloba o humanismo renascentista, o emergente racionalismo e sua moderna separação conceitual entre matéria física e espírito e a conseqüente mecanização dos conceitos sobre o corpo que ocorrem nos séculos XVII e XVIII; as profundas mudanças políticas e sociais que acontecem na Europa, como a gradual ascensão da burguesia ao poder, a consolidação do Estado moderno e sua burocracia; a crescente luta pela legitimidade filosófico-social entre ciência e religião (que nesta época está no auge da caça às bruxas); enfim, tudo aquilo que Foucault chamou de mudança da *epistémê* arcaica para a *epistémê* moderna, desenvolve-se também uma nova maneira de compreender as diferenças entre os sexos. Conforme este filósofo, *a profunda interdependência da linguagem e do mundo acha-se desfeita. O primado da escrita está suspenso. Desaparece então esta camada uniforme e onde se entrecruzavam indefinidamente o visto e o lido, o visível e o enunciável. As coisas e as palavras vão separar-se. O olho será destinado a ver e a somente ver; o ouvido somente a ouvir. O discurso terá realmente por tarefa dizer o que é, mas não será mais o que ele diz*<sup>55</sup>.

---

<sup>54</sup> DAVIS, Natalie Zemon, *As mulheres por cima* in *Culturas do povo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990, p. 110

<sup>55</sup> FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas*, op. Cit, p. 59



Da mesma forma, todos os campos do saber são influenciados e alterados por este novo paradigma que se inicia, do debate teológico de influência nominalista, que pregava a não existência de uma substância universal expressa pelos nomes<sup>56</sup>, ao campo da arte, como expresso por Shakespeare na voz de sua trágica personagem Julieta: *que há em um nome? O que chamamos de rosa, com outro nome, exalaria o mesmo perfume tão agradável; e assim, Romeu, se não se chamasse Romeu, conservaria essa cara perfeição que possui sem o título.*<sup>57</sup>

Dentro desta nova maneira de pensar, classificar e representar o universo, homens e mulheres não mais referem-se a uma graduação de um mesmo ser, mas a distintas e opostas categorias ontológicas. A figura que até o século XVIII literalmente encarnava o *andros* (homem) e o *gynos* (mulher) num mesmo corpo, o andrógino - ou hermafrodita, pertencente à lógica da *epistémê* antiga, lentamente perde lugar nas novas classificações modernas.

## Espiritualidades ambíguas, corpos limítrofes e roupas trocadas: das androginias da alma e travestimentos do corpo

*A mulher não se vestirá de homem, nem o homem se vestirá de mulher: porque aquele que tal faz é abominável diante do Senhor - Deuteronômio (22:5).*

Em *Inventando o sexo*<sup>58</sup>, Thomas Laqueur, mostra como desde a Antiguidade até praticamente o século XVIII, vigorava o modelo conceitual sobre o corpo humano como possuindo um sexo único no qual o gênero, masculino ou feminino, era reconhecido pelo grau de “evolução” fisiológica da pessoa. Segundo o autor, Aristóteles acredita que a futura criança já se encontra completa no sêmen masculino e, à mulher, cabe o papel passivo de receber e germinar a semente masculina. No século II d.C., o médico grego

---

<sup>56</sup> REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario, *História da filosofia – vol. I – Antiguidade e Idade Média*, São Paulo, Paulinas, 1990, p. 619

<sup>57</sup> SHAKESPEARE, William, *Romeu e Julieta*, São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 42

<sup>58</sup> LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, op. Cit., 2001

Galeno vai explicar que o sexo da futura criança será definido segundo a quantidade de calor no corpo da gestante, de acordo com a tradição dos humores aristotélicos. Se o calor for “normal”, nasce um menino; mas se houver pouco aquecimento para o amadurecimento orgânico, o feto não se desenvolve o suficiente e vem ao mundo uma menina. Para este médico, o desenvolvimento perfeito dentro do útero leva à formação de alguém do sexo masculino, sendo a mulher apenas um homem organicamente imaturo<sup>59</sup>.

De acordo com seus estudos de anatomia genital comparada, forma-se a idéia da existência de um sexo apenas, que seria mais ou menos perfeito dependendo de seu desenvolvimento. A mulher teria os genitais voltados para dentro do corpo; o homem os teria para fora. E conforme a crença filosófica de que a natureza tende sempre à perfeição, Galeno relata casos em que mulheres haviam se tornado homens graças a um aumento do calor de seus corpos<sup>60</sup>.

No século V, Santo Agostinho uniu esta visão médico-filosófica à tradição judaico-cristã que já pregava a inferioridade “original” da mulher em relação ao homem. Conclui assim que a mulher é um “macho falido”, um homem que não deu certo, desta vez tendendo mais pelas fraquezas espirituais. Um ser “incompleto”, como a mulher, o é em todos os sentidos: orgânicos e morais, pois, novamente lembrando, era no corpo, em suas formas e sinais que se manifestava a alma da pessoa.

Apesar deste tradicional e milenar modelo de um sexo com dois gêneros já ser questionado desde o Renascimento, é apenas no século XVIII, decorrente de toda mudança cultural, política e filosófica que este conceito é gradualmente alterado, não sem disputas, para o modelo de dois sexos com dois gêneros. O importante a ressaltar é que, segundo Laqueur, este novo modelo surgiu também como reação aos novos horizontes que as questões de gênero estavam tomando na cultura européia setecentista. *Ser homem ou mulher era manter uma posição social, um lugar na sociedade, assumir um papel cultural, não ser organicamente um ou outro de dois sexos*

---

<sup>59</sup> LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, op. Cit., p. 16

<sup>60</sup> Como vimos nos exemplos de Montaigne, ainda no século XVI esta crença é comum.

*incomensuráveis. Em outras palavras, o sexo antes do século XVII era ainda uma categoria sociológica e não ontológica*<sup>61</sup>.

Conforme visto, desde Descartes a questão da supremacia da razão e conseqüente igualdade de capacidade racional entre homens e mulheres fornece, mesmo que de maneira tímida ou velada, uma autonomia conceitual às mulheres muito pouco antes experimentada. Com o iluminismo e a importância que as mulheres adquirem na cultura de corte, a diferenciação hierárquica de poderes entre os gêneros passa a se focar não mais na graduação da alma, decorrente e intrinsecamente unida a um modelo único de corpo sexuado. Agora a distinção passa a ser encontrada na diferenciação da psique masculina e feminina, originária da separação dos corpos em dois sexos.

Até o século XVIII e o novo modelo médico conceitual de dois corpos e dois gêneros distintos mas ao mesmo tempo complementares, a diferença entre homens e mulheres era uma questão de hierarquia fisiológica, social e espiritual, onde uma característica refletia e confirmava a outra. Se a pessoa nascesse com vagina, já se sabia que seu corpo não tivera forças e calor o suficiente para os genitais voltarem-se para fora (e assim surgir o pênis), logo deveria ficar em posição subordinada na hierarquia social, o que por sua vez confirmava a inferioridade e precariedade espirituais, que só poderiam vir de um corpo também mais “frágil” por ser “incompleto”.

É neste sentido que podem ser interpretadas muitas das proibições e escândalos que causavam a troca de vestuários entre homens e mulheres. As roupas sempre foram em nossa cultura um importantíssimo signo de gênero e status, cuja função era – e ainda o é, hoje em dia – o de regular e vigiar as fronteiras culturalmente criadas entre os sexos/ gêneros e grupos sociais. Como mostra o exemplo do Deuteronômio (22:5), o segundo livro de leis da Bíblia: *A mulher não se vestirá de homem, nem o homem se vestirá de mulher: porque aquele que tal faz é abominável diante do Senhor*<sup>62</sup>.

O abominável aqui é a idéia de troca de papéis sociais e, conseqüentemente, troca de poder entre aqueles que seriam os considerados

---

<sup>61</sup> LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, op. Cit., p. 19

<sup>62</sup> Deuteronômio 22:5, *Bíblia Sagrada*, Rio de Janeiro, edição Barsa / Catholic Press, 1964

os únicos aptos e escolhidos para comandar (homens) e aqueles que deveriam obedecer (mulheres). De acordo com a cosmogonia judaico-cristã, isto seria uma completa inversão espiritual, verdadeira desordem cósmica e, conseqüentemente, o temido reino do diabo, o “inverso” de Deus. Usar vestimentas consideradas típicas de um gênero, sendo compreendido como pertencente ao outro, poderia ser visto como um tipo de “falsidade ideológica”, com sérias conseqüências, pois a ordem esperada e mantida por tais culturas ditas tradicionais estaria completamente abalada.

Como nos mostra Eliade<sup>63</sup>, é comum em culturas tradicionais a troca de roupa com sentido religioso, ritual e mágico. Alterando suas roupas, o xamã ou feiticeiro provocaria um curto-circuito na ordem sócio-cosmológica e assim, graças a sua especial posição na sociedade, poderia entrar em contato com o mundo dos espíritos e resolver desordens na terra dos humanos. O importante é ressaltar que apenas os xamãs ou feiticeiros têm autorização para esta troca de roupas, sempre e apenas dentro de um sentido ritual e mágico. Na tradição cultural judaico-cristã, tal elemento foi proibido religiosamente, conforme visto acima.

Mas o que continuou em nossa cultura desta tradição de troca ritual de roupas, vinda pelo menos desde a Grécia antiga, foi mantido pelas festas populares que representam principalmente um “mundo às avessas”, tais como o carnaval ou os charivaris, não mais em um sentido apenas sagrado e mágico, mas principalmente como forma de “profanar” e criticar a ordem cotidiana. Mulheres vestirem-se de homens e, mais frequentemente o contrário, é um elemento comum destas celebrações. A força desta inversão e os temores que causam, tanto no âmbito religioso quanto no político, faz-se perceber pelos vários problemas com as leis religiosas ou seculares que tal prática causou durante a história.

Como afirmou o historiador francês Georges Minois, em seu estudo sobre o riso e as festas, nos séculos XVI e XVII, *as mascaradas são intoleráveis. São restos pagãos das saturnais, e o uso de disfarces é contrário tanto à lei civil quanto à lei religiosa. (...) Disfarçar-se é um ato contrário à natureza, sobretudo se se travestir em pessoa do sexo oposto, porque “a*

---

<sup>63</sup> ELIADE, Mircea, *Mefistófeles e o Andrógino*, op. Cit., 1999

*natureza revestiu cada sexo de vestimentas que lhe são próprias*<sup>64</sup>, segundo Jean-Baptiste Thiers, teólogo e pároco em seu *Tratado dos jogos e diversões que podem ser permitidos ou que devem ser proibidos aos cristãos segundo as regras da Igreja e o sentimento dos pais*, de 1686.

Apenas como mais um exemplo, esta “desordem” também pode ser percebida no teatro de Shakespeare. Em muitas de suas comédias a troca de roupas entre os sexos, visando conseguir uma troca de papéis sociais entre os gêneros, é fundamental na crítica ou defesa dos valores e instituições do período, como apresentado na peça *O mercador de Veneza* (1594 - 1596). Não podemos nos esquecer que existia na época uma tradição proibindo as mulheres de representar no palco. Todos os papéis femininos eram feitos por homens, desde a Grécia, com a origem religiosa e ritual do teatro ocidental até os dramas sacros cristãos medievais. E apesar de as primeiras atrizes – como profissão e modo de ganhar a vida – surgirem no Ocidente durante o Renascimento, com a *Commedia Dell’arte* italiana, na Inglaterra, apenas no século XVII elas poderão legalmente trabalhar no teatro.

Novamente, é a idéia de uma perigosa mistura de limites entre homens e mulheres, masculino e feminino evocada no mundo artístico-espiritual que vai gradualmente, durante séculos, sendo dessacralizada e racionalizada, como exemplifica a frase do pensador político saxão Gotthold Ephraim Lessing (1729 - 1781): *a mulher que pensa causa tanta repugnância quanto o homem que se pinta*<sup>65</sup>.

E neste mesmo sentido que o historiador Terry Castle<sup>66</sup> cita a verdadeira febre social que foram os bailes de máscaras tanto nas cortes européias quanto nas festas populares, em especial na França e Inglaterra do século XVIII. Levando a lógica da aparência ao extremo, característica deste período no qual a forma externa da pessoa – corpo, postura, atitudes e trajes - é a manifestação de sua “essência” interna, o disfarce com as roupas do sexo oposto, utilizado tanto por homens quanto por mulheres, colocava em xeque os

---

<sup>64</sup> MINOIS, Georges, *História do riso e do escárnio*, op. Cit., p. 337

<sup>65</sup> G. Lessing apud JARAMILLO, Ma. Del Rosário Oaxaca, *Como se construye la sexualidad a través del language* in *Revista Terapia Sexual*, São Paulo, Instituto Paulista de Sexualidade, Volume IX – Nº 1, janeiro a junho de 2006, p. 24.

<sup>66</sup> CASTLE, Terry, *A cultura do Travesti: Sexualidade e Baile de Máscaras na Inglaterra do século XVIII*, in ROUSSEAU, G. S. e PORTER, Roy (orgs.), *Submundos do Sexo no Iluminismo*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999

dogmatismos sexuais e sociais referentes à cultura. Como em uma versão laica do caos espiritual representado pela troca de roupas, agora a idéia prevalecente é a de um caos político-social, onde hierarquias de status e gêneros, ou seja, de poderes, são novamente desorganizadas. *Fantasiar-se é enganar ao mesmo tempo, a natureza e a polícia*<sup>67</sup>. O incômodo da ambigüidade e seus perigos mostra-se tanto no corpo quanto nas vestes.

Na Inglaterra, o uso de roupas do sexo oposto era o tema central de festas conhecidas como “mascaradas”, nas quais não somente as fronteiras de sexo/ gênero eram ampliadas, como as dos laços conjugais, comportamentos socialmente aceitáveis e mesmo das relações entre classes sociais. Este é um dado importantíssimo: em bailes populares, nobres podiam se misturar vestidos de plebeus e, estes segundos, podiam aumentar momentaneamente seu status social usando vestimentas de grupos hierarquicamente superiores. Neste período ainda reinavam em muitas partes da Europa as leis suntuárias, ou seja, leis que organizavam as roupas dos grupos sociais, especificando quais tecidos e cores poderiam ser usados e por quem<sup>68</sup>. Sob o disfarce das mascaradas, que não eram apenas máscaras mas costumes inteiros, outros e muitas vezes novos desejos, prazeres e atitudes poderiam ser experimentados. Dentro desta “cultura do travestimento” do século XVIII, segundo Castle, *o travesti erotizou o mundo*<sup>69</sup>.

Embora neste período houvesse um aumento significativo de mulheres vestidas e comportando-se como homens, seja nas mascaradas ou na vida real, Lynne Friedli nos mostra em seu estudo sobre o tema, que estas eram as mais perseguidas e punidas por tais atitudes. Como exemplifica o caso de Mary Hamilton, uma inglesa que, por ter-se feito passar por homem, trabalhado e casado como tal, em 1746, *foi açoitada em praça pública em quatro cidades e ficou presa seis meses*.

Homens vivendo como mulheres eram acusados de sodomia, mas as mulheres eram acusadas de fraude. Assim, conclui a autora que *o fato de que*

---

<sup>67</sup> MINOIS, Georges, *História do riso e do escárnio*, op. Cit., p. 268

<sup>68</sup> McCLINTOCK, Anne, *Couro Imperial. Raça, travestismo e o culto da domesticidade* in Cadernos Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu nº 20 – *Dossiê erotismo: prazer, perigo*, Campinas, Unicamp, primeiro semestre de 2003, p. 74

<sup>69</sup> CASTLE, Terry, *A cultura do Travesti: Sexualidade e Baile de Máscaras na Inglaterra do século XVIII*, op. Cit., p. 201

*as mulheres que se faziam passar por homens eram acusadas de fraude nos faz pensar que o problema maior talvez fosse a impostura e a conseqüente apropriação de direitos e privilégios, mais do que o próprio desvio sexual*<sup>70</sup>, este sim associado à transgressão de valores masculinos.

Até o século XVIII não havia a preocupação em focar exclusivamente a questão nos genitais de uma pessoa para saber se ela era homem ou mulher. Isso estava - ou deveria estar – explícito em suas roupas, comportamentos e, principalmente, na quantidade de liberdade social que esta pessoa dispunha. Possuir um pênis ou uma vagina era uma das características, mas não a privilegiada, que formava um todo Homem/ masculino ou Mulher/ feminino, pois mesmo esta diferenciação entre sexo e gênero ainda não fazia parte do universo conceitual do período e tanto o sexo quanto o gênero formavam uma única expressão do ser.

Neste sentido, uma das figuras mais interessantes deste período foi o Cavaleiro d'Eon de Beaumont, um militar e diplomata francês que, uma década antes da Revolução Francesa, forja um boato sobre si mesmo afirmando que, na verdade, ele era uma mulher vestida e vivendo como homem durante toda sua vida. O escândalo toma tal proporção, tanto na França quanto na Inglaterra, envolvendo as duas cortes e a imprensa popular, que o rei o obriga a se trajar como uma dama e abrir mão de certos privilégios políticos e sociais porque destinados aos homens. Em 1810, quando d'Eon morre, o exame médico-legal revela que o cavaleiro era um homem anatomicamente perfeito.

O exemplo do Cavaleiro d'Eon é importante porque representa quase uma síntese do que foi estudado até aqui sendo, entretanto, um caso raro. Conforme visto, mulheres se transformarem em homens era algo considerado viável, embora neste século, o XVIII, isto na medicina já era discutido e predominantemente visto como impossível. Já um homem tornar-se mulher, de maneira consciente e assumida publicamente, em todos os momentos da vida, fora das circunstâncias restritas de uma mascarada, sem a associação com o universo da libertinagem, ou seja, do desregramento sexual, era algo mais do que incomum.

---

<sup>70</sup> FRIEDLI, Lynne, “*Mulheres que se faziam passar por homens*”: um estudo da fronteira entre os gêneros no século XVIII in ROUSSEAU, G. S. e PORTER, Roy (orgs.), *Submundos do Sexo no Iluminismo*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999, págs. 293 e 291 respectivamente.

Segundo a mentalidade popular, muito influenciada por idéias mágico-espirituais sobre a ordem dos sexos e, mesmo para a cultura chamada erudita, principalmente nos campos da ciência e filosofia, esta situação era uma inversão completa dos ordenamentos naturais e sociais. Representava antes de tudo uma involução anti-natural hierárquica de poder. Dentro de tal lógica, uma mulher se vestir de homem é entendível tendo o objetivo de usufruir poder, prestígio e liberdade, mantendo assim, mesmo que indiretamente, a ordem e a hierarquia masculina. Mas o oposto é insuportável justamente porque coloca em xeque tal situação. Para poder viver seu novo papel de gênero, o Cavaleiro teve de renunciar a sua carreira política e militar e se contentar com a comparativamente restrita vida de uma dama da corte.

Como não poderia deixar de ser, um dos problemas mais sérios que este diplomata e espião teve em sua mudança foi, justamente, a questão das roupas. Ele mesmo considerou árdua sua adaptação ao novo vestuário: *eu preferia manter minhas roupas de homem (...) porque elas abrem todas as portas para a fortuna, a glória e a coragem. Os vestidos fecham todas essas portas para mim. Os vestidos só me deixam espaço para chorar a miséria e a servidão das mulheres, e você sabe o quanto amo a liberdade*<sup>71</sup>. Entretanto, não quis abrir mão de suas medalhas nem de seu título de nobreza militar. Depois de muito barganhar com Luís XVI, consegue usar sua importante Cruz de São Luís sobre o vestido e obter o título de “Cavaleira”, criado especialmente para sua nova pessoa.

Para d'Eon, o importante era sua honra militar mantida, independente de seu sexo/ gênero. E ao obter algumas graças como manter o uso da medalha e o novo título, mas perder uma série de outros privilégios masculinos, mostrava-se para a sociedade da época que esta pessoa estava mudando de status de gênero, independente de quais eram seus genitais. Entretanto, os jornais da época, mais populares, clamavam por uma definição: O *The morning post* discutia se o Cavaleiro era *um homem, um hermafrodita ou outro animal qualquer*, enquanto lançava uma aposta de 200 mil libras e o *Public ledger* questionou em 1776: *por que não pode o Chevalier declarar logo se é homem*,

---

<sup>71</sup>KATES, Gary, *Monsieur d'Eon é Mulher*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, págs. 59 e 103 respectivamente.



*mulher ou de algum gênero duvidoso?*<sup>72</sup> O que estas vozes exigiam era uma clara e definitiva posição sobre se d'Eon era socialmente “homem”, “mulher” ou algo intermediário (hermafrodita) e não necessariamente saber se seu aparelho genital era “masculino” ou “feminino”.

Novamente, quando o assunto são os limites, intersecções e transgressões de sexo/ gênero, a idéia de monstro e sua força maligna é evocada. Expressando a ancestral relação entre o Mal e o culturalmente indefinido ou dubio, presente tanto nas camadas populares iletradas quanto nas elites cultas, um educado inglês chamado James Boswel, que conversou com d'Eon acreditando que ele era uma mulher que antes vivia como homem, comenta em 1786: *fiquei tão chocado que pensei nela como uma espécie de monstro criado por uma metamorfose. Pareceu-me um homem em roupas de mulher*<sup>73</sup>.

Entre os jornais sensacionalistas, as discussões médicas especulativas e grandes apostas em dinheiro, muito se debateu se d'Eon seria um hermafrodita. A medicina já duvidava da possibilidade do chamado hermafroditismo “verdadeiro”, mesmo porque ele era mais cabível e conceitualmente inteligível dentro do modelo de um sexo com dois gêneros. Ainda assim, o Cavaleiro d'Eon de Beaumont só foi examinado medicamente sobre esta questão depois de morto, em 1810, principalmente para se esclarecer que ele não era hermafrodita – e nem mulher. Quando o rei teve que se decidir sobre seu gênero, mais de trinta anos antes do seu falecimento, contentou-se com algumas declarações da parte de pessoas íntimas.

Agora, a ambigüidade sexual passa a ser muito mais uma questão biológica, envolvendo principalmente a fisiologia e a psique e menos uma tensão espiritual. Dentro do novo modelo que passa a vigorar no século XVIII, predominantemente mas não completamente, de dois sexos com um gênero distinto cada um, o hermafroditismo torna-se não mais o incômodo de um ser intermediário, mas o impasse de um ser impossível. Não há mais lugar na ciência para alguém com os dois sexos/ gêneros, apenas pessoas com um sexo e seu pressuposto gênero correspondente.

---

<sup>72</sup> FRIEDLI, Lynne, “*Mulheres que se faziam passar por homens*”: um estudo da fronteira entre os gêneros no século XVIII, op. Cit., p. 300

<sup>73</sup> KATES, Gary, *Monsieur d'Eon é Mulher*, op. Cit., p. 302

Desta maneira, a ordem social moderna clama por uma distinção clara e direta. Quando se pode reconhecer a “verdadeira” masculinidade ou feminilidade? Onde encontrar o “verdadeiro” sexo no corpo humano? Como diferenciar “verdadeiramente” machos e fêmeas? Ou, em outras palavras, como manter as antigas hierarquias de poder entre homens e mulheres na nova ordem sócio-cultural?

Assim, o antigo hermafrodita conceitual se fragmenta e vai encontrar abrigo apenas nas já tradicionais áreas deste debate: a religião e a arte. Místicos e poetas vão desenvolver as tensões entre a unidade espiritual angustiosamente desejada, figurada em especial pelo andrógino, e o desregramento sexual doentio e maligno, representado então preferencialmente pelo hermafrodita<sup>74</sup>. Seja com Honoré de Balzac em *Seráfita* (1835), ou Rachilde em *Monsieur Vénus* (1888), estas dualidades tanto morais quanto espirituais e físicas serão uma constante quando o assunto é tal tema<sup>75</sup>, como expresso pela melancólica frase da personagem título de Balzac: *Quanto a mim, sou como um proscrito longe do céu; e como um monstro, longe da terra*<sup>76</sup>.

Mas dentro do constante diálogo dos campos artístico e religioso com a ciência moderna, quem vai buscar o monopólio do discurso “legítimo” - porque dito “científico” - sobre pessoas com ambigüidades de sexo/ gênero, serão cada vez mais os cirurgiões, endocrinologistas, psiquiatras e outros médicos especialistas.

O hermafrodita que vai surgir no século XIX, mais uma vez cindido, porque agora um pseudo-hermafrodita, não é mais o fruto de um combate cósmico, de uma união mítica apaixonada e ao mesmo tempo indesejada ou de infrações a regras espirituais, mas sim da medicina oitocentista e das recentes ciências da psique, tornando-se uma categoria clínica específica e distinta. Não mais uma maravilha da natureza, mas um erro desta<sup>77</sup>. *E assim como estes últimos [utensílios da vida diária] defeituosos saíram da fábrica, assim também*

---

<sup>74</sup> MIGUET, Marie, *Andróginos*, op. Cit.

<sup>75</sup> FAURI, Mara Lucia, *Fronteiras do masculino e do feminino ou a androginia como expressão* in Cadernos Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu nº 5, Campinas, Unicamp, 1995

<sup>76</sup> BALZAC, Honoré de, *Seráfita*, Rio de Janeiro, Globo, 1955, p. 126

<sup>77</sup> THOMSON, Rosemarie Garland, *From Wonder to Error: A Genealogy of Freak Discourse in Modernity* in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural Spectacles of the Extraordinary Body*, New York, New York University Press, 1996

*os organismos com deformidades congênitas nascem com uma lesão originária produzida no período de elaboração embrionário ou fetal*<sup>78</sup>.

O pseudo-hermafrodita é uma nova entidade conceitual, filho legítimo da então nascente ciência sexual, integrando-se à *grande família indefinida e confusa dos anormais*<sup>79</sup>.

---

<sup>78</sup> GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, Buenos Aires, “El Ateneo” librería científica y literaria, 1925, p. 25

<sup>79</sup> FOUCAULT, Michel, *Resumo dos Cursos do Collège de France*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997, p. 61

## II

### O pseudo-hermafrodita da medicina moderna

Modernidade, ciência sexual e o nascimento do pseudo-hermafrodita anatômico: dos mistérios de Deus aos desígnios das gônadas

*Todas essas coisas tiveram inicio em alguma outra criatura<sup>1</sup>.*

Como vimos, segundo Laqueur, graças às mudanças epistemológicas e políticas ocorridas desde o século XVIII, associadas a um incremento tecnológico, a interpretação sobre o corpo humano muda do modelo de um sexo com dois gêneros hierarquizados para o de dois sexos com dois gêneros opostos. Desta forma, o discurso privilegiado, mas não único, sobre os “verdadeiros” homem ou mulher e as questões relativas aos limites entre o masculino e feminino, encontram-se nas mãos da ciência, em especial da medicina em suas muitas especialidades.

No século XIX surge o pseudo-hermafrodita, uma entidade conceitual cuja especificidade se encontra na junção fisiológica em vários graus ou formas de caracteres considerados masculinos e femininos. Pelo viés biomédico, tais sujeitos não são mais encarados como sinais divinos ou seres encantados, mas homens ou mulheres “incompletos” em suas diferenciações, humanos “desviados” de uma “ordem natural”, pessoas “falhas” em sua evolução orgânica.

Mas este processo de separação entre corpo e psique, universo religioso e ciência, tem origem alguns séculos antes, com os questionamentos humanistas sobre as causas de tais seres e as primeiras tentativas de distinguir influências mágico-espirituais de motivos cotidianos e ordinários. Neste sentido, a partir do Renascimento, surgem os primeiros tratados sobre monstros

---

<sup>1</sup> Ovídio, *Metamorfoses*, op. Cit., p. 314

humanos com viés do que mais à frente viria a se constituir nossa ciência moderna. Um dos mais importantes é o livro do cirurgião francês Ambroise Paré, *Des monstres et prodiges*, de 1575, visando à sistematização do assunto e a uma tentativa de “naturalização” destes seres, no qual toda uma parte é dedicada aos hermafroditas e às mulheres que viram homens. Este texto é extremamente importante porque influenciará gerações de médicos e estudiosos sobre o assunto.

Buscando responder às questões de sua época, o médico francês enumera as causas do aparecimento destes seres: *as causas dos monstros são várias. A primeira é a glória de Deus. A segunda, sua cólera. Terceira, a quantidade excessiva de sêmen. Quarta, sua quantidade insuficiente. Quinta, a imaginação. Sexta, a estreiteza ou o reduzido tamanho da matriz. Sétima, o modo inadequado de sentar-se da mãe que, em estado de grávida, permanece sentada durante longo tempo com as coxas cruzadas ou apertadas contra o ventre. Oitava, por queda ou golpe dado contra o ventre da mãe estando ela grávida. Nona, por enfermidades hereditárias ou acidentais. Décima, por podridão ou corrompimento do sêmen. Décima primeira, por mistura ou cruzamento de sêmen. Décima segunda, devido a ser enganado pelos malvados mendigos itinerantes. E décima terceira, pelos demônios ou diabos.* Vemos que de Deus ao diabo, toda uma série de motivos naturais e sociais encontram-se presentes, inclusive atos malvados de mendigos e parteiras, que recebem cinco capítulos neste livro. Ainda assim, a influência do mundo sobrenatural e a periculosidade do hermafrodita são fundamentais para estas interpretações.

No prefácio, o autor afirma: *monstros são coisas que aparecem fora do curso da Natureza (e que, na maioria dos casos, constituem sinais de alguma desgraça que vai ocorrer), como uma criatura que nasce com um só braço (...) prodígios são coisas que acontecem totalmente contra a Natureza, como uma mulher que dá a luz a uma serpente ou a um cachorro (...) os mutilados são os cegos, tortos, zanolhos, coxos ou que têm seis dedos na mão ou nos pés, ou menos de cinco, ou juntas unidas, ou braços muito curtos, ou o nariz muito encravado como têm os achatados, ou os lábios grossos e salientes, ou fechamento da parte genital das donzelas por causa do hímem, ou carnes*

*suplementares, ou que sejam hermafroditas, ou que tenham manchas, verrugas, tumores, ou outra coisa contrária à Natureza*<sup>2</sup>.

Aqui uma nova concepção se inicia: o hermafrodita não é classificado nem como monstro, nem prodígio da natureza, mas como *mutilado*. A interpretação sobre estas pessoas é naturalizada ou biologizada, apesar de as causas mágicas não estarem totalmente descartadas para o autor.

A personagem que estamos analisando, Paré, dedica um capítulo inteiro de seu livro ao tema aqui abordado. No capítulo IV: *dos hermafroditas ou andróginos, quer dizer, que têm dois sexos em um mesmo corpo*<sup>3</sup>, o autor os divide em quatro tipos; primeiro, os hermafroditas machos, que possuem o sexo de homem perfeito, podem gerar filhos e, no períneo, entre o escroto e o ânus têm um orifício em forma de vulva, mas que não penetra no corpo e não expelle nem urina nem sêmen. Segundo, a mulher hermafrodita que, apesar de ter o aparelho genital perfeito e funcionando conforme o esperado possui um pênis mas que não fica ereto. Terceiro, os hermafroditas que não são nem de um nem de outro tipo, não podem procriar e seus genitais estão completamente misturados, possuindo os dois sexos de maneira confusa e desordenada, podendo usá-los apenas para expelir a urina. Por último, os hermafroditas machos e fêmeas, que possuem os dois sexos mas em perfeito estado e podem gerar filhos. São estes que, segundo o autor, devem escolher qual sexo querem assumir socialmente e assim poderem viver em sociedade, sob pena de punição se agir como o sexo abandonado.

Explicando que os médicos e cirurgiões têm condições de determinar qual o sexo preponderante, Paré diz que é importante olhar os genitais mas também a composição geral da pessoa. Aqui já aparece a idéia que será de grande importância no futuro destas análises médicas: o conceito de que mulheres com um clitóris muito desenvolvido podem agir libidinosas e perigosamente como homens, inclusive querendo relações sexuais com outras mulheres. A solução para evitar tal “problema” é a amputação de uma parte do órgão, tomando cuidado para não se cortar muito fundo, evitando assim uma

---

<sup>2</sup> PARÉ, Ambroise, *Monstruos y prodígios*, op. Cit., p. 21

<sup>3</sup> Idem, ibidem, págs. 22 e 37 respectivamente.

*grande efusão de sangue ou cortar o colo da bexiga*<sup>4</sup>, que poderia prejudicar a capacidade de urinar da paciente.

Percebe-se neste trabalho o nascimento de uma linha de interpretação sobre as “anomalias” humanas que busca a origem destes fenômenos não somente no universo mágico-espiritual, mas também no corpo. A organização fisiológica passa a ser vista gradualmente não mais como consequência de uma desordem cósmico-social, mas sim como causa de uma desordem compreendida cada vez mais como um problema pessoal. A figura do hermafrodita vai gradativamente perdendo sua expressão de um complexo microcósmico que espelha uma possível desordem macrocósmica<sup>5</sup> entre os mundos masculinos e femininos e passa a centralizar o debate sobre tais limites em sua genitalidade e caracteres sexuais orgânicos.

Desta forma, a diferenciação entre homens e mulheres e sua mistura funesta, exemplificada na pessoa do hermafrodita, mostra-se antes de tudo uma questão de poder, uma divisão entre uma parcela de pessoas que detém a maior parte do controle e coerção social e outra que não o possui, estando assim mais vulnerável aos mandos e desmandos do primeiro grupo. Se até o século XVIII, esta diferenciação tinha por base conceitos filosóficos e espirituais, que se manifestavam como um bloco único em roupas, fisiologia, comportamentos e privilégios (ou a falta destes), a nova ordem política e epistemológica vai buscar especificamente no corpo anatômico esta suposta diferença para a manutenção da distinção social. Agora, o antes “animal fantástico”, com seu “corpo estranho”, o hermafrodita, cede espaço para a pessoa “sexuada” e principalmente, “sexualizada”.

Conforme mostrou Foucault, é no século XIX, com o nascimento da ciência sexual e da “sexualidade”, que aparecem conceitualmente os perversos sexuais, as histéricas e o pseudo-hermafrodita, entre outras tantas identidades clínicas criadas no período. O importante a realçar é que foram duas as maiores influências de então para o surgimento destas novas figuras e de todas as futuras identidades do século XX baseadas na sexualidade: as médico-cirúrgicas e as ciências da psique – psiquiatria, psicologia e psicanálise. Os primeiros vão focar a busca pela distinção do verdadeiro sexo

---

<sup>4</sup> Idem, ibidem, p. 39

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas*, op. Cit., 1987

entre homens e mulheres no mais profundo da carne humana, enquanto os segundos vão procurar no mais íntimo da psique.

Aqui se intensifica a separação corpo/ mente e enquanto, de um lado, surge o novo pseudo-hermafrodita, tendo sua origem e distinção no fisiologismo, do outro surge o curioso conceito de “hermafrodita psíquico” com uma série de vertentes e variantes. Ainda assim, a separação entre estes dois extremos nunca é completa, como veremos.

Para muitos médicos e cientistas do século XIX, as “inversões sexuais psíquicas” eram apenas mais uma forma extrema de hermafroditismo biológico. Corpo e alma não ficaram total ou completamente separados e os limites entre eles tornaram-se mais difusos e borrados. Assim como na antiga medicina dos humores, onde a alma estava para os fluidos do corpo e um era expressão do outro, no novo modelo de organismo, a psique está para os hormônios e genes, e surge a questão, ainda hoje debatida, de quem influencia quem, e o quanto de influência sobre a pessoa cabe a cada parte.

Neste debate sobre um campo nebuloso porque idealmente separado em corpo e psique, nasce a idéia de “inversão”, da qual vão se originar gradativamente as identidades homossexuais, bissexuais, gays, lésbicas, travestis, transexuais, *crossdressers*, intersexos e toda a futura explosão político - identitária.

Com a recente ordem burguesa regendo o poder político, econômico e social, a justificativa para a manutenção de distinções e hierarquias, junto aos disputados limites de liberdades, passam a ser justificados não mais em nome de Deus, uma das bases conceituais do Antigo Regime, mas sim em nome de uma “Natureza”, cuja sustentação filosófica necessita de toda uma nova estrutura social. Agora, os padres e representantes religiosos, com muita dificuldade e resistência, passam a centrar sua influência preferencialmente no mundo privado e individual. A grande ordem pública, filha do Iluminismo, será organizada e gerenciada por cientistas.

Esta é apenas a coroação de um processo iniciado no século XVII e que, ainda como Foucault demonstrou, focou no corpo, seja ele o corpo “social” ou individual, a base para a manutenção da política e do Estado modernos. É o biopoder, a capacidade do soberano de não mais causar a morte, mas a de gerenciar e garantir a vida. Desta forma, o cientista que ganha mais



importância é aquele que faz a ponte entre o saber científico e o cotidiano das pessoas: o médico. É através dele que a nova ordem racional, unida à autoridade moral, vai tentar penetrar nos tipos físicos mais variados e adestrá-los segundo um padrão universalizante, pois inventado como universal.

É neste contexto que identidades serão construídas, idéias e comportamentos serão naturalizados e/ ou patologizados, desejos serão cientificamente classificados e politicamente hierarquizados, e a busca pelo “verdadeiro sexo” terá um lugar de destaque na formação desta nova maneira de pensar, lidar, sentir, organizar, vivenciar ou mesmo discutir o sexo: a chamada “sexualidade”. Conforme Foucault, *a “sexualidade” é o correlato dessa prática discursiva desenvolvida lentamente, que é a ‘scientia sexualis’*<sup>6</sup>.

A partir da segunda metade do século XIX, através do discurso médico-científico, homens e mulheres se distinguem menos pelo grau de espiritualidade e mais por seus “sexos” agora opostos, cujo reconhecimento vai da aparência dos genitais aos mais sutis elementos químicos encontrados no sangue; de uma pressuposta “natureza” humana inata, ao recém inventado inconsciente. O que era a alma, única e hierarquizada por seu grau de perfeição, dividiu-se em dois tipos de psique absolutamente estranhas uma à outra, a masculina e a feminina.

Mais um vez, a figura que vai centrar a discussão entre os limites e definições sobre o homem e a mulher é justamente a do hermafrodita, segundo o livro de Alice Domurat Dreger, *Hermaphrodites and the medical invention of sex*. É no corpo das pessoas com algum tipo de ambigüidade sexual ou que deixam margens para este tipo de dúvida que a medicina vai focar sua atenção e criar uma nova maneira de interpretar os sexos, de início através dos cirurgiões, desde o fim do século XVIII e, depois com os endocrinologistas e psiquiatras, no fim do XIX.

Dentro do diálogo com os nascentes movimentos pelos direitos das mulheres e dos chamados homossexuais, seja ajudando a forjar ou limitando as potencialidades políticas, aparece o hermafrodita criado pela ciência ou, mais precisamente, o pseudo-hermafrodita, encarnando a mudança do modelo

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*, op. Cit., p. 67

de um sexo com dois gêneros hierarquizados para o modelo de dois sexos com dois gêneros distintos.

Conforme Laqueur, *o trabalho cultural que no modelo de uma só carne fora feito pelo gênero, passava agora para o sexo*<sup>7</sup>. Por isso o antigo hermafrodita “completo”, ou seja, a idéia de uma pessoa com os dois sexos - que, lembrando, se manifestavam no que hoje chamamos de distinção de gêneros, através de signos sociais tais como roupas e comportamentos – não é mais concebível no XIX.

Em 1628, um jurista londrino afirmava sobre a questão de posses de terra e propriedades: *todo herdeiro é homem ou é mulher, ou então é hermafrodita, que é homem e mulher ao mesmo tempo. E um hermafrodita será herdeiro, seja como homem, seja como mulher, de acordo com o tipo de sexo que prevalecer*. Esta maneira de pensar perde espaço para a concepção de que ou se é homem, ou se é mulher, materializada na própria questão da posse do corpo. Quem passa a determinar o “verdadeiro” sexo será um especialista, cabendo à pessoa resignar-se a tal veredito.

Desde o século XVIII, a medicina questiona a existência dos chamados hermafroditas “reais”. Alguns médicos afirmam que parteiras confundem clitóris “gigantes” com pênis. Já está iniciada neste período a base da diferenciação entre homens e mulheres a ser procurada não apenas nos genitais, mas no organismo fisiológico como um todo. Em 1750 um médico inglês, George Arnaud, publica sua *Dissertação sobre os hermafroditas*, na qual os divide em masculinos, femininos e perfeitos. Seu livro foi importante por ser um dos primeiros a tratar exclusivamente sobre o tema dentro da visão clínico-iluminista. Um outro doutor do período, ao tratar do mesmo tema, afirma: *se não houvesse uma lei tão rígida no que se refere a existir apenas um sexo em um corpo, poderíamos esperar encontrar todos os dias muitos e absurdos desvios do nosso padrão atual*<sup>8</sup>.

Como a grande fonte diferenciadora entre homens e mulheres passa a ser o corpo, mais especificamente os chamados caracteres sexuais, surge o “falso” hermafrodita ou pseudo-hermafrodita, em comparação com o antigo

---

<sup>7</sup> LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, op. Cit., p. 191

<sup>8</sup> FRIEDLI, Lynne, “Mulheres que se faziam passar por homens”: um estudo da fronteira entre os gêneros no século XVIII, op. Cit., págs. 301, 304 e 305 respectivamente.

ideal de hermafroditismo. Por sua capacidade involuntária e transgressiva de questionar os limites e ideologias sobre o masculino e o feminino, a noção de considerar tais pessoas como “monstros” irá manter-se intacta, ainda que algumas vezes apareça sob o termo “teratas”.

Em 1832 surge a “teratologia”, ramo da ciência médica que visa estudar e classificar as origens das “deformidades” físicas, criado pelo zoologista francês Geoffroy Saint-Hilaire em seu *Histoire Générale et Particulière des anomalies de l'organisation chez l'homme et les animaux*, ou *Traité de teratologie*<sup>9</sup>. Para se diferenciar dos textos sobre monstros e prodígios de até então, que misturavam as explicações orgânicas naturalistas com as mágicas e religiosas, o autor abandona a raiz latina *monstrum* ou *monstra* e deriva o nome deste novo ramo da medicina do grego *terato*, significando “monstruosidade, anomalia”, e originado de *terás*, “o sinal enviado pelos deuses, uma coisa monstruosa”. Forja-se uma nova nomenclatura, mas seu significado ainda é o mesmo: a “alteridade” física é sempre monstruosa.

Saint-Hilaire pretende não apenas um estudo sistemático e detalhado dos perfis anômalos e suas causas, baseado na metodologia científica e numa nova taxonomia, mas principalmente desvincular as deformidades físicas das explicações religiosas e do que passa a ser então considerado como superstição. Em nova investida da razão científica para tentar destruir os monstros da cultura mística popular, nascem os teratas da ciência erudita. O prodígio sobrenatural é domesticado como um desvio da natureza e o grande objetivo desta ciência é prevenir e evitar o nascimento de tais “aberrações”.

Neste texto, a classificação dos teratas é a seguinte: *classe 1 – união de vários fetos; classe 2 – união de dois fetos distintos e conectados por contato; classe 3 – união de dois fetos distintos por uma junção dos ossos do crânio; classe 4 – união de dois fetos distintos na qual uma ou mais partes são eliminadas pela junção; classe 5 – união de dois fetos pelo osso ísquio; classe 6 – fusão de dois fetos abaixo do umbigo com a extremidade baixa comum; classe 7 – monstros bicéfalos; classe 8 – monstros parasitas; classe 9 – monstros com um corpo único e extremidades inferiores duplas; classe 10 –*

---

<sup>9</sup> TUCHERMAN, Ieda, *Breve História do Corpo e de seus Monstros*, op. Cit., p. 126

*terata difálico [com dois pênis]; classe 11 – feto dentro do feto e cistos dermatológicos; classe 12 – hermafroditas*<sup>10</sup>.

Como não poderia deixar de ser, uma das classes de teratas é a dos hermafroditas, curiosamente precedidos pela classe dos seres com dois pênis. O antigo monstro síntese da punição contra os desvios sexuais (troca de gênero e seus papéis culturais, incesto, blasfêmia, interação erótica entre pessoas do mesmo sexo, classe social ou “natureza” – como animais ou demônios), sofre uma dessacralização pela moderna medicina e passa a representar o novo paradigma da completa diferenciação dos corpos e gêneros masculino e feminino. O hermafrodita é um ser intermediário, a incômoda ambigüidade sexual que clama por resolução para se conseguir romper definitivamente com o antigo conceito de apenas um corpo com dois gêneros e o possível *continuum* entre estes.

É por isso também que neste momento a ciência se apegue, como afirmou Foucault<sup>11</sup>, à noção de um “verdadeiro sexo”. Deste período em diante, a segunda metade do século XIX, para a visão científica apenas em casos extremamente raros aparecem hermafroditas autênticos, a grande maioria revelando-se apenas pseudo-hermafroditas. Estes são homens que apresentam caracteres de mulheres ou vice-versa, nunca mais a facilidade conceitual de uma pessoa homem e mulher.

Ora, apesar da questão desta diferença sexual ser importantíssima para o período, vai formando-se lentamente. Mesmo no texto de Saint-Hilaire, da primeira metade do XIX, ela ainda não está formulada em termos de sexo “verdadeiro” ou “falso”. Conforme este autor, os hermafroditas são classificados em: *primeira classe: sem excessos no número de partes do corpo; ordem 1 – hermafroditismo masculino: aparato sexual essencialmente masculino; ordem 2 – hermafroditismo feminino: aparato sexual essencialmente feminino; ordem 3 – hermafroditismo neutro: aparato sexual apresentando algumas condições intermediárias entre os masculinos e os femininos e sendo verdadeiramente sem sexo; ordem 4 – hermafroditismo misto: aparatos sexuais em partes*

---

<sup>10</sup> GROSZ, Elizabeth, *Intolerable Ambiguity: Freaks as/at the Limit*, in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural Spectacles of the Extraordinary Body*, New York, New York University Press, 1996, p. 65

<sup>11</sup> FOUCAULT, Michel, *O verdadeiro Sexo* in BARBIN, Hercule, *O Diário de um Hermafrodita*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983

*masculinas e partes femininas. Segunda classe: com excessos no número de partes do corpo; ordem 1 – hermafroditismo masculino complexo: aparato sexual masculino (completo) com partes femininas suplementares; ordem 2 – hermafroditismo feminino complexo: aparato sexual feminino (completo) com partes masculinas suplementares; ordem 3 – hermafroditismo bissexual: aparato sexual masculino e feminino: (a) hermafroditismo bissexual imperfeito: um dos aparatos ou ambos incompleto e (b) hermafroditismo bissexual perfeito: os dois aparatos completos*<sup>12</sup>.

Seguindo uma classificação parecida com a de Paré, e utilizando ainda uma base intelectual na qual os “monstros” eram organizados principalmente por “excesso” ou “falta”, Saint-Hilaire trabalha com a idéia de hermafroditismo “perfeito” ou “imperfeito”, mas não ainda com “verdadeiro” ou “falso”. Como analisou Dreger, para este médico, todos os hermafroditas eram verdadeiros, mudando apenas seu grau de perfeição, lembrando muito a mesma lógica do modelo de um sexo com dois gêneros.

Lentamente, ao mesmo tempo em que os novos papéis sociais entre homens e mulheres são estabelecidos, busca-se o “verdadeiro” homem ou mulher no corpo dúbio dos hermafroditas. Em 1870 surge a divisão entre caracteres sexuais primários (glândulas reprodutoras e aparato genital) e secundários (pêlos, mamas, voz e uma série de outros sinais que, dependendo do médico, podem qualificar e diferenciar um homem de uma mulher)<sup>13</sup>. Mais um importante elemento é desenvolvido para se distinguir um sexo oculto e “real” de traços superficiais que podem revelá-lo ou escondê-lo.

Com a medicalização do corpo ambissexual, o antigo hermafrodita, completo com seus dois sexos anatômicos, sociais ou míticos, é desacreditado via teratologia, tornando-se assim um “falso”-hermafrodita. Se na antiguidade grega, dentro do mito dos dois sexos unidos em um mesmo ser, este é punido e separado em dois, na modernidade européia a mesma idéia dos sexos unidos num só corpo é desacreditada pela ciência, cindindo-o novamente em pseudo-hermafrodita masculino ou feminino.

---

<sup>12</sup> DREGER, Alice Domurat, *Hermaphrodites and the medical invention of sex*, Cambridge, Harvard University Press, 2003, p. 142

<sup>13</sup> MARAÑÓN, Gregorio, *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, Madrid, Javier Morata Editor, 1930, p. 6

Em seu estudo, Dreger chama de “a era das gônadas” entre 1890 a 1915. É neste período que os médicos vivem um relativo período de euforia, pois acreditam ter finalmente encontrado o que determina o “verdadeiro sexo” de uma pessoa, seja um homem ou mulher “normais”, seja um hermafrodita: a presença de ovários ou testículos. Apenas no caso muito remoto de um corpo possuir as duas gônadas ou uma com ambos os tecidos, o chamado “ovotestis” (que só teve sua primeira observação real publicada em 1896)<sup>14</sup>, a pessoa poderia ser considerada um “verdadeiro” hermafrodita.

Na mesma época, consolida-se a idéia de que a função sexual humana tem como objetivo primeiro, se não único, a procriação da espécie. Conforme esta autora, *a escolha das gônadas como marcadores para o verdadeiro sexo é derivada da idéia do século dezenove em que a fundamental diferença entre homens e mulheres residia em suas capacidades reprodutivas*<sup>15</sup>.

Desta forma, reforça-se a tentativa de se fixar o conceito de que ou se é homem ou se é mulher. Os hermafroditas, pessoas que até um século antes eram consideradas possuidoras de dois sexos, não passam de homens com caracteres femininos ou vice-versa. São “apenas” pseudo-hermafroditas masculinos ou femininos, falsos andróginos, seres equivocados e muitas vezes ignorantes de sua “real” condição sexual.

Infelizmente para os doutores da época, esta entusiasmada certeza não durou muito tempo, pois logo vários cientistas começaram a questionar tal padrão mostrando diversas outras influências biológicas e psíquicas na disposição geral em relação a um sexo “final” de cada indivíduo. O importante é que foi assegurada a certeza de que se pode e deve descobrir o “verdadeiro” sexo de alguém, independente da maneira e dos padrões usados para que isso possa ser feito.

---

<sup>14</sup> GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, op. Cit., p. 178

<sup>15</sup> DREGER, Alice Domurat, *Hermaphrodites and the medical invention of sex*, op. cit., p. 151

## A busca pelas “leis naturais” do corpo e suas possíveis transgressões

*Incontável família dos perversos que se avizinha dos delinqüentes e se aparenta com os loucos*<sup>16</sup>.

O conceito de “verdadeiro” hermafrodita, que já é questionado desde o século XVIII, continua a ser objeto de debates, mesmo entre os grandes especialistas da área neste período, desdobrando esta questão para as ciências da psique, durante toda a primeira metade do século XX. Em 1917, o médico inglês Richard Goldschmidt cunha os termos “intersexo, intersexual e intersexualidade”, cujo propósito é a facilidade de uso na linguagem científica sem a necessidade de traduções específicas<sup>17</sup>. Igual ao termo “monstro”, que não deixou de figurar no linguajar científico ao ser substituído por “terata”, sendo usado ora como substantivo (em categorias classificatórias) ora como adjetivo (no sentido de valor moral), estas novas expressões pretendem substituir a antiga e agora confusa palavra “hermafrodita”.

Durante o século XX, estes novos termos, intersexo, intersexualidade e intersexual, ao lado da expressão “distúrbios do desenvolvimento do sexo (dds)”<sup>18</sup>, vão crescer em importância e aceitação e, a partir da segunda metade deste período, substituir em grande parte o nome “hermafrodita” no meio científico, relegando tal conceito às personagens fantasiosas e irreais oriundas da cultura popular ou de massas. Gradativamente, o hermafrodita e o pseudo-hermafrodita estão sendo afastados da cultura erudita, dando lugar ao intersexual. Apesar disso, tal termo e personagem continuam ainda hoje relativamente comuns nos textos médicos, mesmo nos trabalhos de especialistas da área<sup>19</sup>, deixando claro um processo de disputa entre conceitos,

---

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*, op. Cit., p. 41

<sup>17</sup> DREGER, Alice Domurat, *Hermaphrodites and the medical invention of sex*, op. Cit., p. 207

<sup>18</sup> MACIEL-GUERRA, Andréa Tavares e GUERRA Júnior, Gil (orgs), *Menino ou menina? Os distúrbios da diferenciação do sexo*, São Paulo, Editora Manole Ltda, 2002

<sup>19</sup> Ex: DAMIANI, Durval, *O estudo de pacientes com hermafroditismo verdadeiro como meio de esclarecer os mecanismos envolvidos na determinação gonadal*, Tese de livre-docência pela Faculdade de Medicina da USP, São Paulo, 1999

nomeações e grupos culturais sobre a questão da legitimidade do discurso referente à ambigüidade sexual orgânica.

Nossa ciência moderna, filha do racionalismo e do iluminismo, tem como pressuposto a sua universalidade. Desta maneira, dissemina-se tal forma de conhecimento entre todas as culturas locais alcançadas pela civilização ocidental. Assim, podemos perceber como as teorias médicas sobre corpo/ sexo/ gênero, vão se disseminando pela Europa e as Américas<sup>20</sup>. Curiosamente, dois livros que vão exercer grande influência sobre o tema dos hermafroditas, sendo constantemente citados nos textos médicos e psicológicos estudados para este trabalho, são de língua espanhola. Um deles, de 1925, é do médico argentino Carlos Lagos García e o outro, que também recebeu influência deste autor, é do espanhol Gregorio Marañón, escrito em 1929.

Gostaria de ressaltar a grande influência internacional no campo cirúrgico e nos estudos sobre intersexualidade, “física” ou “psíquica”, destes dois autores, Carlos Lagos García e Gregorio Marañón<sup>21</sup>, pois são referências encontradas em todos os textos originais da primeira metade do século XX (e mesmo depois) que analisei para este trabalho<sup>22</sup>.

No fim do século XIX surge a criminologia, que se tornará famosa graças ao médico italiano Cesare Lombroso. Para este doutor, que criou a tese do “criminoso nato”, tais pessoas, assim como qualquer tipo de “delinqüente” em geral, poderiam ser identificadas por seu padrão corporal. Quanto mais próximo alguém estivesse do ideal de corpo clássico, baseado nas figuras greco-romanas, mais próximo de ser uma pessoa saudável, honrada, trabalhadora, digna e de elevada moral. Quanto mais distante, mais associada ao crime, à degeneração e à ignorância. Ora, esta é uma relação antiga entre a desordem

---

<sup>20</sup> BAUMAN, Zygmunt, *Modernidade e ambivalência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999

<sup>21</sup> Em especial de Marañón, conforme ressaltou o historiador James Green. GREEN, James N., *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, São Paulo, Editora da UNESP, 2000, p. 199

<sup>22</sup> CERF, docteur Léon, *Les indécisions du sexe*, Paris, Les Éditions de France, 1940; ELLIS, Havelock, *Psicologia do sexo*, Rio de Janeiro, Bruguera, 1971; GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, Buenos Aires, “El Ateneo” librería científica y literária, 1925; LHERMITTE, J. (et. all), *Les états intersexuels*, Paris, P. Lethielleux éditeur, 1950; MARAÑÓN, Gregorio, *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, Madrid, Javier Morata Editor, 1930; MARONE, Silvio, *Missexualidade e arte*, São Paulo, sem a editora, 1947; OLAZÁBAL, Luisa Campos, *Variabilidade cromossômica e dermopapilar no transexualismo (estudo de 31 casos)*, Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Biociências da USP, 1976; OMBRÉDANNE, Louis, *Les hermaphrodites et la chirurgie*, Paris, Masson et Cie., 1939.



criminosa e a monstruosidade, como já visto. Agora em uma versão laica, racional e “científica”, a dita “desarmonia” física ou mesmo a “feiúra” continuam sendo vistas como um sinal de perigo, não mais pela possibilidade de desordem cósmico–espiritual, mas pelo caos político–social que podem instaurar.

É neste contexto que, em 1925, o médico argentino Carlos Lagos García escreve na introdução de seu livro *Las deformidades de la sexualidad humana*, de 700 páginas: *Os disformes sexuais humanos resultam verdadeiras exceções que não cabem dentro das regras da morfologia sexual (...) assim como os delinqüentes comuns estão em luta, por seus atos, com as leis estabelecidas pela sociedade, assim também os disformes sexuais somáticos chocam, pos suas formas, com as leis da configuração sexual*. A comparação entre os chamados “deformados” sexuais e a delinqüência continua em várias passagens do texto, sempre evocando ainda a idéia de monstro, algo extremamente comum nestes trabalhos.

O importante a ressaltar é a maneira explícita de o autor associar a morfologia sexual dita “normal” com o conceito de “lei” e suas “transgressões”. *O delito de infração às leis da morfologia sexual impostas à grande maioria do gênero humano, como todo ato delituoso, está sujeito a graduações (...) podem ser esses pecados que vão da simples e mais ou menos desapercibida anomalia, até a complexa e ruidosa monstruosidade*<sup>23</sup>.

Isto deixa claro de que para tais doutores existe uma lei entre os sexos e que gêneros, formas, desejos e comportamentos têm de obedecer a esta regra, sob ameaça implícita das mais variadas punições “naturais” ou sociais. Ora, o que está em jogo é justamente a criação desta lei invisível, pressuposta e naturalizada pelo discurso científico biológico. Contra possíveis ameaças sociais de grupos considerados subalternos como mulheres, homossexuais ou negros através da questão racial, espera-se a imposição das “leis da natureza”, encontrável até mesmo nos corpos “monstruosos”. Por isso, García afirma que pretende uma *ortopedia sexual*<sup>24</sup>.

---

<sup>23</sup> GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, op. Cit, págs. 17 e 19 respectivamente.

<sup>24</sup> Apud OMBRÉDANNE, Louis, *Les hermaphrodites et la chirurgie*, op. Cit., p. 1

Em sua classificação, García divide as anomalias orgânicas em simples e complexas e, dentro das últimas, coloca os hermafroditismos entre as heterotaxias (desvios complexos, aparentes, congênitos, mas que não produzem distúrbios no desempenho das funções afetadas) e as monstruosidades (iguais as heterotaxias, mas que produzem distúrbio e prejuízo nas funções), definindo: *hermafroditismos são anomalias caracterizadas, sobretudo pela presença simultânea em um indivíduo dos dois sexos ou de algumas de suas características*; embora mais para frente no texto, tendo como base as gônadas sexuais, afirme: *o verdadeiro hermafroditismo anatômico e funcional da biologia constitui uma utopia*<sup>25</sup>. Também divide o chamado hermafroditismo anômalo em aparente (masculino ou feminino) e verdadeiro (glandular ou das vias genitais), que por sua vez também se subdividem em quatro outros (hermafroditismo glandular lateral ou completo e hermafroditismo das vias genitais simples ou complexo)<sup>26</sup>.

Alguns casos de verdadeiro hermafroditismo glandular (ovotestis), têm sua origem atribuída à diferença de idade dos pais, como nos casamentos entre mulheres mais velhas e homens jovens, verdadeira “patologia social”, segundo o autor<sup>27</sup>. Entre tais perigos, cita o caso do “eunucoidismo tardio” em que, por conseqüência do abuso de sexo, álcool, além de climas atmosféricos muito quentes, pode haver uma regressão dos aparatos sexuais secundários, (barba, seios) e primários, (pênis, testículos, grandes lábios, útero) associada a desordens de caráter e inteligência<sup>28</sup>.

Junto às anomalias sexuais nas quais se encontra o hermafrodita, várias outras são listadas, como as chamadas *desfigurações* (eunuquismo, infantilismo, puberdade precoce), as exclusivamente genitais, além das psíquicas, que incluem a atração sexual por pessoas do mesmo sexo e outras possíveis “perversões”.

Por exemplo, o autor cita o caso de uma garota de seis anos com hipertrofia do clitóris. Depois de uma análise para se certificar da origem unicamente congênita de tal condição, conclui: *o interrogatório da menina*

---

<sup>25</sup> GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, op. Cit., págs. 166 e 170 respectivamente.

<sup>26</sup> Idem, ibidem, p. 171

<sup>27</sup> Idem, ibidem, p. 210

<sup>28</sup> Idem, ibidem, p. 237

*resulta negativo no que se refere a práticas de masturbação ou outras perversões sexuais.* Novamente o autor deixa transparecer a idéia da necessidade do um verdadeiro policiamento dos corpos/ gêneros a ser iniciado desde a infância, ao usar diretamente o termo “interrogatório” para se referir à anamnese médica.

Dentro deste vasto leque de anomalias que vão do corpo à mente, do físico ao psíquico nas quais masculinidade e feminilidade se mesclam confusa e perigosamente, o movimento feminista sufragista - ainda recente mas já relativamente forte na Europa - é visto inclusive como mais uma forma de “deformidade” sexual: *é pois, como “masculinismo” que se deve considerar o estado de algumas mulheres, no qual se apresentam certos caracteres de ordem sexual secundários, ordinários ou comuns no homem, mas excepcionais na mulher; e como “feminismo”, aquele outro estado que, à maneira de deformidade sexual, se apresenta em alguns homens, e que se manifesta pela presença no sexo masculino de caracteres secundários, comuns ou inerentes à mulher. Bem distinto resulta, por certo, deste feminismo que nós estudaremos aqui, com este outro “feminismo”, tão em voga em nossa época e que, com toda força, empenha-se por abrir passagem a procura de concessões e direitos. E, coisa curiosa, se com nossa terminologia e com nosso critério houvéssemos de classificar a corrente aludida – e sem que isso importe em corrente de juízo algum – diríamos, que esse feminismo reivindicador de direitos é, precisamente, uma manifestação de “masculinismo” nas mulheres! Que marca e que ambiente de masculinismo, que impressão de virilidade, somática e psíquica, nos deixa um “meeting” de sufragistas ou um congresso feminista!*<sup>29</sup>

Defendendo também as cirurgias de “correção”, Lagos García afirma que em muitos casos de dúvida sobre o sexo da criança, é a cirurgia quem vai dar a “determinação certa do sexo”. Em outras palavras, o sexo que não se consegue descobrir pode (e, para o autor, deve) ser construído cirurgicamente. Desta maneira, literal e explicitamente, cria-se o “verdadeiro” sexo. E quase se contradizendo, mais à frente no texto, ao discutir o problema do casamento,

---

<sup>29</sup> Idem, ibidem, págs. 421 e 459 respectivamente.

afirma: *como poderia a lei considerar estes seres que não são nem serão homens nem mulheres?*<sup>30</sup>

Em 1929, o médico espanhol Gregório Marañoñ escreve *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, tendo como referência, além dos autores clássicos da área, o próprio Lagos García. Seguindo a tradição destes estudos, o autor afirma que o homem e a mulheres perfeitos não existem, e todos possuímos graus maiores ou menores de mistura entre os sexos: *o masculino e o feminino não são valores terminantemente opostos, e sim graus sucessivos de desenvolvimento de uma função única, a sexualidade, que entre a infância e a velhice – na qual está apagada – se acende durante o período central da vida, com diferenças puramente quantitativas e cronológicas de um sexo a outro.*

Aqui, o hermafroditismo é apenas um dos possíveis estados intersexuais, que o autor define como: *aqueles casos que coincidem, em um mesmo indivíduo – seja homem, seja mulher – estigmas físicos ou funcionais dos dois sexos; seja mesclado em proporções equivalentes ou quase equivalentes; seja, e isto é muito mais freqüente, com indiscutível predomínio do sexo legítimo sobre o espúreo.*

Também não divide hermafroditas em pseudos ou verdadeiros, mas sim em esboçados ou completos, pois a princípio, ambos são “verdadeiros” embora os segundos sejam considerados “*verdadeiras monstruosidades*”<sup>31</sup>. Ora, esta expressão indiretamente nos faz sugerir que até os monstros (sejam lá eles quem, ou o que forem) podem entrar no jogo classificatório da verdade ou mentira.

A certeza da “era das gônadas” já estava passando e a medicina reconhecia há um tempo a grande e importante influência dos hormônios masculinos no organismo da mulher e vice-versa. Apesar dos detalhados estudos científicos sobre tais elementos químico-corporais, a categoria “hormônios” recebe uma grande carga interpretativa como substância quase mágica, apta a explicar todas as dúvidas não totalmente esclarecidas entre comportamentos, sensações, sentimentos e idéias, redimensionando em grande parte o antigo conceito de “humor”, substância orgânica materializada,

---

<sup>30</sup> Idem, ibidem, p. 581

<sup>31</sup> Idem, ibidem, págs. 1, 4 e 75 respectivamente.

referente e profundamente influente nas “paixões” da alma. Ainda assim, seja via gônadas ou hormônios, a busca pelo “verdadeiro sexo” não termina, ao contrário, ela é reforçada. O que mudou agora foi a maior graduação que pode haver entre o masculino e o feminino sob o sexo “legítimo” da pessoa. O objetivo do livro, como dos outros, é reconhecer, prevenir ou tratar os tais “estados intersexuais” do modo mais rápido e eficaz possível.

Entre os caracteres sexuais funcionais da mulher estão: instinto de maternidade, orgasmo lento e desnecessário para reprodução, maior sensibilidade emocional e menor disposição intelectual, além de sua libido dirigida para o homem. Da mesma forma, a libido masculina é considerada “naturalmente” dirigida para a mulher, o orgasmo é rápido e necessário, a sensibilidade afetiva mostra-se menor e a habilidade para a abstração mental e criativa apresenta-se mais intensa, acompanhando sua “natural atuação social”<sup>32</sup>. Um ponto importante a relembrar é que estas são obras escritas em sua maioria por cirurgiões e endocrinologistas, não por psiquiatras.

A masturbação, uma maior libido e o próprio orgasmo na mulher mostram-se para o autor como sinais de intersexualidade, pois estas são características quase que exclusivamente masculinas. Já a falta de patriotismo é vista como uma marca típica feminina. Apesar das misturas entre os sexos serem algo claramente inconveniente, Marañón também afirma que a intersexualidade pode ser um incentivo ao erotismo, sempre visando, claro, à procriação da espécie<sup>33</sup>.

Uma parte extremamente curiosa deste livro é a análise que o autor faz da função dos cabelos. Utilizando várias páginas sobre o tema, afirma que os cabelos do homem nunca passam do ombro; a calvície masculina tem “a dignidade de um verdadeiro caráter sexual” por sua “predileção pelo sexo viril”; os longos cabelos compridos da mulher têm como objetivo a atração erótica e, sobre a moda entre as moças da época, esclarece: *é oportuno, além do mais, acrescentar, com relação ao cabelo curto da mulher, que seu verdadeiro sentido não é como se crê, de uma tendência virilista. É certo que a aparição desta moda coincidiu com o grande avanço do feminismo durante a guerra européia e os primeiros anos do pós-guerra; e que se encaixava dentro de um*

---

<sup>32</sup> Idem, ibidem, p. 9

<sup>33</sup> Idem, ibidem., p. 65

*conjunto de detalhes da anatomia e da indumentária, revelando-se de uma clara inclinação perversa. Mas aparte às razões de comodidade e economia que supõem para a mulher o cabelo curto, e que influíram seguramente em sua duração, o verdadeiro sentido desta mutilação sexual não é tanto a tendência virilóide e sim a aspiração juvenil.*

Evocando a já ancestral idéia de que a mulher é uma versão inferior do homem, mas agora justificando pela interpretação biológica, Marañón argumenta sobre a “hipoevolução morfológica” do sexo feminino: *portanto, só privando a mulher de sua maternidade durante um número considerável de gerações, poderia acontecer a quimera, que alguns crêem razoável, de que seu organismo se igualasse ao do homem. Mas como muito antes de acontecer este resultado a Humanidade haveria desaparecido, eis aqui porque o sonho de certos feministas, alheios à biologia, não se realizarão jamais.*

Com base no evolucionismo darwinista, argumenta que a intersexualidade é uma regressão para a espécie humana e um entrave no desenvolvimento do indivíduo. E desta forma, conclui: *o estudo da sexualidade morfológica indica claramente que a mulher se encontra detida em um estado de hipoevolução com relação ao homem, verdadeira forma terminal da sexualidade; em uma posição intermediária entre o varão e o adolescente*<sup>34</sup>. Para o autor, a evolução da espécie se dá com a eliminação das formas intersexuais e acentuação das diferenças entre cada sexo, sempre no sentido do feminino para o masculino. Neste futuro ideal, homens e mulheres serão completamente distintos e, assim, facilmente reconhecíveis como tal, estando livres das fantasmagorias causadas pela não diferenciação sexual.

Assim, alguns dos elementos mais importantes para a questão dos hermafroditas neste período, e que continuarão pelo século XX, podem ser resumidos nos seguintes pontos: a busca pelo “verdadeiro sexo” (onde e como reconhecê-lo), o debate em torno das nomenclaturas usadas, tais como *hermafrodita verdadeiro, hermafrodita masculino, hermafrodita feminino, pseudo-hermafrodita (externo, interno ou completo), androginóides, ginandróides, intersexual (virilóide ou feminóide), hemi-intersexual, bissexual* (não como orientação sexual, mas como possuindo os dois sexos em um só

---

<sup>34</sup> Idem, ibidem, págs. 24, 42 e 43 respectivamente.

corpo), *hermafrodita psíquico, deformado sexual, transfigurado sexual*, que variam de médico para médico e causam uma certa instabilidade conceitual, (pois o que é o verdadeiro hermafrodita para um doutor pode não o ser para outro) e, finalmente, a questão do status civil destas pessoas e sua relação com o casamento e a vida sexual.

Outro dado importante: apesar do moderno pseudo-hermafrodita ter se naturalizado, biologizado e não mais ser visto como referência ao mundo mágico-espiritual, a religião não abandonou esta discussão por completo. Se até o século XVIII o antigo hermafrodita estava envolto diretamente nas questões metafísicas, e o novo pseudo-hermafrodita torna-se uma questão puramente científica, com esta mudança a Igreja perde muito de sua legitimidade para discutir tal questão. Ainda assim, esta não abre mão de um dos seres mais caros à religiosidade ocidental quando o assunto é sexo e/ ou gênero. Sem interferir no discurso médico, passa a debater então o tema do matrimônio envolvendo casos de hermafroditismo e tal situação perante Deus (e seus representantes humanos).

Apenas dois exemplos, não tão antigos, ajudam a esclarecer o assunto. Seguindo um debate nascente no início do século XIX, o médico francês Leon Cerf escreve em 1940 o livro *Les indécisions du sexe*<sup>35</sup>, no qual inicia com um desenho de Adão e Eva no Paraíso, com ambos possuindo as duas genitálias, e afirma logo no primeiro capítulo que Adão era hermafrodita. Em toda a primeira parte da obra, refere-se a seu livro de 1932 chamado *De la Bible à l'embryologie moderne*, em que mostra como esta ciência e o Gênesis bíblico estão em conformidade um com outro. E, não por acaso, entre o chamado “infantilismo” decorrente de um estacionamento da evolução sexual, encontram-se os “anões” e “gigantes”, evocando novamente antigas figuras lendárias agora patologizadas.

Em 1947, o “Movimento internacional dos intelectuais católicos” organiza uma série de conferências que serão publicadas (com reedição) sob o título *Les états intersexuels*<sup>36</sup>. Neste evento, cujo foco de interesse maior, mas não o único, é a questão da homossexualidade como uma forma de intersexualidade,

---

<sup>35</sup> CERF, docteur Léon, *Les indécisions du sexe*, op. Cit.

<sup>36</sup> LHERMITTE, J. (et. all), *Les états intersexuels*, Paris, P. Lethielleux éditeur, 1950

a questão do matrimônio civil e religioso entre pessoas do mesmo sexo, seja biológico, seja psíquico, é debatida com ardor - e fé.

Vários autores entre médicos, padres, psiquiatras e psicanalistas discutem as funções sexuais e do casamento e principalmente, as funções sexuais dentro do casamento. Muitas posições são divergentes, mas o importante é realçar que este tipo de discussão não foi abandonado pelo campo religioso, como mostram alguns dos títulos dos textos deste livro: *O casamento dos hermafroditas*, seguido de uma *Nota teológica*; *Os problemas que nos coloca a moral sexual* e *Passagem do anjo sobre Sodoma*, entre outros. Os livros de Lagos García e Marañón estão como referências e citações constantes nestes trabalhos.

Como esclarecem Dreger e os médicos estudados, já desde o século XIX o grande receio para com essas pessoas é que, por sua condição dúbia, elas tenham abertas as portas da vida matrimonial e sexual com pessoas do mesmo sexo. Este se torna um debate extremamente sério, pois tal situação representa o perigo que corre a sociedade se os médicos não souberem identificar o verdadeiro sexo.

Muitas vezes, para tais doutores, pessoas consideradas “pseudo”-mulheres (ou seja, mulheres que possuíam gônadas masculinas, então consideradas na “realidade” como homens), casam-se com outros homens ou vice-versa. Além do que, mesmo que a esposa se reconheça mulher e ame e deseje seu marido como numa relação heterossexual, a rigor, esta seria uma relação homossexual! E novamente nestes casos, o exercício da medicina é evocado como uma maneira de proteger a sociedade do que é visto como uma ameaça para a instituição mais preciosa da moderna cultura ocidental: a família burguesa.

Entre caracteres sexuais, secreções hormonais, “natureza humana”, instinto, libido e vários outros elementos evocados para demarcar as diferenças entre homens e mulheres, surgem os conceitos de “inversão” sexual, e os “hermafroditas psíquicos” - junto a uma série de termos criados no período como *uranistas*, *terceiro sexo*, entre vários outros. É curioso como são os cirurgiões e endocrinologistas que forjam estas idéias, nas quais os recentes psiquiatras e psicólogos vão basear suas teorias.



Como vimos, as diferenças pressupostas entre o que é feminino ou masculino passam a ser buscadas insistentemente no corpo humano. Os limites do Gênero são organizados no discurso científico, redimensionando-os em torno do lócus fisiológico, com o foco no sexo genitalizado. Da mesma forma, todas as questões culturais ligadas a este debate são discutidas via biologia e medicina. O que até o século XVIII se apresentava como um bloco único entre aparência, comportamento, posição social, roupas e mesmo espiritualidade, com o auge da separação científica entre corpo e mente, assim como a idéia de hermafroditismo, também vai se fragmentar e, principalmente, subjetivar.

## A interiorização do hermafrodita e o surgimento da “inversão” sexual

*Todo ser humano, no caso mais favorável, é um intersexual rudimentar*<sup>37</sup>.

*A antiga sociedade de corte, levando ao máximo a sua lógica, via na aparência a própria “essência” da pessoa. Não era uma valorização da forma em detrimento do conteúdo, do fútil contra o importante. Para a cultura nobre européia, a forma expressava o conteúdo e a aparência era a própria essência. Apenas com a gradual ascensão da burguesia associada à nova sensibilidade do movimento romântico do século XIX, ocorre a ruptura entre “vida interior” e “aparência externa”<sup>38</sup>. Da mesma forma, surgiu também durante os séculos XVII e XVIII aquilo que o sociólogo Collin Campbell analisou em seu livro *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*<sup>39</sup> como a gradual transformação de sensações em emoções, ajudando a criar a nova sensibilidade burguesa e a importância conceitual do chamado “mundo interior” ou psíquico dos indivíduos com a conseqüente separação conceitual entre “essência” e “aparência”, típica da cultura moderna.*

---

<sup>37</sup> Mathes, *apud* MARAÑÓN, Gregorio, *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, op. Cit., p. 3

<sup>38</sup> LEITE Jr, Jorge, *Das maravilhas e prodígios sexuais*, São Paulo, Annablume / Fapesp, 2006, p. 201

<sup>39</sup> CAMPBELL, Collin, *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*, Rio de Janeiro, Rocco, 2001

Não por acaso, a temática da razão, que como visto teve grande influência na emancipação feminina nas cortes européias iluministas, no século XIX será associada via psiquiatria quase que exclusivamente aos homens, enquanto a mulher irá encarnar a emotividade. A capacidade racional que aludia Descartes, comum a homens e mulheres, associa-se agora especialmente à masculinidade, perde relevância quanto à feminilidade e cede lugar, neste caso, a uma emotiva psique maternal.

Esta é uma concepção organizada por um campo predominantemente masculino no período, o científico, que visa dentro da nova ordem político-social burguesa, a manutenção de certos privilégios, circunscrevendo as mulheres em seus lares visando reproduzir e gerenciar o universo privado e afetivo da família e do “lar”, cabendo ao homem a conquista heróica e estratégica do espaço público “desumanizado” e racional, ao mesmo tempo em que, por criar estruturas rígidas de gênero, também limita, coage e muitas vezes vitimiza os próprios homens, pressupostos detentores do padrão regulador masculino<sup>40</sup>.

Apesar disso, o historiador Peter Gay mostrou como, na vida concreta e cotidiana de grande parte das pessoas envolvidas por este discurso cultural, dentro do campo da vivência sexual e das atribuições dos papéis de gênero – tais como a emotividade e maternidade femininas ou a predominância racional e a autonomia afetiva masculinas – não se encontravam a atualização imediata destes ideais, sendo estes constantemente questionados, subvertidos ou ignorados, como o autor nos mostra em seu livro *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos*<sup>41</sup>.

Assim, idealmente, mas com justificativas em argumentos biomédicos, ocorre uma super-valorização do homem como o “macho” reprodutor insaciável, sempre em busca de uma oportunidade inconsciente e/ ou genética de gerar descendentes, enquanto a “fêmea”, segundo o modelo universalizante burguês, busca a segurança do lar e a ternura da maternidade. *O lugar-comum da psicologia contemporânea - de que o homem deseja o sexo e a mulher deseja relacionamentos – é a exata inversão das noções do pré-Iluminismo*

---

<sup>40</sup> BOURDIEU, Pierre, *A dominação masculina*, op. Cit.

<sup>41</sup> GAY, Peter, *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: Vol. 1 A educação dos sentidos*, São Paulo, Companhia das letras, 1999

que, desde a Antiguidade, ligava a amizade aos homens e a sensualidade às mulheres<sup>42</sup>.

Alcançando um processo que se iniciou no Renascimento, o individualismo, agora uma poderosa expressão da consciência burguesa, encontra sua morada no físico e na mente. Para cada pessoa, um só corpo com uma só psique, totalizando um ser com características únicas e inalienáveis. Cada humano agora é um indivíduo, possuindo uma “identidade”, mesmo que não saiba ou entenda o que significa isso.

Os monstros, graças à naturalização e patologização do discurso sobre eles, passam da matéria física para a psique. Nascem os teratas e seus irmãos com a antiga “monstruosidade” interiorizada: os anormais. Gradativamente saem do auge das discussões acadêmicas os “aleijões”, “deformados” e “degenerados” como o Homem-Elefante, a mulher barbada ou a criança-diabo e ganham as atenções e prestígios científicos os psicopatas, maníacos, histéricas, perversos e pervertidos.

Assim, o antigo hermafrodita é interiorizado, enquanto nasce o pseudo-hermafrodita da teratologia. Agora, a culturalmente incômoda ambigüidade sexual passa a ser buscada no fundo da psique, já que da carne ela é gradativamente desalojada. Vejamos como isso ocorre.

Uma das grandes discussões do século XVIII é sobre a “natureza humana”. Quais são os princípios, limites e possibilidades de uma pressuposta “essência natural” nas pessoas? Esta é uma das mais férteis discussões filosóficas do período, que vai estimular as reflexões dos filósofos mais distintos, como Rousseau e Sade<sup>43</sup>. No século XIX, os estudos médicos da ciência sexual, como a tradição filosófica–espiritual anterior, vão mostrar que homens são “naturalmente” atraídos por mulheres e vice-versa, agora justificando tal conceito não mais por argumentos filosóficos, mas médicos e biológicos. Isto é muito importante: na batalha por criar as “naturais” e “verdadeiras” diferenças e características masculinas e femininas, o desejo “natural” pelo chamado sexo “oposto” será um elemento fundamental para tal distinção.

---

<sup>42</sup> LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, op. Cit., p. 15

<sup>43</sup> MORAES, Eliane Robert, *Sade, A Felicidade Libertina*, Rio de Janeiro, Imago, 1994

Esta lógica, mesmo nesta versão moderna, possui origens muito mais antigas e pode ser resumida, *grosso modo*, da seguinte maneira: se a pessoa nasceu com pênis, logo é homem, logo sente atração sexual por mulheres. Se a pessoa nasceu sem pênis, logo só pode ser mulher e sentir desejo por homens<sup>44</sup>. Sexo, gênero e desejo mostram-se assim indissociavelmente unidos. Desta forma, seres humanos com atração por outros do mesmo sexo/gênero, possuem algum tipo de anomalia, desvio ou degeneração. A energia sexual apresenta-se “invertida”. E esta seria uma das mais marcantes características psíquicas de hermafroditismo ou intersexualidade, embora as alterações e estranhezas do corpo físico também poderiam determinar “desvios” no campo sexual, moral e até estético.

Conforme Dreger, em 1892, médicos franceses examinaram o caso de Louise-Julia-Anna, uma pessoa que se considerava e vivia como mulher. Durante as análises clínicas, descobriram que ela possuía testículos e um pequeno pênis. Para os doutores, Louise era um homem. Mas o que mais os chocou foi o fato de que ela só sentia atração sexual por homens. Ora, para a medicina o que definia os desejos em matéria de sexo era justamente o aparato reprodutor. E se Louise possuía testículos, logo era homem; logo deveria gostar de mulheres. Mesmo ela tendo sido criada e vivendo a vida toda como mulher, o que se esperava era que se interessasse pelo sexo “oposto” a seu sexo “verdadeiro” (para a ciência, o testicular, o masculino). Ao não encontrar tal padrão, um dos médicos conclui que a paciente era *verdadeiramente um ser teratológico tanto moral quanto físico*<sup>45</sup>.

Novamente, a velha idéia de monstro assombra o discurso científico, enquanto uma “crise de identidade” é gerada na vida de tal pessoa<sup>46</sup>. Para Louise, ela era mulher, mas para os médicos, era homem, ou um pseudo-hermafrodita masculino. Afinal, quem estaria com a razão sobre o “verdadeiro” sexo neste caso? No meio deste embate pela autoridade sobre a própria “identidade” e os conceitos científicos, o fantasma do antigo hermafrodita volta a se manifestar: Louise era ao mesmo tempo mulher (para si mesma e seu universo social) e homem (para a medicina)!

---

<sup>44</sup> FALCONNET, Georges e LEFAUCHEUR, Nadine, *A fabricação dos machos*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977, p. 26

<sup>45</sup> DREGER, Alice Domurat, *Hermaphrodites and the medical invention of sex*, op. cit., p. 111

<sup>46</sup> Idem, ibidem, p. 115

Entre as décadas de 1860-70, o advogado, teólogo e historiador alemão Karl-Heinrich Ulrichs escreve vários textos ajudando a lançar as bases da primeira onda do movimento homossexual. Em 1862, descrevendo a si mesmo como um “terceiro sexo”, considera quem sente atração sexual por pessoas do mesmo sexo, como possuindo uma “alma de mulher em corpo de homem”. Para definir estas pessoas, cria o termo “uranismo”, derivado da Vênus Urânia descrita por Platão em *O banquete*.

Apesar de não se considerar um hermafrodita, este reformador social baseou muito de suas teorias no estudo de tais pessoas. E, principalmente, suas teses irão influenciar os trabalhos sobre hermafroditismos e intersexualidade – sendo este último, muitas vezes, um termo usado como sinônimo de homossexualidade<sup>47</sup>.

Assim, em 1911, outros dois médicos franceses, Samuel Pozzi e Valentin Magnan, apresentam à Academia de Medicina em Paris um estudo sobre a “inversão do senso genital”, o que hoje chamaríamos de homossexualidade. Neste trabalho, citam o episódio de um senhor casado, que viveu grande parte da vida nesta situação e sempre se considerou homem - inclusive sua esposa também o considerava assim. Nele, encontraram um ovário no interior do corpo. Assim, o sujeito foi considerado pelos médicos-cirurgiões como um “hermafrodita feminino”.

Como seu sexo tido por “verdadeiro” foi designado feminino, e tal pessoa sentia atração sexual por mulheres, o caso foi interpretado como *um cérebro de homem em corpo de mulher*. Percebe-se aqui a influência das idéias de Ulrichs mas, sendo este um texto médico, a espiritualizada idéia de “alma” foi substituída pelo concreto e clínico conceito de “cérebro”. Como afirma Dreger, *hermafroditas “homossexuais” seriam aqueles que amam pessoas do mesmo sexo gonada*<sup>48</sup>.

Esta mesma discussão é feita pelo cirurgião Lagos García concluindo que, muitos homossexuais, na realidade não o são. Ocorre que, ignorantes de seu “verdadeiro” sexo, pois possuem algum grau de hermafroditismo, não percebem sua força psíquica “natural” se manifestando em forma de desejos

---

<sup>47</sup> Idem, ibidem, p. 136

<sup>48</sup> Idem, ibidem, págs. 128 e 129 respectivamente.

apenas aparentemente contrários<sup>49</sup>. Testículos procuram ovários e vice-versa. Em pessoas “saudáveis” e sem o “instinto”, a “natureza” ou a “libido” pervertidas, isso ocorre mesmo sob as “ambigüidades sexuais”.

Ao analisar indivíduos que sentem atração afetivo-sexual por outros do pressuposto mesmo “sexo”, Lagos García chama-os de *verdadeiros hermafroditas psico-somáticos*. Apesar de, como todos os médicos da época, o autor não mais utilizar a idéia de um “verdadeiro” hermafrodita fisiológico (a não ser, como já explicado, no raríssimo caso de possuir gônadas ovotestis), evoca novamente este conceito para referir-se ao campo psíquico. Desta maneira, dentro do conceito de “inversão” sexual, passa a residir agora o “verdadeiro” hermafrodita.

Com relação à *transfiguração sexual masculino-feminiforme*, discutindo a união corpo-mente nestes casos, este médico conclui: *se a todas as deformidades anatômicas genitais que caracterizam o pseudo-hermafroditismo masculino completo, se agregam a feminilização dos caracteres sexuais secundários e a homossexualidade (pseudo-hermafroditismo universal de Halban), poderá conceber-se até que ponto chega esta transfiguração sexual. O “homem” ficará reduzido a suas glândulas sexuais e suas vias de excreção; a “mulher” constitui o resto, compreendendo não somente o “soma” destes indivíduos, mas também sua “psique”<sup>50</sup>. Ou seja, de “homem”, restaria apenas os testículos, pois todo o resto do corpo e da mente da pessoa seria de “mulher”. Para o autor, é claro que esta é uma forma de involução para a pessoa. Com base em argumentos bio-psíquicos, este médico expressa o medo da perda de distinções e privilégios masculinos histórica e culturalmente estabelecidos por uma possível “inversão” de papéis.*

Já Marañón acredita que masculino e feminino são apenas graduações do organismo mas, como no antigo paradigma de um sexo com dois gêneros, deixa claro que o masculino é superior, mais evoluído, mais perfeito e sempre preferível ao feminino. *A feminização do homem é um fenômeno regressivo, poderíamos dizer negativo; enquanto que a virilização da mulher é um fenômeno que, aparte seu caráter patológico, poderíamos chamar progressivo; de certo modo, positivo.*

---

<sup>49</sup> GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, op. Cit., p. 496

<sup>50</sup> Idem, *ibidem*, págs. 476 e 413 respectivamente.

Em seu livro, no capítulo XIII: *a homossexualidade como estado intersexual*, explica que os hormônios não são a única influência nos caracteres sexuais, sendo necessário levar em conta o campo psicológico da pessoa e que, no caso da homossexualidade, *a forma mais escandalosa de intersexualidade*, tal “transtorno” é muito mais funcional do que anatômico. Assim, mais um passo foi dado para a subjetivação do hermafrodita que, da concretude fisiológica passa cada vez mais para a sutileza psíquica. Aqui, a atração erótica por pessoas do mesmo sexo mostra-se não uma “perversão” (no sentido de “desvio”) do desenvolvimento biológico, mas sim da “função” sexual.

Menos como um acréscimo do conhecimento “objetivo” em termos científicos sobre os caracteres “verdadeiramente” masculinos ou femininos, estas novas interpretações demonstram também a fragilidade e conseqüente abandono da categoria “hormônio” como elemento químico universal capaz de explicar, de acordo com o tipo de substância específica e sua quantidade, as várias e possíveis manifestações dos caracteres sexuais.

Ao analisar as *intersexualidades funcionais secundárias (psíquica, afetiva, etc)*, no caso a *inversão psicológica do homem*, Marañón reafirma, inclusive, um dos conceitos mais tradicionais de masculinidade que, décadas depois, será extremamente questionado: *muito justamente se diz ao garoto, desde seus primeiros anos, que “homens não choram” (...) O choro tem um inegável acento feminino. Quase todas as mulheres choram com uma facilidade inacessível aos homens. Até as piores atrizes estão bem nas cenas em que têm que chorar*<sup>51</sup>.

Vemos neste texto de 1930 algo que no fim do século XX será considerado um preconceito masculino de ordem quase moral, ser apresentado como uma “função” secundária da organização biológica feminina. Se o homem não deve chorar, é porque esta característica pertence inerentemente à mulher. Desta forma, o homem que chora denuncia um sinal de “intersexualidade”, ou seja, interferências indevidas de um sexo sobre outro. O curioso aqui é perceber como o próprio autor, apesar de acreditar em uma base “inata” entre a facilidade de a mulher chorar e sua anormalidade no homem, reforça a idéia

---

<sup>51</sup> MARAÑÓN, Gregorio, *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, op. Cit, págs. 125, 238 e 171 respectivamente.

de que é necessário educar desde cedo os meninos para não chorarem, denunciando mesmo sem o querer, o caráter de construção cultural de tais comportamentos e suas interpretações.

No mesmo sentido, o autor afirma que homens que têm traços psíquicos femininos e possuem *uma complacência que chega a limites inverossímeis – por exemplo, tolerar, como com frequência ocorre, a infidelidade da esposa – são sem exceção, homens de virilidade diminuída* [podendo isto chegar a] *segundo os psicanalistas, (...) um acento marcadamente homossexual, pelo qual representa a tendência sexual por outro homem através da mesma mulher*<sup>52</sup>. Aqui, o homem que não cumpre as expectativas culturais de masculinidade pode ter seu status social gravemente abalado, chegando a ser estigmatizado cientificamente como um homossexual e, no caso, um ser inferior porque próximo à feminilidade.

Gradativamente, durante a primeira metade do século XX, o conceito de um “verdadeiro sexo” encontrável em algum órgão do corpo ou função fisiológica vai sendo substituído pela idéia de um “sexo prevalecente” que, assim, torna-se então o “verdadeiro”. A regra então para descobrir este sexo em alguém já adulto ou pelo menos não mais bebê passa a ser a composição do “todo” de uma pessoa e o que mais a equilibra para o lado feminino ou masculino, envolvendo gônadas, caracteres e funções sexuais e, cada vez mais, a influência psíquica.

Como exemplifica este texto de um cirurgião francês escrito em 1939, com citações e referências a Lagos García e Maraón: *O sexo verdadeiro não existe. O sexo verdadeiro é uma palavra atrás da qual se escondem os erros de interpretação. Portanto, o sexo verdadeiro é o grande argumento de todos aqueles que se opõem às melhoras que a cirurgia pode fornecer aos seres ambíguos que são os hermafroditas (...) Em definitivo, repetimos mais uma vez, o sexo de um indivíduo resulta de um balanço (...) É da aproximação destes méritos, deste balanço que resulta a apreciação, pelo cirurgião “conhecedor e prudente”, do sexo que prevalece no sujeito*<sup>53</sup>.

Percebe-se que o modelo de um sexo com dois gêneros reconhecidos por seu grau de evolução não foi totalmente abandonado, mas tornou-se

---

<sup>52</sup> Idem, ibidem., p. 168

<sup>53</sup> OMBREDANNE, Louis, *Les hermaphrodites et la chirurgie*, op. cit., p. 36; 37



mesclado ao novo padrão, seja com o discurso biológico, seja com o psicológico. Apesar de o paradigma dominante desde o século XIX ser o de dois corpos e dois gêneros distintos, o antigo modelo ainda influencia esta visão.

Na verdade, este antigo modelo de interpretar corpo/ gênero não desapareceu completamente e, ao se unir ao discurso moderno, transformou-se em um modelo híbrido. Neste processo, corpo e mente separaram-se gradativamente em campos médicos autônomos, tanto via cirurgiões e endocrinologistas quanto via ciências da psique. Mas os limites entre biologia e cultura continuam insistentemente a influenciar, questionar e transformar tais pessoas, mostrando que não existe tal separação entre natureza/ cultura ou corpo/ psique, sendo esta apenas uma estratégia discursiva para “naturalizar”, ou seja, tornar atemporal, universal e politicamente inquestionável determinadas estruturas conceituais que organizam o que pode ou não ser classificado como “natureza” ou “cultura”<sup>54</sup>.

Ressalte-se que a discussão entre os limites do sexo / gênero e suas expressões somático-psíquicas tornaram-se incrivelmente mais complexas porque mais confusamente misturadas. Um resultado exatamente oposto ao que tais doutores, ao inventarem toda uma nova série de tecnologias e teorias, desejavam e previam.

Como analisou Dreger, à medida que o antigo “hermafrodita” vai sendo desacreditado pela medicina, dando lugar ao atual “intersexual”, surge no mesmo período e ganha cada vez mais espaço o “homossexual” e suas infinitas variações<sup>55</sup>. Sobre este mesmo processo histórico, afirma Foucault: *a homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie*<sup>56</sup>.

---

<sup>54</sup> BUTLER, Judith (b), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003

<sup>55</sup> DREGER, Alice Domurat, *Hermaphrodites and the medical invention of sex*, op. cit., p. 153

<sup>56</sup> FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*, op. Cit., p. 44

### III

## O hermafrodita psíquico e o nascimento do moderno “travestismo” sexual

### Os hermafroditas psíquicos entre os “perversos” e os “pervertidos”

*É fácil de compreender que é o costume que nos faz parecer natural o que não o é<sup>1</sup>.*

Durante a invenção do hermafrodita moderno, ou mais precisamente do pseudo-hermafrodita no século XIX, os cirurgiões e médicos mais voltados para o *soma* do indivíduo, criam lentamente a idéia de um hermafroditismo “completo” que perde seu lugar no corpo e passa a se alojar na mente. O “verdadeiro hermafrodita” fisiológico torna-se cada vez mais raro. Os traços de indefinição entre homens e mulheres migram para a psique como o último grau de uma sutil mistura entre os sexos, principalmente na questão do chamado “instinto” sexual e, desta forma, nasce o “hermafrodita psíquico”, com sua referente (psico)patologia.

É sobre este frágil e recente conceito que as então recentes e também frágeis ciências da psique vão se desenvolver e apoiar para discutir os limites entre masculino e feminino. Uma nova ciência para uma nova sociedade, uma nova psique para um novo corpo, novos conceitos para novos limites e novas transgressões para novas normas<sup>2</sup>.

A psiquiatria em especial será o carro-chefe da ciência sexual neste período. Com o fim concreto e oficial das prisões calabouço e Casas de Trabalho (ou Hospitais Gerais) associadas ao Antigo Regime e a consolidação da força político-econômica das prisões e manicômios modernos, o objetivo principal destes primeiros estudos sobre a sexualidade é auxiliar o campo

---

<sup>1</sup> MONTAIGNE, Michel de, *Ensaio, Livro I, cap. XXXVI Do hábito de se vestir*, op. Cit., p. 114

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel, *O poder psiquiátrico*, São Paulo, Martins Fontes, 2006

jurídico a definir onde os antigos “sodomitas” ou “libertinos”, agora “degenerados sexuais”, deverão ser presos: na cadeia ou no hospício<sup>3</sup>. Ao mesmo tempo, estes trabalhos também se constituem como discurso de “defesa” das categorias criadas, naturalizando as questões sexuais e assim, criando uma tensão social entre a criminalidade intencional e comportamentos ou “instintos” vistos como incomuns, mas “naturais”.

É neste sentido que, em 1895, o jurista brasileiro e professor de direito criminal Francisco José Viveiros de Castro, escreve *Atentados ao pudor (estudo sobre as aberrações do instinto sexual)*, embasando-se nos mais importantes sexólogos europeus do período. Segundo a extensa pesquisa feita pelo historiador James N. Green sobre *a homossexualidade masculina no Brasil no século XX*, Castro foi o primeiro estudioso a usar o termo “homossexual” no Brasil<sup>4</sup>.

Em seu livro sobre os atentados ao pudor, o autor aponta, segundo a mentalidade da época, como a criminalidade, o alcoolismo, o suicídio e uma série de problemas sociais estão ligados ao aumento de neuroses individuais e conseqüentes perversões sexuais, todas originadas da *degenerescência agravada pela hereditariedade* de tais fatores. Afirmando que *o caráter brasileiro é propenso a sensualidade e ao amor* e discutindo se isto é fruto da *exuberância do instinto sexual* ou [se] *já estamos na degenerescência*<sup>5</sup>, Castro descreve e analisa brevemente dezoito tipos de “perversos ou pervertidos”, entre eles os necrófilos, os ciumentos e, claro, os hermafroditas.

Em um tratado de medicina legal, voltado para esclarecer e orientar peritos em casos de crimes sexuais, figura novamente o famigerado ser de sexualidade ambígua. Aqui, os hermafroditas estão colocados na ordem do texto logo após a “bestialidade” (sexo com animais), seguidos pelas “tríbadés”, “pederastas” e os “assassinos”. Neste imaginário social, tais pessoas se encontram entre as “monstruosidades” com (e como) animais e as “aberrações” mais sutis de caráter psíquico.

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel, *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes, 1988; FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*, Rio de Janeiro, Graal, 1988

<sup>4</sup> GREEN, James N., *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, op. Cit., p. 113

<sup>5</sup> CASTRO, Viveiros de, *Atentados ao pudor*, Rio de Janeiro, Livraria Moderna, 1895, p. VIII; XI; XII

O autor explica então que o grande problema dos hermafroditas é, justamente pela confusão em relação ao seu *verdadeiro sexo*, acabarem em conventos de freiras sendo homens ou em ambientes masculinos como os meios militares, sendo mulheres. Além do perigo de possíveis estupros e gravidez indesejada, *o erro do verdadeiro sexo, falseando a educação, falsêa também os sentimentos e as idéias, os hábitos e o modo de vida, effeminizando o homem, masculinizando a mulher*<sup>6</sup>, pois Castro também crê que a degeneração física corresponde à degeneração psíquica e moral.

Percebem-se os ecos de um dos debates mais importantes do século XVIII, a questão da “natureza” versus “cultura”; o “espontâneo” contra o “artificial”; a “essência humana” e seus dilemas com a “educação”, exaustivamente discutidos, como já citado, de Rousseau a Sade<sup>7</sup>. O que importa ressaltar é que aqui este tema é principalmente uma questão muito mais médica do que filosófica. Logo, também a educação deve estar orientada pelo princípio biológico sobre a verdade de cada sexo, e a cada sexo, sua verdade essencial e única<sup>8</sup>.

Assim, mesmo a educação, uma das grandes armas civilizatórias burguesas, se mal dirigida, pode desencaminhar meninos e meninas de seus retos caminhos distintos, levando-os a uma indesejável mistura de valores e troca de posições sociais. Em última instância, tais atitudes de “inversão” mental podem causar degeneração orgânica, que por sua vez pode levar ao nascimento de novos seres degenerados tanto na psique quanto no corpo.

Talvez por isso, ao tratar das *tribades*, *sáficas* ou *lésbias*, Viveiros de Castro descreve algumas que na época se encontram na França vestidas com um certo *chic*, usando cabelos curtos, roupas masculinas e agindo com os mesmos modos dos rapazes<sup>9</sup>. Da mesma maneira, analisa *pederastas* com tendências a se vestirem de mulher (enganando assim os homens), outros com impulsos assassinos (não por acaso, o próximo capítulo de seu livro) e, ao comentar sobre o já citado Ulrichs, divulgador da idéia de “uma alma de mulher

---

<sup>6</sup> Idem, ibidem, p. 204

<sup>7</sup> MORAES, Eliane Robert, *Sade, A Felicidade Libertina*, op. Cit., 1994

<sup>8</sup> FOUCAULT, Michel, *O verdadeiro Sexo* in BARBIN, Hercule, *O Diário de um Hermafrodita*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983

<sup>9</sup> CASTRO, Viveiros de, *Attentados ao pudor*, op. cit., p. 217

no corpo de um homem”, afirma que ele *era um caso bem curioso de hermaphroditismo moral*<sup>10</sup>.

Fica evidente então o porquê de hermafroditas estarem em um livro da área jurídica que analisa crimes e criminosos. Os limites entre o que é ser homem ou mulher deveriam ser vigiados e mantidos com a força de uma lei e os atos mais inocentes, voluntariosos ou importantes como a educação, se não bem dirigidos, poderiam levar a uma cadeia de acontecimentos cujo fim, conforme já previsto por Marañón, seria a extinção da espécie humana.

Se antes a mistura conceitual entre homens/ machos e mulheres/ fêmeas poderia causar uma desordem cósmica e conseqüentemente um desarranjo social baseado nos poderes mágico-religiosos, agora esta mescla ainda considerada imprópria se justifica pela naturalização e biologização do discurso apocalíptico, segundo o qual uma pressuposta “natureza” humana estaria se degenerando ou pervertendo. Para ambas as lógicas, se não houver limites claros e rígidos entre homens e mulheres, será o fim do mundo. Desta forma, é forjada toda uma mentalidade tendo por base os tratos com a idéia de “lei” – e conseqüentemente, de penas e punições.

Por outro lado, muitos dos estudos dos pioneiros da “sexologia” usaram as idéias de naturalização para justificar e defender as novas categorias conceituais – e cada vez mais, categorias de “tipos” humanos, como os “homossexuais” ou os “masoquistas”. Os chamados comportamentos sexuais “anormais” eram explicados por estes cientistas em termos de variações inatas e não malignas para o indivíduo ou a sociedade. Como eram características intrínsecas a um tipo específico de pessoa, não mostravam-se passíveis de “cura” e menos ainda de punição legal por ser um desígnio da natureza. Estas são ambas as lógicas que, em constante diálogo, constroem o discurso da “sexualidade” e os conceitos de “perversão” e “perversidade” sexual.

Segundo o médico e sociólogo Georges Lanteri-Laura, em seu livro *Leitura das perversões*, os “desviantes sexuais” são então silenciosamente divididos pela psiquiatria em duas categorias: os “bons” e os “maus”<sup>11</sup>. Para este discurso do período, entre os primeiros estão as pessoas respeitadas por seus bens, capacidades intelectuais e um sobrenome socialmente reconhecido.

---

<sup>10</sup> Idem, *ibidem*, p. 258

<sup>11</sup> LANTERI-LAURA, Georges, *Leitura das Perversões*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994

Eles são objetos de compaixão, compreendidos como infelizes sobre os quais um destino trágico se abateu, muitas vezes de origem biológica e congênita. Para tais indivíduos, são desenvolvidos todos os esforços médicos e jurídicos visando curá-los ou livrá-los das prisões. Os centros de reabilitação, as termas e os balneários contavam com este público. Estes são os perversos.

Já os segundos, sem posses, considerados astuciosos, mas não inteligentes, e cuja imagem é quase sinônimo de marginalidade, são encarados com rigor, receio e desprezo. A ciência considera-os mais próximos do vício que da doença, da perversidade que da perversão, e as faltas por eles cometidas declaram de antemão a condição de culpados, pois acumulam “desvios” com uma vida dita “desregrada” ou trazem na carne os estigmas da degeneração hereditária, fruto de pais também envolvidos em “excessos” de toda ordem. Para eles, os manicômios judiciários, as prisões e a psiquiatria forense. Estes são os pervertidos.

Assim, a “perversão” delineia-se como uma doença e a “perversidade”, como um vício. Ainda para Lanteri-Laura, os tais “perversos” ou “pervertidos” com suas atitudes “extremas e estranhas” são vistos pelos médicos e as nascentes ciências da psique ora como ridículos, ora como monstros. O importante a ressaltar neste caso é que novamente um jogo de oposições é evocado, dividindo os tais sujeitos em vítimas e malfeitores. Segundo este autor, *daí resultou, no final das contas, a separação entre os bons e os maus perversos, e a psiquiatria leiga se afigura, sem grande respeito humano, uma espécie de juízo final médico, onde à esquerda eram dispostos os bodes expiatórios e, à direita, as ovelhas. Os maus perversos foram mostrados como monstros (...) inversamente, os bons perversos mostravam-se atormentados, infelizes, incompreendidos, cheios de hesitação antes e petrificados de remorso depois, vivendo na angústia e no deleite melancólico, desgostosos com eles mesmos e muito distantes do gozo (...) estruturou-se por conseguinte, um campo das perversões em que a medicina, no tocante a uns, denunciava rapidamente o perigo social, e, no tocante a outros, pretendia ser mais compreensiva que a justiça: somente o especialista acreditava possuir o saber que permitia efetuar essas distinções*<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Idem, ibidem, p. 45

Neste sentido, Lanteri-Laura ressalta que a medicalização da temática sexual, e a própria “sexologia” como saber específico, mesmo surgindo unida às ações de reforma social e orientada pela neutralidade positivista, foi também um movimento de moralização sobre este tema, pois, como a nova depositária social da autoridade moral antes monopolizada pela Igreja, a ciência, e em especial a medicina moderna foram conclamadas, aceitando o papel, desde cedo, de demarcarem “cientificamente”, o certo e o errado, o belo e o feio, o bom e o mau.

Segundo Jonathan Ned Katz, em seu livro *A invenção da homossexualidade*, o escritor e reformador sexual Karl Maria Kertbeny, usou pela primeira vez publicamente, em 1869, a expressão “homossexualidade” em um folheto anônimo distribuído na Alemanha contra as leis que proibiam a “fornicação anti-natural”. Já o termo “heterossexual” foi usado pela primeira vez, também na Alemanha, apenas em 1880, ou seja, onze anos depois, no livro de um zoólogo que visava a defesa dos homossexuais<sup>13</sup>.

Interessante ressaltar que, segundo o autor, não apenas os termos “homossexual” e “homossexualidade” surgiram antes que “heterossexual” e “heterossexualidade”, como estes segundos também foram criados para nomear uma “perversão” sexual. Ainda segundo Katz, “heterossexual” significava no início não apenas uma pessoa com apetite sexual “desregrado” e sem fins procriativos, mas, muitas vezes, com inclinações sexuais voltadas para ambos os sexos. Nas palavras do autor, *aqueles heterossexuais eram associados a uma condição mental, ‘hermafroditismo psíquico’*<sup>14</sup>. Ora, novamente vemos a figura do hermafrodita, agora psíquico, ajudar a construir o que mais tarde vai se definir como a “norma” sexual e sua “inversão”.

Como no período, o chamado *homossexual* mostra-se um dos grandes “perversos” da ciência, pois encarnava justamente o máximo da interiorização do questionamento sobre os limites entre masculino e feminino. Rapidamente o conceito de heterossexual vai deixando de ser associado à patologia e firmando-se como seu oposto sadio e normal. É neste processo que vai surgindo a idéia de que homo ou heterossexual são desejos “opostos”, originados de bases biológicas ou “instintos” invertidos.

---

<sup>13</sup> KATZ, Jonathan Ned, *A invenção da homossexualidade*, Rio de Janeiro, Record, 1996, p. 64

<sup>14</sup> Idem, ibidem, p. 32

Ainda para Katz, em 1878 uma revista de medicina italiana publicou pela primeira vez a expressão “*inversione sessuale*”, logo traduzida para o inglês como “*inversão sexual*”<sup>15</sup>. Para justificar o surgimento do “homossexual” - grau último do hermafroditismo psíquico para muitos psiquiatras, como vimos – surge a teoria da “inversão” das “essências” masculinas e femininas. Se no antigo modelo de corpo humano com um sexo e dois gêneros distintos, reconhecíveis por sua “evolução” graduada fisiológica e espiritualmente, a interferência de um gênero sobre outro se apresentava na figura dúbia e ambivalente do hermafrodita, no moderno modelo de dois sexos opostos, cada um com um gênero distinto, a possível mistura entre eles é compreendida como uma “inversão”, ou seja, a pessoa revela-se como um ser “ao contrário” do que se esperava dela.

Neste contexto, uma das obras fundamentais e até hoje importante para os estudos daquilo que entendemos – e vivemos - como “sexualidade”, a *Psichopathia sexualis* de Richard Von Krafft-Ebing, não por acaso, mostra-se um exemplo brilhante da confusa e delicada discussão e distinção entre perversos, pervertidos, corpos degenerados e mentes corrompidas.

*Psychopathia Sexualis* consiste em uma classificação das patologias neuro e psicológicas das funções sexuais com considerações sobre estas, entrecortadas pela narração de 238 casos coletados pelo autor, abrangendo coprofilia, lesbianismo, delírio erótico, necrofilia, bestialidade, entre outros “desvios”, lembrando fortemente os antigos tratados taxonômicos sobre “monstros”. As histórias apresentadas recebem um diagnóstico, um comentário ou uma observação ao final. Sua primeira edição foi em 1886. Depois disso, foi reeditado várias vezes com acréscimos de casos, termos e análises, sendo um sucesso imediato não apenas no meio médico.

Desta forma, este livro tornou-se a “bíblia” dos exemplos de casos sobre perversos e *a sùmula clínica de Krafft-Ebing (...) constituiu para todo o mundo (...) o nível semiológico básico e o grau zero de todas as interpretações*<sup>16</sup>. Logo, muito dos estudos clínicos foram abandonados – pois já se encontravam “exaustivamente” realizados - em prol da ênfase nos esforços teóricos.

---

<sup>15</sup> Idem, ibidem, p. 65

<sup>16</sup> LANTERI-LAURA, Georges, *Leitura das Perversões*, op. cit., p. 137



A classificação contida no *Psychopathia Sexualis* é a seguinte: As neuroses sexuais podem ser: *periféricas*, que dividem-se em sensórias, secretórias ou motoras; *espinhais*, afecções do centro eretor e afecções do centro ejaculatório ou *cerebrais*: (a) paradoxia (excitação sexual independente do processo fisiológico dos órgãos de reprodução); (b) anestesia (falta de instinto sexual); (c) hiperestesia (excesso de instinto sexual) e (d) parestesia (a perversão propriamente dita).

Dentre estas últimas, Krafft-Ebing as explica como: *perversão do instinto sexual, isto é, excitabilidade das funções sexuais por estímulos inadequados*<sup>17</sup>. Elas subdividem-se em: *Sadismo; Masoquismo; Fetichismo e Antipatia Sexual*. É esta última que nos interessa diretamente: a questão da luta pela diferenciação psíquica entre homens e mulheres, seus limites “sadios” e suas aproximações “patológicas”.

Ao explicar a antipatia sexual, ou seja, o conceito geral do qual brotam homossexuais e hermafroditas psíquicos, entre outros, o autor define: *é a total ausência de sentimento sexual em relação ao sexo oposto (...) é uma anomalia puramente psíquica, pois o instinto sexual não corresponde de forma alguma às características sexuais físicas primárias e secundárias. Apesar do tipo sexual plenamente diferenciado e das glândulas sexuais apresentarem atividade e desenvolvimentos normais, o homem é atraído sexualmente por outro homem porque tem, conscientemente ou não, um instinto feminino em relação a ele, ou o inverso*<sup>18</sup>.

Esta definição é extremamente importante, podendo ser vista como uma síntese dos conceitos formados até então. Aqui, unem-se em um mesmo corpo teórico a já completa separação entre o hermafroditismo do “corpo” e da “psique” e a idéia de um instinto sexual natural como uma “essência” humana que acompanha tanto o indivíduo como a espécie, podendo por vezes aparecer “invertida”. Da mesma forma, um homem que possua um “instinto” feminino, ou seja, um instinto de mulher, talvez não seja tão “homem” assim – e talvez, nem tanto “mulher”. Ou seja, este “invertido”, não possui todas as características ditas “masculinas”, pois apesar de organicamente ser considerado um homem

---

<sup>17</sup> KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopathia Sexualis*, São Paulo, Martins Fonte, 2001, p. 7

<sup>18</sup> Idem, ibidem, p. 9

“perfeito”, seu “instinto sexual” é o “feminino”, aquele que deveria estar em uma “mulher”.

Segundo Katz, conceitos ditos “científicos” também poderiam ser usados como formas de ofensas e humilhações sobre os homens e mulheres “falsos” pelos auto-considerados “verdadeiros” representantes da masculinidade ou feminilidade. Assim, o autor exemplifica como personalidades famosas que defendiam o direito das mulheres como a escritora Mary Wollstonecraft ou ativistas do movimento homossexual foram chamados por clérigos e jornalistas da época de *mulheres pela metade, hermafroditas mentais e espécies híbridas, metade homem e metade mulher, que não pertencem a qualquer um dos sexos*<sup>19</sup>.

Novamente, não podemos esquecer que para grande parte da ciência predominante neste período – e para a cultura popular também – não existe a separação atual entre sexo (biologia) e gênero (cultura), sendo os “verdadeiros” homens os “masculinos” e mulheres as “femininas”. Independente do que ser masculino ou feminino possa significar para o período, o importante é que fossem representados e atualizados em conformidades com os sexos considerados correspondentes: homens com masculinidade e mulheres com feminilidade, sendo qualquer perturbação desta equação e linearidade um “desvio”, uma “perversão”.

Toda esta nascente ciência e seus recentes conceitos mostram-se um redimensionamento da lógica da distinção hierárquica social, em especial na discussão entre gêneros sexuais<sup>20</sup>. Esta é uma questão de “ordem”; de adaptação e organização de velhas idéias em um novo mundo. Como o que está mudando é o princípio sobre as diferenças entre homens e mulheres não serem mais embasadas em causas religiosas e morais, mas “naturais” e biológicas, tenta-se manter inalterado o bloco conceitual único entre corpo, mente, aparência (principalmente vestimentas ou marcas físicas), desejos, comportamentos e papéis sociais.

É neste sentido que para a época, principalmente do último terço do século XIX à segunda metade do XX, começa a surgir lenta e discretamente a

---

<sup>19</sup> KATZ, Jonathan Ned, *A invenção da heterossexualidade*, op. Cit., p. 206

<sup>20</sup> BOURDIEU, Pierre, *La Distincion*, op. Cit., 1988

diferenciação entre sexo, gênero, orientação sexual e outras tantas inovações conceituais que apenas mais tarde se desenvolverão.

Krafft-Ebing, trabalha com vários conceitos de “psicopatias” que mesclam o feminino e o masculino. São eles: dentro da sua *Patologia Geral (neurológica e psicológica)*, o *Fetichismo*, no qual uma das variantes é a inversão sexual adquirida através de um fetiche feminino, e a *Antipatia sexual*.

A Antipatia sexual é dividida em: (A) *atração homossexual como manifestação adquirida em ambos os sexos*: 1º grau: *simples reversão da atração sexual*; 2º grau: *perda da masculinidade ou feminilidade* (uma des-masculinização ou des-feminilização<sup>21</sup>); 3º grau: *estágio de transição para a ilusão de mudança sexual*; 4º grau: *ilusão de mudança sexual*; (B) *atração homossexual como manifestação congênita anormal*: *instinto de antipatia sexual congênita no homem*: 1 - *hermafroditismo psíquico*; 2 – *indivíduos homossexuais ou uranistas*; 3 – *efeminação*; 4 – *hermafroditismo* (com traços físicos e psíquicos do sexo oposto, muitas vezes “adquiridos” depois de tanto comportar-se como o outro sexo, mas sem alteração genital ou anatômica alguma); *inversão sexual congênita na mulher*<sup>22</sup>.

Da atração sexual por pessoas do mesmo sexo, ao desejo de usar as roupas do sexo oposto sem intenção erótica homossexual; de considerar-se um “homem em corpo de mulher” ou vice-versa à mudanças fisiológicas decorrentes de um alto grau de “inversão sexual”, os limites entre o masculino e o feminino são questionados e suas transgressões patologizadas. E todas estas infinitas variações, graduações e combinações entre o que é ser “homem” ou “mulher” têm sua origem no recente conceito de “hermafroditas psíquicos”.

O importante é realçar a quantidade de classificações e suas variações sobre as misturas entre os sexos, principalmente psíquicas, que existem neste período: no mínimo nove só neste livro!

Alguns exemplos são bem ilustrativos: o caso 106 narra a história de um jovem açougueiro que vestia roupas femininas para sentir gratificação sexual e não possuía sexualidade “invertida”. Já no caso 128 o paciente diz que viveu uma relação amorosa com outro sujeito *como homem e mulher*. Aqui, faz-se

---

<sup>21</sup> No original em inglês, *eviration and defemination*. KRAFFT-EBING, op. Cit., 1998, p. 195

<sup>22</sup> KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopatia Sexualis*, op. Cit., 1998

presente a idéia de que um casal ou relacionamentos afetivo-sexuais só são inteligíveis entre pessoas de sexo “oposto”. Assim, se um homem convive maritalmente com outro, um dos dois obrigatoriamente terá que ser pensado como mulher. A força deste conceito é tão grande – até os dias de hoje, inclusive – que é o próprio paciente que assim enxerga sua situação. E a ciência compreendia isso por fato.

No caso 133 (*metamorfose psico-sexual*) o paciente tem sentimentos de perseguição e delírios. Após um tempo internado em um hospício, começa a apresentar trejeitos femininos, considerando-se cada vez mais uma mulher. Apesar de Krafft-Ebing levar em conta os fatores psíquicos do caso, atribui muito *da efeminação* do paciente à sua constante masturbação. *Com a contínua e intensa excitação sexual e o excesso de masturbação, o processo de efeminação progredia constantemente*<sup>23</sup>. Esta também é uma visão com origens bem mais remotas: a idéia de que a masturbação enfraquece o corpo e um corpo enfraquecido, conseqüentemente se efeminiza, ou seja, se transforma em mulher, justamente por perder sua “força”. Além da também antiga associação entre desregramento sexual e feminilidade.

## Os casos do húngaro em Krafft-Ebing e do juiz Daniel Paul Schreber em Freud: análises fundantes

*As fêmeas tiram mais prazer do amor, sempre, do que nós, pobres machos - A história de Tirésias*<sup>24</sup>.

Mas o caso mais importante de Krafft-Ebing para este estudo talvez seja o de número 129, o *estágio de transição para a ilusão de mudança sexual*, conhecido a partir da segunda metade do século XX como uma das autobiografias mais completas e antigas sobre “transexuais”. Cabe ressaltar que o conceito de “transexualidade” ainda não havia sido criado. Para o autor de *Psychopathia Sexualis* este é o exemplo de um tipo de alucinação que faz a pessoa crer que está em um corpo sexual errado.

---

<sup>23</sup> KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopathia Sexualis*, op. Cit., 2001, págs. 141 e 167 respectivamente.

<sup>24</sup> OVÍDIO, *Metamorfoses*, op. Cit., p. 60.

É a história de um homem nascido na Hungria que, após a adolescência, passa a se sentir e viver como uma mulher, e assim acredita que o é. A descrição em tom autobiográfico é quase um roteiro do que serão as futuras narrativas das pessoas chamadas transexuais. Os elementos-chave mais importantes para o reconhecimento são a sensação, desde a infância, de não estar bem no corpo masculino, preferindo o feminino (*apenas uma coisa me faltava: não conseguia entender minha própria condição. Sabia que tinha inclinações femininas, mas acreditava ser um homem*); a identificação e atração por roupas, brincadeiras e idéias “tipicamente” de mulher; a noção de uma atração “heterossexual”, ou seja, com o mesmo sexo “genital”, mas de gênero psíquico “oposto”; o sofrimento causado tanto por este sentido de inadequação quanto pelo preconceito; e o desejo de auto-castração para resolução do problema (*tenho o desejo de ser assexuado, ou de eliminar em mim qualquer sexo. Se fosse solteiro, já teria há muito tempo extirpado testículos, escroto e pênis*).

Novamente, retorna-se a idéia de uma “alma feminina em um corpo masculino”. Mas Ulrichs, quando expressou esta idéia, conforme visto, não considerava a si mesmo igual a uma mulher, nem mesmo um hermafrodita. Ele queria dizer que seus desejos eram femininos, ou seja, sua atração sexual era por outros homens iguais a ele, dentro da lógica de que mulheres obrigatoriamente desejam o “oposto” (homens) e vice-versa. Agora o caso é diferente.

Esta pessoa considerada “homem” social e fisicamente (sem qualquer traço biológico de hermafroditismo), compreende a si mesma como uma “mulher”. Não é apenas o desejo ou a atração que estão em questão e sim o auto-reconhecimento de um todo como pessoa sexuada. *Sinto-me uma mulher em forma de homem e, embora frequentemente perceba a forma masculina, isso sempre se dá num sentido feminino*<sup>25</sup>. E o conceito de mulher deste relato é exatamente o dominante no período: meiga, frágil, fraca em raciocínios lógicos e intensa em imaginação, predisposta a doenças e principalmente, portadora de um desejo “instintivo” de maternidade.

---

<sup>25</sup> KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopatia Sexualis*, op. cit., 2001, págs., 148, 156 e 152 respectivamente.

Outro fato é que, quanto ao sofrimento intenso que leva à ânsia pela castração literal como maneira de aplacar a dor psíquica, este parece ter como lógica pressuposta a antiga idéia de que mulher é quem não tem pênis.

Krafft-Ebing, ao analisar o caso, afirma que o “ego” do sujeito conseguiu controlar as anormalidade físicas e psíquicas que o faziam ter tais sensações, mesmo ainda sentindo-se uma mulher. Desta forma, sua *neurose* foi controlada e, principalmente, ele não “perdeu a razão”. *Suas sensações físicas e psíquicas eram absolutamente de mulher, mas seus poderes intelectuais estavam intactos e, assim, ele foi salvo da paranóia*<sup>26</sup>.

Na época, a paranóia já era considerada um tipo de delírio que envolve o sujeito mas que mantém a organização racional e a capacidade intelectual e possui uma lógica própria. O importante desta interpretação é que, apesar do paciente ser considerado tendo um “problema” quanto a sua sexualidade, ele não foi considerado alguém incapaz de atuar racionalmente e, principalmente, nem sofrendo de delírios. Em termos populares, mesmo se considerando uma “mulher em corpo de homem”, o médico austríaco não o considerou “louco”, apenas doente.

Deste caso e sua interpretação nascerá toda uma linha de análise científica que, nas ciências da psique do século XX, ao surgir o conceito de “transexual”, não verão tais pessoas como psicóticos em delírio e, assim, tenderão a ser a favor das cirurgias de transgenitalização, conforme veremos mais à frente.

Em 1897, Havelock Ellis, psicólogo hoje considerado um dos fundadores da “sexologia” moderna, publica *A inversão sexual*, um dos sete volumes de sua série de trabalhos intitulada *Psicologia do sexo*. Este texto foi lançado na Inglaterra, terra do autor, e considerado por um juiz como não tendo valor científico, ofensivo à moral e, assim, condenado a destruição pelas autoridades policiais. A partir de então, o autor resolveu não mais lançar em seu país os próximos volumes de sua coleção (ou novas edições de trabalhos já publicados).

Neste período, os estudos sobre a tal sexualidade “invertida”, dentro do tema maior das “perversões sexuais”, já estavam bem disseminados como o

---

<sup>26</sup> KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopatia Sexualis*, op. cit., 1998, p. 213

próprio autor afirma. Ellis cita e analisa quinze grandes estudiosos sobre o assunto, entre eles Ulrichs, Krafft-Ebing, Hirschfeld (que veremos mais à frente) e mesmo Freud, em livro posteriormente lançado.

Entre os vários tipos de “inversão” que classifica, estão a *homossexualidade* como um termo geral para atração sexual entre pessoas do mesmo sexo, *inversão sexual* para os casos em que esta atração tem origem congênita (como na grande maioria para o autor) e o *hermafroditismo psicosssexual*, em que a pessoa sente atração pelos dois sexos, também conhecido na Alemanha, segundo o autor, como condição *bissexual*. Novamente, vemos a figura do hermafrodita em íntima relação com os conceitos de “homossexual” e baseando muitas das futuras discussões sobre a chamada “orientação sexual”. Mais à frente voltaremos a falar deste autor, pois ele foi um dos que tentou classificar com um novo termo (eonismo) o chamado hoje em dia “travestismo”.

Em 1903, Daniel Paul Schreber publica *Memórias de um doente dos nervos*<sup>27</sup>. Este jurista alemão, que, alguns anos antes, em 1893, chegou a ser nomeado juiz-presidente da Corte de Apelação de Dresden, sofre desde cedo com uma forte expectativa da família por sucesso e prestígio social. De 1884 até sua morte em 1914, passa por três internações em hospitais psiquiátricos com seu quadro mental cada vez se agravando mais. Recebe o diagnóstico de *dementia paranoides*, e como juiz e advogado, passa a questionar sua condição legal de tutelado, visando recuperar sua plena capacidade civil. Com este objetivo, redige de 1900 até o fim de 1902 os vinte e três capítulos mais duas séries de suplementos de suas memórias<sup>28</sup>.

Os delírios de Schreber têm como fundo uma base religiosa, na qual Deus apresenta-se a ele através da manipulação de seu corpo e revelação de seus objetivos. Aprende então uma língua “fundamental” cuja base é o alemão arcaico, entende o sentido da *Ordem do Mundo*, ouve constantemente vozes explicando sobre os raios divinos que atravessam e controlam os nervos humanos, fala sobre a esperança que os seres superiores têm em surgir um novo líder alemão para que este povo não seja excluído das “esferas

---

<sup>27</sup> SCHREBER, Daniel Paul, *Memórias de um doente dos nervos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995

<sup>28</sup> CARONE, Marilene, *Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura* in SCHREBER, Daniel Paul, *Memórias de um doente dos nervos*, op. Cit.

cósmicas<sup>29</sup> e, principalmente, descobre que Deus quer criar outra humanidade através dele, mas para isso têm que transformá-lo em mulher. *É chegado o momento de dar maiores pormenores sobre as vozes interiores, várias vezes mencionadas, que desde então falam ininterruptamente comigo e, ao mesmo tempo, sobre a tendência, a meu ver inerente à Ordem do Mundo segundo a qual em certas circunstâncias é preciso chegar a uma “emasculação” (transformação em uma mulher) de um homem (vidente) que entrou em uma relação ininterrupta com os nervos divinos (raios).*

Aqui é o ponto que interessa. Segundo Schreber, Deus pretende engravidá-lo como a virgem Maria. Mas, sendo ele homem, antes deve ser emasculado para assim tornar-se mulher. Neste processo, que gradualmente vai se tornando realidade para o juiz, ele percebe concretamente seu corpo adquirindo as formas femininas como seios e vagina, chegando a acreditar-se grávido. Da mesma maneira, percebe a mulher como um elemento extremo de potencialidade afetiva e principalmente sexual. *A beatitude masculina ficava um grau acima da feminina; essa última parece constituir-se predominantemente em um sentimento ininterrupto de volúpia<sup>30</sup>.*

No mesmo sentido, acredita que, pela necessidade da procriação passar por um ser tão voluptuosamente inferior como a mulher, esta só pode ser tratada com desprezo, humilhação e violência. Inclusive pelo próprio Deus que o controla, chegando a, no fim da vida, fazer discursos agressivos e misóginos e tomar atitudes envolvendo fezes e urina, com a escatologia tornando-se um tema constante<sup>31</sup>.

Assim, acredita que ao ser transformado em mulher, sacrificando-se à humanidade em nome de um novo e melhor mundo, será obrigatoriamente violentado e agredido física e psicologicamente e não apenas pelos seres daquele mundo místico. *O mais abominável de todos me parecia ser a representação de que meu corpo, depois da tencionada transformação em uma criatura do sexo feminino, deveria sofrer algum tipo de abuso sexual, tanto que numa ocasião até se falou que eu deveria ser entregue, para esse fim, aos guardas do sanatório.*

---

<sup>29</sup> SCHREBER, Daniel Paul, *Memórias de um doente dos nervos*, op. Cit., p. 86

<sup>30</sup> Idem, ibidem, págs, 60 e 40 respectivamente.

<sup>31</sup> Idem, ibidem, págs, 17, 181 e 182



Para o autor, e isto é um dos elementos mais importantes neste caso, ele realmente via-se e sentia-se como mulher, embora isso fosse decidido, segundo ele, não por vontade própria, mas por imposição de Deus. *Nos momentos de aproximação [de Deus], meu peito dá a impressão de ter seios bastante desenvolvidos; esse fenômeno pode ser visto com os próprios olhos por qualquer um que queira me observar (...) Mas à parte isso, ousa afirmar que qualquer pessoa que me vir de pé diante do espelho, com a parte superior do corpo desnudada – sobretudo se a ilusão for corroborada por algum acessório feminino -, terá a impressão indubitável de um torso feminino (...) Considero como um direito meu, e num certo sentido como meu dever, o cultivo dos sentimentos femininos, possibilitado pela presença dos nervos da volúpia.*

O importante a notar é como, aquilo que em 1899 será diagnosticado por um médico legista como sendo um caso em que, *a partir da psicose inicial mais aguda, (...) com delírio alucinatório, emergiu de um modo cada vez mais decisivo e, por assim dizer, cristalizado, o quadro paranóico que se vê hoje,* vários dos conceitos sobre diferenças entre homens e mulheres que prevaleciam no modelo antigo de um sexo e dois gêneros retornam no discurso deste juiz.

Por exemplo, a idéia de que a mulher é um homem incompleto, ou seja, para ele tornar-se fêmea, deveria principalmente ser emasculado e o resto ocorreria quase como consequência, de acordo com algum tipo de regressão orgânica ou involução de sua pessoa. *A emasculação ocorria do seguinte modo: os órgãos sexuais externos (escroto e membro viril) eram retraídos para dentro do corpo e transformados nos órgãos sexuais femininos correspondentes, transformando-se simultaneamente também em órgãos sexuais internos*<sup>32</sup>.

Da mesma maneira, a mulher apresenta-se como um ser cuja característica principal é sua proximidade com o universo dos prazeres terrenos, em especial os deleites sexuais, evocando a figura feminina considerada (até hoje) da mais baixa categoria social, a prostituta. *Tudo parecia calculado para me inspirar medo e terror e ouvi várias vezes a palavra*

---

<sup>32</sup> Idem, ibidem, págs, 95, 217, 288 e 65 respectivamente.

*“puta” – uma expressão muito comum na língua fundamental quando se trata de fazer com que uma pessoa que vai ser aniquilada por Deus sinta o poder divino.*

E todas estas interpretações, são entendidas como indissociáveis de um universo místico, no qual os entrelaçamentos hierárquicos entre corpos, práticas, desejos e regalias sustentam uma ordem cósmica maior, como o próprio autor confirma: *com meu trabalho tenho apenas o objetivo de promover o conhecimento da verdade em um campo da maior importância, o religioso.*

Até o antigo tema do vestuário mostra-se um elemento fundamental para as relações de Schreber consigo mesmo, e o quanto os padrões considerados de homem ou mulher não são abalados ou alterados, apenas se chocam em suas crises: *quanto às peças do vestuário (a “armadura”, como diz a expressão da língua fundamental), a diferenciação entre o masculino e o feminino era, quanto ao essencial, evidente por si mesma; as botas pareciam ser um símbolo particularmente característico da masculinidade. “Tirar as botas” era por isso uma expressão que queria dizer aproximadamente a mesma coisa que emasculação*<sup>33</sup>. Novamente, a idéia de que a roupa e a pessoa estão intimamente ligadas, sendo uma a expressão da outra. Perder partes da roupa com características marcantes como masculinas é, dentro desta lógica, perder um tanto de sua masculinidade, tornando-se como o autor comenta, “emasculado”.

E mais uma vez, apenas para insistir na idéia de que todas estas novas “identidades” sexuais em formação neste período têm como base o hermafrodita criado pelo século XIX e, neste caso, com resquícios do hermafrodita antigo, Schreber afirma sobre sua situação em que às vezes percebe-se como homem, às vezes como mulher: *quando falo de cultivo da volúpia, que se tornou como que um dever para mim, não quero dizer jamais um desejo sexual por outras pessoas (mulheres) ou um contato sexual com elas, mas sim que represento a mim mesmo como homem e mulher numa só pessoa, consumando o coito comigo mesmo, realizando comigo mesmo certas ações que visam a excitação sexual, ações que de outra forma seriam*

---

<sup>33</sup> Idem, ibidem, págs, 120, 25 e 140 respectivamente.

*consideradas indecorosas, e das quais se deve excluir qualquer idéia de onanismo ou coisas do gênero*<sup>34</sup>.

O caso de Daniel Paul Schreber ganha fama quando, no mesmo ano de sua morte, em 1911, Freud publica um estudo sobre suas memórias, chamado *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paranoides)*, analisando como, durante o processo paranóico, *um delírio sexual de perseguição foi transformado (...) em delírio religioso de grandeza*<sup>35</sup>.

Neste texto, o autor afirma que uma frustração no sentido heterossexual ou homossexual pode levar ao sentido contrário, pois homo e hetero são compreendidos como pulsões opostas e contrárias, assim como as psiques do homem e da mulher. Da mesma forma, a *hipótese da causa ativadora da enfermidade foi o aparecimento de uma fantasia feminina (isto é, homossexual passiva) de desejo* e que, *quando uma fantasia feminina de desejo aparece, nossa tarefa é associá-la com alguma frustração, alguma privação na vida real*<sup>36</sup>.

Assim, Freud conclui que no caso Schreber, pelo médico que o tratou logo no início de suas crises tomar o lugar psíquico de amor e ódio antes ocupado por seu pai, *a causa ativadora de sua doença, então, foi uma manifestação de libido homossexual; o objeto desta libido foi, provavelmente, desde o início, o médico, Flechsig, e suas lutas contra o impulso libidinal produziram o conflito que deu origem aos sintomas*. E ressalta: *não lhe estamos fazendo censuras de espécie alguma, quer por ter tido impulsos homossexuais, quer por ter-se esforçado por suprimi-los*<sup>37</sup>.

O importante a destacar aqui é que, segundo Joel Birman<sup>38</sup>, junto com o caso (também autobiográfico) já analisado de Krafft-Ebing, a história de Daniel Paul Schreber servirá de base para futuras interpretações, principalmente no

---

<sup>34</sup> Idem, ibidem, p. 218

<sup>35</sup> FREUD, Sigmund, (1911) - *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paraniodes)*, em *Edição eletrônica brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, CD-Rom, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1999. Como esta é uma edição eletrônica, não existe o número das páginas no texto.

<sup>36</sup> Idem, ibidem.

<sup>37</sup> Idem, ibidem.

<sup>38</sup> Em palestra proferida na *I Jornada nacional sobre transexualidade e saúde*, organizada pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Ministério da Saúde, realizada em 9 e 10 de setembro de 2005 na UREJ.

campo da psicanálise, sobre aquilo que no século XX será considerado “travestismo” e, principalmente, “transexualismo”.

Ainda conforme Birman, seguindo a linha de Krafft-Ebing e dissociando “sentir-se mulher” de delírios psicóticos, surgem as interpretações cujo grande representante será o psicanalista americano Robert Stoller. Já acompanhando a outra tendência, a de compreender o “sentir-se mulher” como mais próximo de um quadro psicótico, estão muitos psicanalistas da escola lacaniana, com interpretações neste sentido até os dias de hoje. Mais à frente, veremos melhor estas duas tendências.

## Magnus Hirschfeld e o nascimento do(a)s moderno(a)s travestis

*A questão da vestimenta está em relação estreita com a ornamentação de deformações corporais; constantemente, as roupas têm um caráter erótico, quer no sentido positivo, quer no negativo*<sup>39</sup>.

Dentro desta discussão sobre os limites entre feminilidades e masculinidades, um ponto começa a ganhar destaque por questionar, mesmo que indiretamente, a separação entre “vida interna” e “mundo exterior”, “mente” e “corpo”: a apresentação externa de si mesmo como alguém pertencente ao sexo “oposto”, tema já historicamente estigmatizado. Ou seja, quem – ou o quê – são e qual o lugar na nova ordem social das mulheres que se vestem de homens e vice-versa?

Apesar deste questionamento estar implícito nos estudos da época, é apenas em 1910 que surge um dos mais importantes e completos estudos científicos sobre sexualidade e vestimentas: *Die Transvestiten*, traduzido para o inglês como *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, escrito por Magnus Hirschfeld, renomado médico e psicólogo alemão do período e um dos criadores da “sexologia”. Foi este livro que originou os termos “travesti” e “travestismo”, associando o uso de roupas do sexo “oposto” a um sentido sexual.

---

<sup>39</sup> HIRSCHFELD, Magnus, *A questão sexual pelo mundo*, São Paulo, editora Piratininga, sem data, p. 13

O trabalho divide-se em três partes: as duas primeiras, de caráter mais psicológico, na qual são narrados e interpretados vários casos de “travestismo”, buscando suas causas, diferenciando tal comportamento de outras manifestações psíquicas e analisando as teorias existentes; e a terceira, na qual o autor faz uma reflexão etnológica e histórica sobre o tema, como *Travestismo e criminalidade*, *Comédia e travestismo* ou *Mulheres como soldados*.

Nesta terceira parte, Hirschfeld, baseado em uma série de autores do período, analisa a questão do vestuário envolvendo conflitos eminentemente sociológicos, seja nas proibições cristãs de troca de roupas entre homens e mulheres – por estas segundas serem consideradas *peças de segunda categoria* - seja na educação e vestimenta de garotas como rapazes para *facilitar seu sucesso* durante a vida. Da mesma forma, estudando escritos dos primeiros colonizadores e viajantes da América do Norte que descrevem uma quantidade gigantesca de “hermafroditas” entre as tribos indígenas encontradas, o autor afirma como, muito provavelmente, estes não eram os nossos pseudo-hermafroditas no sentido fisiológico, mas um tipo de travestimento ritual que, aos olhos dos séculos XVI a XVIII, eram vistos como hermafroditas ou andróginos, pois ainda não haviam as separações conceituais modernas.

Segundo o autor, “travesti” (*transvestite*) vem dos termos em latim *trans*, que significa *através* e *vestitus*, com o sentido de *estar vestido*, e travestismo (*transvestism*) de *trans* e *vestis*, igual a *roupa*<sup>40</sup>. O *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* data a palavra travesti como originária do francês e tendo sua primeira aparição registrada em 1543, significando *disfarçado*, derivada de *travestire* (1512), ou seja, *disfarçar-se*<sup>41</sup>. Lynne Friedli, em seu texto já citado, afirma que o termo travesti foi usado na Inglaterra em 1652 para designar *mulheres que se vestiam como homens*<sup>42</sup>. Já para Terry Castle, este passa a ser um termo comum neste país (Inglaterra) durante o Iluminismo, criando nos

---

<sup>40</sup> HIRSCHFELD, Magnus, *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, New York, Prometheus books, 1991, págs, 244, 258, 233 e 124 respectivamente.

<sup>41</sup> DICIONÁRIO Houaiss da língua portuguesa versão eletrônica/ Uol. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=travesti&style=k&x=14&y=11>  
Acesso em 25/03/2008

<sup>42</sup> FRIEDLI, Lynne, “*Mulheres que se faziam passar por homens*”: um estudo da fronteira entre os gêneros no século XVIII, op. Cit. p. 308

bailes de máscaras uma verdadeira *cultura do travesti*<sup>43</sup>. Ainda segundo o *Houaiss*, apenas em 1831, “travesti” aparece como substantivo para designar um *homem vestido de mulher ou vice-versa*<sup>44</sup>.

O que Magnus Hirschfeld trouxe de novo foi o termo e o conceito de “travestismo”, criando uma categoria clínica nova, como todos os “ismos” forjados na época e associados à sexualidade e dando um novo sentido a palavra “travesti”: uma pessoa (tra)vestida com roupas do sexo oposto por motivações eróticas.

Segundo o autor, como vários estudiosos destas questões específicas na época estão começando a propor, homens e mulheres não são seres total e completamente diferentes, pois possuem vários elementos de masculinidade e/ou feminilidade em comum. Um dos dados mais importantes deste livro é que Hirschfeld dissocia as hoje chamadas “orientações sexuais”, ou seja, sentir atração sexual por pessoas do “mesmo” sexo, do sexo “oposto” ou por ambos, do desejo de usar roupas do sexo oposto. Uma coisa passa a ser por quem a pessoa sente atração sexual, e outra, distinta, o prazer decorrente do uso das vestimentas do outro sexo, independente da interação erótica com outro indivíduo. Assim, o(a)s travestis, homens ou mulheres, podem ser *heterossexuais*, *homossexuais*, *bissexuais* (que sentem atração por ambos os sexos) ou *automonossexuais* (que satisfazem-se eroticamente consigo mesmos, sem necessidade de parceiro algum ou, as vezes, não se interessam por sexo - *assexuais*). Inclusive, a maioria dos casos citados no livro são de homens que sentem prazer erótico ou gratificação psíquica em usar roupas femininas e sentem atração sexual apenas por mulheres.

Provavelmente, estes dados foram um choque para muitos médicos, pois ainda predominava na maior parte do meio científico a idéia de que se um homem se veste de mulher, logo deve possuir fortes traços femininos e, portanto, revelar-se homossexual, ou seja, deve sentir atração sexual por outros homens como o esperado de uma “verdadeira” mulher<sup>45</sup>. Além disso, a

---

<sup>43</sup> CASTLE, Terry, *A cultura do Travesti: Sexualidade e Baile de Máscaras na Inglaterra do século XVIII*, op, cit.

<sup>44</sup> DICIONÁRIO *Houaiss da língua portuguesa* versão eletrônica/ Uol. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbete=travesti&stype=k&x=14&y=11>  
Acesso em 25/03/2008

<sup>45</sup> Ainda em 1933 Havelock Ellis afirma e critica a existência desta mentalidade entre os médicos. ELLIS, Havelock, *Psicologia do sexo*, Rio de Janeiro, Bruguera, 1971

grande maioria dos casos citados e narrados apresenta vidas tranqüilas, casamentos estáveis e indivíduos contentes com sua postura, bem diferente de muitos livros que tratavam do assunto, nos quais os ditos “perversos” eram apresentados constantemente em situações de desespero e infelicidade.

Outra diferenciação também realçada no texto é que nem todos homens afeminados são homossexuais como nem todos homens considerados “masculinos” são heterossexuais - a mesma coisa valendo para a feminilidade ou (ou a falta dela) nas mulheres<sup>46</sup> - ajudando desta maneira na criação de uma maneira específica de pensar o sexo e a sexualidade a partir da segunda metade do século XX: a separação analítica e conceitual entre sexo, gênero, aparência, desejo e comportamento, originada e influenciada especialmente pelo movimento artístico-filosófico do Romantismo<sup>47</sup>, com sua separação radical entre “aparência externa” e “mundo interior”, representada no campo da ciência pela distinção conceitual, clínica e institucional entre “corpo” e “mente”.

Assim, vemos como a autonomia que ganha a questão da troca de vestuários surge de uma base conceitual já estabelecida: a graduação entre a concretude orgânica dos hermafroditas físicos e a sutileza sensível dos hermafroditas psíquicos ou, nas palavras do autor, *a teoria dos intermediários*<sup>48</sup>.

Para Hirschfeld, esta é menos uma teoria exatamente que um *princípio de divisão*, estritamente conceitual. Desta forma, entre os homens totalmente masculinos e as mulheres completamente femininas, as diferenças e misturas entre os sexos podem ser separadas em quatro grupos:

1º: *os órgãos sexuais*, cujos representantes intermediários são os pseudo-hermafroditas; 2º: *outras características físicas*, como as mulheres com barba ou com estrutura muscular e óssea “masculina” e os homens que produzem leite ou que usam sapatos “femininos” por causa do menor tamanho de seus pés; 3º: *o impulso sexual*<sup>49</sup>, representado por homens que assumem posturas passivas e “femininas” quando se relacionam com mulheres, como ficar por baixo durante o ato sexual, desejar garotas “agressivas” ou apreciar

---

<sup>46</sup> HIRSCHFELD, Magnus, *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, op. cit., p. 148

<sup>47</sup> COSTA, Jurandir Freire, *A face e o verso – estudos sobre o homoerotismo II*, São Paulo, Escuta, 1995

<sup>48</sup> HIRSCHFELD, Magnus, *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, op. cit., p. 215

<sup>49</sup> No original em inglês *the sex drive*. Preferi não traduzir *drive* como “orientação” para não confundir com o debate sobre “orientação sexual” do final do século XX. HIRSCHFELD, Magnus, *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, op. cit., p. 219

formas de masoquismo; e mulheres que ficam “por cima” durante o sexo, são dominadoras e gostam de exercer o “sadismo”. Ainda nesta categoria, estão os homens que desejam mulheres muito masculinas (segundo o autor, uma forma de bissexualidade) ou homens muito femininos (um tipo de homossexualidade) e vice-versa no caso das mulheres. Finalmente, o 4º: *outras características emocionais*, no qual homens e mulheres possuem emoções e sentimentos do sexo oposto, refletidos na maneiras de amar, nos gostos, gestos, sensibilidade e mesmo roupas. É neste grupo que estão classificados os travestis.

Desta forma, estes grupos intermediários e seus extremos de masculinidade e feminilidade, possuindo uma série de subdivisões, resultam nas mais variadas possibilidades de interação, podendo chegar a, segundo tabelas e cálculos demonstrados no texto, *43.046.721 combinações*<sup>50</sup>!

Apesar desta curiosa influência positivista de quantificação matemática sobre a análise da subjetividade sexual, a importância desta demonstração é que, através dela, Hirschfeld pretende justificar “cientificamente” a legitimidade da variedade sexual, em oposição à rigidez predominante dos ideais de Homem/ masculino e Mulher/ feminina. Afinal, o próprio autor era um militante dos direitos homossexuais e acreditava piamente no poder do esclarecimento da ciência para vencer os preconceitos sociais.

Outra análise específica deste livro é a separação do então criado “travesti” sexual de outras categorias clínicas. O autor diferencia esta nova classificação dos *monossexuais*, *homossexuais*, *fetichistas*, *masoquistas*, *paranóicos* e das *alucinações*, dedicando um capítulo para cada tipo, e mostrando como todos podem envolver a troca de roupas entre os sexos, mas cada qual possui uma especificidade própria, sendo assim entidades conceituais distintas<sup>51</sup>. Travestismo é então *o forte impulso para usar as roupas do sexo que não pertence à estrutura relativa a seu corpo* como um fim em si mesmo.

---

<sup>50</sup> HIRSCHFELD, Magnus, *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, op. cit., págs, 220 e 227 respectivamente.

<sup>51</sup> Por exemplo, dentro da cultura sadomasoquista (ou BDSM), vai surgir no século XX, em especial a partir do fim deste período, a figura das *Sissys*, homens que são obrigados por seus “senhore(a)s” ou dominadore(a)s a se vestir e portar como mulheres, sendo isto compreendido como uma forma de humilhação e submissão, normalmente desempenhando o papel de “empregadinhas”. BRAME, Gloria G., BRAME, William D., JACOBS, Jon, *Different loving*, New York, Villard, 1993



Hirschfeld interpreta este impulso como uma forma de *expressão da personalidade íntima*. Assim, o foco desta nova categoria de “desvio” sexual passa a ser não tanto na aparência externa, ou seja, no uso das roupas “cruzadas”, mas na disposição psíquica interior que leva a isso. É apenas graças a esta psicologização e conseqüente subjetivação da troca de vestuários entre os sexos que nasce o moderno conceito de “travesti” relacionado ao campo da sexualidade.

Mostrando como este desejo faz parte de um tipo de intermediação entre os sexos, pois algo de feminino aparece no homem com estas tendências e vice-versa, o importante é afirmar que, segundo a linha inaugurada por Krafft-Ebing, estas pessoas não possuem um distúrbio mental, algum tipo de loucura delirante, mas apenas uma variante da sexualidade “normal”. É neste sentido que são encaixadas sob o rótulo “travestismo”, todas as manifestações que envolvem desde o uso esporádico de roupas do sexo oposto com intenções eróticas até o uso cotidiano e a apresentação social costumeira em tais vestes.

Desta forma, mesmo as pessoas que afirmam para este médico serem *fisicamente um homem e mentalmente uma mulher*, apesar de verem a si mesmas como pertencendo ao sexo oposto a sua compleição biológica, se não sofrerem de outros distúrbios mentais, são compreendidas como expressando através do vestuário e de manifestações exteriores a feminilidade pertencente a sua psique masculina ou a masculinidade de sua mente feminina, sem caracterizar uma *metamorphosis sexualis paranoica*. Assim, neste recém criado conceito de “travestismo”, *não importa quanto os travestis homens sentem-se como mulheres quando vestidos com roupas femininas e as mulheres sentem-se como homens vestidas com roupas masculinas, eles ainda permanecem cientes de que na verdade não o são*<sup>52</sup>.

Vemos desta forma o nascimento de uma nova categoria clínica e uma personagem, mesmo que não intencionalmente, patologizada: o travestismo e o indivíduo travesti, através da autonomização da questão da troca de vestuário entre os sexos, mas não mais ligado necessariamente à homossexualidade, ao hermafroditismo psíquico ou a alguma forma de paranóia.

---

<sup>52</sup> HIRSCHFELD, Magnus, *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, op. cit., págs, 124, 83 e 182 respectivamente.

Mas apesar desta mudança conceitual e da criação de uma nova identidade sexo-patológica, apenas gradualmente esta distinção é adotada, pois a união dos conceitos entre corpo/ sexo/ desejo e aparência, vai se manter no meio científico como predominante até pelos menos o final da primeira metade do século XX, tendo como base e solo para todos estes debates, ainda a quase onipresente figura do pseudo-hermafrodita.

Desta maneira, em 1933, Havelock Ellis lança um resumo de sua coleção *Psicologia do sexo*, também com o mesmo título. Neste trabalho, ao estudar as mixagens entre tendências masculinas e femininas materializadas no biótipo, nos comportamentos e nos desejos, Ellis também enfrenta a polêmica questão: como compreender e, principalmente, rotular homens que se vestem como mulher, mas que mantêm sua personalidade masculina? O autor então começa afirmando o que Hirschfeld já dizia: nem todos os “invertidos” são afeminados. Da mesma forma, ressalta que nem todos afeminados são homossexuais e que a classe médica ainda não compreende esta diferença<sup>53</sup>.

Também neste livro, ao analisar o histórico dos estudos sobre a homossexualidade, diz que em 1882, Edward Carpenter escreve um ensaio intitulado *The intermediate sex (O sexo intermediário)*, e que este autor é um dos primeiros a usar o termo *cross-dressing* para designar tais comportamentos<sup>54</sup>. O autor de *Psicologia do sexo* também cita o já aqui estudado cirurgião espanhol Gregório Marañón, dizendo que o livro recente mais notável sobre o assunto é o deste médico (em 1932). Novamente, percebe-se a idéia deste novo sujeito, o invertido, estar próximo da androginia ou do hermafroditismo, pois ele é um “intermediário” entre o masculino e o feminino, não sendo assim nem completamente homem nem totalmente mulher<sup>55</sup>.

Ao afirmar que homossexuais são uma “anomalia”, mas não uma “degenerescência”, e que a maior parte da causa de tal situação “aberrante” é de base congênita, evoca a questão dos limites orgânicos entre os sexos e afirma: *pode parecer fácil dizer que há dois sexos perfeitamente separados, distintos e imutáveis, o macho que é portador do espermatozóide, e a fêmea*

---

<sup>53</sup> ELLIS, Havelock, *Psicologia do sexo*, op. Cit., p. 234

<sup>54</sup> Idem, ibidem, p. 238

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p. 219

*que é portadora do óvulo, ou do ovo. Esta afirmação, não obstante, há muito deixou de ser estritamente correta sob o ponto de vista biológico. Podemos não saber exatamente o que é o sexo; mas sabemos efetivamente que ele é mutável, com a possibilidade de um sexo ser transformado em outro sexo, que suas fronteiras são muitas vezes incertas, e que há muitos estágios entre um macho completo e uma fêmea completa*<sup>56</sup>.

O importante a ressaltar aqui é, além de mais uma variedade de classificações e graduações entre características ditas masculinas ou femininas, o conceito do hermafrodita clínico continua baseando muitas destas interpretações. Ao falar sobre o desenvolvimento do feto e sua gradual diferenciação sexual, o próprio Ellis conclui que *há um número considerável de aproximações mais ou menos leves com o sexo oposto nos invertidos*<sup>57</sup>.

Assim, afirma que em 1913 criou o termo “*inversão sexo-estética*” e, depois em 1920, mudou-o para “*eonismo*” visando designar *uma anomalia que não deve ser identificada com a homossexualidade, embora às vezes tenda a associar-se com ela, e na qual o indivíduo, homem ou mulher, mais ou menos se identifica com o sexo oposto. Não simplesmente nas vestimentas, mas nos gostos de um modo geral, nas maneiras de agir e nas características emocionais. A identificação geralmente não chega ao comportamento sexual do sexo oposto. O comportamento heterossexual normal é muitas vezes acentuado*<sup>58</sup>.

O autor avisa que este é o mesmo quadro clínico chamado por Hirschfeld de “*travestismo*”, mas crê que este termo não é adequado o suficiente. Explica afirmando que travestismo pode levar a idéia de um foco único na questão do vestuário, o que não é o caso em todas as situações, e que “*inversão sexo-estética*”, também não é correto por criar uma associação com a homossexualidade (através do termo “*inversão*” e da associação com o campo estético) que nem sempre está presente.

Baseando-se no caso do Cavaleiro d’Eon de Beaumont, conforme visto no capítulo I, inventa o termo “*eonismo*”, crendo este ser mais fiel ao que esta “anomalia” caracteriza. Sobre ele, afirma que o desejo em usar roupas do outro

---

<sup>56</sup> Idem, ibidem, p. 221

<sup>57</sup> ELLIS, Havelock, *A inversão sexual*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933, p. 191

<sup>58</sup> ELLIS, Havelock, *Psicologia do sexo*, op. Cit., p. 236

sexo é extremamente comum, que tal hábito está em segundo lugar em frequência após a homossexualidade e que nem todos eonistas desejam vestir-se como o sexo oposto embora, quando o façam, são de um êxito completo. Mais uma vez evocando a idéia de que estes comportamentos e desejos estão em faixas a meio caminho entre os “verdadeiros” homens ou mulheres, tanto no corpo quanto na psique, Ellis afirma: *o eonismo deve ser classificado entre as formas de transição ou intermediárias da sexualidade*<sup>59</sup>.

Ora, este novo conceito de “eonismo” é fruto da concepção de dois sexos distintos, com universos eróticos específicos e suas possíveis “inversões”. d’Eon, no século XVIII, segundo biografia do historiador Gary Kates<sup>60</sup> e os próprios escritos deixados pelo Cavaleiro, não se considerava uma “mulher em corpo de homem”, um “invertido” ou sentia gratificação erótica em usar roupas femininas, inclusive só começou a usar tais vestimentas depois que o rei o obrigou a isso, para adequar-se a seu novo gênero. Ele almejava mudar para o gênero que considerava superior, o feminino, e partilhava da noção cultural de um sexo apenas com dois gêneros hierárquicos. O uso de sua figura por Ellis para nomear uma nova categoria “sexual” mostra a transformação conceitual que estava em curso, não uma possível “verdade íntima” deste diplomata francês em seu momento histórico.

O caso d’Eon ficou famoso não apenas porque é mais próximo de nossa época ou a documentação histórica é mais rica, mas principalmente porque expressava concretamente a noção antiga da possibilidade de migração de um gênero/ sexo a outro, numa época em que esta idéia estava agonizando.

Em Krafft-Ebing, a questão da vestimenta não era um fato importante em si a ponto de ganhar uma autonomia analítica, pois os casos analisados em que ocorre a “troca de roupas”, com finalidade erótica ou não, estão classificados como *fetichismo* ou *antipatia sexual*. A partir desta nova distinção conceitual, os termos “travestismo” de Hirschfeld e “eonismo” de Ellis servem bem para ilustrar o quanto estas categorias ainda estavam em formação, incentivando disputas e debates pelo predomínio de determinadas interpretações e suas conseqüentes nomeações.

---

<sup>59</sup> Idem, ibidem, p. 238

<sup>60</sup> KATES, Gary, *Monsieur d’Eon é Mulher*, op. Cit.

Desta forma, mesmo os endocrinologistas e cirurgiões, tanto quanto os doutores das ciências da psique, questionam sobre a temática do vestuário como elemento caracterizador e socialmente expressivo da masculinidade ou feminilidade, e o borramento de seus possíveis limites.

Assim, Lagos García conclui: *do pseudo-hermafrodita externo poderíamos dizer que é um homem “vestido” anatomicamente de mulher*<sup>61</sup>. Já Marañón, ao tratar da *intersexualidade virilóide e feminóide*, e analisar que a perda da função testicular pode levar em alguns casos à uma aparência feminina, afirma: *em questões de sexo a “aparência” tem um enorme valor. Se um homem “parece” uma mulher, se não se tenha disfarçado ou finge deliberadamente esta atitude, o parece porque um número significativo de caracteres sexuais femininos estão ligados, seguramente, a uma secreção interna específica e distinta da viril, e que em certo número de homossexuais, a aparência invertida se acentua pela adoção de vestidos, adornos e detalhes correspondentes ao sexo contrário*<sup>62</sup>.

Desta forma, a autonomização da questão do vestuário como uma entidade sexual nova e distinta revela o quanto a sociedade e seus movimentos culturais,<sup>63</sup> como a moda em relação às roupas, cabelos e atitudes, já não mais servem como balizadores confiáveis da separação entre homens e mulheres. A ambigüidade sexual passa a ser revelada não apenas nos corpos dos “pseudo-hermafroditas”, nas psiques de “homossexuais” ou “travestis”, mas também nas roupas usadas por pessoas comuns nos modernos centros urbanos.

Complexificando a discussão sobre onde e como é possível se reconhecer o “verdadeiro” sexo de alguém, surge, no decorrer do século XX, a politização e a espetacularização via entretenimento deste debate, gerando novos conflitos, criando outras categorias clínicas, mas mantendo-se em constante ebulição ainda no início do século XXI.

---

<sup>61</sup> GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, op. Cit., p. 555, p. 369

<sup>62</sup> MARAÑÓN, Gregorio, *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, op. Cit, págs, 122 e 137 respectivamente.

<sup>63</sup> HOBSBAWM, Eric, *Era dos Extremos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995

## Parte II – SEXUALIDADES, IDENTIDADES E DISTINÇÃO SOCIAL

### IV

#### **Biomedicinas, mídias, ciências sociais e o nascimento da “transexualidade”**

*Só de nós mesmos depende ser de uma maneira ou de outra. Nossos corpos são jardins e nossa vontade é o jardineiro<sup>1</sup>.*

Conforme vimos, as novas categorias sexuais criadas pela ciência, do último terço do século XIX ao primeiro do século XX, demonstram a tentativa de organização e sistematização dos novos padrões de corpo, visões de sexualidade e relações de gênero em uma também recente ordem social. Neste processo, a medicina e as ciências da psique não foram poderes impositivos absolutos, mas forjaram suas novas categorias em diálogos com outros campos sociais, como a religião e, especialmente, os iniciantes movimentos pelos chamados direitos civis, como a primeira onda do feminismo e dos recém-classificados “homossexuais”.

Enquanto o movimento feminista, com forte base e influência na Inglaterra, lutava por uma maior participação social e política, tendo como um dos focos a conquista pelo direito ao voto, os embates dos homossexuais, tendo como epicentro a Alemanha, visavam a descriminalização da troca sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico, regulada pelo parágrafo 175 contido no Código Imperial de 1870<sup>2</sup> da lei alemã. Assim, algumas categorias de práticas como “sodomasoquismo” e seus correspondentes sujeitos como os

---

<sup>1</sup> SHAKESPEARE, William (b), *Otelo, o mouro de Veneza*, São Paulo, Abril Cultural, 1978, p. 350

<sup>2</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, Revista brasileira de História [online], 2001, vol.21, no.41 [citado 30 Março 2006], p.77-111, disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200005&lng=pt&nrm=iso). ISSN 0102-0188.

“sodomasoquistas” foram mais exotizados e associados à periculosidade que os “homossexuais”, pois estes contaram desde o início com uma leva de cientistas e pensadores, principalmente nas áreas das ciências da psique - que lhes eram simpáticos e ativamente militantes.

Desta maneira, Havelock Ellis, Karl Heinrich Ulrichs e Magnus Hirschfeld, entre outros, estavam comprometidos em demonstrar que, pessoas que sentiam atração erótico-afetiva por outras do chamado “mesmo sexo”, eram variações humanas inatas e benignas, não sendo passíveis de cura e muito menos discriminação ou punição. Por outro lado, uma segunda linha interpretativa via tais comportamentos e pessoas como claramente “doentes” ou “degeneradas”.

Por exemplo, mesmo se posicionando contra o parágrafo 175 e assinando um manifesto contra a criminalização da homossexualidade, Krafft-Ebing ajuda a formular a idéia de que as sexualidades “pervertidas” são patologias e que, quando não conseguem ser “curadas”, devem, no mínimo, ser vigiadas e evitadas. Conforme este autor, *o estudo científico da psicopatologia da vida sexual necessariamente lida com as misérias do homem e o lado escuro da sua existência, a sombra que contorce a sublime imagem da divindade em horrendas caricaturas, desencaminhando o esteticismo e a moralidade. Este é o triste privilégio da medicina, em especial da psiquiatria, para sempre testemunha da fraqueza da natureza humana e do lado oposto da vida*<sup>3</sup>.

Desta tensão, surge a moderna “sexualidade”, a “sexologia” e as “identidades sexuais”, pois estas têm na questão das práticas eróticas ou dos corpos genitalizados o foco central da interpretação da existência<sup>4</sup>. Com o avanço do século XX, duas guerras mundiais, ascensões de totalitarismos de direita e esquerda, crises econômicas como a quebra da bolsa de Nova York e seus conseqüentes conflitos, uma visão social mais conservadora foi se estabelecendo na primeira metade deste período.

É desta forma que em 1933, com a ascensão do nazismo, não apenas é destruído, em Berlim, o “Instituto para o Estudo da Sexualidade” de Hirschfeld e queimada sua enorme biblioteca, como as novas gerações de estudiosos vão

---

<sup>3</sup> KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopatía Sexualis*, op. cit., 1998, pág. XXII

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*, op. Cit.

se tornar mais conservadoras e pautar-se por visões normativas e moralizantes de uma “natureza heterossexual original”<sup>5</sup>. Neste sentido, basta ver a grande maioria dos estudos desta época em diante, em especial os livros de divulgação científica sobre o tema e os incontáveis manuais de educação sexual.

Apesar do diálogo inicial entre militantes e cientistas, durante a primeira metade do século XX, a balança pesou mais para a patologização e malignidade social das ditas “perversões”. O diálogo se manteve, mas tornou-se, sem dúvida, desigual. O foco da pesquisa científica mudou gradualmente, deixando de buscar uma base “natural” e “normal” destas sexualidades, para a prevenção da “anormalidade”, voltando-se a discutir a aceitação social de sujeitos “desviantes sexuais” e sua não patologização apenas a partir do final dos anos 60 deste século.

Chegamos assim à segunda parte deste trabalho.

Vimos a diferença entre o hermafrodita do universo mágico, próprio à noção de corpo com um único sexo e dois gêneros, e o pseudo-hermafrodita da medicina moderna, fruto da visão de dois sexos distintos e opostos, cada um correspondendo a um gênero. Também apresentamos como esta idéia de um “hermafroditismo” é interiorizada, dando lugar ao “hermafrodita psíquico”, gerador de novos sujeitos sexuais, em especial o “homossexual” e o/ a “travesti”. Como veremos melhor, vamos trabalhar com a lógica da sociedade de controle do século XX<sup>6</sup>, que não mais busca a compartimentação das sexualidades e isolamento dos desviantes, mas promove a compulsória participação e “inclusão” social, mais próxima da organização do conceito de transexualismo (para a medicina) e transexualidade para a militância política.

A partir deste trecho, assim como os corpos dos seres míticos de Ovídio, o *corpus* teórico científico sobre sexo e sexualidades “desviantes” ou os corpos de muitas das pessoas envolvidas neste trabalho, o corpo deste texto também vai se alterar. Deste ponto em diante, faço um breve histórico do conceito de transexualidade e suas relações com a política, *latu sensu*, e o entretenimento,

---

<sup>5</sup> LANTERI-LAURA, Georges, *Leitura das Perversões*, op. Cit.

<sup>6</sup> DELEUZE, Gilles, *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* in *Conversações*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992



incorporando mais um referencial teórico, o da teoria *queer*, focado na filósofa americana Judith Butler.

## Teoria *queer* e sociedade de controle

*O gênero é o aparato através do qual tem lugar a produção e normalização do masculino e do feminino junto com as formas intersticiais hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume*<sup>7</sup>.

A partir do final da década de 80 do século XX, dentro dos estudos sociológicos e filosóficos conhecidos como pós-feministas e pós-estruturalistas, desenvolvem-se, como um tipo de filho bastardo dos estudos de gênero e dos *Gay and lesbian studies*, em especial os norte-americanos e com forte influência militante, os chamados *Queer studies*<sup>8</sup>. Em inglês, o termo *queer* significa estranho, esquisito, algo próximo ao anormal e aberrante, sendo também uma gíria agressiva para gays, lésbicas ou todas as pessoas que não seguem as orientações heterossexuais e desestabilizam os padrões de gênero dominantes. No Brasil, este termo seria próximo aos nossos “viado” ou “bicha”, conforme analisou Larissa Pelúcio em seu trabalho sobre travestis<sup>9</sup>.

Neste sentido, o termo *queer* é usado intencionalmente para expressar de maneira clara a violência simbólica de gênero que não apenas a linguagem carrega, mas que é constitutiva da própria estrutura conceitual binária que separa homens/ mulheres, homo/ hetero<sup>10</sup>.

Estes estudos têm como objetivo a crítica a pressupostos universalizantes e naturalizados sobre “A mulher”, “O homem”, “Corpo”, “Sexo” e as dualidades sexo/ gênero, masculino/ feminino, ativo/ passivo, homo/ hetero e natureza/ cultura, mostrando as fissuras e contradições destes padrões socialmente reguladores. Da mesma maneira, procuram questionar os essencialismos e os próprios conceitos de sujeitos e identidades como algo fixo

---

<sup>7</sup> BUTLER, Judith (a), *Deshacer el género*, Barcelona, Paidós, 2006, p. 70

<sup>8</sup> GAMSON, Joshua, *Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Um extraño dilema* in JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida (ed.), *Sexualidades transgresoras – uma antologia de estudos queer*, Barcelona, Icaria Editorial, 2002

<sup>9</sup> PELÚCIO, Larissa Maués, *Nos nervos, na carne, na pele – Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*, Tese de doutorado defendida na UFSCar / PPGCSO, 2007

<sup>10</sup> GAMSON, Joshua, *Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Um extraño dilema*, op. Cit.

e “interior”, alheios ao próprio processo histórico e discursivo que os constitui, além de criticar as vertentes que buscam a assimilação social através de valores normativos.

Talvez seja possível afirmar que o foco principal dos estudos *queer* seja desessencializar os pressupostos teóricos essencialistas, tais como muitos dos encontrados na medicina e nas ciências da psique, e desconstruir os discursos construcionistas, pois estes, em especial nas ciências sociais, partem de uma separação natureza/ cultura, sexo/ gênero, como se existisse um corpo pré-discursivo e “natural” no qual uma cultura, externa a este corpo, o moldasse conforme suas regras. Ao assumir o uso da palavra *queer* como um campo de estudos sobre o que é degradado e degradante nas relações sociais, coloca-se em xeque o próprio conceito de humanidade segundo estes padrões.

Dentro destes estudos, Judith Butler é uma autora fundamental, em especial por sua influência acadêmica no Brasil. Segundo esta filósofa, a idéia de gênero é uma das ficções reguladoras mais importantes em nossa cultura, se não a mais importante. É ele, o gênero, que produz a materialidade, inteligibilidade e grau de importância do que entendemos como corpos, organizando-os em sexos distintos e sexualidades próprias. Neste sentido, é a ideologia moderna de gênero que fundamenta a heterossexualidade compulsória, ou seja, a expectativa e coerção social para que as pessoas se relacionem afetiva e sexualmente com outras do sexo “oposto” - pois isto é compreendido como “natural” - e também a heteronormatividade, a organização da vida sexual e afetiva de acordo com os padrões binários de oposições homem/ mulher, ativo/ passivo, mesmo para relações entre pessoas do mesmo sexo ou gênero.

Como cenário de fundo e organizador primário destas concepções, está o modelo de família heterossexual monogâmica reprodutiva burguesa, ainda que nuançada pelos avanços e mudanças conceituais e sociais característico das culturas ditas modernas.

Assim, nos vários estudos desta autora, o conceito de gênero não deve ser compreendido de maneira clássica, ou seja, como uma construção social puramente abstrata que organiza os modos de educar, modelar e interpretar os corpos “naturais”, os tais “sexos”. Segundo Butler, em um de seus livros mais importantes, *Gender trouble, se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez*

*o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. (...) O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos*<sup>11</sup>.

Desta forma, conforme a autora, é através dos conceitos e expectativas de gênero que se define inclusive o que são (ou não são) corpos humanos, quais suas características e diferenças, quais e quantos são os sexos, como podem ou não ser reconhecidos e, principalmente, quais os corpos, sexos e pessoas que não se enquadram dentro das normas de gênero, tornando-se, desta forma, monstros, *freaks*, *queers*, os seres abjetos que, mesmo sendo os opostos constitutivos de certo conceito de “humano”, como a idéia de “feminino” para se constituir o “masculino”, ou “homossexual” para delimitar o “heterossexual”, não são compreendidos como possuindo o mesmo grau de humanidade.

Percebe-se então que a construção social do que pode ou não ser reconhecido como corpo, sexo ou ser humano é um jogo de relação entre poderes que se organizam, embatem e criam resistências dentro das normas de gênero. Neste sentido, Butler, trabalhando com Foucault, mostra o quanto tal dinâmica organiza nossa percepção de mundo e, em última instância, molda políticas sobre quais corpos “importam”<sup>12</sup> para nossa cultura.

Essa “materialização” das normas de gênero, formada pelos discursos originários dos vários campos de saberes, organiza e justifica socialmente hierarquias, salários, terapias, encarceramentos, privilégios e até mesmo legislações que ditam quais vidas merecem ou não continuar a existir, seja via instituição legal da pena de morte pelo Estado, seja na concepção quase naturalizada de que determinadas pessoas, porque vistas como desviantes,

---

<sup>11</sup> BUTLER, Judith (b), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003, p. 25

<sup>12</sup> Referência ao livro de Butler, *Bodies that matter*, de 1993, cujo título faz um trocadilho com a palavra *matter* que no original em inglês pode significar tanto “matéria” quanto “importância”, passando a idéia de corpos que se materializam conforme adquirem importância. BUTLER, Judith, *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”* in LOURO, Guacira Lopes (org.), *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000

“buscam” a morte com seus estilos de vida “incomuns”. Como afirma a autora, *uma vez que o próprio “sexo” seja compreendido em sua normatividade, a materialidade do corpo não pode ser pensada separadamente da materialização daquela norma regulatória. O “sexo” é, pois, não simplesmente aquilo que alguém tem ou uma descrição estática daquilo que alguém é: ele é uma das normas pelas quais o “alguém” simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural*<sup>13</sup>.

É esta inteligibilidade que faz com que os corpos, se em acordo com as normas de gênero, possam ser conhecidos e reconhecidos como humanos, possuindo um sexo (idealmente identificado como “macho” ou “fêmea”) e uma sexualidade próprias. Ainda para Butler, tais corpos somente serão compreendidos se estiverem em consonância com pressupostos de *gêneros inteligíveis*, que *são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo*<sup>14</sup>. Um exemplo claro da não inteligibilidade de vivências que fogem a esta coerência heteronormativa pode ser a pessoa que, ao comentar sobre uma mulher transexual lésbica, afirma não entender porque “uma pessoa que é homem, faz uma cirurgia para se tornar mulher, se deseja se relacionar sexualmente com outras mulheres!”

Neste sentido, os “gêneros inteligíveis” que funcionam predominantemente ainda hoje - ou seja, aqueles que se organizam segundo a lógica do “tem pênis, logo é homem, masculino e deve sentir atração afetivo-sexual por mulheres (é heterossexual)” e “tem vagina, logo é mulher, feminina e deve sentir atração afetivo-sexual por homens” - não são uma construção recente. Ao contrário, pode-se afirmar que esta também era a coerência de gênero que organizava, conforme visto, a *epistémê* arcaica, dentro do modelo de gêneros hierárquicos que regia a visão de corpo como possuindo um sexo apenas. E a própria noção de que sexo sempre foi gênero é clara naquela forma de conhecimento, pois tanto um como outro, sexo e gênero, eram vistos como indissociáveis entre si e de uma ordem cósmica superior, sendo o corpo microcósmico o reflexo e a encarnação do macrocosmo universal. Neste antigo

---

<sup>13</sup> BUTLER, Judith, *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”*, op. Cit. P. 154

<sup>14</sup> BUTLER, Judith (b), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, op. Cit., p. 38

mundo epistemológico unido ao saber mágico-religioso, os monstros literalmente encarnavam a noção de uma desordem sócio-espiritual.

Da mesma forma, os textos médicos também exemplificam como as normas de gênero são materializadas. Muito mais do que simples descrições sobre o “Homem” e a “Mulher”, o “Masculino” e o “Feminino” com suas possíveis (e constantes) misturas e transgressões, os escritos de Lagos García, Marañon e outros analisados, mostram-se como prescrições sobre o que compreender como sendo “Homem” ou “Mulher”, visando a literal - e sempre frágil - encarnação destes ideais por pessoas concretas, em busca de possíveis expressões masculinas e/ ou femininas, inclusive para poderem ser reconhecidas como pessoas<sup>15</sup>.

Estas “prescrições”, entre outras funções, também servem para orientar e nortear aquilo que Butler chama, em vários de seus livros, de “performatividade”. Segundo esta filósofa, para o gênero tornar-se manifesto e uma experiência concreta, *a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. (...) O gênero não deve ser identidade estável ou um locus de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente construída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos. O efeito de gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanente marcado pelo gênero*<sup>16</sup>.

Este processo de manifestar e reatualizar o gênero é a performatividade, que não se confunde com a idéia de interpretação teatral e artística<sup>17</sup> ou a voluntária concepção de um sujeito que “muda” de gênero conforme seus caprichos, pois *performatividade é reiterar ou repetir as normas mediante as*

---

<sup>15</sup> Como analisou Berenice Bento sobre a questão das pessoas transexuais, mostrando o quanto as tecnologias médicas não são apenas descritivas, mas também prescritivas, pois seu uso e interpretação também esta subordinado às normas de gênero. BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, Rio de Janeiro, Garamond, 2006 e BENTO, Berenice Alves de Melo, *O que é transexualidade*, São Paulo, Brasiliense, 2008

<sup>16</sup> BUTLER, Judith (b), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, op. Cit., p. 200

<sup>17</sup> Através do conceito de “performance” artística.

*quais nos constituímos: não se trata da fabricação radical de um sujeito sexuado genericamente. É uma repetição obrigatória de normas anteriores que constituem o sujeito, normas que não podem ser descartadas por vontade própria. São normas que configuram, animam e delimitam ao sujeito de gênero e que são também os recursos a partir dos quais se forja a resistência, a subversão e o deslocamento*<sup>18</sup>.

Desta maneira, as normas de gênero são formadas e informadas por vários campos, constituindo-se através de elementos das religiões, artes, filosofias, tecnologias, ciências e os vários saberes que organizam as relações de poder em nossas sociedades. Neste trabalho específico, podemos lembrar como alguns destes regulamentos foram historicamente especificados através do discurso biomédico, fonte de legitimação para as performatividades, pois muitas destas são compreendidas ainda hoje, se questionadas, como tendo bases “naturais”, sendo assim justificadas “cientificamente”.

Desta forma, junto às questões médicas, filosóficas, religiosas e morais relativas aos pseudo-hermafroditas físicos, hermafroditas psíquicos e todos os novos sujeitos sexuais que foram forjados a partir do último terço do século XIX (como os sádicos, masoquistas ou necrófilos), o que estava sendo adaptado e reorganizado eram as normas de gênero, através dos conflitos expressos nestes debates, seja na busca pelo “verdadeiro” sexo, ou no reconhecimento de características unicamente masculinas ou femininas, procuradas do mais superficial da pele ao mais profundo da mente.

É neste sentido que podem ser compreendidas, conforme já visto, as afirmações de Lagos García em 1925, sobre movimento feminista, cujo efeito acaba sendo a patologização de uma questão política. Ao descrever uma “deformidade sexual”, este médico está também prescrevendo comportamentos e, ainda que indiretamente, convicções políticas, pois fica claro neste trecho o discurso para se preservar o campo da “Política” como uma seara exclusivamente masculina.

Marañón, em 1930, também está dialogando com as normas de gênero que se reorganizam, sendo tanto informado por elas quanto ajudando a formá-

---

<sup>18</sup> BUTLER, Judith, *Críticamente subversiva* in JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida (ed.), *Sexualidades transgressoras – uma antologia de estudos queer*, Barcelona, Icaria Editorial, 2002, p. 64

las, ao analisar que “homens não choram”, conforme visto. Da mesma maneira, quando reflete sobre os homens que toleram a traição da esposa por possuírem traços psíquicos “femininos” e uma conseqüente diminuição de sua virilidade, o caráter prescritivo orientador de performatividades torna-se claro, especialmente quando a noção de “educação” é evocada, elemento extremamente comum nos estudos sobre sexualidade.

Neste sentido, seja nos comentários médicos em livros para especialistas, como estes citados, ou nos milhares de manuais populares, panfletos e discursos sobre a “educação” sexual, percebe-se que esta é uma educação para as normas de gênero, pois são elas que formam e informam o que é “ser” homem ou mulher, quais as diferenças entre um e outro, onde e como reconhecê-las.

No campo Jurídico, Foucault já demonstrou como a questão da ambigüidade de sexo e/ ou gênero é motivo de debates e impasses, pelo menos desde a Idade Média<sup>19</sup>. Na modernidade, esta tensão revela-se nas análises sobre pessoas intersexuais (os pseudo-hermafroditas dos autores analisados) que tem como base tratados de teratologia ou de medicina legal, partindo do princípio de que alguma “lei” da natureza foi transgredida. Novamente citando Lagos García, *o delito de infração às leis da morfologia sexual impostas à grande maioria do gênero humano, como todo ato delituoso, está sujeito a graduações (...) podem ser esses pecados que vão da simples e mais ou menos desapercebida anomalia, até a complexa e ruidosa monstruosidade*<sup>20</sup>.

Ora, as “leis” que supostamente foram quebradas são as normas de gênero que, ao serem naturalizadas pelo discurso biologizante, adquirem um caráter atemporal e universal, justificando suas expectativas e definições de um “verdadeiro” sexo com seu respectivo “verdadeiro” gênero e, em última instância, um “verdadeiro” corpo humano.

Vemos então como estas normas não apenas ajudam a organizar estes saberes, moldando estas visões, mas como estes saberes se justificam, recriam e se perpetuam através de textos científicos e legais, prescrevendo quais performatividades serão reconhecidas e quais serão condenadas ou

---

<sup>19</sup> FOUCAULT, Michel, *Os Anormais*, op. Cit.

<sup>20</sup> GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, op. Cit., p. 19.

mesmo ignoradas. Seja sob a perspectiva de regras universais e naturais ou da necessidade de “educar” as manifestações concretas de gênero, percebe-se que, segundo Butler, o gênero só pode ser expresso e encarnado através da performatividade. E como vimos, as normas de gênero estão constantemente sendo atualizadas, muitas vezes sendo apenas adaptadas ao cotidiano, outras entrando em conflito com este, através de novos agentes sociais que, mesmo indiretamente, questionam, transgridem ou ressignificam estas normas, como as pessoas que vestem-se ou comportam-se como o gênero considerado “oposto”. *Os termos para designar o gênero nunca se estabelecem de uma vez por todas, mas estão sempre no processo de serem refeitos*<sup>21</sup>.

Neste sentido, ainda conforme Butler, não existe uma “essência” de gênero que seria manifesta pela psique individual, ou alguma “substância” natural que seria secretada pelos corpos sexuais e guiaria o que são os verdadeiros “Homens” ou “Mulheres”. Assim, não existe “O Homem”, “A Mulher”, “O Masculino” ou “O Feminino”, supostas versões “originais” que poderiam (e deveriam) ser encarnadas. Da mesma maneira, não existem cópias mais ou menos bem realizadas de tais ideais, pois não existe um modelo “verdadeiro” em cima do qual se reproduziriam cópias “falsas”. *Por mais que se crie uma imagem unificada da “mulher” (ao que seus críticos se opõem frequentemente), o travesti também revela a distinção dos aspectos da experiência de gênero que são falsamente naturalizados como uma unidade através da ficção reguladora da coerência heterossexual*<sup>22</sup>.

Este conceito é extremamente importante pois, desde o platonismo, grande parte da filosofia ocidental é influenciada pela concepção de um mundo ideal, sede de modelos “originais” e “perfeitos”, dos quais o universo concreto e cotidiano seria apenas um simulacro mais ou menos próximo de sua “essência” primeira<sup>23</sup>. O universo ideal é também a morada da “Verdade” e do “Bem”, originando a concepção da necessidade de se alcançar este modelo ideal não apenas como uma questão espiritual, mas principalmente política, pois a busca por este mundo organiza e justifica relações de poder. Segundo Foucault, *com Platão, se inicia um grande mito ocidental: o de que há antinomia entre saber e*

---

<sup>21</sup> BUTLER, Judith (a), *Deshacer el género*, op. cit, p. 25

<sup>22</sup> BUTLER, Judith (b), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, op. Cit., p. 196

<sup>23</sup> PLATÃO, *O Sofista*, São Paulo, Abril Cultural, 1972



*poder. Se há o saber, é preciso que ele renuncie ao poder. Onde se encontra saber e ciência em sua verdade pura, não pode mais haver poder político. Porém, para Foucault, o poder político não está ausente do saber, ele é tramado com o saber*<sup>24</sup>.

Ora, ao colocar em dúvida a própria idéia de gênero “original” ou “verdadeiro”, como faz Butler, também a noção de “cópia” perde seu sentido. Desta forma, todas as versões e variações da feminilidade ou masculinidade são válidas, pois todas são performatividades, necessitando para sua legitimidade o reconhecimento e aceitação social. Mas um dos pontos fundamentais nos quais reside esta dificuldade de reconhecimento está no fato de as performatividades que não seguem o modelo *de gênero inteligível*, conforme os termos de Butler, não serem compreendidas como expressões “autênticas” de humanidade<sup>25</sup>.

Assim, percebe-se que as normas de gênero são organizadoras também de nossos conceitos de “humano”. Os parâmetros que nos permitem ser reconhecidos como humanos são articulados socialmente e uma de suas bases mais estabelecidas são as normas de gênero. *Em certas ocasiões, os mesmos termos que conferem a qualidade de “humano” a certos indivíduos são aqueles que privam a outros da possibilidade de conseguir este status, produzindo assim um diferencial entre o humano e o menos humano*<sup>26</sup>.

Isto fica claro, por exemplo, quando travestis são constantemente questionadas sobre sua “feminilidade” (como excesso ou falta), situação não apenas corriqueira e cotidiana, mas inclusive interiorizada, na qual as próprias travestis cobram-se umas das outras e de si mesmas a performatividade de uma “verdadeira Mulher Feminina”. O que está no fundo desta cobrança, que chega a ser inclusive espetacularizada em programas de auditório nos quais a platéia tem que descobrir se a mulher no palco é “de verdade” ou “travesti”<sup>27</sup>, é o grau de reconhecimento destas pessoas como expressão de uma “feminilidade legítima” e, conseqüentemente, ter acesso a uma existência legítima. *O pensar sobre uma vida possível é um luxo apenas para aqueles que*

---

<sup>24</sup> FOUCAULT, Michel, *A verdade e as formas jurídicas*, Rio de Janeiro, PUC\_RJ/ Nau Editora, 2005, p. 51

<sup>25</sup> BUTLER, Judith (a), *Deshacer el género*, Barcelona, op. Cit.; BUTLER, Judith (b), *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*, Buenos Aires, Paidós, 2006

<sup>26</sup> BUTLER, Judith (a), *Deshacer el género*, op. Cit. p. 14

<sup>27</sup> Quadro exibido no programa *Show do Tom*, da Tv Record, em 2006.

*já sabem que são possíveis. Para aqueles que estão tratando de converter-se em possíveis, esta possibilidade é uma necessidade*<sup>28</sup>.

Desta forma, tanto os inventários de monstros da *epistémê* arcaica quanto as taxonomias da anormalidade criada pela ciência moderna, revelam-se tentativas de organizar o que pode ou não ser considerado humano e quais são as fronteiras deste conceito, ao mesmo tempo em que representam socialmente uma postura ética, política, estética e mesmo erótica em relação a tais categorias e seus limites.

É inteligível socialmente alguém “sem” sexo? Ou com mais de um sexo? É possível algum questionário, oficial ou oficioso, que pretenda obter informações básicas e “verdadeiras” sobre uma pessoa, não perguntar se esta é “homem” ou “mulher”? Com que categorias pensar estas pessoas, seja via ciência, religião ou mesmo “senso comum”? Um homem pode se “vestir de mulher” e continuar sendo visto como homem? Uma mulher pode ter um relacionamento sexual e afetivo com outra mulher, vestir-se como homem e ainda assim ser vista como feminina? A orientação do desejo sexual e a “identidade” de gênero podem ser vistas como elementos distintos sem estranhamentos ou cobranças?

Ora, se são as normas de gênero que especificam e limitam a feminilidade, a masculinidade e mesmo o que podemos compreender como macho ou fêmea, homem ou mulher, não existem normas de gênero que sejam separadas de uma estética de gênero. Mais do que um “verdadeiro” sexo cromossômico, gonadal, hormonal, endócrino, psíquico ou jurídico, são as roupas, cabelos, adereços corporais, jeitos e trejeitos que, cotidianamente, expressam as normas de gênero e definem, à primeira vista, quem é “Homem” ou “Mulher” e o quanto o “masculino” e/ ou “feminino” desta pessoa está de acordo com o esperado de seu gênero performativizado.

Como afirmou Berenice Bento em seu livro sobre pessoas transexuais e transexualidades, *se não existe nenhuma essência interna aos gêneros e ser de um gênero é, antes de tudo, “fazer” gênero, no sentido de ações continuadas, reiteradas, a estética então assume um papel importante para*

---

<sup>28</sup> BUTLER, Judith (a), *Deshacer el gênero*, op. Cit. p. 310

*ajudar a compreensão dos mecanismos de produção dos conflitos e de entrada no gênero identificado na experiência transexual*<sup>29</sup>.

Dentro do processo histórico de criação da categoria “travesti” como um sujeito sexual específico, a questão estética teve um peso intenso, talvez mesmo, predominante. Como vimos, as pessoas classificadas como travestis, tiveram como foco a questão do uso de roupas e adereços pertencentes, a princípio, ao “sexo oposto”. Mas isto só faz sentido, inclusive para patologizar tais expressões, se considerarmos que existem roupas única e, principalmente, de modo inquestionável masculinas e femininas, com diferenças entre si tão absolutas e explícitas quanto as que supostamente distinguiriam homens e mulheres.

Como vimos com Hirschfeld, muitos dos homens analisados por este autor eram heterossexuais, consideravam-se masculinos e gostavam de usar vestidos e perucas. Ora, se estes elementos fazem parte de estética de gênero considerada “feminina”, através das normas de inteligibilidade de gênero, espera-se que este tipo de vestuário seja usado por mulheres. Assim, o homem que veste tais modelos é compreendido como possuindo algum tipo de “inversão” ou ambigüidade sexual.

Percebe-se então o quanto as normas de gênero são desestabilizadas por travestis e transexuais, pois estas pessoas, independente de suas orientações e vivências afetivas e sexuais, possuem uma estética de gênero associada ao sexo “oposto”, sendo, a partir deste referente sobre a “aparência” e seus supostos “enganos”, que violências contra elas são cometidas em grande parte das situações públicas.

Tomemos como exemplo um rapaz de quase 30 anos que se considera *crossdresser*, ou CD (grosso modo, pessoa que gosta de se vestir com roupas do sexo dito oposto ao seu sexo biológico, independente de sua orientação sexual e que, comumente, não realiza mudanças definitivas no corpo como o implante de próteses para os seios - eventualmente fazendo uso de hormônios

---

<sup>29</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, op. Cit., p. 167

- e se contentando, na maioria das vezes, com uma “montagem”<sup>30</sup> restrita a algumas horas por dia/ semana ou a períodos mais significativos da vida)<sup>31</sup>.

Ele gostaria de usar esteróides anabolizantes para desenvolver sua musculatura, pois se considera muito “fraquinho” e quer possuir um corpo mais “definido” mas, ao mesmo tempo, tem medo de ser considerado “travesti”.

Este caso é interessante porque o rapaz quer “feminilizar” sua aparência nas roupas, modos, posturas, voz, gestos e adereços, concomitante ao processo de “masculinizar” seu corpo. Ao mesmo tempo, receia que esta junção não lhe caia bem, associando-a a uma transformação mal-feita, falhando em sua aparência idealmente de mulher (quando montado/a), nem completamente masculino ou feminino, mas tendo os dois elementos ressaltados o suficiente para causarem estranhamento, evocando uma sensação de “desarmonia” estética e, desta forma, associando-o ao antigo estereótipo da travesti como um “homem vestido de mulher”.

Curiosamente, existe um grupo que também quer aumentar muscularmente seu corpo (no caso, ao máximo), deixando-o mais próximo possível do imaginário de um corpo “forte” (e masculinizado), usar roupas femininas e que abomina sua associação com a figura das travestis. São as mulheres fisiculturistas, conforme estudado por Adriana Estevão. Segundo esta pesquisadora, estas atletas possuem corpos extremamente fortes, com musculatura altamente desenvolvida e “definida”, sendo que muitas gostam de reafirmar sua hererossexualidade para evitar a relação “mulher masculinizada igual a lésbica” e, em suas gírias, consideram ser chamadas de “monstro” como um elogio, em referência ao tamanho do corpo e à massa muscular.

Da mesma forma, por objetivarem um outro padrão corporal sem deixarem de se ver como mulher, percebem-se como muito femininas graças à estética de gênero: *“a gente adora (...) andar com uma roupa mais curta, usar um salto, um cabelo bem feito, uma maquiagem bem feita... Isso é ser feminina. Tem gente que pensa que por você ter músculos você vai falar*

---

<sup>30</sup> Gíriaêmica referente ao processo de se vestir, maquiar e se “transformar” no “sexo oposto”.

<sup>31</sup> Agradeço a ajuda da antropóloga Anna Paula Vencato. VENCATO, Anna Paula, *Existimos pelo prazer de ser mulher: um olhar antropológico sobre o Brazilian Crossdresser Club*, In: 26a. Reunião Brasileira de Antropologia: des/igualdade na diversidade, 2008, Porto Seguro, 26a. Reunião Brasileira de Antropologia: des/igualdade na diversidade, 2008. disponível em

[http://201.48.149.88/abant/arquivos/9\\_5\\_2008\\_12\\_13\\_29.pdf](http://201.48.149.88/abant/arquivos/9_5_2008_12_13_29.pdf) acesso em 12/07/2008

*grosso, você vai ser abrupta, que você vai batendo em todo mundo e não é assim, a gente é delicada como uma mulher qualquer, só temos um pouquinho mais de músculos”, afirma uma das entrevistadas de Adriana. Já para outra fisiculturista, ser feminina é “ser atraente mais pra classe masculina; e pra feminina no sentido delas olharem e desejarem ser do jeito que a gente é, não causar nenhuma repulsa. Mostrar que a musculação está aí para deixar todo mundo bonito e não para deixar as mulheres com a aparência masculina”.*

Conforme a autora, a imagem que as fisiculturistas constroem para si não corresponde à mesma percepção que as outras pessoas (não fisiculturistas) têm em relação a elas<sup>32</sup>. É neste momento que ocorre o conflito com as normas de gênero: quando estas mulheres são muitas vezes confundidas com “travestis”, evocando aqui a idéia de uma feminilidade falsa e grosseira, motivo de agressão e ofensa para elas.

O que estes dois exemplos têm em comum é a intenção de adaptar a feminilidade a um ideal de força física expresso por uma musculatura bem desenvolvida, atributo tradicionalmente considerado masculino, sinônimo de saúde e beleza<sup>33</sup>. Apesar de as mulheres fisiculturistas não serem consideradas nem verem a si próprias como “transgêneros”, também deslocam o sentido de uma feminilidade específica em um corpo específico. É justamente este tipo de “junção”, “mistura” ou “cruzamento” entre elementos considerados característicos de homens ou mulheres que transgride as normas de gênero predominantes e abre espaço, ainda que de forma lenta, dificultosa e não intencional, para as mudanças nos padrões de inteligibilidade dos gêneros.

Pessoas que provocam uma idéia de “transição” entre os gêneros, como travestis e transexuais, não apenas questionam normas de gênero estabelecidas, mas ajudam a criar novos padrões de gêneros que podem vir a ser repetidos, pois é no interior da performatividade que as fissuras de gênero se revelam e moldam caminhos para novas vivências. Ainda conforme Butler, *como (...) o transgênero mesmo ingressa no campo do político? Sugiro que o faz não só fazendo-nos questionar sobre o que é real e o que deve sê-lo, mas*

---

<sup>32</sup> ESTEVÃO, Adriana, *A política no corpo: mulheres fisiculturistas, corpos hiperbólicos*, Tese de doutorado defendida na PUC-SP, 2005, págs. 63 e 62 respectivamente.

<sup>33</sup> Pelúcio também vê a relação no meio das travestis entre beleza e saúde, analisando o quanto um termo é indissociável e quase sinônimo do outro. PELÚCIO, Larissa Maués, *Nos nervos, na carne, na pele – Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*, op. Cit.

*também mostrando-nos como as ações contemporâneas de realidade podem ser questionadas e como novos modos de realidade podem ser instituídos*<sup>34</sup>.

Desta maneira, vejamos agora como uma nova “identidade” de gênero foi criada concomitantemente a uma nova patologia psíquica, na segunda metade do século XX: a pessoa transexual e o “transexualismo”.

\*

Segundo Foucault, do fim do século XVIII ao início do século XX, desenvolveu-se na cultura ocidental uma “sociedade disciplinar”. Investindo em uma governabilidade focada no biopoder, esta configuração social caracterizou-se por investir em produzir corpos “dóceis e úteis” ao modo de produção capitalista e ao poder estatal. Suas características são a divisão e compartimentação dos espaços e grupos sociais constantemente vigiados e, em caso de indivíduos que não se adaptam, punição e isolamento são as medidas tomadas<sup>35</sup>. Surge assim um grande projeto social de “normalização” dos sujeitos, buscando uma “essência universal” comum às pessoas e às “leis naturais” que possam evitar o surgimento de “anormais”<sup>36</sup>. *Monstro banalizado e pálido, o anormal do século XIX é também um descendente desses incorrigíveis que apareceram nas margens das técnicas modernas de “adestramento”*<sup>37</sup>.

Dentro desta concepção é que surgiram as modernas instituições das prisões, manicômios, escolas, hospitais, forças armadas nacionais e mesmo as novas “disciplinas” acadêmicas, como a sociologia, a antropologia e a psicologia. Direta ou indiretamente, todas estas instituições organizam uma maneira específica de compreender e lidar com o corpo. *A história da penalidade, no começo do século XIX, não diz respeito essencialmente a uma história das idéias morais; é um capítulo na história do corpo*<sup>38</sup>.

Desta origem e neste contexto que desenvolve-se a “ciência sexual” e a “sexualidade”. Como vimos, o “pseudo-hermafrodita”, o “hermafrodita psíquico” e a pessoa “travesti” surgem neste período, em que a sociedade disciplinar

---

<sup>34</sup> BUTLER, Judith (a), *Deshacer el género*, op. Cit. p. 306

<sup>35</sup> FOUCAULT, Michel, *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes, 1988; FOUCAULT, Michel, *Microfísica do Poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1988; FOUCAULT, Michel, *Resumo dos Cursos do Collège de France*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997

<sup>36</sup> FOUCAULT, Michel, *Os Anormais*, op. Cit.

<sup>37</sup> FOUCAULT, Michel, *Resumo dos Cursos do Collège de France*, op. Cit., p. 63

<sup>38</sup> Idem, ibidem, p. 41

desenvolve a necessidade e as tecnologias para “identificar”, sejam vastas populações ou indivíduos específicos, criando as “identidades” étnicas, nacionais, sexuais e culturais.

Para o filósofo Gilles Deleuze, o século XX, em especial a partir do período pós Segunda Guerra Mundial, desenvolve uma outra configuração social: a “sociedade de controle”. Sem liquidar com as estruturas da sociedade disciplinar, as instituições, os agentes sociais e as relações de poder mudam sua dinâmica, gerando novas conformidades, resistências e inventividades. *Estamos entrando nas sociedades de controle, que não funcionam mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea*<sup>39</sup>.

Desta maneira, o panoptismo, característica fundamental da sociedade disciplinar, e descrito por Foucault como *uma forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua, em forma de controle de punição e recompensa e em forma de correção, isto é, de formação e transformação dos indivíduos em função de certas normas*<sup>40</sup>, não desaparece na sociedade de controle; ao contrário, amplia-se de uma forma nunca vista antes. *Este tríplice aspecto do panoptismo – vigilância, controle e correção – parece ser uma dimensão fundamental e característica das relações de poder que existem em nossa sociedade*<sup>41</sup>. Assim, câmeras de vigilância, que antes apenas monitoravam presidiários, espalham-se por estabelecimentos comerciais, universidades, igrejas, ruas e parques, tornando-se parte da paisagem e sendo vistas como um “benéfico e inevitável avanço social em relação ao direito por segurança”.

Na sociedade disciplinar o desviante era isolado; na de controle ele é “incluído” dentro de novas categorias e instituições, pois agora todos têm que participar. Desta forma, a prisão ou o manicômio não deixam de existir, mas desenvolvem seus próprios projetos de direitos e interlocuções com o campo jurídico ou criminoso.

Dentro da sociedade de controle, o que importa não são mais as categorias estanques, mas os fluxos. As instituições sociais não se pretendem mais acabadas ou finitas, mas mantêm-se através de sua constante reforma.

---

<sup>39</sup> DELEUZE, Gilles, Controle e devir in *Conversações*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992, p. 216

<sup>40</sup> FOUCAULT, Michel, *A verdade e as formas jurídicas*, op. Cit., p. 103

<sup>41</sup> Idem, ibidem, op. cit, p. 103

Reforma-se a escola, a prisão, a polícia, o mercado, o Estado para mantê-los. É um processo de avaliação contínua, visando a adaptação constante. *Num regime de controle nunca se termina nada*<sup>42</sup>. Assim, é neste novo contexto social, ou seja, o desenvolvimento de uma sociedade de controle dentro de uma sociedade disciplinar, que a transexualidade irá surgir como um “fenômeno”.

\*

Vimos como no desenvolvimento da ciência sexual, dentro do processo social e epistemológico maior de separação conceitual entre corpo/ mente, mundo exterior/ vida interior, houve uma fragmentação e multiplicação de categorias sexuais. Mesmo Hirschfeld percebe que apenas o rótulo “travesti” não é suficiente para englobar as infinitas variações que podem ocorrer entre as expressões de gênero, orientações sexuais, estilos ou adornos de corpo e as auto-identificações. Apesar de uma parte dos casos analisados em seu livro *transvestites*, ser de pessoas que se consideravam mulheres em corpo de homens e vice-versa, estas, segundo o autor, sabiam que não “eram” do sexo oposto.

Mas havia um pequeno número de casos que não se enquadravam nesta visão, acreditando, ou fazendo-se acreditar, que realmente pertenciam ao “outro” sexo. Como Hirschfeld dava grande importância à interpretação psicológica que o sujeito fazia de si mesmo, considerando inclusive a questão das vestimentas como uma forma de “expressão interior”, talvez estas pessoas pudessem ser classificadas em uma categoria distinta.

Conforme uma série de autores pesquisados<sup>43</sup>, Hirschfeld usa, em 1910, em seu livro *Transvestites*, já citado neste trabalho, o termo “transexualismo psíquico” ou “transexualismo da alma”, para referir-se a algumas pessoas travestis por ele analisadas. Já para outros estudiosos<sup>44</sup>, Hirschfeld emprega

---

<sup>42</sup> DELEUZE, Gilles, Controle e devir in *Conversações*, op. cit., p. 216

<sup>43</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, op. Cit.; KOGUT, Eliane Chermann, *Crossdressing masculino – uma visão psicanalítica da sexualidade crossdresser*, Tese de doutorado defendida pelo departamento de psicologia clínica da PUC – SP, 2006; CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, op. Cit.; SAADEH, Alexandre, *Transtornos de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino*, Tese defendida na Faculdade de Medicina da USP para obtenção do título de doutor em ciências, São Paulo, 2004

<sup>44</sup> CHILAND, Colette, *O Transexualismo*, São Paulo, Edições Loyola, 2008; MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2004



este termo apenas em 1923, em relação aos intersexuados, citando o termo em alemão original como “*seelischer transexualismus*”.

Em 1912, este mesmo médico alemão menciona uma *intervenção cirúrgica e hormonal de redefinição sexual*<sup>45</sup>. Neste período, conforme vimos, os estudos com hormônios estavam se desenvolvendo enormemente na Europa e, por influência do tratamento dos chamados pseudo-hermafroditas ou intersexuais, ganhando espaço nas discussões sobre terapias para os vários tipos de “hermafroditismos psíquicos”. Logo após, também as técnicas de cirurgias plásticas e reparadoras, em especial as de pênis, progrediram muito devido à Primeira Guerra Mundial<sup>46</sup>.

Conforme demonstrou a pesquisadora da história da transexualidade, Joanne Meyerowitz, a idéia de que é possível “trocar” de sexo, via tecnologia médica, torna-se uma verdadeira febre no imaginário europeu e especialmente norte-americano a partir do início do século XX<sup>47</sup>. Desta forma, uma série de casos foram (e ainda hoje são) citados como exemplos de pessoas que fizeram esta transição de acordo com o grau de possibilidade técnica do período. Quanto mais próximos do início deste período (o século XX), maior a mistura conceitual entre os chamados casos de pseudo-hermafroditas fisiológicos, hermafroditas psíquicos e travestis (hoje mais compreendidos como intersexuais, travestis e transexuais), cujo foco era sempre a noção de “troca de sexo”.

O importante a assinalar é a grande quantidade de intervenções clínicas e/ ou estéticas citadas neste período e feitas por especialistas que, como vimos com Lagos García e Marañón, consideram o que hoje compreendemos como transexuais apenas um grau extremo do hermafroditismo fisiológico. Neste sentido, apenas citarei, para ilustrar, alguns dos casos mais famosos de pessoas compreendidas como transexuais segundo os padrões científicos de hoje: Lili Elbe e, no próximo capítulo, Christine Jorgensen.

Neste período, é um aluno de Hirschfeld que opera por três vezes (a primeira em 1921 e a outras duas em 1930) Lili Elbe, uma pintora que adotou a

---

<sup>45</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, op. Cit. A cronologia do conceito de transexualidade que descreverei a seguir estará em grande parte baseada neste texto.

<sup>46</sup> Idem, ibidem, p. 85

<sup>47</sup> MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2004

nacionalidade dinamarquesa, tornando-se uma das primeiras pacientes a ser considerada como tendo “mudado” de sexo (independente do tipo de intervenção genital que sofreu), vindo a falecer no ano seguinte antes de completar sua série de cirurgias de transgenitalização<sup>48</sup>.

Ainda neste período, é importante notar que em 1922, o psiquiatra e psicanalista austríaco Wilhelm Stekel, colaborador de Freud, introduz o termo “parafilia” para substituir “perversão”<sup>49</sup>. Em seu livro *O fetichismo - desordens com relação ao sexo*, escrito nesta mesma data, afirma: *para o leitor que desconhece minha nova nomenclatura empregada a partir de agora na totalidade de minha obra, esclareço que digo parapatia por neurose, paralogia por psicose e parafilia por perversão*<sup>50</sup>.

Esta mudança será importante pois, no decorrer do século, a psiquiatria tentará se afastar do termo “perversão”, associado popularmente (e cientificamente) à malignidade e criminalidade, possuindo um conseqüente, ainda que não intencional sentido de julgamento moral, tomando para sua terminologia esta nova palavra criada por Stekel, “parafilia”, como ainda hoje encontrada no *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais, o DSM*<sup>51</sup>. Já o termo “perversão” vai se manter nos estudos de psicologia e, em especial, na psicanálise.

Neste livro *O fetichismo*, ao descrever o caso de uma mulher que se “sentia”, comportava e vestia como homem, Emil Guthiel, aluno sob orientação de Stekel, concordando com a diferenciação de Hirschfeld entre travestismo e fetichismo, mas divergindo nas causas, reforça a associação entre “travestismo”, “homossexualismo” e “hermafroditas psíquicos”, afirmando: *o hermafroditismo psíquico parece constituir o núcleo do travestismo (...) Stekel sustenta que a homossexualidade é uma fuga ante o outro sexo originada de parafilias e atitudes de ódio, especialmente pelo sadismo. Isto podemos confirmar também neste caso*<sup>52</sup>.

---

<sup>48</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995)*, op. Cit., p. 85; MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit, p. 58

<sup>49</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995)*, op. Cit., p. 93

<sup>50</sup> STEKEL, Wilhelm, *El fetichismo*, Buenos Aires, Ediciones Imán, sem data, p. 13

<sup>51</sup> ASSOCIATION, American Psychiatric, *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais - DSM-IV*, CD-Rom, Porto Alegre, Editora Artes Médicas/ Loggos Treinamento e Informática, 1995

<sup>52</sup> STEKEL, Wilhelm, *El fetichismo*, págs. 629 e 643 respectivamente.

Desta forma, conclui sua análise: *apesar de sua singular aparência íntima com o fetichismo, não é possível qualificar o travestismo de fetichismo autêntico. O travestismo representa uma forma especial de neurose obsessiva em que o desejo de possuir os órgãos genitais do outro sexo é deslocado para o vestido. O travesti se conforma com a aparência de pertencer ao sexo oposto; necessita de um “farrapo de realidade” para poder manter sua ficção originária de metamorfose sexual. Enquanto que o fetichista autêntico reconstrói, por regra geral, uma cena do passado e volta à infância para reviver algo determinado, o travesti desloca um desejo irrealizado para o futuro, esperando que se produza o grande milagre de sua realização, o milagre da metamorfose sexual. Deste modo o fetichismo tem uma tendência retrospectiva e o travestismo uma tendência prospectiva*<sup>53</sup>.

O importante a ressaltar neste trabalho é a não diferenciação entre um forte desejo de viver como alguém do “outro” sexo e considerar-se como pertencente a este outro sexo. Da mesma forma, a importância de saber se a pessoa se veste com roupas do sexo oposto por necessidade ou por prazer, fará a associação entre este hábito e o fetichismo uma questão constante até os dias de hoje. Desta mescla de teorias e conceitos, a idéia de “transexualismo” começa a se formar a partir do “travestismo”, no início como ramificação de uma variedade deste, depois, adquirindo uma nosografia e caracterização próprias.

---

<sup>53</sup> Idem, ibidem, p. 652

## V

### **Ciências e mídias: as construções teóricas sobre a transexualidade e seus limites**

#### Os primórdios do “gênero” e o exemplo de outras culturas

*Enquanto não conseguirmos entender cabalmente como uma sociedade pode moldar todos os homens e mulheres nascidos em seu âmbito de modo que se aproximem de um comportamento ideal inerente apenas a alguns poucos, ou restringir a um sexo um ideal de comportamento que outra cultura logrou limitar ao sexo oposto, não poderemos falar de forma muito compreensiva sobre diferenças sexuais<sup>1</sup>.*

Durante o decorrer do século XX, a questão de onde estão os limites entre homens e mulheres, entre o masculino e o feminino e como reconhecê-los não foi apenas da biomedicina, seja ela focada nos hormônios ou na psique. Este tema também esteve presente nas artes, na religião e nas ciências humanas. Neste período inicial, enquanto os médicos aplicam suas teorias na prática cirúrgica, a jovem antropologia também debate os mesmos temas paralelamente.

Assim, gostaria de citar um dos primeiros estudos nesta área que vai indicar a futura divisão conceitual entre sexo (corpo físico) e gênero (aspecto social): o livro da antropóloga culturalista Margareth Mead. Em 1935, ela publica *Sex and temperament in three primitive societies*, traduzido no Brasil como *Sexo e temperamento*. Neste livro, a autora, aluna de Franz Boas, analisa três grupos sociais da Nova-Guiné e suas diferenças entre o sexo e o “temperamento” encontrado em seus membros.

O que é chamado de “temperamento” por esta autora, apesar de uma forte inclinação de base psico-biológica, como os estudos da época chamados

---

<sup>1</sup> MEAD, Margaret, *Sexo e temperamento*, São Paulo, Perspectiva, 1988, p. 9

de “psicologia do sexo”, pode muito bem ser compreendido hoje como “gênero”, pois Mead afirma na introdução: *nem de leve eu suspeitava que os temperamentos que reputamos naturais a um sexo pudessem, ao invés, ser meras variações do temperamento humano a que os membros de um ou ambos os sexos pudessem, com maior ou menor sucesso, no caso de indivíduos diferentes, ser aproximado através da educação.*

O primeiro grupo, chamado “os Arapesh das montanhas”, Mead os considera como essencialmente pacíficos e, afora uma pequena diferença entre os meninos que têm um pouco mais de liberdade para expressar a agressividade que as meninas, tanto homens quanto mulheres possuem poucos motivos de desavenças baseados em uma suposta diferença sexual. Sobre a vida sexual dos Arapesh, afirma: *nem homens nem mulheres são considerados como espontaneamente sexuais. (...) Não há o reconhecimento, da parte de um ou outro sexo, de um clímax específico nas mulheres, e o clímax nos homens é definido simplesmente como perda de tumescência. A ênfase na prontidão e desembaraço mútuo é a dominante. (...) É difícil julgar o que nos parece o comportamento mais utópico e fictício, dizer que não há diferença entre homens e mulheres, ou dizer que tanto os homens como as mulheres são naturalmente maternas, dóceis, receptivos e não agressivos.*

Entre o segundo grupo, “os Mundugumor habitantes do rio”, tanto homens quanto mulheres mostram-se agressivos e sempre prontos para a guerra. As segundas são vistas como mais um adversário que, apesar de estar em desvantagem, sua estrutura física não é frágil. Conforme a autora, *por trás desta diferença de tratamento de meninos e meninas, não existe teoria de que as mulheres diferem dos homens no temperamento. São consideradas igualmente violentas, agressivas e ciumentas*<sup>2</sup>.

Já o último grupo, “os Tchambuli habitantes do lago” mostram-se a princípio como o oposto do que a cultura da antropóloga esperava do ideal de homens e mulheres. Os primeiros devotam sua vida especialmente à arte e aos cuidados de sua apresentação social, incluindo ornamentos corporais e modos de comportamento. Já entre as segundas, a regra é o trabalho eficiente, o companheirismo, a sinceridade nas relações e o maior desejo sexual, sendo

---

<sup>2</sup> Idem, Ibidem, págs. 27, 115, 118, 162 e 205 respectivamente.

estas as pessoas consideradas com “iniciativa” nesta sociedade. É importante realçar que Mead não considera os homens como “afeminados” ou as mulheres “masculinizadas”, mas que ambos mostram “temperamentos” que, em nossa cultura, seriam considerados “invertidos”.

Neste sentido, a autora conclui: *se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas – tais como passividade, suscetibilidade e disposição de acalantar crianças – podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo, e na outra ser prescrita para a maioria das mulheres, assim como para a maioria dos homens, não nos resta mais a maior base para considerar tais aspectos do comportamento como ligados ao sexo.*

E apesar de trabalhar com os conceitos de “invertidos congênitos”, “aberrações sexuais” e “homossexualismo”, a autora analisa brevemente, nos grupos estudados, casos de homens que, pelo seu “temperamento”, são considerados mais próximos das mulheres, adaptando-se às atividades e ao vestuário feminino e observa: *por estar distribuído desigualmente pelo mundo, parece claro que o travesti não é apenas uma variação que ocorre quando existem diferentes personalidades decretadas para homens e mulheres, mas que não ocorre, necessariamente, nem mesmo aí. É de fato uma invenção social que se estabeleceu entre os índios americanos e na Sibéria, mas não na Oceania*<sup>3</sup>. Desta forma, desnaturaliza-se esta questão, realçando o quanto o conceito de “travestismo” criado pela medicina Ocidental pode não se encaixar em outros grupos sociais.

Neste livro, Margaret Mead propõe uma das primeiras análises nas ciências humanas sobre como os “papéis” de gênero organizam relações de poder e hierarquia nas sociedades e, principalmente, o quanto as supostas diferenças entre homens e mulheres podem ser variáveis e mutantes, inclusive os conceitos de “inversão” e as categorias de pessoas que se deslocam de um gênero para outro, independente de sua disposição biológica ou de seu aparato genital.

Esta separação entre “sexo” e “temperamento”, decorrente de uma separação conceitual anterior e maior, a de corpo e mente, já estava presente nas áreas biomédicas, que procuram não apenas o “verdadeiro” sexo na

---

<sup>3</sup> Idem, Ibidem, págs. 168 e 281 respectivamente.

estrutura fisiológica, mas também na psique. Desta maneira, surge gradualmente a idéia de um sexo na mente e, mais importante, um sexo da mente. Conforme a já citada historiadora Meyerowitz, é este procurado e pressuposto “sexo da mente” que vai originar o conceito de “gênero”<sup>4</sup>.

## Harry Benjamin, John Money, Robert Stoller e Christine Jorgensen: construindo as pessoas transexuais

*Neste sentido, a teoria da bissexualidade fez a mudança de sexo parecer possível*<sup>5</sup>.

Durante a Segunda Guerra Mundial, são encontrados casos de experimentos científicos feitos pelos nazistas, como o de Georges Marie André S., um rapaz que, preso pela Gestapo em 1943, passa por uma série de tratamentos hormonais com o objetivo de feminilizá-lo. Ao fim da guerra, ele torna-se a primeira pessoa a requerer a troca de estado civil em seus documentos, o que consegue apenas em 1975<sup>6</sup>. Mas é após este conflito armado, dentro do processo de reajuste da nova ordem social, que realmente nasce o que foi chamado por um de seus criadores de “fenômeno transexual”<sup>7</sup>.

Em 1949, o doutor D. O. Cauldwell escreve para uma revista popular de divulgação científica e educação sexual chamada *Sexology* sobre o caso de uma mulher “biológica” que queria se masculinizar. Ao analisar o caso, posicionando-se contra os tratamentos cirúrgicos, este médico cunhou o termo “*psychopathia transexualis*”, título de seu artigo,<sup>8</sup> em referência ao já clássico livro de Krafft-Ebing, *Psychopathia sexualis*.

Mas a questão da chamada transexualidade vai ganhar notoriedade e importância mundial quando em 1952, o jornal *The New York Daily News* de 1º

---

<sup>4</sup> MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit, p. 114

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p. 28

<sup>6</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995)*, op. Cit., p. 95

<sup>7</sup> BENJAMIN, Harry, *The transsexual phenomenon*, Copyright of the electronic edition by Symposium Publishing, Düsseldorf, 1999, disponível em <http://www.symposion.com/ijt/benjamin/index.htm> Acesso em 27/09/2006

<sup>8</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995)*, op. Cit., p. 96

de dezembro vai destacar na primeira página: “*Ex-GI becomes blonde beauty*”<sup>9</sup>. Nascido em 1926 nos Estados Unidos, George William Jorgensen Jr., o protagonista da manchete, afirma alguns anos depois: “*eu era extremamente afeminado. Minhas emoções eram as de uma mulher ou um homossexual. Eu acredito que meus pensamentos e reações eram mais frequentemente femininas que masculinas*”<sup>10</sup>. Da mesma maneira, também analisa ter tido uma infância infeliz e sentir-se como uma mulher, além de considerar a homossexualidade como algo imoral e reprovável, com a qual ele jamais se identificou.

Aos 19 anos, em 1945, ingressa nas Forças Armadas Americanas e é dispensado com honra seis meses depois por haver contraído uma pneumonia<sup>11</sup>. Jorgensen toma contato através da literatura da época, tanto popular e romanceada quanto a de divulgação científica, de que era possível “mudar de sexo” via tecnologia científica. Conhece então os trabalhos do dr. Christian Hamburguer com hormônios femininos, feitos na Dinamarca. Como era descendente de dinamarqueses, viaja para este país e em 1951 encontra-se com este endocrinologista.

Aceitando o desafio, pois o dr. Hamburguer nunca tinha feito tal cirurgia, este médico tratou hormonalmente Jorgensen e, no mesmo ano de 1951, removeu seus testículos. Um ano depois remove o pênis e os médicos criam os lábios vaginais, mas o desencorajam a tentar a criação de um canal vaginal, talvez pela precariedade da técnica, mas também porque afirmam que Jorgensen queria “se parecer com uma mulher, e não ter intercursos sexuais”<sup>12</sup>. Vestindo-se agora como mulher e sentindo que seu corpo se adequava a suas exigências psíquicas, o ex-George adota o nome de Christine, em homenagem a seu médico.

Quando retorna para os Estados Unidos, a explosão na mídia é imediata. Diferente da divulgação anterior sobre pessoas que “mudavam” de sexo, pela qual a própria Christine tomou conhecimento do tema, que era algo

---

<sup>9</sup> MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit, p. 62. Esta breve biografia de Christine Jorgensen estará toda baseada no capítulo 2 (*Ex-GI becomes blonde beauty*) deste livro de Meyerowitz.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 54

<sup>11</sup> SAADEH, Alexandre, *Transtornos de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino*, Tese defendida na Faculdade de Medicina da USP para obtenção do título de doutor em ciências, São Paulo, 2004, p. 30

<sup>12</sup> MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit, p. 61



mais popular e apresentada junto a casos de fenômenos paranormais, mulheres barbadas, homens que mastigavam vidro e uma série de outros “fatos diversos”, a notícia sobre sua vivência agora chegava aos meios de comunicação mais importantes com uma atenção nunca antes dada a tal evento.

Jornais, revistas e todo o tipo de material de divulgação<sup>13</sup>, tanto os considerados sérios como os sensacionalistas, estampam em suas páginas principais a “incrível” história de um militar, a quintessência da masculinidade ocidental, que se “transforma” em uma, literalmente, mulher provocante. Quase automaticamente, Christine Jorgensen torna-se uma celebridade, participando de entrevistas, programas de rádio e tudo o mais que, através da espetacularização de sua figura, pudesse recolher algum lucro econômico e social.

Os jornalistas procuravam as “falhas” na sua feminilidade, enquanto buscavam descobrir seus traços masculinos. Da mesma forma, a imprensa queria saber até onde ela era um homem homossexual extremamente afeminado ou um caso de intersexualidade. Sua sexualidade também era fundamental para as matérias feitas sobre o tema. Ela estava namorando? Era virgem? Que tipo de homem poderia se interessar afetivamente por ela? E em todos estes debates, mantinha-se, como até hoje, o insistente hábito de chamá-la no masculino.

Aproveitando-se da fama, Christine tentou nos anos seguintes guiar o melhor possível a maneira com que a mídia a abordava, tentando não apenas ser protagonista, mas também diretora de sua própria vida espetacularizada. Desta maneira, escolhia cuidadosamente suas palavras em entrevistas, sabia dar respostas diretas e deixar dúvidas no ar quando lhe convinha, escreveu uma autobiografia e criou um espetáculo teatral no qual narrava e dramatizava sua história, baseando-se sempre em justificativas biológicas e hormonais sobre sua condição.

Utilizando-se de uma expressão que já era comum na época, descrevia a si mesma como “uma mulher presa em um corpo de homem” que, graças à

---

<sup>13</sup> Segundo Meyerowitz, a televisão ficou de fora desta febre provavelmente porque, estando em seu início de carreira e voltada exclusivamente para a instituição “família”, não podia correr o risco de investir em um tema, ainda hoje, tão controvertido e “sexualizado”. MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit

sua determinação individual, aos avanços da tecnologia científica e da benevolência médica, conseguiu superar um passado de infelicidade e, segundo sua visão, literalmente se reconstruir. Em 1954, é eleita “mulher do ano”. Christine Jorgensen era tudo o que a moderna mídia internacional queria. Durante algum tempo, este foi um casamento extremamente frutífero para ambos os lados, até o desgaste comum aos relacionamentos direcioná-la mais para as páginas das seções de História do que de Cotidiano.

A extensão e espetacularização da história de Christine é um dos elementos mais importantes de seu caso e da história da transexualidade. Depois disso, milhares de pessoas por grande parte do mundo, ficaram sabendo que era possível, cientificamente, passar de um sexo a outro. Conforme vários autores que tratam do tema<sup>14</sup>, é impossível pensar o desenvolvimento do conceito de “transexualidade” sem a influência da mídia e da tecnologia médica. Segundo Meyerowitz, *Jorgensen fez de mudança de sexo um termo caseiro*<sup>15</sup>.

Também no ano de 1954, noticia-se o caso de Robert Cowell, um aviador britânico, também militar da Segunda Guerra que torna-se Roberta Cowell. Para os mais conservadores, era uma conspiração internacional para acabar com a masculinidade. Dinamarca, Estados Unidos, Grã-Bretanha e, cada vez mais, uma série de países divulga casos de “mudança de sexo” em que médicos, educadores, religiosos e público em geral posicionam-se ora contra, ora a favor, mas sempre com uma paixão e seriedade que denunciavam o quanto o tema perturbava o imaginário de sexos e gêneros natural e eternamente estanques.

Junto com estes casos, acirraram-se as discussões apocalípticas sobre o “fim” dos papéis sexuais, as “crises da masculinidade” e a “dissolução ética” da sociedade em decorrência dos “inconseqüentes” avanços da ciência, críticas todas já feitas insistentemente desde o final do século XIX. Como vimos, religiosos, educadores e cientistas consideram um dever ético e social participar deste debate. Entre estes últimos, em que alguns de seus representantes chamavam Christine de *freak* (aberração, monstro) ou de

---

<sup>14</sup> CHILAND, Colette, *O Transexualismo*, op cit; FRIGNET, Henry, *O transexualismo*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2002; MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit.

<sup>15</sup> MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit, p. 51

“homem pervertido”, ocorria uma discussão curiosa: os doutores europeus ou de formação européia (seguindo a tradição de Hirschfeld), analisavam este caso como sendo de um alto grau de travestismo, enquanto os americanos viam um caso de hermafroditismo. Mas para ambas as tendências, a pergunta era: afinal, qual é e onde reside o verdadeiro sexo de Christine?<sup>16</sup>

E é graças a este debate midiático, científico e, principalmente espetacularizado, que Harry Benjamin, um endocrinologista alemão radicado nos Estados Unidos e um dos futuros “papas” da temática transexual, além de médico de Jorgensen, entrará neste debate. Nascido em Berlim em 1884, mudou-se para os Estados Unidos em 1913 para trabalhar com tuberculose a convite de seu professor F. F. Friedmann e de um banqueiro, que prometiam ter uma nova vacina contra a doença. Ao descobrir que fora enganado por seus anfitriões, pois eles não possuíam a tal vacina, nem tinham intenções de desenvolvê-la, Benjamin rompe com os dois, que se negam a pagar sua passagem de volta para Alemanha<sup>17</sup>. Estando em Nova York, desenvolve então seu trabalho na área de endocrinologia. É neste campo que terá seus primeiros contatos com pessoas transexuais, vindo a desenvolver formas de tratamento específicas para estes casos.

Segundo o historiador Pierre-Henri Castel, em 1930, Harry Benjamin teria se encontrado com Freud visando resolver seu problema de impotência com a esposa. Mas o psicanalista teria se recusado a tratá-lo, afirmando que a causa de seu problema era uma homossexualidade latente<sup>18</sup>. Esta situação passa a ser considerada a origem da descrença do endocrinologista nas psicoterapias em geral, e em especial na psicanálise, que já não era vista com bons olhos por uma parte do meio médico do período, por considerá-la uma doutrina mais próxima da filosofia do que da metodologia científica.

Desta maneira, em 1966, Harry Benjamin vai chamar a psicanálise de um tipo de culto, incompreensível para médicos clínicos, com explicações muitas vezes “absurdas, intrigantes e mesmo poéticas”, criticando em especial a associação feita pela teoria psicanalítica entre o conceito de “mãe com

---

<sup>16</sup> Idem, *ibidem*

<sup>17</sup> SAADEH, Alexandre, *Transtornos de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino*, op. Cit., p. 31

<sup>18</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, op. Cit., p. 86

pênis”, “mulher fálica” e “complexo de castração”, e as pessoas travestis e transexuais.

Ao citar seu encontro com Freud, considera o evento “inesquecível” e afirma que conversaram sobre as influências das glândulas hormonais sobre a mente, e que inclusive Freud riu muito de seus comentários jocosos. Para o endocrinologista, se o criador da psicanálise estivesse vivo ainda, não negaria a importância das influências orgânicas sobre a psique, sem cair no “extremismo” atual. Desta forma, afirma: *se eu aprendi alguma coisa nesta visita, foi que Freud certamente não era “freudiano”, no sentido dos praticantes de hoje. (...) Além disso, Freud era grande o suficiente para reconhecer seus próprios erros ocasionais, admiti-los e experimentar corrigi-los*<sup>19</sup>.

Quando convocado para debater o caso de Christine Jorgensen, Harry Benjamin já possui anos de experiência no trato com pessoas transexuais. Em 1953, publica no *International Journal of Sexology*, V. 7, Nº 1, o artigo “*Travestismo e transexualismo*”<sup>20</sup>, sendo este último nome originado do termo em latim formulado pelo dr. Cauldwell (“transexualis”). Neste texto, Harry Benjamin cria literariamente o sujeito “transexual” e o “transexualismo”, acompanhando a tradição desde o século XIX de nomear “distúrbios”, “problemas” ou “doenças” relacionados à sexualidade com o sufixo “ismo”, iniciando assim o processo de popularização tanto científica quanto cotidiana destes dois novos termos. Em abril de 1954, reescreve o artigo no *American Journal of Psychotherapy*, V. 8, Nº 2<sup>21</sup>.

Em outro texto do mesmo ano, 1954, intitulado “*Eu quero mudar meu sexo*”, este autor analisa uma carta contendo a autobiografia de um homem que percebe-se como mulher e deseja a cirurgia de transgenitalização, narrando todos os elementos característicos já citados e concluindo com um pedido de ajuda: *Eu quero mudar meu sexo. Pode o senhor ajudar-me?*

---

<sup>19</sup> BENJAMIN, Harry, *The transsexual phenomenon*, op. Cit. O livro está disponível integralmente na internet, conforme citado, mas não possui indicação de números de páginas.

<sup>20</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, op. Cit., p. 40

<sup>21</sup> Este artigo condensado e adaptado, unido a um novo chamado “*Eu quero mudar meu sexo*”, aparece no Guia de Sexologia, de 1965, lançado pela *Sexology Corporation*, sendo uma coletânea de textos sobre sexualidade escritos por alguns dos mais conhecidos especialistas da época, como o próprio Benjamin. No Brasil, este livro foi editado como *Tudo sobre o sexo* e lançado em 1966. É com base nesta edição nacional que analiso estes dois textos citados. CAPRIO, Frank. S. (org.), *Tudo sobre o sexo*, São Paulo, Ibrasa, 1966

Segue então a resposta de Harry Benjamin que afirma compreender os sentimentos desta pessoa e avisa: *antes de mais nada, o sexo é determinado no momento da concepção; e, portanto, não pode nunca ser mudado*<sup>22</sup>. A cirurgia é recomendada, então, para se adequar o corpo físico à imagem ansiada pelo sujeito, ressaltando suas deficiências técnicas e riscos, sem transmitir a idéia de que ele agora “mudou” de homem para mulher, pois *seu sexo inato, genético, permanecerá sempre masculino. (...) Se o cirurgião castrar o senhor, sendo a castração uma parte da operação, o senhor passará a ser, tecnicamente, e do ponto de vista da realidade glandular, uma entidade humana nem masculina nem feminina. Passará a ser “neutro”. Somente seu sexo psicológico é que é feminino (se assim não fosse, o senhor não desejaria a operação em primeiro lugar)*<sup>23</sup>.

Mesmo trabalhando com o conceito chave para estes estudos, de uma bissexualidade original biológica (e mesmo psíquica), Harry Benjamin ainda mantém a idéia de um “verdadeiro” sexo, que embora mascarado, permanece como realidade última. Já em *Transexualismo e travestismo*, o autor afirma que a diferença fundamental entre travestis e transexuais é que no segundo caso existe um *desejo intenso, por vezes obsessivo, de mudar completamente de estado sexual, inclusive da estrutura orgânica*. Enquanto o travestismo representa o papel de mulher, o transexual deseja *ser e funcionar como mulher, aspirando a adquirir tantas características quantas forem possíveis da mulher, seja de ordem física, seja de ordem mental, e seja, ainda, de ordem sexual*. Tanto o travestismo como o transexualismo são sintomas da mesma condição de base; trata-se, nos dois casos, de *distúrbio da normal orientação do sexo e do gênero*<sup>24</sup>.

Esta diferenciação, com poucas variações, vai embasar muitos dos futuros estudos científicos seguintes sobre o tema. Se até então, pessoas que desejavam fortemente viver como o sexo “oposto” ou mesmo se consideravam como pertencentes a ele, eram classificadas como “travestis”, agora desenvolve-se uma diferenciação dentro desta categoria. Esta profunda

---

<sup>22</sup> BENJAMIN, Harry, “*Eu quero mudar meu sexo*” in CAPRIO, Frank. S. (org.), *Tudo sobre o sexo*, op. Cit., p. 209

<sup>23</sup> Idem, ibidem, p. 210

<sup>24</sup> BENJAMIN, Harry, *Transexualismo e travestismo* in CAPRIO, Frank. S. (org.), *Tudo sobre o sexo*, op. Cit., p. 214. Grifos meus, pois no original, o trecho grifado está em itálico. Para manter o destaque do texto, utilizei este recurso.

identificação será uma característica de “transexuais”, enquanto que “travestis” serão associados, no discurso médico, cada vez mais às “perversões” e “parafilias”, em especial ao fetichismo.

Harry Benjamin continua então enumerando as características que considera definidoras da pessoa transexual, e que se tornarão o padrão científico para o reconhecimento do “verdadeiro” ser transexual. São elas, a insistência em se considerar uma “mulher em corpo de homem” (ou uma “alma feminina em corpo masculino”), o repúdio e ódio aos próprios genitais e a urgente necessidade de alterar seu corpo, adequando-o ao sexo que considera ser o correto; e, finalmente, uma profunda angústia ou infelicidade quanto à sua condição. Como vimos anteriormente, este discurso existe registrado, pelo menos, desde a análise do caso do húngaro em Krafft-Ebing e, talvez mais do que descrever um sintoma, ajuda a formar um “tipo ideal” de transexual.

Na segunda parte do artigo, descreve três tipos de travestidos: o primeiro, *o travestido principalmente psicogênico*, que seria a pessoa travesti no sentido clássico criado por Hirschfeld, para quem o tratamento aconselhado é o psicológico, pois *o que ele quer é que a atitude da sociedade para com ele se modifique*, e não o contrário. O segundo é *o tipo intermediário*, que oscila entre o travestismo e o transexualismo e entre a hetero e a homossexualidade, sendo indicado principalmente o tratamento hormonal. Já o terceiro é *o transexual somático-psíquico*, representado exemplarmente por Christine Jorgensen. A estas pessoas é recomendada a ajuda psicológica e, principalmente, hormonal e cirúrgica. Mais uma vez, a figura do hermafrodita é evocada e Harry Benjamin afirma: *aqui, o hermafroditismo psíquico parece que vem a ser uma descrição útil, embora cientificamente incorreta*<sup>25</sup>. Como a maioria dos estudiosos sobre o tema, este autor acredita que os casos de transexualidade em mulheres biológicas são raros, pois a maioria das mulheres masculinizadas são compreendidas como um ponto extremo da homossexualidade feminina.

Paralelo ao trabalho de Harry Benjamin, um psicólogo também organiza as bases dos modernos debates sobre os limites, possibilidades e interpretações sobre o que é ser “homem” ou “mulher”, “masculino” e

---

<sup>25</sup> Idem, ibidem, págs. 219 e 220 respectivamente.

“feminino”. Seu nome é John Money. Nascido na Nova Zelândia, este psicólogo vai para os Estados Unidos estudar casos de intersexuais, especialmente crianças, em um dos hospitais de referência internacional sobre o tema, o Johns Hopkins Hospital<sup>26</sup>.

Em 1955, Money utiliza pela primeira vez o conceito de “gênero” em relação às diferenças sexuais, influenciado pelos conceitos de “papel social” do sociólogo Talcott Parsons<sup>27</sup>. Segundo este psicólogo, a grande maioria das crianças com que trabalhou sentia-se pertencente ao sexo de criação<sup>28</sup>. Desta forma, conclui que a identidade sexual da pessoa é moldada até os 18 meses de vida. Conforme analisou Berenice Bento, *as teses de Money, no entanto, não eram da determinação do social sobre o natural, mas como o social, mediante o uso da ciência e das instituições, poderia assegurar a diferença entre os sexos*<sup>29</sup>.

De acordo com os conceitos de Butler, pode-se afirmar que este psicólogo, apesar de sua tese revolucionária de que o comportamento de gênero não era algo inato ao funcionamento orgânico, procurava manter a tradicional *inteligibilidade de gênero*, ou seja, que pessoas com pênis deveriam ser “masculinas” e sentir atração afetiva-sexual por mulheres e vice-versa. As cirurgias em crianças com algum grau ou tipo de intersexualidade visavam então manter a lógica heteronormativa: “construir” vaginas para meninas que deveriam ter uma vida sexual com meninos e “pênis” para garotos que seriam educados a desejar garotas.

Em 1964, a terceira pessoa que mais vai influenciar os estudos e interpretações sobre transexualidade, o psiquiatra e psicanalista americano Robert J. Stoller, cria o conceito de “identidade de gênero”, como *a mescla de masculinidade e feminilidade em um indivíduo, significando que tanto a masculinidade quanto a feminilidade são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e graus diferentes. Isso não é igual à qualidade de ser homem ou mulher, que tem conotação com a biologia; a identidade de gênero encerra um comportamento psicologicamente motivado. Embora a masculinidade*

---

<sup>26</sup> CHILAND, Colette, *O Transexualismo*, op cit, p. 17

<sup>27</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, op. Cit., p. 41

<sup>28</sup> CHILAND, Colette, *O Transexualismo*, op cit, p. 19

<sup>29</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, op. Cit., p. 41

*combine com a qualidade de ser homem e a feminilidade com a qualidade de ser mulher, sexo e gênero não estão, necessariamente, de maneira direta relacionados*<sup>30</sup>. Conforme Meyerowitz, Stoller inicia assim um dos dados mais importantes para as futuras análises de transexuais: a separação entre gênero e sexualidade<sup>31</sup>. Sobre este psicanalista voltaremos a falar mais à frente.

Em 1966, Money, influenciado pela terminologia de Stoller, fundou a Clínica de Identidade de Gênero junto ao Johns Hopkins Hospital, na qual o foco principal passa a ser estudar e “tratar” de problemas relacionados à identificação pessoal entre os genitais e o auto-reconhecimento como “homem” ou “mulher”, além da correta ou, pelo menos, mínima expressão de “feminilidade” ou “masculinidade”. Foi nesta clínica que a temática transexual ficou indissociável do nome deste psicólogo, que acompanhou vários pacientes, e onde foi realizada a primeira cirurgia de transgenitalização dos Estados Unidos, em 1965<sup>32</sup>.

Para Money, que nos casos de intersexuais recomendava cirurgias para especificar um aparelho genital (sendo a maioria das crianças “feitas” como mulher pois, segundo uma expressão comum no jargão médico, *“é mais fácil cavar um buraco que erigir um poste”*<sup>33</sup>), seguidas de uma persistente educação nos “papéis” de gênero relacionados ao novo sexo, as pessoas transexuais confirmavam suas teses: a identidade sexual pode ser desenvolvida como “masculina” ou “feminina” independente do corpo físico sexuado<sup>34</sup>. *Todo o saber biológico sobre o hermafroditismo humano acumulado*

---

<sup>30</sup> STOLLER, Robert J., *Masculinidade e feminilidade*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1993, p. 28

<sup>31</sup> Embora esta separação já estivesse sendo esboçada desde o início do século XX, conforme visto com Hirschfeld. MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, Cambridge, op. Cit., p. 115

<sup>32</sup> MONEY, John, apud RAMSEY, Gerald, *Transexuais – perguntas e respostas*, São Paulo, Summus, 1998, p. 19

<sup>33</sup> Expressão usada por médicos para se referir à maior facilidade técnica para criar genitais femininos em comparação aos masculinos, em especial no caso de crianças. MACHADO, Paula Sandrine, *O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural* in *Cadernos Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu* nº 24, Campinas, Unicamp, janeiro - junho de 2005, p. 279

<sup>34</sup> O trabalho de Money será fortemente abalado por um jornalista, John Colapinto, que em 2001 lançou um livro de forte base biologista e essencialista, narrando uma outra versão de um dos casos mais famosos e citados de Money. Em 1967, dois irmãos gêmeos, ainda bebês, foram levados por sua mãe para serem circuncidados. Nesta ocasião, um deles teve o pênis seriamente queimado e destruído pelo aparelho que fazia o procedimento. Os pais do garoto, ao verem Money pela televisão o procuraram e este recomendou a transformação cirúrgica e hormonal da criança ferida em uma menina e que os pais a tratassem exclusivamente desta maneira, reforçando todos os “atributos” (ou estereótipos) de gênero na educação dela. O outro bebê deveria ser criado como menino. Esta era a chance perfeita de provar, cientificamente, as teses do doutor sobre a independência entre sexo e gênero. Com o passar dos anos, Money escreveu vários artigos analisando o sucesso do tratamento e a confirmação de sua teoria, história conhecida como caso John/ Joan. Um outro pesquisador com teorias contrárias, Milton Diamond, resolve



*desde os anos 20 (...) é interpretado sociologicamente. Que a identidade sexual resulte essencialmente de um aprendizado do “papel de gênero”, e que a identidade de gênero daí resulte, não será mais colocado em questão*<sup>35</sup>.

Ainda em 1966, treze anos depois de seu primeiro artigo nesta área, Harry Benjamin lança *O fenômeno transexual*, um dos livros mais importantes sobre o tema, pois ele não apenas organiza suas teorias sobre o assunto, como vai lançar as bases para a padronização dos tratamentos da transexualidade em quase todo o mundo até os dias de hoje. Neste texto, o autor retoma a discussão de que não existe uma distinção biológica clara entre “macho” e “fêmea”, pois ambos vêm de uma mesma unidade ainda não diferenciada nos fetos, afirmando que os sexos são vários: o cromossômico ou genético (XX ou XY); o anatômico, que se divide em genital (pênis ou vagina) e gonadal, que por sua vez também se ramifica em germinal (testículos ou ovários) e endócrino (ou hormonal); o psicológico; o social e o jurídico.

Também evoca a distinção entre sexo e gênero, afirmando que mesmo ela não é absoluta: *“sexo” é mais aplicável onde há o envolvimento da sexualidade, da libido e da atividade sexual. “Gênero” é o lado não sexual do sexo. Como alguém expressou: o gênero está acima da cintura, e o sexo abaixo*<sup>36</sup>. Ainda assim, o que determina o “verdadeiro” sexo da pessoa, segundo Harry Benjamin, são os cromossomos sexuais que vão designar o sexo genético, originando daí o sexo e o gênero.

Ao analisar o “travestismo”, afirma que, quando este não vem acompanhado de estímulos sexuais, não se caracteriza como perversão, sendo originado então de um “desconforto de gênero”. Já com relação às pessoas transexuais, confirma o que já vem sendo criado há décadas e estabelece como padrão para o reconhecimento dos “verdadeiros” indivíduos transexuais

---

fazer sua própria investigação sobre este caso e descobre uma série de crises familiares e conflitos sociais envolvendo os dois irmãos e seus familiares em relação a esta questão, pois “Joan”, extremamente infeliz, a partir da puberdade resolveu voltar a ser “John”. O dr. Diamond escreve artigos criticando Money e suas teorias e o jornalista John Colapinto lança em 2001 o livro *As nature made him*, narrando os conflitos e problemas dos irmãos. Tragicamente, o irmão que foi criado “normalmente” como menino, Brian, matou-se em 2002 e David, o nome verdadeiro do protagonista desta história, também suicidou-se em 2004. COLAPINTO, John, *Sexo trocado – A história real do menino criado como menina*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2001; CORRÊA, Mariza, *Não se nasce homem*, trabalho apresentado no Encontro Masculinidades/ Feminilidades” nos *Encontros Arrábida 2004*, Portugal, 2004; MONEY, John e TUCKE, Patrícia, *Os papéis sexuais*, São Paulo, Brasiliense, 1981

<sup>35</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, op. Cit., p. 87

<sup>36</sup> BENJAMIN, Harry, *The transsexual phenomenon*, op. cit.

as seguintes características já vistas: uma “profunda infelicidade” como membro do sexo designado, não o considerando como seu sexo “real” e “interior”; aversão a seu aparelho genital, acompanhado de um profundo desejo de “mudá-lo” e a orientação sexual não homossexual. Por exemplo, se a pessoa for um “homem biológico”, e perceber-se como mulher, então deve sentir atração sexual apenas por homens (ou não sentir nenhuma atração sexual). A mesma coisa é válida para os casos de mulheres “biológicas”.

Seguindo a tradição dos estudos de sexologia, Harry Benjamin vai reforçar o caráter patológico de tais manifestações sexuais contra a tendência a vê-las como crime ou pecado. Novamente, fica claro que o movimento de descriminalização surgido em diálogo com os primeiros militantes homossexuais, no final do século XIX, conseguiu criar um saber e um poder próprios derivados deste novo campo de estudos e intervenções, tendo uma influência importante, mas não tão forte quanto gostaria, reforçando indiretamente o estigma, pela visão patologizante, de que vivências sexuais “estranhas” ou “incomuns” eram uma doença social e um perigo para a “sociedade”.

Conforme Benjamin, *criminalidade perante a lei não é criminalidade perante a ciência e o senso comum. Travestismo, transexualismo, comportamento homossexual, dependentes de drogas, alcoolismo e prostituição são exemplos. Eles são problemas de saúde, comportamento e caráter. Eles necessitam de tratamento e educação ao invés de punições. As interpretações destes exemplos como “crimes”, criam artificialmente criminosos meramente por definição. Isto é válido particularmente para o travestismo, que é mais uma anormalidade do comportamento que um desvio sexual*<sup>37</sup>.

Outro elemento extremamente importante em *O fenômeno transexual*, é a escala de orientação sexual (*sexual orientation scale – S.O.S.*), baseada na escala Kinsey, que lista *categorias ou tipos (não necessariamente estágios)*, englobando desde idéias ocasionais em se vestir com roupas do sexo oposto até a intenção declarada por mudar de sexo, independente de a pessoa ser homo, hetero ou bissexual. Mais uma vez, seguindo a tradição de classificar e

---

<sup>37</sup> Idem, ibidem.

organizar os “monstros” ou “anormais”, Benjamin separa estas pessoas em novos grupos e tipos, diferentes de seu artigo anterior. São eles:

GRUPO 1:

- *tipo 1: pseudo-travesti*
- *tipo 2: travesti fetichista*
- *tipo 3: travesti verdadeiro/a*

GRUPO 2:

- *tipo 4: transexual não indicado para cirurgia*

GRUPO 3:

- *tipo 5: transexual de intensidade moderada*
- *tipo 6: transexual de intensidade alta*<sup>38</sup>

No grupo 1 encontram-se as pessoas que Harry Benjamin classifica como travestis. O tipo 1 é quem veste-se como o gênero oposto apenas ocasionalmente; o 2 é quem faz isso principalmente para obter gratificação erótica, e o tipo 3, o “verdadeiro”, é alguém que possui esta tendência desde criança, desejando viver e se comportar como o outro gênero mas sem desejar a cirurgia, o uso de hormônios ou outras alterações corporais permanentes. Muitas vezes, neste tipo, a transexualidade está latente. Conforme o autor, neste grupo encontra-se a maioria das mulheres que vivem como homens, pois a transexualidade em mulheres biológicas é considerado algo incomum, embora possível.

Dentro do grupo 2, no tipo 4, estão as pessoas que oscilam entre o travestismo ocasional e o desejo de viver como o outro gênero, alterando seu corpo com pequenas intervenções estéticas e hormônios, mas tendo pouca intenção em se desfazer de seus genitais ou considerar-se como uma “mulher” real. No grupo 3, o tipo 5 é quem vive como o outro gênero, deseja alterar o seu corpo inclusive com cirurgia e possui uma libido muito baixa. O tipo 6 é a pessoa transexual exemplar: vive como o outro gênero, deseja alterar o corpo, especialmente com a cirurgia, considera-se uma “mulher em corpo de homem” (ou vice-versa), não possui libido e é extremamente infeliz. Apenas as pessoas

---

<sup>38</sup> Idem, ibidem.

do grupo 3, tipos 5 e 6, em especial este último, são as únicas indicadas para a cirurgia conforme o autor, lembrando que estes graus e tipos não são graduações e que, na vida concreta, encontram-se normalmente misturados.

Nesta classificação, voltamos à íntima relação entre sexo, verdade e suas categorias. Assim, como nas categorizações dos hermafroditas feitas por médicos desde o fim do século XIX, vemos a figura de uma pessoa “quase” travesti, uma “pseudo” travesti (grupo 1, tipo 1) e uma “verdadeira” travesti (grupo 1, tipo3). Curiosamente, a transexual é analisada em termos de intensidade, talvez porque não exista a priori uma “pseudo” transexual, pois se assim fosse, ela não seria classificada como tal, e sim, provavelmente, como travesti.

Desta forma, conforme já visto acima, a travesti, por não ser sempre “verdadeira”, ao contrário das transexuais que já o são a princípio, será cada vez mais associada ao fetichismo e, algumas vezes até, à não necessidade de parceiros sexuais. Este é um debate intenso e persistente, que exerce sua influência até os dias de hoje nas equipes médicas e clínicas dentro dos programas de acompanhamento e triagem de transexuais que desejam a cirurgia.

Quanto a questão da orientação do desejo sexual, Harry Benjamin pergunta: “*O sujeito transexual é um homossexual?*” E responde: “*Sim*”, se a anatomia for considerada; “*não*”, se a psique for a referência<sup>39</sup>. Ainda assim, este autor considera como “normal” a sexualidade heterossexual, e prescreve a cirurgia de readequação sexual apenas para as pessoas transexuais que desejarem, a partir de então, ter relações heterossexuais.

Desta maneira, afirma que a pessoa *travesti tem um problema social, a transexual tem um problema de gênero, a homossexual tem um problema sexual*<sup>40</sup>. Ajuda-se assim a consolidar a idéia de que, seja qual for a causa ou a localização do “problema”, travestis, transexuais e homossexuais têm problemas em si.

Como todos os estudos da época sobre o tema, este médico não encontra muitos casos de mulheres que gostariam de viver como homens, analisando que estes são raros, mas não impossíveis. Quanto à

---

<sup>39</sup> Idem, ibidem.

<sup>40</sup> Idem, ibidem.

transexualidade em geral, atribui-a a algum fator orgânico, principalmente genético e endócrino ainda não bem esclarecido, mais que psicológico. Mesmo assim, afirma que as pessoas transexuais são fisiologicamente “normais”, não podendo ser confundidas com nenhum tipo de hermafroditismo.

É por isso que, para Benjamin, a rigor, não se “muda de sexo”, pois ele sempre terá sua “verdade” última na biologia, e que psicoterapias são paliativos, podendo apenas ajudar o sujeito a melhor se adaptar à sua nova condição, nunca como método para “curar” ou fazer “regredir” a transexualidade pois, um dos dados mais importantes desta caracterização (influenciado diretamente pela linhagem de Krafft-Ebing), é que *transexuais não são psicóticos*<sup>41</sup>. Em 1969, cria-se a *Harry Benjamin Association*, organizadora de *Normas de Tratamento (Standards of Care – S.O.C.)* para o acompanhamento médico de transexuais em quase todo o Ocidente até os dias de hoje.

\*

Dentro deste processo, no ano de 1968, o psicanalista Robert Stoller lança *Sexo e gênero*, livro no qual introduz o conceito de “Identidade de gênero nuclear”<sup>42</sup>: *é uma convicção de que a designação do sexo da pessoa foi anatômica e psicologicamente correta. É o primeiro passo em direção à identidade de gênero fundamental da pessoa e a conexão em torno da qual a masculinidade e a feminilidade gradualmente se desenvolvem. A identidade de gênero nuclear não implica em um papel ou em relações objetais*<sup>43</sup>.

Conforme vimos, “gênero” passa a ser um conceito extremamente usado, em especial na área da psicologia e da biomedicina que lidam com pessoas intersexuais e transexuais. Stoller, então, provavelmente buscando evitar uma possível tendência em se acreditar que o gênero pode ser facilmente mudado, cria a “identidade de gênero nuclear” para reforçar sua tese de que existe um gênero “nuclear” e, uma vez desenvolvido e estabelecido na primeira infância, imutável. Aqui, a já antiga busca incessante por um “verdadeiro sexo” transforma-se no reconhecimento do “verdadeiro gênero”.

---

<sup>41</sup> Idem, ibidem.

<sup>42</sup> Também chamada de “núcleo da identidade de gênero”. CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995)*, op. Cit., p. 98

<sup>43</sup> STOLLER, Robert J., *Masculinidade e feminilidade*, op. Cit., p. 29

Cinco anos depois, em 1973, John Money, junto com Norman Fisk e o cirurgião plástico Donald Laub, criam o termo “disforia de gênero”, significando mal-estar, incômodo com o próprio gênero, sendo a disforia o oposto da “euforia”<sup>44</sup>. Por ser um termo mais abrangente que “transexualismo”, este tentando abarcar um quadro cada vez mais específico no meio clínico, em 1977, a *Harry Benjamin Association*, em seu V congresso, adota-o e muda seu nome para a *Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association (HBIGDA)*<sup>45</sup>, sem abrir mão em seus textos do termo “transexualismo”, criado pelo fundador desta Associação.

Ainda em 1973, a Associação Psiquiátrica Americana, que organiza e edita o *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM)*, retira o “homossexualismo” como categoria de doença mental por um voto de diferença<sup>46</sup>. Esta postura será oficializada com o lançamento da terceira versão deste manual (*DSM-III*), em 1980, já sem esta categoria.

Em 1975, John Money e Patrícia Tucker escrevem *Sexual signatures – on being a man or a woman*, no Brasil lançado como *Os papéis sexuais*. Neste livro, os autores esclarecem suas definições *oficiais* sobre identidade e papéis sexuais. *Identidade sexual: a persistência, unidade e continuidade da individualidade da pessoa como homem, mulher ou ambivalente, em maior ou menor grau, especialmente como é vivenciada em termos de autoconsciência e comportamento; a identidade sexual é a experiência particular do papel sexual, e o papel sexual a expressão pública da identidade sexual.*

*Papel sexual: tudo o que uma pessoa diz e faz, para indicar aos outros ou a si mesma o grau em que é homem, mulher ou ambivalente; inclui, mas não se limita à excitação e resposta sexual; o papel sexual é a expressão pública da identidade sexual, e a identidade sexual é a experiência particular do papel sexual*<sup>47</sup>.

Continuando, explica que a homossexualidade, o transexualismo e o travestismo são *problemas psicosssexuais*, e define: *travestismo é uma*

---

<sup>44</sup> Conforme o estudo de Castel. Já para Verde e Graziottin, o termo “disforia de gênero” foi criado apenas por Norman Fisk e Donald Laub em 1971. CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, op. Cit., p. 100; VERDE, Jole Baldaro e GRAZIOTTIN, Alessandra, *Transexualismo o enigma da identidade*, São Paulo, Paulus, 1997, p. 8

<sup>45</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, op. Cit., p. 100 e 101

<sup>46</sup> Idem, ibidem, p. 100

<sup>47</sup> MONEY, John e TUCKER, Patrícia, *Os papéis sexuais*, São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 12

*necessidade compulsiva de vestir as roupas do sexo oposto*, sendo encontrado mais em homens não afeminados, *normais*, heterossexuais e possuindo uma identidade sexual ambivalente, citando o Cavaleiro d'Eon como exemplo. Assim, conclui que o *travestismo “genuíno”, no sentido de depender de roupas do sexo oposto para conseguir o orgasmo*, é improvável que ocorra em mulheres.

Sobre as pessoas transexuais, afirma: *ao contrário do travesti, o transexual completo não possui duas identidades sexuais. Sua identidade sexual voltou-se totalmente contra sua anatomia; ele se considera, nas palavras de muitos transexuais, uma mulher presa num corpo de homem*. Também para Money e Tucker, transexuais não são psicóticos e a cirurgia de transgenitalização é a melhor solução para o alívio destes sujeitos.

Considerado por muitos na época<sup>48</sup> como um médico e psicólogo provocador e *liberacionista*, Money, como a maioria dos estudiosos sobre o tema, parte da não diferenciação sexual dos fetos e analisa os casos de vários tipos de animais hermafroditas. Da mesma forma, teoriza sobre a *influência dos hormônios sexuais agindo no cérebro*, discute a *revolução sexual* e conclui: *enquanto muita gente ainda vê a liberação de homens e mulheres como uma tentativa de homogeneizar os sexos, a meta de fato é basear as distinções sexuais firmemente nas diferenças inevitáveis, em vez de distinções culturalmente prescritas nos campos do trabalho e lazer. Essas distinções prejudicam grande parte dos indivíduos, mas não servem mais aos propósitos*

---

<sup>48</sup> Neste mesmo período, desenvolve-se o movimento social conhecido como contra-cultura, focado na juventude e que tinha como uma de suas características a estética andrógena. Desta forma surgem, entre várias manifestações culturais, músicos e bandas com uma estética que misturava intencionalmente elementos considerados masculinos e femininos. Nesta linha, pode-se citar o cantor inglês David Bowie e o grupo brasileiro Secos e Molhados. Mas nem tudo era libertário ou transgressão. No campo das ciências sociais, o antropólogo americano Charles Winick escreve *The new people – dessexualization in american life*, traduzido no Brasil como *Unissexo*. Neste livro de 1968, o autor analisa com receio a perda dos valores, das estéticas e dos comportamentos claramente distintos entre homens e mulheres, pois isto pode levar à ruína da civilização norte-americana. Da mesma maneira, passada a euforia da década de 70, em 1982 o Papa João Paulo II lança *Ele os criou homem e mulher – reflexões sobre a sexualidade humana*, no qual este líder religioso busca influir no debate sobre sexualidade do período, reforçando as posturas tradicionais da Igreja católica, legitimando unicamente as relações heterossexuais, monogâmicas, com fins procriativos e sacralizadas pelo matrimônio, prescrevendo as diferenças entre homens e mulheres não apenas como biológicas mas também espirituais, como mostra o título de seu livro. PAULO II, João, *Ele os criou homem e mulher*, São Paulo, Cidade Nova, 1982; WINICK, Charles, E., *Unissexo*, São Paulo, Perspectiva, 1972

*da sociedade e, na maioria dos casos, na verdade atrapalham os melhores interesses da mesma*<sup>49</sup>.

Conforme constatou Berenice Bento<sup>50</sup>, Money pretende, entre as rápidas mudanças políticas, comportamentais e sexuais do período, encontrar um novo porto seguro para as distinções entre homens e mulheres, agora embasadas nas “diferenças inevitáveis”. Desta forma, a importância das instituições e valores sociais é manter estas diferenças “verdadeiras” (a diferenciação genital e reprodutiva), através do reforço dos “papéis sexuais”, mesmo que estes variem, evitando assim a consolidação de uma “identidade sexual” *ambivalente, anormal ou homossexual*.

Como afirmam Money e Tucker, *o tema deste livro é afirmar que as diferenças sexuais são relativas, não absolutas. Podem ser atribuídas como bem entendermos, contanto que levemos em consideração dois fatos simples: primeiro, os homens fecundam, as mulheres menstruam, gestam e amamentam; segundo, os indivíduos adultos não podem alterar o núcleo essencial dos seus esquemas sexuais*<sup>51</sup>.

---

<sup>49</sup> MONEY, John e TUCKER, Patrícia, *Os papéis sexuais*, op. Cit., págs. 21, 25, 21, 31 e 177 respectivamente.

<sup>50</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, op. Cit., p. 40

<sup>51</sup> MONEY, John e TUCKER, Patrícia, *Os papéis sexuais*, op. cit. p. 195



## VI

### Um aparte sobre psicanálise, travestis e transexuais

#### As teses de Robert Stoller e seus seguidores

*Esses pacientes sabem que não serão jamais realmente mulheres e, portanto, nunca o poderão ser nas profundezas de sua identidade<sup>1</sup>.*

Conforme Foucault, desde o século XVII forja-se uma relação que vai alcançar seu auge no XIX, com a criação de uma ciência sexual: a união íntima entre sexo e verdade. Como vimos, não apenas o verdadeiro sexo de uma pessoa é buscado ferozmente, mas, principalmente, procura-se a verdade humana escondida entre os genitais ou suas representações psíquicas.

Como uma versão laica, moderna e psicologizada da busca pela “Verdade” platônica em uma origem dos tempos, agora a crença em uma verdade humana é interiorizada, passando a ser incessantemente procurada nos tempos da origem e formação da consciência individual: a infância. O antigo monstro encarnava o sinal de um “desvio” do plano divino, mas o moderno anormal representa algum “desvio” da organização psíquica. Nas palavras de Foucault, *a Antiphysis, que o espanto do monstro antes trazia à luz de um dia excepcional, é deslocada, hoje, pela sexualidade universal das crianças, por debaixo das pequenas anomalias de todos os dias<sup>2</sup>.*

Surgem desta maneira os conceitos científicos de “erro” “inversão” e “perversão”, todos referentes ao desvio de uma “verdade” sobre a natureza sexual, social ou humana. *No cruzamento destas duas idéias – a de que não devemos nos enganar a respeito de nosso sexo, e a de que nosso sexo*

---

<sup>1</sup> STOLLER, Robert J., *A Experiência Transexual*, Rio de Janeiro, Imago, 1982, p. 263

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel, *Resumo dos Cursos do Collège de France*, op. Cit., p. 66

*esconde o que há de mais verdadeiro em nós mesmos – a psicanálise consolidou seu vigor cultural. Ela nos promete ao mesmo tempo, nosso verdadeiro sexo e a verdade de nós mesmos que vela secretamente nele*<sup>3</sup>.

Para Freud e sua época, não havia a separação conceitual do sistema sexo/ gênero, onde a orientação do desejo sexual estava intimamente ligada ao corpo físico, como expresso em sua famosa fórmula *a anatomia é o destino*<sup>4</sup>. A partir da segunda metade do século XX, em especial através da criação de teorias sobre a etiologia e tratamento de transexuais, várias linhas conceituais questionarão até que ponto a anatomia é mesmo destino e, se ainda o for, qual destino seria esse.

Segundo o historiador Pierre-Henri Castel, em seu texto *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995)*, a história do desenvolvimento do conceito de transexualidade é indissociável não apenas da oferta médica em termos de tecnologia (principalmente cirúrgica e hormonal), mas também de um forte conflito entre as linhas teóricas que buscavam uma causa “principal” na biologia humana, tendendo em grande parte a considerar o único ou o melhor tratamento, a cirurgia, e as linhas representadas principalmente pela psicanálise que consideravam esta questão como de origem mais psíquica, colocando constantemente em xeque a opção pela cirurgia.

Para este autor, *de fato, o conjunto das teorias (aparentemente tão conflitantes) do transexualismo, pode ser pensado em oposição constante a um corpo de doutrina sobre a sexualidade e a vida psíquica, que é, desde a origem, o inimigo dos partidários da autonomia nosológica, mas também, no outro lado espectro, do valor cultural e político subversivo da mudança de sexo (ou sua visão pós-moderna, a “construção de gênero”). Este inimigo é a psicanálise. Refutar sua pretensão a explicar o transexualismo é o fio condutor de elaborações teóricas que tanto são as dos partidários de uma etiologia somática da síndrome (e que tem por consequência a idéia de que a única terapia é administrar hormônios e operar os pacientes, não de questionar suas*

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel, *O verdadeiro Sexo* in BARBIN, Herculine, *O Diário de um Hermafrodita*, op. Cit., p. 4

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund, *Sobre a Tendência Universal à Depreciação na Esfera do Amor (Contribuições à Psicologia do Amor II)* in FREUD, Sigmund, *Obras Completas* em CD-Rom, op. cit.

*impressões) quanto a dos militantes para quem o direito à autodeterminação da identidade sexual depende da escolha política*<sup>5</sup>.

Antes de mais nada porém, é necessário ressaltar que estas são apenas tendências gerais. Em todos os autores do campo científico estudados para este trabalho, fossem eles médicos endocrinologistas, cirurgiões plásticos, psiquiatras, psicólogos ou psicanalistas, nenhum se afastou completamente da temática orgânica ou ignorou a importância do fator psíquico, seja das causas, desenvolvimentos, conseqüências ou mesmo nas técnicas e expectativas terapêuticas para com travestis e transexuais.

Conforme ficou claro pelo *corpus* teórico analisado e, principalmente, pelo contato com médicos e pessoas transexuais e travestis, “pacientes” ou não, tanto na teoria quanto na vida cotidiana, estas duas correntes, a de foco mais fisiológico ou mais psicológico, se interpenetram, variando apenas o grau em que, em determinado momento, exercem maior ou menor influência sobre a racionalização do tema. Assim, a importância maior desta discussão para as transexuais com quem conversei é o quanto estes argumentos teóricos facilitam ou dificultam uma inserção social menos estigmatizada (por exemplo, considerando a pessoa como “disfórica” ou “psicótica”) e, principalmente, o acesso à intervenção cirúrgica.

Conforme Joel Birman<sup>6</sup>, na psicanálise existem duas correntes principais que analisam a questão transexual: a primeira, seguindo a tradição da interpretação de Krafft-Ebing com base no caso do médico húngaro, que vai ter seu representante maior em Robert J. Stoller, um dos mais influentes teóricos e pesquisadores do tema, considera a cirurgia de transgenitalização como uma solução viável e não vê nenhum distúrbio psíquico grave na transexualidade em si; a outra, é a que parte da análise de Freud sobre Schreber, e que terá em Lacan e seus seguidores a forte tendência de considerar a transexualidade “verdadeira” como um distúrbio psicótico, comumente desaconselhando a cirurgia. É importante ressaltar que é extremamente comum nestes trabalhos a idéia de uma pessoa transexual “verdadeira” e sua correta identificação.

---

<sup>5</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995)*, op. Cit., p. 79

<sup>6</sup> Em palestra proferida na *I Jornada nacional sobre transexualidade e saúde*, organizada pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Ministério da Saúde, realizada em 9 e 10 de setembro de 2005 na UREJ.

Vejamos a seguir um pouco do desenvolvimento destas duas tendências, pois o discurso psicanalítico é fundamental para a construção do *corpus* teórico sobre o tema, em especial as teses de Stoller, mesmo que este discurso seja criticado ou refutado por outras áreas e tendências interpretativas, conforme analisou Castel.

\*

Em 1958, alguns anos depois do início de sua carreira na pesquisa com intersexuais e transexuais, o psiquiatra e psicanalista americano Robert J. Stoller entra em contato com Agnes, uma jovem de 19 anos. Ela explica a este doutor e sua equipe, possuir pênis e testículos, e que durante sua infância fora tratada como menino, embora sempre tenha se sentido mulher. No início da adolescência, suas formas ficaram mais arredondadas e femininas, seus seios se desenvolveram, sua voz não engrossou e já há muitos anos vivia como uma mulher comum. Agnes se apresenta então como uma intersexual que busca a cirurgia de transgenitalização.

Os exames clínicos feitos pela equipe mostram que ela possuía cromossomos XY (ou seja, o sexo cromossômico era de “homem”) e não encontram útero, ovários ou algum tumor que possa explicar os altos níveis de estrógenos em seu corpo. Após uma série de exames e entrevistas aos quais impressiona a todos com sua tradicional feminilidade e beleza, totalmente distinta da “*caricatura*” e “*hostilidade... vista em travestis e transexuais*”<sup>7</sup>, Agnes passa por uma cirurgia, em 1959, na qual retiram seus órgãos masculinos e constroem os genitais femininos (lábios e vagina). A cirurgia é considerada um sucesso e Stoller, junto com mais três médicos, publicam o artigo “*Feminização adolescente em um homem genético*”<sup>8</sup>, analisando este caso de “intersexualidade”.

Em 1964, conforme visto, Stoller, cria o conceito de “identidade de gênero”, como a mescla de masculinidade e feminilidade que todas as pessoas possuem, mudando apenas o grau e a forma em que estes elementos são encontrados. A identidade de gênero é de base psicológica, podendo ser

---

<sup>7</sup> MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit., p. 160

<sup>8</sup> No original, “*pubertal feminization in a genetic male*”. MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit., p. 160

independente do sexo fisiológico<sup>9</sup>. O autor também separa este conceito da “identidade sexual”, compreendida como as atividades e fantasias sexuais.

Mas, logo em seguida, em 1966, sete anos após a cirurgia de Agnes, esta conta a Stoller que mentiu. Em sua narrativa, ela afirma que é uma transexual e que sua feminização hormonal deu-se por ingerir estrógenos desde os doze anos de idade, e não por uma extraordinária alteração funcional de seu organismo. Sabendo da maior facilidade que os médicos têm em indicar rapidamente a cirurgia para pessoas intersexuais e considerar os procedimentos cirúrgicos como última opção nos casos de transexuais, além de já conhecer o que os psicólogos e médicos esperavam de uma transexual “verdadeira”, Agnes preferiu não arriscar: apresentou-se como intersexual e ganhou a confiança de todos graças à sua ótima adequação ao que se esperava (e cobrava, no caso das mulheres transexuais), do gênero feminino<sup>10</sup>.

Agnes abala fortemente a separação entre mulheres “normais”, mulheres intersexuais e mulheres transexuais que a ciência vem tentando estabelecer com precisão desde o século XIX. Como reconhecer uma mulher “normal”, uma intersexual e uma transexual “de verdade”? E qual delas é a mulher “de verdade”? Este é um grande choque para Stoller, que não vai se questionar sobre os estereótipos de gênero, mas aprofundar sua busca por um “verdadeiro” sexo, no sentido de predominante e psíquico, aumentando as vigilâncias, válidas até hoje em dia, contra as “falsas” pessoas transexuais.

Assim, em 1968, Stoller lança *Sexo e gênero*, no qual introduz o conceito de “Identidade de gênero nuclear”<sup>11</sup> que é fixada em tornos dos dois ou três anos de idade, sendo compreendida como a convicção interna que a pessoa foi designada como homem ou mulher corretamente, tanto no corpo como na psique. É a partir deste “núcleo” que a masculinidade ou a feminilidade se desenvolvem<sup>12</sup>. Desta forma, reforça sua tese de que existe um gênero central que, uma vez desenvolvido e estabelecido na primeira infância, é imutável, tornando então detectável o “verdadeiro” homem, mulher ou transexual. Como vimos, a luta pelo descobrimento do “verdadeiro sexo”,

---

<sup>9</sup> STOLLER, Robert J., *Masculinidade e feminilidade*, op. Cit., p. 28

<sup>10</sup> MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, Cambridge, op. Cit., p. 161

<sup>11</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, op. Cit., p. 98

<sup>12</sup> STOLLER, Robert J., *Masculinidade e feminilidade*, op. Cit., p. 29

transforma-se no reconhecimento do “verdadeiro gênero”. Neste livro, também, narra o caso Agnes e como ela conseguiu “enganar” a ele e toda sua equipe.

Em 1975<sup>13</sup>, Stoller lança um dos livros mais importantes sobre a análise e interpretação psicanalítica de transexuais: *A Experiência Transexual*. Sem nunca perder a base biológica, mas afastando-se gradualmente de explicações única ou fortemente ancoradas neste fator, busca causas e métodos terapêuticos cada vez mais alinhados com a predominância das explicações psíquicas: *embora existam raros casos nos quais comportamento genérico cruzado de diferentes graus possa ser causado simplesmente por defeitos de hormônios sexuais, uma outra série, maior, de casos é produzida por fatores apenas psicológicos*<sup>14</sup>.

Desta forma, explica: *vejo o transexualismo masculino como uma identidade per se, não primariamente como sendo a manifestação aparente de uma luta inconsciente sem fim para preservar a identidade. (...) Transexualismo é uma desordem pouco comum, na qual uma pessoa normal sente-se como membro do sexo oposto e, conseqüentemente, deseja trocar seu sexo, embora suficientemente consciente de seu verdadeiro sexo biológico*<sup>15</sup> (...) *Em resumo, o homem transexual é uma notável aproximação de uma mulher feminina*<sup>16</sup>.

Neste livro, depois do caso Agnes e de trabalhar por muitos anos com tais pacientes, o autor conclui que o homem transexual é alguém que, por possuir a figura do pai ausente e uma mãe masculinizada e superprotetora, não consegue romper a simbiose emocional com o corpo maternal e criar o complexo de Édipo. Para o autor, *essas mães têm a mais poderosa inveja do pênis e, quanto aos pais, não são apenas incapazes de tomar parte na família como homens masculinos, mas seu relacionamento com as esposas é distante e mal-humorado. Eles não desejam assumir sua função de marido e pai, mas, sem reclamações, persistem em um casamento sem amor e quase sem sexo.*

---

<sup>13</sup> Mesmo ano em que Money lança o livro *Os papéis sexuais*.

<sup>14</sup> STOLLER, Robert J., *A Experiência Transexual*, Rio de Janeiro, Imago, 1982, p. 141

<sup>15</sup> O “homem transexual” a que se refere Stoller é a pessoa com genitais masculinos que deseja eliminá-los e obter os femininos, além de viver e se comportar como o gênero feminino. No terreno da militância, esta mesma pessoa é chamada de “mulher transexual”, pois o foco está em seu gênero, não em seu sexo anatômico. Esta discussão será aprofundada mais à frente. STOLLER, Robert J., *A Experiência Transexual*, op. Cit., p. 2

<sup>16</sup> Idem, ibidem, p. 30

*Temos algumas evidências de efeminação e inadequabilidade em uns poucos*<sup>17</sup>.

Desta forma, no caso daquelas que se consideram mulheres, mas possuem os genitais masculinos, tais pessoas sentem-se realmente como mulheres não por um conflito com sua masculinidade, mas justamente porque nunca a tiveram. Apesar de respeitar o sofrimento delas, indicar em muitos casos a cirurgia de transgenitalização, e acreditar não ser possível alterar este estado psíquico em adultos, o autor relata neste livro suas constantes tentativas de “cura”, principalmente em crianças. Stoller afirma que seu objetivo é ajudar a formar um até então inexistente complexo de Édipo, criando uma identificação do garoto com a figura masculina<sup>18</sup>, na qual o primeiro indício de sucesso é uma crescente agressividade para com as mulheres.

Durante todo o livro, os termos usados para designar aqueles a quem o autor pretende ajudar, segundo a tradução brasileira, são: *aberrações sexuais, doentes, pessoas bizarras, invertidos*, além de *anormalidade, desordem e condição perniciosa*. Consequentemente, alguém que, porventura possa criar um vínculo afetivo-erótico com uma pessoa transexual, também é considerado “anormal”.

Outro dado importante é a interpretação que este autor faz do turbulento e constante tema da transexualidade como um sintoma psicótico. Em um capítulo específico deste livro, *A qualidade psicopata em homens transexuais*, Stoller analisa que tais pessoas não são psicopatas, pois nunca perdem a noção da “realidade” de que possuem um corpo masculino; elas sentem-se mulheres, querem modificar seu corpo, mas sabem que são “homens”: *esses pacientes sabem que não serão jamais realmente mulheres e, portanto, nunca o poderão ser nas profundezas de sua identidade*<sup>19</sup>.

O que estes pacientes possuem são algumas “qualidades” psicopatas, tais como *uma leve irresponsabilidade*, a falta de *relacionamentos duradouros* e a *mentira*. Vê-se aqui o quanto o caso Agnes deve ter abalado este

---

<sup>17</sup> Idem, ibidem, págs. 42 e 68 respectivamente.

<sup>18</sup> Stoller afirma que o terapeuta *é um representante da sociedade, da “saúde”, e de conformidade com a realidade externa*, e está, nos caos de crianças biológicas “homens” que se comportam como mulheres, *do lado de sua masculinidade*, visando desenvolvê-la enquanto tenta regredir sua feminilidade. STOLLER, Robert J., *A Experiência Transexual*, op. Cit., p. 80

<sup>19</sup> Idem, ibidem, p. 263

psicanalista, pois seu trabalho em muitos pontos aparenta-se como uma verdadeira cruzada em favor de uma “verdadeira identidade de gênero” e contra suas versões “falsas” ou “mentirosas”. Afirmando que estas mentiras sempre levantam suspeitas, pois estão relacionadas a eventos menores e não dizem diretamente respeito às questões de gênero ou da cirurgia, Stoller esclarece em nota: *hoje em dia isso deve ser diferenciado da impenetrável neblina de mentiras que quase todos os homens que pedem “mudança de sexo” manufaturam, daquilo que vêem na televisão e lêem, para simular a história e a aparência de transexuais o bastante para convencer as autoridades.*

Mesmo o discurso sobre o desvio maligno da ordem sexual chega a tal ponto de refinamento que o autor afirma: *além disso, diferenciando origens não conflitivas de origens conflitivas da masculinidade e da feminilidade, isso contribui para a importância de separarmos mecanismo de perversão daqueles de aberração sexual não pervertida.* Aqui, a chamada “aberração sexual” pode ser dividida em pervertida (originada de conflitos com a masculinidade ou feminilidade) e não pervertida (não originada de tais conflitos), reforçando a idéia do desvio perigoso, merecedor de vigilância e talvez até punições, e o desvio trágico e inocente, clamando por piedade.

Esta idéia representa uma separação fundamental que já vem se formando lentamente, como veremos mais à frente: a de associar as travestis com a periculosidade de uma “perversão” e uma “falsidade”, e as transexuais com a infelicidade de uma “aberração sexual não pervertida”, uma “disforia” ou “transtorno”, pois elas, no fundo, são “verdadeiras”: *para mim, transexualismo é a expressão do “verdadeiro eu” (self) do paciente (...) Por outro lado, as perversões de identidade genérica, tais como travestismo, são compromissos firmados sobre um eu (self) primitivo que não será nunca visto, pois a defesa é erótica e agradável*<sup>20</sup>.

Colocando-se diretamente contrário ao conceito de Freud de que “a anatomia é o destino”, Stoller afirma que não se tem que definir anatomicamente heterossexualidade e homossexualidade, mas, antes, [defini-las] de acordo com a identidade de gênero. *Anatomia não significa realmente*

---

<sup>20</sup> Idem, ibidem, págs. 109, 110, 117 e 2 respectivamente



*destino; destino vem daquilo que as pessoas fazem com a anatomia. Pois o menino é heterossexual apenas anatomicamente, não psicologicamente, no primeiro período de sua vida. Essa heterossexualidade vem apenas após uma maciça porção de trabalho, realizada com alguma dificuldade e dor*<sup>21</sup>.

Em seu último livro, *Presentations of gender*, de 1985, traduzido no Brasil como *Masculinidade e feminilidade*, mantém suas teses básicas que irão influenciar muitos pesquisadores e psicanalistas, como a de que *em meninos, na ausência de circunstâncias biológicas especiais (...), quanto mais mãe e menos pai, mais feminilidade*. Também reforça a interpretação do travestismo fetichista ser uma “perversão”, termo utilizado pelo autor como sinônimo de *aberração erótica ou de gênero*, para afastar-se do sentido tradicional de *maldade intencional*. Ao colocar em dúvida se a perversão pode ocorrer genuinamente em crianças, analisa um caso e afirma: *eu desejo, então, mostrar que este menininho era em verdade eroticamente perverso aos dois anos e meio de idade*.

Seguindo a tradição conceitual de que “perversões”, “aberrações sexuais” e transexualidade não existem em mulheres biológicas, somente em casos muito raros, as chamadas “mulheres transexuais” para este autor – aquelas que possuem o corpo e os genitais femininos mas desejam masculinizá-los - não são transexuais “verdadeiras” (agora chamadas “primárias”), mas sim, o ponto extremo da homossexualidade.

Fazendo uma autocrítica sobre os procedimentos terapêuticos e cirúrgicos com transexuais, diz que *o psiquiatra serve como o guardião dos portões, que decide quais pacientes devem receber estes tratamentos. Minha impressão é a de que a maioria dos psiquiatras (de certa forma talvez todos nós) não tem competência para esta tarefa, uma vez que as indicações não são claras*<sup>22</sup>. Mesmo assim, conclui: *minha impressão ainda é que o mais feminino dos homens e a mais masculina das mulheres ficam melhor com a “mudança de sexo” do que sem ela*, embora antes faça uma ressalva conceitual: *os girinos podem mudar de sexo, os humanos não*<sup>23</sup>.

---

<sup>21</sup> Idem, ibidem, p. 295

<sup>22</sup> STOLLER, Robert J., *Masculinidade e feminilidade*, op. Cit., págs. 48, 132 e 205 respectivamente.

<sup>23</sup> Idem, ibidem, págs. 225 e 217 respectivamente.

Assim, o que caracterizará esta tendência psicanalítica mais favorável às cirurgias de transgenitalização, embora sempre com muita reserva e cuidados conceituais e terapêuticos, é a idéia de uma predominância do desenvolvimento da estrutura psíquica na etiologia da transexualidade, mais que fatores puramente fisiológicos, e a concepção de que transexuais “verdadeiros” não são psicóticos.

Como alguns exemplos entre vários desta tendência na psicanálise, com pequenas variações conceituais, pode-se citar os trabalhos do brasileiro Antonio Carlos Paxeco e Silva Filho em *Perversões sexuais, um estudo psicanalítico*<sup>24</sup>, de 1987; o das médicas italianas que utilizam muito do referencial psicanalítico, Jole Baldaro Verde e Alessandra Graziottin, em *Transexualismo, o enigma da identidade*<sup>25</sup>, de 1997 e o da psicóloga Tatiana Lionço em sua tese de doutorado *Um olhar sobre a transexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica*<sup>26</sup>, defendida em 2006 na Universidade de Brasília. Com exceção deste último texto citado, os dois anteriores são completamente patologizantes, sempre citando a idéia da profunda infelicidade de que padece a pessoa transexual.

## Os psicanalistas lacanianos e suas influências

*O transexual pretende poder falar – na verdade – de sexo, a partir da base de certeza que lhe daria o conhecimento do seu. Mostramos em que tal posição é ou loucura – nos transexuais – ou engano – nos transexualistas*<sup>27</sup>.

Neste ponto, é importante frisar que considerar alguém que vê a si mesmo como pertencendo ao sexo “oposto” ao seu sexo genital como um tipo de psicose não é elemento exclusivo da psicanálise nem de determinadas linhas específicas desta. Isto já era uma tendência relativamente comum na

---

<sup>24</sup> FILHO, Antonio Carlos Pacheco e Silva, *Perversões Sexuais - um estudo psicanalítico*, São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1987

<sup>25</sup> VERDE, Jole Baldaro e GRAZIOTTIN, Alessandra, *Transexualismo o enigma da identidade*, op. Cit.

<sup>26</sup> LIONÇO, Tatiana, *Um olhar sobre a transexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica*, Tese de doutorado defendida no Instituto de Psicologia da UNB, 2006

<sup>27</sup> FRIGNET, Henry, *O transexualismo*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2002, p. 133

história da psicologia e da medicina, como atestam os médicos do caso Schreber<sup>28</sup>. Ao contrário, a exceção é não considerar isto como um delírio psicótico, tendência que vai ganhando adeptos cada vez mais a partir dos estudos de Stoller, Benjamin e Money.

Desta forma, por exemplo, o psicólogo inglês Anthony Storr, em seu livro *Desvios sexuais*, de 1964<sup>29</sup>, afirma que homens travestis, *algumas vezes, consultam médicos na esperança de que estes possam por uma operação cirúrgica, “mudar seu sexo” (...) o que, aliás, é impossível. Os que pedem essa operação geralmente são homens que desistiram de competir com outros em termos iguais. (...) Esses indivíduos são emocionalmente mais perturbados que o travestido que se veste compulsivamente com roupas femininas para obter satisfação sexual. A fantasia de tornar-se membro do sexo oposto é sintoma inicial comum de uma perturbação profunda chamada esquizofrenia, e aqueles que mantêm a ilusão de ser verdadeira essa transformação geralmente são psicopatas*<sup>30</sup>.

Vemos aqui que o termo “transexual” ou “transexualismo” não foi empregado, mostrando o quanto esta terminologia era recente e o conceito em início de formação. Para Storr, estes homens que desejavam “mudar de sexo” eram travestis com fortes tendências psicóticas. Neste mesmo período, o psicanalista francês Jacques Lacan está desenvolvendo suas teorias e, conforme Birman<sup>31</sup>, não trabalhou especificamente com o tema da transexualidade. Mas muitos de seus seguidores, sim.

Um dos mais influentes psicanalistas, Joël Dor, dedica em seu livro *Estrutura e perversões*, de 1987, um capítulo à questão. Neste texto, analisa os trabalhos de Stoller, discordando em vários pontos, pois, entende que os *transexuais não estão de modo algum persuadidos de que são mulheres em corpos de homens. (...) Ainda que o transexual aspire adotar o aspecto da feminilidade, sempre há nisso algo da ordem da aparência e da farsa. (...) Em outras palavras, para o transexual, trata-se menos de ser uma mulher que a mulher*. Ou seja, o autor afirma que as transexuais procuram “a” feminilidade

---

<sup>28</sup> SCHREBER, Daniel Paul, *Memórias de um doente dos nervos*, op. Cit.

<sup>29</sup> Mesmo ano em que Stoller cria o conceito de “identidade de gênero”.

<sup>30</sup> STORR, Anthony, *Desvios sexuais*, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1967, p. 64

<sup>31</sup> Em palestra já mencionada.

absoluta para identificarem-se com ela, e não a feminilidade das mulheres concretas e “reais”.

Dor explica que a pessoa transexual nega seu complexo de Édipo, ou seja, sua castração simbólica que a situa como ser sexuado, homem ou mulher, e procura identificar-se com uma psique sexualmente indiferenciada, anterior a esta separação. Também analisa que *o travestismo é um caso de perversão autêntico e exclusivamente masculino*.

Assim, afirma que, *considerando a marca da atribuição fálica em relação à identidade sexual, somos tentados a situar a problemática transexual neste entremeio que assinala a linha divisória das perversões e das psicoses. (...) Em tal perspectiva de determinação, a observação clínica levar-nos-ia, na primeira avaliação, a situar o transexual masculino (o homem que se transforma em mulher) mais na vertente dos processos psicóticos, enquanto que a transformação do transexual feminino assemelhar-se-ia mais facilmente à hipótese de alguns processos perversos*<sup>32</sup>.

Este tema será retomado em seu texto de 1994, *A servidão estética dos travestis*, no qual explica que, *a “servidão” dos travestis não representa, em si mesma, nada além, mas também nada aquém, que a de todos os perversos. A seguir, analisa que assim como os “verdadeiros” transexuais são transexuais masculinos (homem “transformado” em mulher), os verdadeiros “travestis” são homens. Aliás, é por essa identidade sexual masculina que eles demonstram, no sentido pleno do termo, uma estrutura perversa*.

Logo em seguida, esclarece a diferença entre travestis e transexuais: *os transexuais são sujeitos vítimas de uma disforia sexual, isto é, um estado psicológico que manifesta um desacordo completo entre o sexo de seu corpo e o papel social assumido pelas pessoas de seu sexo. Eles sofrem, assim, por não terem o corpo que corresponde à sua identidade sexual (...) Quanto ao travesti, ele não sofre, de forma alguma, de disforia sexual; eis um ponto de radical diferença que o separa do transexual*<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Grifos meus; no original as palavras diferenciadas estão em itálico. Todos os grifos encontrados nas citações deste texto seguem este modelo. DOR, Joël, *Transexualismo e o sexo dos anjos* in *Estrutura e perversões*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, págs. 172, 178 e 166 respectivamente.

<sup>33</sup> DOR, Joël, *A servidão estética dos travestis* in *Clínica psicanalítica*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996, págs. 93 e 94 respectivamente.

Sobre a travestilidade, Dor utiliza durante o texto inteiro os termos *mascarada; enganação quanto à identidade sexual feminina; paródia; ilusão na realidade; mascarada corporal; mascarada sexual; mascarada da pseudodiferença sexual; disfarce; necessidade de iludir; voz insegura que lembra, ela também, a mascarada*; e que, neste exemplo, *as vozes mais bem treinadas terminam sempre por se trair*. Esta terminologia reflete a constante referência a um ideal e seu (re)conhecimento, seja de uma “verdadeira – ou original - mulher” seja de um “verdadeiro – ou original - transexual”, pois é apenas em relação a um “original verdadeiro” que se pode analisar algo como sendo uma “mascarada”, “ilusão”, “paródia”, “disfarce” e “enganação”.

Para concluir, Dor afirma então que *a função do travestismo é, antes de tudo, uma função de defesa frente à angústia de castração, mobilizada pela percepção da diferença dos sexos, ou seja, neste caso, a ausência de pênis da mãe. A indumentária viria, assim, metaforizar a recusa dessa ausência. O travesti não cessa de sustentar a contradição entre um corpo que tem um pênis e um disfarce feminino que lesa seu corpo de homem*<sup>34</sup>.

Esta forma de interpretação sobre transexuais e travestis, descrita acima por um dos mais conceituados psicanalistas lacanianos, Joël Dor, será uma tendência neste campo. Desta forma, apenas para ilustrar, cito algumas passagens de autores que, mesmo com algumas divergências conceituais, acompanham esta corrente considerando comumente a cirurgia de transgenitalização como uma “mutilação” e indicando-a com muitas reservas.

Em 1983, Catherine Millot escreve *Horsexe – Essai sur le transexualisme*, traduzido no Brasil como *Extrasexo – Ensaio sobre o transexualismo*. Neste livro, a autora afirma que os primeiros casos relatados de transexualidade pareciam ser casos de psicose, e que *Lacan sustentou que na psicose havia um pendor ao transexualismo* e, logo em seguida, relembra o caso Schreber. Ao analisá-lo, distingue os sintomas do juiz alemão, claramente psicóticos para a autora, daqueles encontrados nas pessoas transexuais hoje em dia, esclarecendo que *o transexualismo puro não comporta sintomas psicóticos, no sentido psiquiátrico do termo*<sup>35</sup>. Por outro lado, também afirma que a demanda de transexuais pela cirurgia *pode ter sua origem na hesitação*

---

<sup>34</sup> Idem, ibidem, págs. 96, 97, 100, 102, 103, 104 e 98 respectivamente.

<sup>35</sup> MILLOT, Catherine, *Extrasexo*, São Paulo, Escuta, 1992, págs. 24 e 36 respectivamente.

*histórica concernente ao próprio sexo* (que pode existir tanto em “homens” quanto em “mulheres”), além de poder esconder *um delírio hipocondríaco*.

Da mesma forma, demonstrando a antiga desconfiança conceitual para com um pressuposto e potencialmente desestabilizador mundo das “aparências”, analisa: *o que contaria essencialmente para os transexuais, homens ou mulheres, seria “parecer”, a ponto dos juristas, pensarem em conceder a mudança do sexo civil – seguindo a opinião dos especialistas – a transexuais não operados que apresentassem a aparência do sexo escolhido. Para os transexuais, o hábito faz o monge e o invólucro do corpo é concebido como uma outra roupa, que pode ser retocada à vontade.*

Ao discutir o tema da psicoterapia, afirma que, ao contrário do que dizem outros especialistas, este tipo de tratamento consegue bons resultados sim, pois, para a autora, *os transexuais são sensíveis à sugestão. Chegam a colocar em questão sua identidade transexual, assim como a escolha do objeto sexual e renunciam, ao menos provisoriamente, a uma transformação hormonal e cirúrgica*<sup>36</sup>.

Em seguida Millot narra um caso clínico e conclui o livro<sup>37</sup>: *uma jovem transexual veio ver-me um dia, acreditando erroneamente que eu lhe daria o endereço de um cirurgião capaz de praticar as operações de mudança de sexo. Insisti para que me dissesse por que desejava tanto ser operada. Respondeu-me que era porque tinha a impressão de, tendo a aparência de uma mulher enquanto se sentia homem, viver em uma mentira. Objetei-lhe que, ao se operar, ela não faria senão trocar uma mentira por outra. Em sua busca de verdade, os transexuais são vítimas de um erro, dizia Lacan. Confundem o órgão e o significante. Sua paixão e sua loucura consistem em acreditar que livrando-se do órgão, livram-se do significante que os divide, sexuando-os*<sup>38</sup>.

Em 2000, o psiquiatra e psicanalista Henry Frignet lança *O transexualismo*. Neste trabalho, o autor diferencia os “transexuais” dos “transexualistas”. Os primeiros são pessoas que sofrem realmente de uma

<sup>36</sup> Idem, ibidem, págs. 110 e 122 respectivamente.

<sup>37</sup> Uma curiosidade em relação a este livro de 1983: no início, ao falar de transexuais, travestis e prostituição, esta autora francesa afirma: *nas ruas de Pigalle, à noite, o cliente que gosta de ambigüidade está bem servido. Ele não pode mais saber, pois não há mais referências se uma magnífica brasileira é uma mulher, um homem travestido – dotado ao mesmo tempo de seios novinhos, conseguidos graças aos estrógenos, e de um órgão bastante viril - ou um homem “transformado”, provido de uma vagina artificial e que, fisicamente, nada mais tem de homem*. MILLOT, Catherine, *Extrasexo*, op. Cit., p. 12

<sup>38</sup> MILLOT, Catherine, *Extrasexo*, op. Cit., p. 123

psicose, enquanto que, para os segundos (que seriam os “verdadeiros transexuais” de Benjamin e Stoller), *o transexualismo é, antes de tudo, uma resposta, de modo exacerbado (...) à recusa social da diferença dos sexos, doravante identificável em nossas culturas.*

Desta forma, explica a diferença entre transexuais e transexualistas: *no primeiro, a ausência do reconhecimento do Falo proíbe todo estabelecimento da identidade sexual, e não permite ao sujeito experimentar-se enquanto homem ou enquanto mulher: ele está realmente fora de sexo, e sua demanda para mudar de sexo concretiza na realidade o voto de uma integração na identidade sexual. No transexualista, ao contrário, o falo é reconhecido, ele permitiu a instalação da identidade sexual. O problema surgiu na etapa seguinte, no nível da sexuação: ele não pôde ou não aceitou alinhar-se, no que diz respeito a seu gozo, do lado masculino ou do lado feminino.*

Analizando que o desejo do transexualista é um fenômeno moderno e indissociável da espetacularização promovida pelos meios de comunicação que vendem a *ilusão da mudança de sexo*, e incentivado pelos modismos das ofertas médicas e das ideologias de autodeterminação, Frignet afirma que esta “recusa crescente da diferença entre os sexos” tem como um dos elementos chave o *apagamento da noção de sexo, progressivamente substituída, sob influência de teorias socioantropológicas recentes, pela noção de gênero. Se aí só se trata em aparência, de uma mudança de vocabulário, esta recobre uma modificação maior na apreensão do lugar do sexo: este último está enraizado numa bipartição anatômica da espécie humana, aquela estabelecida pelo real anatomobiológico do corpo – macho ou fêmea*<sup>39</sup>.

O autor também se pergunta sobre os limites da transexualidade e do travestismo, evocando a já antiga metáfora do corpo como uma roupa, usada, como já visto, tanto por Lagos García<sup>40</sup>, quanto por Millot<sup>41</sup>: *a este respeito caberá perguntar-se se a posição transexualista não seria a de um transvestimentio que, em vez de permanecer no nível do vestuário, tomaria o próprio corpo como objeto do transvestimento*<sup>42</sup>.

---

<sup>39</sup> FRIGNET, Henry, *O transexualismo*, op. Cit., págs. 16, 18, 14 e 16 respectivamente.

<sup>40</sup> GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, op. Cit., p. 555, p. 369

<sup>41</sup> MILLOT, Catherine, *Extrasexo*, op. cit., p. 100

<sup>42</sup> FRIGNET, Henry, *O transexualismo*, op. Cit, p. 18

Reforçando a questão de que a linha divisora entre transexuais e transexualistas é tênue e frágil, afirma que não são raros os casos em que houve a evolução de um quadro psicótico chegando a extremos como o suicídio<sup>43</sup>. Ora, este é justamente um elemento que Harry Benjamin<sup>44</sup> identificou como característica de pessoas transexuais “verdadeiras”, ou seja, a de profunda angústia com sua desarmonia corpo/ mente e o conseqüente desejo de por fim a este sofrimento, seja pela cirurgia, seja dando fim à própria vida. Enquanto para o psicanalista Frignet, a tendência ao suicídio está relacionada à psicose, sendo então motivo da não indicação para a cirurgia de transgenitalização, na visão de Harry Benjamin, o endocrinologista, este mesmo fator é desassociado de um quadro psicótico e seria uma das principais justificativas para a cirurgia.

Frignet também conclui seu trabalho, como vários outros já vistos, afirmando que transexuais (e “transexualistas”) possuem uma ilusão sobre a sua “verdade”. Desta forma, mesmo que indiretamente, o autor acaba reforçando a associação de tais pessoas com o universo conceitual da “falsidade” e do “erro”.

Em 2003, uma importante psiquiatra e psicanalista francesa, Collete Chiland, lança *O transexualismo*, uma continuação de seus estudos sobre o tema, iniciados em 1997 com *Changer de sexe*. Neste novo livro, ao narrar a história do conceito de transexualidade e de gênero, explicando que em relação a este último, os sociólogos e as feministas o desenvolveram consideravelmente mas que, *neste percurso, ocorreu um desvio, a ênfase foi posta no social, a tal ponto que o biológico foi esquecido e, depois, até mesmo recusado. O gênero é apresentado como uma distinção puramente social, sem fundamento biológico.*

Na seqüência, a autora chama a este “desvio” de uma *proposição irracional*, afirmando que as representações sociais sobre os sexos, que variam em cada cultura, *não impedem a existência do corpo desde sempre e a de uma diferença entre os machos e as fêmeas que pode ser designada como “a diferença sexual”*. Para Chiland, *precisamos manter pontos de referência sólidos e, apesar da compaixão, não perder a “bússola do sexo”, isto é, o pleno*

---

<sup>43</sup> Idem, ibidem, p 29

<sup>44</sup> BENJAMIN, Harry, *The transsexual phenomenon*, op. cit.



*reconhecimento da diferença sexual, que constitui um dos aspectos da finitude humana, sua aceitação e sua capacidade de dar a esse fato biológico “bruto” uma significação na vida.*

Continuando, mostra como a demanda por cirurgias de transgenitalização foi desenvolvida ao lado da oferta médica de tal procedimento, situação na qual *os médicos responderam com uma oferta louca a um pedido louco*. Também esclarece que, ao considerar o “transexualismo”, como “*uma doença do narcisismo*”, isto *é uma evidência (e não um insulto conforme chegaram a crer alguns transexuais)*.

Aqui, vemos uma discussão que se tornou intensa e relevante nos debates desenvolvidos entre militância e discurso científico, a partir da organização da segunda onda do movimento político organizado de “minorias” sexuais, desde os anos 70 do século XX: onde estão e quais são os limites políticos da “neutralidade” científica (expressa pela autora em sua defesa como uma “evidência”), e a estigmatização social, que tanto é causa como consequência do processo de patologização (entendida neste exemplo, por “alguns transexuais”, como “um insulto”).

Da mesma maneira, a autora faz uma crítica aos conceitos clássicos de Freud sobre a mulher, como sua passividade “natural” e a visão do corpo feminino sempre definido como “falta” em relação ao masculino. Por outro lado, afirma também que as mulheres transexuais (nascidas com corpo “de homem”), *cometem um crime de lesa-Freud ao rejeitar o próprio pênis e pedir que este lhes seja retirado*<sup>45</sup>, sendo que a maioria destas pessoas, por desejarem um papel feminino tradicional (embora seja exatamente isto o que os médicos cobram para que possam ser reconhecidas como “verdadeiros” transexuais e assim obter a esperada cirurgia), acabam se situando contra os ganhos do movimento feminista e, nas palavras de Chiland, cometendo um *crime leso-feminismo*. Novamente o dualismo doença/ crime é evocado, explicitando o quão difícil é pensar esta questão fora destes parâmetros, organizadores desde o princípio, como vimos, da “ciência sexual”.

Ao tratar sobre a controversa temática de compreender pessoas transexuais como psicóticas ou não, Colette Chiland relata: *alguns de meus*

---

<sup>45</sup> CHILAND, Colette, *O Transexualismo*, São Paulo, Edições Loyola, 2008, págs. 20, 118, 29, 74 e 84 respectivamente.

*colegas afirmam que o transexualismo é uma psicose.* Em nota a esta frase, continua: *em particular os lacanianos.* Mas, segundo esta autora, a transexualidade seria exatamente *uma defesa contra a psicose.* Como Benjamin, considera as pessoas transexuais muito infelizes antes da cirurgia, percebendo que o arrependimento pós-cirúrgico é raro (em oposição a Frignet) e que esta intervenção as torna *menos* infelizes, mas que, continua *entretanto a pensar que a mudança de sexo é uma idéia louca*, pois na cirurgia *há ilusão, criação de um pseudo, de uma quimera; de um simulacro; muitas vezes apresentando uma aparência caricatural*<sup>46</sup>.

Assim, Chiland reforça a idéia de uma distinção quase absoluta entre homens e mulheres, ancorada conceitualmente no corpo, afirmando, como a totalidade dos autores analisados, que “não se muda de sexo”, sendo os tratamentos hormonais e cirúrgicos, por mais tecnicamente desenvolvidos que sejam, criadores apenas de “ilusões” e “simulacros”, transformando seres humanos no que a autora classifica como “caricaturas” e “quimeras”.

Estes são alguns exemplos das duas maiores tendências sobre as interpretações psicanalíticas atuais da transexualidade<sup>47</sup>. Uma que não vê tendências psicóticas nas pessoas transexuais, sendo assim mais favorável à cirurgia de transgenitalização, representada por Robert Stoller e aqueles que se baseiam em suas teses, e a outra que compreende as pessoas transexuais como estando mais ou menos próximas de uma estrutura psíquica psicótica, vendo com receios a demanda cirúrgica, linha representada principalmente por psicanalistas lacanianos<sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> Idem, ibidem, págs. 90, 75, 76, 77, 126, 113 e 120 respectivamente.

<sup>47</sup> Ainda segundo Joel Birman e de acordo com os textos analisados para este trabalho.

<sup>48</sup> Outros exemplos desta tendência encontram-se nos trabalhos citados a seguir: GARCIA, José Carlos, *Problemáticas da identidade sexual*, São Paulo, Casa do psicólogo, 2001; LIMA, Márcia Mello de, *Gozo e perversão: um percurso na teoria de Freud com Lacan*, Tese de doutorado defendida no Instituto de Psicologia da USP, 2001; TEIXEIRA, Marina Caldas, *O transexualismo e suas soluções* in *Asephallus* - revista eletrônica do núcleo Sephora – núcleo de pesquisas sobre o moderno e o contemporâneo – ano1, nº 2, maio a outubro 2006

disponível em

[http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero\\_02/artigo\\_06port\\_edicao02.htm](http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_02/artigo_06port_edicao02.htm)

## Gênero e verdade

*Em outra ocasião nos ocupamos da relação que une a mentira com o sexo, inclusive em sujeitos sinceros e sexualmente normais. Bryk (...), em seu estudo sobre a sexualidade dos negros, insiste na dificuldade que a mentira cria para esta investigação; mas os brancos são como os negros deste ponto de vista. Tanto mais nos deformados hermafroditas e afins, em que a vida se transforma, ou em um espetáculo – cujo protagonista é seu próprio sexo, ou em um martírio – cujo verdugo é este mesmo sexo<sup>49</sup>.*

Percebemos então como se desenvolveu e ainda hoje se organiza a taxonomia e a “identificação” clínica de travestis e, principalmente, transexuais, em torno da idéia de uma “identidade de gênero”, em sua expressão “verdadeira” ou suas “paródias”, “imitações” e “falsidades”.

O próprio conceito de identidade de gênero, criado por Stoller na década de 60 do século XX, refere-se ainda à idéia de algo constante, homogêneo e, mesmo que não inato, precocemente desenvolvido e fixado. Esta concepção está mais em consonância com as primeiras formulações sobre a idéia de identidade, forjadas a partir de fins do século XVIII, que procuravam definir nesta noção aquilo que se apresentava como uma característica específica e imutável, sendo, portanto, igual ou “idêntico” a si mesmo. Esta visão estava fortemente ligada à consolidação de Estados nacionais europeus e a conseqüente criação de uma “identidade” nacional<sup>50</sup>.

Segundo Stuart Hall, as linhas de interpretação mais recentes sobre a teoria da identidade, que o autor chama de *pós-modernas*, originadas em grande parte a partir da segunda metade do século XX, compreendem o conceito de identidade como algo mais relacional, fluido e estratégico. Desta maneira, as tais identidades seriam menos uma expressão de um “eu interior” constante e mais uma posição no jogo das dinâmicas sócio-culturais, sendo tão transitórias ou contínuas quanto as situações assim o exigirem. *Este processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade*

---

<sup>49</sup> MARAÑÓN, Gregorio, *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, op. Cit., 82

<sup>50</sup> RUBEN, Guillermo Raúl, *Teoria da identidade: uma crítica* in *Anuário antropológico 1986*, Brasília, Editora da UNB, 1986

*fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: (...) É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.*

Desta forma, o foco sai da busca por pressupostas identidades “pessoais” para a construção de possíveis identidades “culturais”, nas quais as duas interagem constantemente. Isto não significa que estas novas identidades sejam facilmente adquiridas ou descartadas segundo rápidos caprichos ou elaborados desejos, mas que a dinâmica deste processo social prioriza e desenvolve mais “identificações” mutáveis e transitórias que identidades constantes. Ainda segundo este autor, *a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente*<sup>51</sup>.

Assim, voltamos a um dos pontos mais importantes desta discussão sobre travestis e transexuais desde que estes conceitos foram criados, atravessando seja a filosofia, a medicina ou a psicanálise: qual é a noção de uma “verdadeira” mulher, ou um “verdadeiro” homem, que pressupõe uma masculinidade ou feminilidade fixa e constante? Quais os valores manifestados pela crítica filosófica ou científica, de que determinadas pessoas não são homens ou mulheres “de verdade”, segundo uma pressuposta “identidade” masculina ou feminina que estaria melhor ou pior estabelecida?

Conforme já visto com Foucault, o discurso da ciência sexual é íntima e indissociavelmente ligado à noção de uma “verdade” que, seja ela absoluta ou contingente, social ou natural, biológica ou psíquica, inata ou adquirida, se organiza como um porto seguro às estratégias de biopoder de nossa cultura. Sobre a sexualidade, este autor afirma que *ela não deixa de ter relação com estruturas, exigências, leis, regulamentações políticas que têm para ela uma*

---

<sup>51</sup> HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2004, págs. 12 e 13 respectivamente.

*importância capital: no entanto, não se pode esperar da política formas nas quais a sexualidade deixaria de ser problemática*<sup>52</sup>.

Desta forma, a luta pelo saber sobre os corpos e suas sexualidades, identidades de gênero e características afins é a luta pelo poder e controle social sobre esses corpos<sup>53</sup>. A busca pela verdade última, encontrada seja na biologia ou na psique, independente de qual verdade for, é a busca pelo exercício do poder legítimo, ou seja, o mais aceito e menos questionado por se originar convencionalmente de um discurso “legítimo” sobre uma verdade considerada “legítima”. A noção de verdade dos discursos sobre sexo e gênero é tautológica; ela cria a si mesma como um saber que justifica seu poder.

*Ainda conforme Foucault, depois se pode também admitir que é no sexo que se devem procurar as verdades mais secretas e profundas do indivíduo; que é nele que se pode melhor descobrir quem ele é, e aquilo que o determina; e se, durante séculos, se acreditou que era preciso esconder as coisas do sexo porque eram vergonhosas, sabe-se agora que é o próprio sexo que esconde as partes mais secretas do indivíduo: a estrutura de suas fantasias, as raízes de seu eu, as formas de sua relação com a realidade. No fundo do sexo, a verdade.*<sup>54</sup>

Ora, é apenas em relação a uma pressuposta verdade (que tem sua importância na medida em que ela justifica discursos de poder, independente de qual seja esta tal “verdade”), que os autores analisados, sejam médicos endocrinologistas ou psicoterapeutas das mais variadas linhas, podem trabalhar com concepções do tipo *maskerade*, *falsidade*, *caricatura*, *ilusão*, *simulacro*, *quimera* e mais uma série de outros conceitos que evocam o *erro*.

Conforme visto, Joel Dor analisa que a mulher transexual pretende *menos (...) ser uma mulher que a mulher*<sup>55</sup>, sendo que “a” mulher, como uma entidade absoluta, não existe. Mas se esta “Mulher” com maiúscula não existe, com base em que se pode considerar as transexuais como falsas, caricatas, ou simulacros?

---

<sup>52</sup> FOUCAULT, Michel, *Problema, política e problematizações* in *Coleção Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004, p. 228

<sup>53</sup> FOUCAULT, Michel, *A verdade e as formas jurídicas*, op. Cit.

<sup>54</sup> FOUCAULT, Michel, *O verdadeiro sexo* in *Coleção Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*, op. Cit., p. 85

<sup>55</sup> DOR, Joël, *Transexualismo e o sexo dos anjos* in *Estrutura e perversões*, op. Cit., p. 172

É neste sentido que pode ser compreendida a busca de Stoller por um “núcleo” de identidade de gênero, que ajudaria a identificar as pessoas que são transexuais “verdadeiros”, “primários” ou “puros”<sup>56</sup>, ou seja, as pessoas que se identificariam como pertencentes ao outro sexo desde o processo de formação deste “núcleo de identidade de gênero” na infância, e não apenas mais tarde na vida, o que caracterizaria transexuais “secundários”.

Assim, o conceito de pessoas “verdadeiras” só faz sentido e pode se sustentar em oposição às pessoas “falsas”. A precariedade destas noções é percebida pelo próprio Stoller que, ao discutir sobre as entrevistas com transexuais, conclui: “elas mentem”<sup>57</sup>.

Como analisou Berenice Bento, elas não estão “mentindo”, estão jogando com as regras do que esta autora chama de “dispositivo da transexualidade”, ou seja, dentro da relação de poder incrivelmente desigual entre os médicos e as pacientes que esperam das mãos destes um laudo com a indicação para a ansiada cirurgia. Muitas vezes, falar o que os doutores esperam ouvir é a única maneira de não apenas alcançarem seus objetivos, mas inclusive de serem ouvidas de alguma forma dentro de sua concepção de transexualidade<sup>58</sup>.

Ora, conforme vão se redefinindo as características de uma verdadeira pessoa transexual, mais elas vão aprendendo a conhecer, reconhecer e repetir este discurso, seja ele “real” e auto-identificado ou não. É assim um jogo de gato e rato, ressaltando que não interessa o que caracteriza um homem ou mulher “de verdade”, mas sim que esta idéia de alguém poder ser ou não de verdade é mantida através de sua constante cobrança.

Segundo Meyerowitz, ao discorrer quanto a este tema quase que fundante da discussão sobre transexualidade, qual seja, os conflitos entre as “verdades” constantemente re-estabelecidas pelas teorias clínicas e as “verdades” desenvolvidas nas vivências das pessoas transexuais, todas mutantes e com suas correspondentes “mentiras”, esta autora afirma: *em resumo, os pacientes desconfiavam dos médicos, e os médicos desconfiavam*

---

<sup>56</sup> PINTO, Maria Jaqueline Coelho e BRUNS, Maria Alves de Toledo, *Vivência transexual – o corpo desvela seu drama*, Campinas, Átomo, 2003, p. 18

<sup>57</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, op. Cit., p. 66

<sup>58</sup> Idem, *ibidem*.

*dos pacientes*<sup>59</sup>. Talvez a pergunta que caiba em relação a esta conclusão de Stoller, “elas mentem”, seja: mentem em relação a qual verdade?

Percebemos como vários dos autores estudados ancoram esta verdade sobre a diferenciação entre homens e mulheres na anatomia. Assim, Money fala das “diferenças inevitáveis” encontradas nos genitais e nas funções reprodutivas, Chiland fala da importância da “bússola do sexo” e Frignet faz sua análise sobre o *corte essencial que é a bipartição sexual, originalmente não só do humano, mas da evolução do vivo*<sup>60</sup>. Mas esta noção de uma “bipartição sexual originária”, só pode ser concebida em relação ao modelo dimórfico de sexo, surgido no século XVIII, conforme já visto com Laqueur<sup>61</sup>.

Mesmo na concepção de que o fator procriação é inquestionável quanto à diferença e completude dos sexos, esta noção só é válida para a interpretação dimórfica e moderna que concebe o ser humano como originado da união dos elementos masculinos (representados pelo espermatozóide) com os femininos (representados pelo óvulo). Para Aristóteles e muitos pensadores da *epistémê* arcaica, o ser humano estava unicamente nos elementos masculinos, a chamada “semente”, sendo o corpo da mulher apenas um receptáculo, um solo para seu desenvolvimento. Nesta visão, da mesma maneira que uma futura árvore encontra-se na semente, mas necessita do solo para poder se desenvolver, a futura criança já se encontra na semente masculina, não se confundindo com o solo do útero que propiciará seu melhor ou pior desenvolvimento<sup>62</sup>.

Desta forma, o processo de naturalização de diferenças ou igualdades conceitualmente criadas encobre as relações de poder que organizam estas noções, pois classificar pessoas de acordo com o genital ou suas representações psíquicas pode revelar-se talvez tão arbitrário quanto classificar seres humanos por tipo de cabelo, cor da pele ou dos olhos. Afinal, todos estes elementos também são variantes “fisiológicas”.

Como vimos, o processo de interiorização do hermafrodita gerou a concepção de uma “mente feminina em corpo masculino” e vice-versa, o que só é possível em uma cultura que parte do princípio da separação conceitual

---

<sup>59</sup> MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit, p. 162

<sup>60</sup> FRIGNET, Henry, *O transexualismo*, op. Cit, p. 136

<sup>61</sup> LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, op. Cit.

<sup>62</sup> Idem, *ibidem*.

entre corpo e mente, com a conseqüente subjetivação das características “especificamente” masculinas e femininas, agora vistas não apenas na nova maneira de interpretar o corpo, mas também a mente. O que ocorreu então foi a criação de um “sexo” da mente que, de preferência, de acordo com o aparelho genital, deveria expressar a masculinidade ou a feminilidade padronizadas neste momento como legítimas.

Ora, esta bipartição sexual da mente, não seria à versão da ciência sexual do mesmo processo que ocorria no período, com surgimento do racismo moderno que, mesmo indiretamente, preconizava a existência de uma alma “negra” e uma “branca”, divulgada na expressão “negros com alma branca” e essencializada nas teorias da identidade? Buscar um “sexo” masculino ou feminino na mente (ou mesmo no cérebro) não seria como procurar uma “cor” ou “raça” inscrita “naturalmente” na mente ou no cérebro? Ou seja, esta não seria mais uma manifestação das normas de gênero que regem as interpretações de corpo e psique?

Assim, segundo Butler, a noção de uma dualidade sexual encontrada no corpo (ou mesmo na mente) é uma conseqüência das normas de gênero, não a causa delas. Desta maneira, aquilo que muitos cientistas tentam encontrar como uma evidência da masculinidade ou feminilidade é, antes de tudo, a competência esperada da performatividade de gênero da pessoa que esta sendo julgada (ou analisada). Para esta autora, *se os atributos e os atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma identidade de gênero verdadeira se revelaria uma ficção reguladora.*

Neste sentido, a busca pelas “verdadeiras” pessoas transexuais revela, por oposição, a fragilidade e os constantes esforços necessários para se manter um padrão ideal de pessoas “normais”, sem desvios, perversões, parafilias, disforias ou transtornos. A “ficção reguladora de gênero” que organiza os quase inquestionáveis e constantemente pressupostos sobre o que, e quem são os seres humanos “de verdade”, manifesta-se e atualiza-se ao julgar aqueles que não se mostram homens e mulheres “tão verdadeiros” (quanto quem?) e, sendo assim, categorizados como “falsos”, “caricatos” ou



“imitações”. *Em que medida as práticas reguladoras de formação e divisão do gênero constituem a identidade, a coerência interna do sujeito e, a rigor, o status auto-idêntico da pessoa? Em que medida é a “identidade” um ideal normativo, ao invés de uma característica descritiva da experiência?*<sup>63</sup>

Assim, se as pessoas travestis e transexuais não são consideradas “humanos falsos”, pois ao associá-las à categoria de “humano”, os termos “verdadeiro” ou “falso” soariam politicamente agressivos e explicitamente discriminatórios (embora estes termos sejam usados tranquilamente na área clínica), elas também não conseguem ser associadas ao “plenamente humano”, tornando-se “humanos de segunda categoria”.

Da mesma forma, se as linhas nas medicina, psicanálises e mídias que tratam do tema da transexualidade são várias, porque as pessoas transexuais tem que ser uma? Vemos então como a nomeação de comportamentos, identidades, desejos ou corpos como “portadores” de complexas doenças ou simples transtornos, é menos uma descrição de variações humanas do que uma hierarquização política de graus de humanidade.

---

<sup>63</sup> BUTLER, Judith (b), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, op. Cit., págs. 201 e 38 respectivamente.

## VII

### Nomeação e distinção

#### A disputa terminológica

*O que falar quer dizer*<sup>1</sup>.

Conforme visto, Hirschfeld cria o termo “transexualismo psíquico”, segundo alguns autores<sup>2</sup> em 1910, segundo outros<sup>3</sup> em 1923, para referir-se a um tipo específico do que ele chamou de travestismo, lembrando bastante a expressão “hermafroditismo psíquico”, extremamente comum na época. Ou seja, para este médico, a pessoa transexual seria uma variação interna, talvez um sub-tipo de sua classificação maior de “travestis”.

Ao procurar este novo termo, “transexualismo psíquico”, no escrito de 1910, não o encontrei, mas talvez este seja um problema de tradução, pois estou trabalhando com uma versão americana (traduzida diretamente do alemão). Curiosamente, neste texto em inglês, existe uma passagem na qual o autor, no capítulo *travestismo e homossexualidade*, em nota, refere-se a um texto escrito por ele mesmo, mas infelizmente sem data, cujo título (na tradução em inglês) é “*transsexuals: theses on the development of the differences between the sexes*”<sup>4</sup>. Esta expressão, “*transsexuals*”, não é descrita como tendo sido criada por este médico por nenhum autor estudado.

Da mesma forma, outros livros atribuem a origem do termo “transexual” a Harry Benjamin nos anos 50 do século XX<sup>5</sup>, enquanto o próprio Benjamin,

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre, *A economia das trocas lingüísticas – O que falar quer dizer*, São Paulo, Edusp, 1998

<sup>2</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, op. Cit.; KOGUT, Eliane Chermann, *Crossdressing masculino – uma visão psicanalítica da sexualidade crossdresser*, op. Cit., 2006; CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, op. Cit.; SAADEH, Alexandre, *Transtornos de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino*, op. Cit.

<sup>3</sup> CHILAND, Colette, *O Transexualismo*, op. cit; MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. cit.

<sup>4</sup> HIRSCHFELD, Magnus, *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, op. cit., p. 148

<sup>5</sup> MILLOT, Catherine, *Extrasexo*, op. cit.

entre outros<sup>6</sup>, situa o nascimento desta palavra no artigo do doutor D. O. Cauldwell, para uma revista popular de divulgação científica e educação sexual chamada *Sexology*, conforme visto.

Harry Benjamin afirma que usou o termo transexualismo, pois considerava incorretos ou imprecisos os termos usados correntemente pelos médicos do período, tais como “travestismo genuíno”, “inversão de papel sexual”, “eonismo” (nome criado Ellis) ou “contra-sexismo”, (criado por Money). Da mesma forma, faz uma clara distinção entre pessoas intersexuais e transexuais, rompendo com uma forte tradição européia que via a transexualidade como um estágio psíquico extremo da intersexualidade. Assim, o termo “intersexualidade” também não é usado por este médico e seus seguidores para analisar este fenômeno<sup>7</sup>.

Desta forma, os termos “transexualismo” e “transexual” passam a colonizar gradativamente os livros biomédicos, os textos das ciências da psique, os debates militantes, a mídia e o imaginário social. Coroando o ápice do reconhecimento social de patologias, em 1980, o Código Internacional de Doenças (CID), organizado pela Organização Mundial de Saúde, inclui pela primeira vez o “transexualismo”.

Ainda hoje, em sua décima edição (CID-10) que entrou em vigor em 1993, dentro da seção *Transtornos da personalidade e do comportamento adulto*, no item *F64 - Transtornos da identidade sexual*, encontram-se as categorias *F64.0 Transexualismo*, *F64.1 Travestismo bivalente*, *F64.2 Transtorno sexual na infância*, além de *F64.8 Outros transtornos da identidade sexual* e *F64.9 Transtorno não especificado da identidade sexual*. Já em outra parte do código, em *F65 Transtornos da preferência sexual*, dentro das *Parafilias* (as antigas “perversões sexuais”<sup>8</sup>, como já visto), temos o item *F65.1 Travestismo fetichista*. Vejamos suas definições:

#### *F64 Transtornos da identidade sexual*

---

<sup>6</sup> BENJAMIN, Harry, *The transsexual phenomenon*, op. cit; RAMSEY, Gerald, *Transexuais – perguntas e respostas*, op. Cit.

<sup>7</sup> BENJAMIN, Harry, *The transsexual phenomenon*, op. cit

<sup>8</sup> RUSSO, Jane Araújo, *Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea* in PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio (orgs), *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*, Rio de Janeiro, Garamond, 2004, p. 105

F64.0 – Transexualismo: Trata-se de um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto. Este desejo se acompanha em geral de um sentimento de mal estar ou de inadaptação por referência a seu próprio sexo anatômico e do desejo de submeter-se a uma intervenção cirúrgica ou a um tratamento hormonal a fim de tornar seu corpo tão conforme quanto possível ao sexo desejado.

F64.1 – Travestismo bivalente: Este termo designa o fato de usar vestimentas do sexo oposto durante uma parte de sua existência, de modo a satisfazer a experiência temporária de pertencer ao sexo oposto, mas sem desejo de alteração sexual mais permanente ou de uma transformação cirúrgica; a mudança de vestimenta não se acompanha de excitação sexual. Transtorno de identidade sexual no adulto ou adolescente, tipo não-transexual. Exclui: travestismo fetichista (F65.1).

F64.2 - Transtorno sexual na infância: Transtorno que usualmente primeiro se manifesta no início da infância (e sempre bem antes da puberdade), caracterizado por um persistente e intenso sofrimento com relação a pertencer a um dado sexo, junto com o desejo de ser (ou a insistência de que se é) do outro sexo. Há uma preocupação persistente com a roupa e as atividades do sexo oposto e repúdio do próprio sexo. O diagnóstico requer uma profunda perturbação de identidade sexual normal; não é suficiente que uma menina seja levada ou traquinas ou que o menino tenha uma atitude afeminada. Os transtornos da identidade sexual nos indivíduos púberes ou pré-púberes não devem ser classificados aqui mas sob a rubrica F66.-. Exclui: Orientação sexual egodistônica (F66.1) e Transtorno da maturação sexual (F66.0).

#### F65 Transtornos da preferência sexual

inclui: Parafilias

F65.1 - Travestismo fetichista: Vestir roupas do sexo oposto, principalmente com o objetivo de obter excitação sexual e de criar a aparência de pessoa do sexo oposto. O travestismo fetichista se distingue do travestismo transexual pela sua associação clara com uma excitação sexual e pela necessidade de se remover as roupas uma vez que o orgasmo ocorra e haja declínio da excitação

*sexual. Pode ocorrer como fase preliminar no desenvolvimento do transexualismo*<sup>9</sup>.

Vemos aqui a oficialização das características já prescritas desde pelo menos fins da década de 50 do século XX, que devem orientar o “diagnóstico” de *transexualismo*: desejo de viver como o outro gênero e receber intervenções hormonais e cirúrgicas e profundo mal-estar com o próprio sexo anatômico, excluindo assim um enorme contingente de pessoas que consideram a si mesmas como transexuais e não se enquadram nesta breve especificação. Esta caracterização é distinta do *travestismo bivalente* (pois este ocorre apenas em determinadas fases da vida e não procura as intervenções cirúrgicas) e do travestismo fetichista, que tem *o objetivo de obter excitação sexual e de criar a aparência de pessoa do sexo oposto*.

Nestas definições, percebe-se a tradição de se manter o sufixo “ismo” para qualificar “transtornos” sexuais, originada no século XIX, e a implícita discussão sobre o poder perturbador das “aparências”. Aqui, revela-se novamente a noção de pessoas travestis como aquelas que “parecem, mas não são”, em oposição à discussão sobre as transexuais, na qual debate-se o quanto e em que grau elas pertencem ou “são” do outro sexo.

Outro elemento importante é o *transtorno sexual na infância* que, de acordo com Stoller, é o que caracteriza o transexual “verdadeiro” ou “primário”. Apesar de ressaltar que para se perceber este transtorno *não é suficiente que uma menina seja levada ou traquinas ou que o menino tenha uma atitude afeminada*, ou seja, comportamentos regidos por normas de gênero que definem o que é ser “levada ou traquinas” ou possuir “atitudes afeminadas”, o CID-10 afirma que *o diagnóstico requer uma profunda perturbação de identidade sexual normal*, sem definir o que é esta identidade sexual “normal”, nem graduar o que seria uma perturbação “profunda”. Da mesma forma, ao dissociar o “transtorno” entre adultos e crianças, este código revela a mesma preocupação de Stoller: reconhecer na infância os indícios de um possível *transexualismo* para tratar o quanto antes, tentando evitar o máximo possível que este se desenvolva.

---

<sup>9</sup> Disponível em <http://www.datasus.gov.br/cid10/v2008/cid10.htm>

Como observou Berenice Bento, o *CID-10 considera o “transexualismo” como uma doença (um “transtorno mental”) de ordem sexual. Não há nenhuma problematização das identidades de gênero ou dos “sintomas” que o levaram a concluir que toda pessoa transexual deseja uma cirurgia de transgenitalização*<sup>10</sup>.

Neste mesmo ano de 1980, o “transexualismo”, mostrando a expansão da influência deste recente conceito, entra também para a terceira versão do *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM)*, publicado pela Associação Psiquiátrica Americana. Nesta mesma edição, é oficializada a retirada do “Homossexualismo” (pela diferença de um voto<sup>11</sup>) dentro da também extinta categoria “Desvios sexuais”, surgindo em seu lugar os “Transtornos psico-sexuais” e os “Transtornos da identidade de gênero” que, na prática, tornaram-se apenas um redimensionamento da patologização da homossexualidade, pois muitas das teorias psiquiátricas sobre sexualidade do período estavam apenas começando a trabalhar com as distinções conceituais entre sexo, gênero, identidade de gênero e orientação do desejo sexual.

Conforme Jane Russo e Ana Teresa A. Venâncio, esta terceira versão do DSM caracteriza-se por um afastamento das interpretações de caráter mais psicológico, psicanalítico e social em prol de uma visão mais biologistas das doenças mentais, buscando diagnósticos centrados preferencialmente em questões físico-químicas do organismo, além de um grande crescimento do número de doenças classificadas<sup>12</sup>. Desta maneira, no capítulo *Transtornos da identidade de gênero*, aparecem *Transexualismo*, *Transtorno da identidade de gênero na infância* e *Transtorno da identidade de gênero atípico*.

Apesar de ser alvo de muitas críticas por possuir uma “baixa confiabilidade” o DSM é internacionalmente reconhecido e influente<sup>13</sup>, e constantemente reorganiza suas classificações. *O DSM-III significou de fato*

---

<sup>10</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *O que é transexualidade*, op. Cit., p. 89

<sup>11</sup> CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, op. Cit., p. 100

<sup>12</sup> RUSSO, Jane e VENÂNCIO, Ana Teresa A., *Classificando as pessoas e suas perturbações: a “revolução terminológica” do DSM-III* in *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, ano IX, nº 3, setembro de 2006, disponível em [http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/v09\\_03/06.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/v09_03/06.pdf)

Acesso em 18/10/2007

<sup>13</sup> Idem, ibidem

uma “re-medicalização” extrema da psiquiatria. Isso pode ser verificado tanto no caso das neuroses que, longe de desaparecerem, cresceram e se multiplicaram, quanto no caso dos antigos “desvios sexuais”<sup>14</sup>. Desta maneira, em 1994, no DSM-IV, seguindo sua tendência de tornar-se mais genérico em determinados capítulos, ampliando assim o número de transtornos possíveis, o *Transexualismo*, talvez por seu diagnóstico ser extremamente baseado em dados psicológicos e interpretações sociais, além da total ausência de problemas fisiológicos, sai do manual, em oposição ao CID que ainda hoje o mantém.

Assim, temos hoje no *DSM-IV*, o capítulo *Transtornos sexuais e da identidade de gênero* que se divide em *Disfunções sexuais*, contendo dentro delas as *Parafilias*, que incluem o *Fetichismo transvéstico* e, em outro item, os *Transtornos da identidade de gênero*, que se dividem em *Transtornos da identidade de gênero em crianças* e *Transtornos da identidade de gênero em adolescentes ou adultos*, além dos *Transtornos da identidade de gênero sem outra especificação*<sup>15</sup>. Desta maneira, temos a seguinte ordem:

## TRANSTORNOS SEXUAIS E DA IDENTIDADE DE GÊNERO

### Disfunções sexuais

#### *Parafilias*

#### *302.3 fetichismo transvéstico*

### 302.xx Transtornos da identidade de gênero

#### *302.6 Transtornos da identidade de gênero em crianças*

#### *302.85 Transtornos da identidade de gênero em adolescentes ou adultos,*

#### *302.6 Transtornos da identidade de gênero sem outra especificação*

Vejamos assim algumas definições deste manual. Os critérios para o diagnóstico do Fetichismo transvéstico são:

*A. Por um período mínimo de 6 meses, em um homem heterossexual, fantasias sexualmente excitantes, recorrentes e intensas, impulsos sexuais ou comportamentos envolvendo o uso de roupas femininas; B. As fantasias,*

---

<sup>14</sup> Idem, ibidem, p. 468

<sup>15</sup> ASSOCIATION, American Psychiatric, *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais - DSM-IV*, CD-Rom, Porto Alegre, Editora Artes Médicas/ Loggos Treinamento e Informática, 1995

*impulsos sexuais ou comportamentos causam sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo. Especificar se: Com Disforia Quanto ao Gênero: se o indivíduo sente um desconforto persistente com o papel ou a identidade de gênero.*

Já para os *Transtornos da identidade de gênero*, temos os seguintes diagnósticos:

*A. Uma forte e persistente identificação com o gênero oposto (não meramente um desejo de obter quaisquer vantagens culturais percebidas pelo fato de ser do sexo oposto). Em crianças, a perturbação é manifestada por quatro (ou mais) dos seguintes quesitos: (1) declarou repetidamente o desejo de ser, ou insistência de que é, do sexo oposto; (2) em meninos, preferência pelo uso de roupas do gênero oposto ou simulação de trajes femininos; em meninas, insistência em usar apenas roupas estereotipadamente masculinas; (3) preferências intensas e persistentes por papéis do sexo oposto em brincadeiras de faz-de-conta, ou fantasias persistentes acerca de ser do sexo oposto; (4) intenso desejo de participar em jogos e passatempos estereotípicos do sexo oposto; (5) forte preferência por companheiros do sexo oposto. Em adolescentes e adultos, o distúrbio se manifesta por sintomas tais como desejo declarado de ser do sexo oposto, passar-se freqüentemente por alguém do sexo posto, desejo de viver ou ser tratado como alguém do sexo oposto, ou a convicção de ter os sentimentos e reações típicos do sexo oposto.*

*B. Desconforto persistente com seu sexo ou sentimento de inadequação no papel de gênero deste sexo.*

*C. A perturbação não é concomitante a uma condição intersexual física.*

*D. A perturbação causa sofrimento clinicamente significativo ou prejuízo no funcionamento social ou ocupacional ou em outras áreas importantes da vida do indivíduo<sup>16</sup>.*

Novamente, o termo travestismo torna-se restrito à associação com o fetichismo, referindo-se principalmente ao foco do prazer erótico, e diferindo dos transtornos de gênero, que têm sua especificidade no sofrimento, na

---

<sup>16</sup> Idem, ibidem.



disforia e no desconforto. O importante a notar é que o “travestismo” é considerado uma disfunção sexual e uma parafilia, enquanto que o “transexualismo”, cujo termo não existe mais no DSM, é classificado como um transtorno da identidade. Da mesma maneira, o que se ressalta neste último quanto aos comportamentos especificados em crianças, além do sofrimento, são apenas estereótipos de gênero que, como vimos de acordo com Butler, compõem a performatividade que materializa as normas de gênero.

Conforme esta autora, a diagnose dos *transtornos de identidade de gênero* é caracterizada pelo incômodo de se considerar em um gênero equivocado, mas o DSM não se pergunta se as normas de gênero, que se pressupõem fixas e imutáveis, é que podem estar causando este desconforto, inclusive nas pessoas que se acham em “acordo” com estas normas segundo seu sexo. *O que resulta mais preocupante é que a diagnose funciona como sua própria pressão social: causa angústia, estabelece desejos como patológicos e intensifica a regulação e o controle daqueles que expressam seus desejos em um marco institucional. De fato, deve-se indagar se a diagnose da juventude transgênero não atua precisamente como pressão de seus pares, como uma forma elevada de escárnio, uma forma eufemística de violência social*<sup>17</sup>.

O DSM e o CID têm como objetivo padronizar e orientar o tratamento e a pesquisa em relação a doenças e transtornos psíquicos. No caso da transexualidade, existem também as *Normas de Tratamento (Standards of Care for Gender Identity Disorders – SOC)*<sup>18</sup>, criadas pela *Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association (HBIGDA)*<sup>19</sup>. Editadas pela primeira vez em 1979, já passaram por várias revisões, estando agora em sua sexta versão, lançada em fevereiro de 2001.

Este texto é um guia visando padronizar o tratamento de transexuais segundo os conceitos de Benjamin e sua associação. Estas normas são divididas em duas partes: a primeira contendo a Introdução e a segunda contendo as normas propriamente ditas. Esta segunda parte divide-se em Diagnose, Psicoterapia, que pode ajudar o paciente, em especial quanto a

---

<sup>17</sup> BUTLER, Judith (a), *Deshacer el género*, op. Cit., p. 146

<sup>18</sup> Uma análise das influências dos conceitos de Stoller no DSM e de Benjamin nos SOC é encontrada em BENTO, Berenice Alves de Melo, *O que é transexualidade*, op. Cit.

<sup>19</sup> HARRY Benjamin International Gender Dysphoria Association, *Standards of Care for Gender Identity Disorders*, disponível em [http://www.symposion.com/ijt/soc\\_2001/index.htm](http://www.symposion.com/ijt/soc_2001/index.htm)

trazer conforto espiritual, mas não é pré-requisito absoluto e, finalmente, o Tratamento que possui três fases: experiência da vida real, terapia hormonal e cirurgia.

Também reforça-se neste escrito a noção de que transexuais não são psicóticos, sendo que em pacientes diagnosticados com psicose a cirurgia de transgenitalização não deve ser feita. Da mesma maneira, o termo “verdadeiro transexual” não é usado, aparecendo somente para exemplificar que nas décadas de 60 e 70 do século XX esta expressão era usada pelos médicos para diferenciar transexuais que possuem a “disforia de gênero” desde a infância daqueles em que ela se manifesta na adolescência ou após esta fase, sendo abandonado pela fragilidade de definir a pessoa “verdadeira” no campo da transexualidade. Como vimos, o conceito (e mesmo o termo) de “verdadeiro transexual”, apesar de questionado, ainda é usado em vários campos de pesquisas sobre este tema, em especial na psicologia.

Existe nos SOC apenas uma mudança conceitual relevante em relação aos primeiros escritos de Benjamin: em seu livro *O fenômeno transexual*, de 1966, este autor considerava a homossexualidade como um problema sexual. Nestas Normas, seguindo a tendência da medicina ocidental em não mais considerar a homossexualidade como doença, a orientação do desejo sexual não é encarada como problema, ressaltando assim que o paciente transexual pode ser homo, hetero ou bissexual.

O DSM, o CID e os SOC são os textos oficiais que orientam o diagnóstico e os tratamentos da transexualidade. Como vimos, a conceituação e nomeação do “transexualismo” passou por várias disputas ao se desenvolver, indo de um sub-grupo dentro do “travestismo” à expressão máxima de um “transtorno da identidade de gênero”. Segundo o psiquiatra Alexandre Saadeh, em seu doutorado sobre o tema<sup>20</sup>, existe uma tendência no campo científico em se abandonar os termos “transexualismo” (por este ser apenas uma expressão dos transtornos da identidade de gênero), “disforia de gênero” (por sua pouca especificidade) e “transtorno da identidade sexual” (por referir-se mais ao corpo, dentro da dicotomia sexo/ gênero), substituindo-os por “transtorno da identidade de gênero”, como encontrado no DSM.

---

<sup>20</sup> SAADEH, Alexandre, *Transtornos de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino*, op. Cit., p. 109

O importante a notar neste histórico, com seus vários autores e textos, não é o quão longe no tempo alguns deles foram para buscar uma “versão original” do termo “transexualismo”, mas quantas “versões” houveram e o quanto a palavra “transexual” e suas derivadas demoraram para se fixar, demonstrando assim a batalha lingüística visando o estabelecimento de uma nova categoria.

Neste campo de invenção e definição de novos termos, caracterizações, etiologias e diagnósticos para rotular novas vivências e identidades sexuais para uns, ou novas patologias para outros, uma questão sempre foi incômoda: A pessoa transexual deveria ser chamada como homem ou mulher ancorada em quais referências?

Em 1987, durante o X Congresso da *Harry Benjamin International Gender Dysphoria Association* realizado em Amsterdã, devido à confusão terminológica sobre como definir quem eram as “mulheres transexuais” e os “homens transexuais”, decidiu-se usar as expressões “MTF” e “FTM”, abreviaturas que significam “*Male to Female*” (macho para fêmea) e “*Female to Male*” (fêmea para macho), sendo considerado o primeiro termo o sexo biológico e o segundo o sexo de “re-atribuição”<sup>21</sup>, reforçando a idéia de que seja onde estiver localizada a noção primária de “homem” (macho) ou “mulher” (fêmea), é em alguma parte do corpo biológico, como entidade separada da mente, que ela deve ser encontrada.

Assim, esta é apenas a oficialização de uma visão médica que já existia desde que esta discussão se iniciou. Conforme vimos, Stoller e vários especialistas que tratam do assunto sempre chamaram seus pacientes no masculino ou feminino tendo como referência o corpo biológico, em especial os genitais com os quais a pessoa nasceu.

Desta base conceitual então se origina a noção até hoje usada por muitos médicos de que a pessoa MTF é um homem transexual, e FTM é uma mulher transexual (pois o “homem” ou “mulher” é dado pelo primeiro termo, “macho” ou “fêmea”). Este tipo de classificação reforça a noção de embasar o reconhecimento como “homem” ou “mulher” no corpo físico, mais

---

<sup>21</sup> PINTO, Maria Jaqueline Coelho e BRUNS, Maria Alves de Toledo, *Vivência transexual – o corpo desvela seu drama*, op. Cit., p. 20

especialmente na genitália (“sexo”) ou nos cromossomos sexuais: pênis e vagina (ou cromossomos XY e XX) definem homens e mulheres.

Mas para a militância e grande parte das organizações de transexuais e travestis, ser homem ou mulher está baseado no gênero com o qual a pessoa se identifica e se apresenta. Assim, alguém FTM (fêmea para macho) é vista como um “homem” transexual.

A psicanalista Colette Chiland, já citada, explica que enquanto seus pacientes não estiverem com a “transformação realizada”, irá chamá-los pelo seu “gênero de partida”: masculino para os “homens” transexuais (que querem ser vistos como mulheres), e feminino para as “mulheres” transexuais (que consideram a si mesmas como homens). Da mesma maneira, esta autora afirma que as militantes transexuais por quererem ser identificadas pelo “gênero de chegada”, *protestam* contra as definições médicas e *fazem a escolha contrária*, gerando assim a confusão conceitual<sup>22</sup>.

Mas mesmo esta tentativa de padronização sobre o que se entende pelos termos “homem transexual” ou “mulher transexual” através da fisiologia, não diminuiu os conflitos terminológicos entre militantes e cientistas, porque estes são baseados em visões conceituais distintas. Desta forma, muitos mal-entendidos ocorrem nas discussões entre os grupos organizados que lutam pelos direitos de transexuais e os representantes do discurso científico.

Certa vez, presenciei um exemplo claro: em um evento sobre transexualidade organizado por uma ONG militante, um famoso médico cirurgião brasileiro, que já há muitos anos faz a cirurgia de transgenitalização em transexuais, expunha seus conceitos e técnicas para a platéia (quase que só composta por pessoas transexuais e travestis), analisando as dificuldades técnicas em se construir um neo-pênis (falooplastia) “funcional” nos casos de “mulheres” transexuais. As “mulheres” para este doutor eram aquelas cujo “sexo original” era uma vagina.

À mesma mesa de debates, também estava sentado um militante que, apesar de ter um aparelho genital “feminino”, considerava a si mesmo e a outros na mesma situação, como “homens” transexuais. Ao final da fala do cirurgião, o militante pegou o microfone e comentou sobre o insistente

---

<sup>22</sup> CHILAND, Colette, *O Transexualismo*, op. Cit., p. 119

preconceito por parte do médico de chamá-los como mulheres transexuais, sendo que eles “eram homens” e nomeavam a si mesmos como homens transexuais. O doutor não respondeu.

O que ficou claro nesta situação foi a dificuldade de diálogo encontrada muitas vezes entre o discurso científico e o político-militante. Apesar de ambos estarem debatendo o mesmo assunto e muitas vezes usando referências e conceitos em comum, existem alguns termos que, como nesta questão sobre como se define e quem define o significado de “homens” e “mulheres” transexuais, explicitam divergências conceituais anteriores que estruturam o próprio discurso<sup>23</sup>.

Isto não impede que esta indefinição semântica seja constante problematizada mesmo em outras circunstâncias ou grupos. Em outra ocasião, conversando com um grupo de travestis e chamando-as no feminino, como aprendi ser isto não apenas uma reivindicação política, mas uma expressão de educação, ao dizer a Lígia que sua postura era muito feminina, ela me corrigiu de maneira seca e afirmou: *“sou muito feminino. Eu não sou mulher.”*

Os exemplos citados acima não exemplificam apenas a fluidez e a polissemia de certas palavras ainda em processo de disputa no “mercado lingüístico” mas, principalmente, a fragilidade e mesmo a falta de pontes e mediações que tornem os campos científicos e políticos, inteligíveis um ao outro, ao menos na terminologia. O que poderia ser esclarecido no início das falas sobre o sentido dos termos usados, tanto para os palestrantes quanto para o público, evitando vários tipos possíveis de mal-entendidos, não é nem concebido como uma possibilidade, pois nem se percebe a distinção social e conceitual organizadora dos discursos.

Conforme Bourdieu, analisando as relações sociais simbólicas envolvidas nas trocas lingüísticas, *o que constitui problema não é a possibilidade de produzir uma infinidade de frases gramaticalmente coerentes, mas a possibilidade de utilizar, de maneira coerente e adaptada, uma infinidade de frases num número infinito de situações. O domínio prático da gramática não é nada sem o domínio das condições de utilização adequada das*

---

<sup>23</sup> Apenas para exemplificar como os termos e os conceitos de “transexual” ainda não estão firmemente estabelecidos no meio científico, inclusive médico, certa vez, ao conversar informalmente sobre esta pesquisa com um psiquiatra de quase 40 anos, ele perguntou: *“transexual? Sei, é o gay depois que mudou de sexo, não é?”*

*possibilidades infinitas, oferecidas pela gramática*<sup>24</sup>. Desta forma, todo o processo de desenvolvimento de novos conceitos e termos, explicita que nomear não é apenas criar, mas também estabelecer e legitimar relações de poder que criam o que nomeiam.

Vemos então como o nome “transexualismo” teve que diferenciar-se dos termos hermafroditismo, hermafroditismo psíquico, intersexualidade, travestismo genuíno, eonismo, inversão de papel sexual, contra-sexismo, e mesmo homossexualismo ou bissexualismo. Da mesma maneira, atualmente em certos manuais médicos (como o DSM) ele tende a ser substituído pelos termos mais genéricos de “transtorno de identidade de gênero”, “disforia de gênero” ou mesmo “desordem de identidade de gênero”<sup>25</sup>.

Assim, este debate lingüístico, mais do que expressar um processo de descoberta ou identificação, revela como uma nova “patologia”, no caso, um “transtorno” ou uma “disforia” é criada e aprovada pelo discurso científico, em constante diálogo, nem sempre amistoso, com os movimentos políticos e militantes e as próprias teorias científicas que, como vimos, também são várias e estão longe de um consenso.

Neste sentido, percebe-se que após uma batalha conceitual, onde os movimentos militantes por direitos LGBT, após investirem na troca terminológica de “transexualismo” por “transexualidade” em seus discursos, ressignificando uma categoria científica através de sua desvinculação do caráter patológico encontrado no histórico do sufixo “*ismo*”, o discurso médico gradativamente abandona estas categorias substituindo-as por termos mais genéricos como disforia ou transtorno de identidade de gênero. O debate lingüístico revela um exercício de violência simbólica visando a consagração de novas expressões científicas, ao mesmo tempo em que desqualifica seus antigos termos, agora apropriados por outros agentes sociais.

Desta forma, através da manutenção do caráter patológico definido pelas novas nomeações, mantêm-se a legitimidade da apropriação médico-científica sobre a questão do trânsito entre os gêneros. *A estrutura da relação de produção lingüística depende da relação de força simbólica entre os dois*

---

<sup>24</sup> BOURDIEU, Pierre, *A economia das trocas lingüísticas*, in: ORTIZ, Renato (org.) *Grandes Cientistas Sociais - Bourdieu*, São Paulo, Ática, 1983, p. 158

<sup>25</sup> No original em inglês, o “transtorno de identidade de gênero” do DSM é nomeado como “*gender identity disorder*”.

*locutores, isto é, da importância de seu capital de autoridade (que não é redutível ao capital propriamente lingüístico): a competência é também portanto capacidade de se fazer escutar. A língua não é somente um instrumento de comunicação ou mesmo de conhecimento, mas um instrumento de poder*<sup>26</sup>.

## Os termos “travesti” e “transexual” no Brasil

*Rede TV! mostra resultado de teste de HIV de Alexandre Frota. (...) Em seu último filme pornô, Frota fez cenas de sexo com a travesti Bianca Soares, que pretende se submeter a uma cirurgia de mudança de sexo em 2007*<sup>27</sup>.

Como vimos, a criação e a diferenciação dos conceitos clínicos de travesti e transexual, expressos pelo esforço histórico de nomear distintamente tais categorias, parece exprimir não apenas a lógica da especificação teórica entre “disfunções sexuais”, “transtornos de identidade de gênero” e “identidades políticas” vistas como substancialmente diferentes, segundo os manuais médicos ou as organizações militantes, mas também a antiga moralização do discurso científico, notada por Lanteri-Laura, da divisão entre os “bons” e os “maus” desviantes sexuais<sup>28</sup>. Desta forma, aqueles que estão mais próximos dos valores sócio-morais vigentes no período e sofrem com seus “transtornos” são os perversos e os que, intencionalmente ou não, afrontam estes mesmos valores não considerando suas “disfunções” como um problema, mas como uma característica, são os pervertidos.

Esta visão parece estar implícita em todo este processo, no qual se tem a impressão de que o conceito de “travestismo” de Hirschfeld foi sendo depurado, fazendo surgir dele uma nova expressão do trânsito entre os gêneros, agora um pouco mais “purificada” e limpa de associações com o perigoso campo das ambigüidades e aparências, terra do “falso”, da qual brota todo tipo de relação com a marginalidade. Assim, talvez o conceito de travesti

---

<sup>26</sup> BOURDIEU, Pierre, *A economia das trocas lingüísticas*, op. Cit., p. 160

<sup>27</sup> Folha online – caderno ilustrada de 1/9/2006.

Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u63981.shtml>

<sup>28</sup> LANTERI-LAURA, Georges, *Leitura das Perversões*, op. Cit.

tenha mantido boa parte da periculosidade do antigo pervertido sexual, enquanto a noção de transexual evoca o trágico destino do perverso.

Nas próprias definições de *travestismo fetichista* do *CID-10* ou do *fetichismo transvéstico* do *DSM-IV* (a ordem dos termos de um manual é contrária à do outro, mas ambos concordam que é uma parafilia), o foco é o prazer e a “aparência” do sexo oposto. Já quanto ao *transexualismo* do *CID-10* ou o *transtorno de identidade de gênero* do *DSM-IV*, estes apresentam-se em outra categoria específica de problemas, onde a questão é centrada no sofrimento, mal-estar e desconforto, estando o tema do prazer totalmente ausente do diagnóstico. Pode-se perceber o eco de uma das características fundadoras da ciência sexual: a divisão de sexualidades “anormais” ou dentro da lógica do crime (pelo prazer da transgressão), ou da doença (através do sofrimento indesejado).

Como vimos, o “travestismo” foi uma criação da sociedade disciplinar. Ela estigmatizava e excluía seus anormais. Conforme Erving Goffman, em seu clássico estudo sobre o tema, o estigma era para os gregos antigos um sinal corporal que demonstrava algo extraordinário ou maléfico sobre o status moral de quem apresentava estas marcas. Ampliando esta idéia, o autor trabalha com três tipos de estigmas: os corporais, como marcas ou deformidades físicas; os psicológicos e as culpas de caráter individual, compreendidas como vícios ou loucuras; e os relacionados a grupos sociais tais como expressos nas idéias de raça, nação ou religião. Todos estes estigmas que, no limite, representam algum grau de monstruosidade, punem e inferiorizam, provocando uma série de exclusões sociais sobre quem os carrega. *Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano*<sup>29</sup>.

Dentro do processo de subjetivação do monstro ocorrido no século XIX, a pessoa travesti representava um caso exemplar desta transição entre a monstruosidade expressa no corpo, no caso, no uso de roupas do sexo oposto, e a anormalidade encontrada na mente, pelo desejo de usar estas vestimentas ditas contrárias e se comportar como o outro sexo. Apesar de muitas destas pessoas, concretamente, terem sido encarceradas em prisões ou hospícios,

---

<sup>29</sup> GOFFMAN, Erving, *Estigma*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980, p. 15



seus locais de exclusão e isolamento ideológico, por excelência, foram as categorias científicas de “perversão”, “parafila” ou “desvios sexuais”.

As duas guerras mundiais ensinaram a cultura ocidental que a participação de todos os membros da sociedade é fundamental para a manutenção das estratégias de governabilidade e biopoder. A partir da segunda metade do século XX, a “inclusão” dos excluídos tornou-se a palavra de ordem. Sem acabar com prisões, manicômios, asilos, a mendicância ou as populações ditas “à margem”, os presidiários, loucos, idosos abandonados, mendigos e “marginais” foram chamados a participar ativamente das mesmas dinâmicas sociais que os colocaram naquela situação, deixando explícito que, no limite, os “excluídos” sempre foram completamente “incluídos”, sendo apenas mal aproveitados.

Na sociedade de controle, a administração das instituições de isolamento e dos problemas sociais gera empregos e dá lucro aos novos empreendimentos econômicos que controlam e gerenciam estes elementos. Através da convocação compulsória à “segurança”, todos são chamados a participar de sua própria vigilância. É sob esta lógica que se desenvolve a categoria científica da transexualidade ou dos transtornos de identidade de gênero.

A pessoa transexual não é mais afastada para as margens concretas ou imaginárias do convívio social, mas convocada a se adaptar às normas de gênero do período; se sua performatividade de gênero for vista como convincente - segundo os padrões muitas vezes inconscientes da equipe clínica que a julga - receberá sua recompensa: a autorização legítima e legal para cirurgia. Esta forma de autorização, ao passar pelo crivo ideológico e burocrático da ciência médica, expressa a “inclusão social” da pessoa transexual no campo das mulheres ou homens “de verdade” deixando para trás os incômodos e perigos associados à ambigüidade.

Caso contrário, no Brasil, o sujeito que passa pelo acompanhamento clínico e terapêutico de uma equipe multidisciplinar por pelo menos dois anos, segundo as normas do Conselho Federal de Medicina, se não for considerado como possuindo um “verdadeiro” ou legítimo *desvio psicológico permanente de*

*identidade sexual*<sup>30</sup>, pode ser classificado como travesti fetichista, travesti bivalente, transexual secundário ou mesmo um psicótico, sendo em todos estes casos negada a cirurgia desejada pela qual o paciente procurou a equipe. O prêmio por “revelar” uma legítima “psique feminina em corpo masculino” ou vice-versa, é a autorização legal para a adaptação do “sexo” do corpo com o “gênero” da mente, igual aos sujeitos “normais”.

É importante ressaltar a abrangência e sutileza do poder do discurso médico em qualificar e validar normas e performatividades de gênero. Assim, são excluídas da categoria de transexual as pessoas que consideram a si mesmas como transexuais, mas que não necessariamente desejam a cirurgia de transgenitalização, nem sofrem de *tendência a automutilação e auto-extermínio*<sup>31</sup>, procurando apenas o acompanhamento terapêutico psíquico e hormonal, ou mesmo aquelas que ficam impedidas legalmente de fazer a cirurgia como uma forma – talvez artística - de “modificação corporal extrema”<sup>32</sup>, sem ter nenhum tipo de problema entre sua identidade de gênero e sua fisiologia, buscando construir um outro corpo para tornarem a si mesmos um “homem com vagina” ou uma “mulher com pênis”, totalmente alheios ao discurso patologizante sobre tais desejos.

\*

Quando saímos do terreno das teorias e classificações dos códigos e manuais, temos, no Brasil, uma questão terminológica extremamente interessante: o que é comumente conhecido e reconhecido aqui em nosso país, pela cultura popular ou de massas, como uma pessoa travesti, ou seja, aquela que adota o gênero feminino, sofre intervenções hormonais e cirúrgicas para feminilizar seu corpo - como por exemplo, colocando próteses de silicone nos seios - adota as vestimentas, adereços, comportamentos e nomes considerados tipicamente de mulheres, vivendo 24 horas por dia nesta condição e não desejando a cirurgia de transgenitalização, é chamada em países estrangeiros<sup>33</sup>, genericamente, de transexual secundário, ou

---

<sup>30</sup> Resolução do Conselho Federal de Medicina nº 1.652/2002 – *Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a Resolução CFM nº 1.482/97.*

Disponível em [http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/cfm/2002/1652\\_2002.htm](http://www.portalmédico.org.br/resolucoes/cfm/2002/1652_2002.htm)

<sup>31</sup> Idem, ibidem.

<sup>32</sup> A chamada *Extreme Body Modification*, que é vista por muitos adeptos como uma forma extremada ou limite da arte corporal, ou *Body Art*.

<sup>33</sup> Como Estados Unidos, França ou Itália.

pertencente ao *Grupo 2 – tipo 4: transexual não indicado para cirurgia*, ou *Grupo 3 – tipo 5: transexual de intensidade moderada* dos trabalhos de Harry Benjamin.

O que talvez se enquadre mais próximo no Brasil das definições oficiais de *travestismo fetichista* do *CID* e *fetichismo transvêstico* do *DSM*, ou mesmo das travestis descritas e analisadas por Joel Dor, sejam as pessoas modernamente intituladas *crossdressers* ou CDs (grosso modo, aquelas que gostam de se vestir com roupas do sexo dito oposto ao seu sexo biológico, independente de sua orientação sexual e que, comumente, não realizam mudanças definitivas no corpo como o implante de próteses para os seios - eventualmente fazendo uso de hormônios - e se contentando, na maioria das vezes, com uma “montagem”<sup>34</sup> restrita a algumas horas por dia/ semana ou a períodos mais significativos da vida).

De qualquer maneira, o interessante é observar o descompasso entre as rígidas classificações oficiais e a fluidez das identificações cotidianas que estão constantemente se interpenetrando. Desta forma, alguém que se considere como *crossdresser* pode, em algum outro momento da vida se identificar como travesti e, ao mesmo tempo, dependendo da situação, se apresentar como transexual. Isto é possível não apenas como manifestação da complexificação e ressignificação de categorias na experiência de vida, mas como estratégia distintiva. Em nosso país, as pessoas conhecidas como travestis estão fortemente associadas no imaginário social à marginalização e à prostituição, independente do quanto esta seja uma relação real ou não.

Na história do Brasil, pessoas que transitam entre os gêneros, representadas principalmente pelo uso de roupas e adornos do gênero oposto, são encontradas e registradas desde os tempos do descobrimento e da colônia, seja entre os indígenas, os negros trazidos como escravos, ou na variada população dos centros urbanos dos séculos XVIII e XIX, como Salvador e Rio de Janeiro, segundo atestam Luiz Mott e João Silvério Trevisan, entre outros pesquisadores do tema<sup>35</sup>.

---

<sup>34</sup> Gíria êmica, como já visto, referente ao processo de se vestir, maquiar e se “transformar” no “sexo oposto”.

<sup>35</sup> BASTIDE, Roger, *O homem disfarçado em mulher* in *Sociologia do folclore brasileiro*, São Paulo, Anhambi, 1959; MOTT, Luiz, *Escravidão, homossexualidade e demonologia*, São Paulo, Ícone, 1998; SANTOS, Jocélio Teles dos, “*Incorrigíveis, afeminados, desenfreitados*”: *Indumentária e travestismo na*

Assim, pode-se apontar três vertentes principais nas quais os trânsitos entre os gêneros eram encontrados: a primeira, no campo da religião, em especial as de forte herança africana<sup>36</sup>; a segunda nas festas e comemorações populares, que terão sua representação mais característica no carnaval; e terceira, na área do espetáculo e do teatro. Um dado importante a se observar é que, pessoas vestidas como o gênero oposto, fora destes contextos específicos de tempo e espaço, poderiam ser punidas fosse pelas leis suntuárias ou canônicas da Igreja católica dos tempos da colônia<sup>37</sup>, fosse pelas leis civis que regiam os “costumes” no Império e na República<sup>38</sup>. Desta forma já se delineia uma íntima relação entre a troca de vestuário e o universo da criminalidade, em acordo com o que ocorria na Europa e segundo a concepção de um sexo com dois gêneros, como estudado no capítulo I.

Conforme vimos, o termo “travesti” é uma palavra francesa com possível origem no século XVI usada preferencialmente para designar a idéia de disfarce e rapidamente associada ao campo teatral. Creio que é neste contexto que esta palavra chegou ao Brasil e logo foi incorporada aos meios artísticos e das festividades populares: no sentido de se “disfarçar” do sexo oposto, independente do comportamento, orientação ou identidade sexual da pessoa travestida - questões relevantes apenas a partir do fim do século XIX, com o desenvolvimento da ciência sexual e a associação entre travestimento e sexualidade. Percebe-se assim que a palavra “travesti” já carrega alguns séculos de associação com o universo do disfarce, da ambigüidade, da incerteza e, no limite, da representação de uma “mentira”.

No terreno das nossas festas populares, até os dias de hoje, a questão de homens aparecerem vestidos como mulheres e vice-versa pode ser lida em dois sentidos: o primeiro, como expressão das festas e ritos de “inversão”,

---

*Bahia do século XIX* in *Revista de antropologia*, São Paulo, USP, 1997, V. 40, nº 2; TREVISAN, João Silvério, *Devassos no paraíso*, Rio de Janeiro, Record, 2000

<sup>36</sup> Além dos autores já citados em nota acima, ver também BIRMAN, Patrícia, *Fazer estilo criando gêneros*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995; FRY, Peter, *Para inglês ver*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982; MATORY, J. Lorand, *Homens montados: homossexualidade e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras* in REIS, João José (org.), *Escravidão e invenção da liberdade*, São Paulo, Brasiliense, 1988; SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima, *O jogo do gênero e da sexualidade nos terreiros de umbanda cruzada com jurema na grande João Pessoa / PB*, São Paulo, Tese de doutorado.

<sup>37</sup> MOTT, Luiz, *Escravidão, homossexualidade e demonologia*, op. Cit., p. 34; SANTOS, Jocélio Teles dos, *“Incorrigíveis, afeminados, desenfreados”: Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX*, op. Cit., p. 172

<sup>38</sup> SANTOS, Jocélio Teles dos, *“Incorrigíveis, afeminados, desenfreados”: Indumentária e travestismo na Bahia do século XIX*, op. Cit.; TREVISAN, João Silvério, *Devassos no paraíso*, op. Cit.

onde se representa um “mundo às avessas”, no qual os papéis masculinos e femininos são trocados e *de-monstrados* no corpo, através da incorporação da aparência do outro gênero. Comumente, este outro é apresentado de maneira estereotipada, sobressaltando traços ridículos e grotescos, onde procura-se realçar a idéia de desordem, desregramento e desequilíbrio. Embora muitas vezes esta “inversão” tenha como objetivo a crítica e a mudança de atitudes, frequentemente, através do contraste, ela acaba reforçando os valores tradicionais sobre uma “natural” dominação masculina e submissão feminina.

O segundo sentido, por outro lado, pode ser compreendido como a manifestação de desejos e aspirações de “viver”, ainda que brevemente, conforme o gênero oposto, enfocando mais explicitamente a temática das identificações e orientações sexuais<sup>39</sup>. Neste sentido, James Green observa que em 1953, o artigo de um jornal carioca, ao mostrar a foto de vários homens vestidos de mulher no carnaval, em especial de um sujeito com biquíni e roupa de baiana, apresentava o seguinte texto: *“este concebeu o seu tipo sob a influência da praia e do teatro de revista. É o ‘travesti’, bem acomodado à época, e que não dispensa nem um palco ambulante”* e, como legenda de outra foto, lia-se: *“O ‘travesti’ é comuníssimo, há sempre inflação deles. Este ano, no Rio, o Teatro República foi seu quartel-general. Bailes indescritíveis, únicos na América”*<sup>40</sup>.

Também José Fábio Barbosa da Silva, ao escrever o primeiro trabalho sociológico sobre homossexualidade no Brasil, em 1958, ressalta que *o travesti, porém, não é apenas utilizado para “heterossexuais”; em reuniões de apenas homossexuais, ele é feito e tem um caráter bastante comum. Há, no entanto, principalmente em grupos de homossexuais dissimulados, muitos que reprovam essa atividade. Um homossexual desse tipo se expressou da seguinte maneira: “Acho graça como alguns têm coragem de se expor a essas excrescências. É uma maneira, creio, de exibição. Não gosto de fantasias e de*

---

<sup>39</sup> BASTIDE, Roger, *O homem disfarçado em mulher*, op. Cit.; BURKE, Peter, *A cultura popular na Idade Moderna*, op. Cit.; DAVIS, Natalie Zemon, *As mulheres por cima*, op. Cit.; CASTLE, Terry, *A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII*, op. Cit.; DURST, Rogério, *Madame Satã*, São Paulo, Brasiliense, 1985; ECO, Humberto, *História da feiúra*, op. Cit.; ELIADE, Mircea, *Mefistófeles e o Andrógino*, op. Cit.; GREEN, James N., *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, op. Cit.; TREVISAN, João Silvério, *Devassos no paraíso*, op. Cit.; ZOLLA, Elémire, *Androginia, a Fusão dos Sexos*, Madrid, Edições Del Prado, 1997

<sup>40</sup> GREEN, James N., *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, op. Cit., p. 348

*travesti, acho ridículo, e só serve para a gente se divertir com os palhaços ridículos*<sup>41</sup>. Vemos assim como a idéia de “travesti” evoca também o campo da farsa e do ridículo, tão comum quando este termo é usado popularmente com o objetivo de agredir e desqualificar alguém.

\*

De certa forma, para a cultura popular, base e inesgotável fonte de informação e inspiração da então nascente cultura de massas, a separação entre universo racional e mágico, ciência e religião, conceituações laicas e misticismo cotidiano nunca foi tão extrema assim, e em diferentes graus, todas as classes sociais compartilham de antigas esperanças no sobrenatural – como atesta o início do século XXI. De certa maneira, pela via da cultura de massas, o cientificismo não extinguiu a visão mágica do mundo, mas foi absorvido por esta. A ciência é que foi encantada e a tecnologia tornou-se mais um ramo do maravilhoso.

No campo do espetáculo, no século XIX, além de atores e atrizes especializados em papéis que representavam o outro gênero, havia também as atrações de circos e feiras em que se mostravam pessoas “maravilhosas”, que faziam ou encarnavam coisas incríveis, tendo o foco de sua estranheza no corpo. Apesar do Brasil não ter desenvolvido os *freak shows* ou espetáculos de aberrações humanas como uma forma específica e grandiosa de negócio, como ocorreu na sociedade norte-americana, este tipo de atração estava nas bases da cultura do entretenimento de massas surgida na Europa neste período e que vai espalhar-se por todo o Ocidente.

Nestes shows, uma das figuras que mais atrai o público é o “hermafrodita”, “andrógino” ou qualquer pessoa que represente alguma forma de mistura ou cruzamento entre os sexos/ gêneros. É neste meio, junto aos homens-elefantes e as crianças sem ossos, que mulheres barbadas, homens com seios e sujeitos “meio-homem, meio-mulher”, espetacularizam e revigoram o antigo fascínio - mesclado de ódio, medo, riso e desejo - pela ambigüidade sexual e de gênero. Inclusive, um brasileiro nascido em 1910, conhecido como

---

<sup>41</sup> SILVA, José Fábio Barbosa, *Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário* in GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (orgs), *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*, São Paulo, UNESP, 2005, p. 115

*Le-ola, o hermafrodita errante*<sup>42</sup>, faz sucesso em circos europeus pois, igual aos andróginos narrados por Plínio, possuía o lado esquerdo feminino e o direito masculino<sup>43</sup>.

Um dos prováveis fatores para o êxito destas atrações na cultura de massas é que, como vimos, da segunda metade do século XIX em diante, a discussão sobre os limites entre homens e mulheres, masculinidades e feminilidades estava em toda parte, capitaneada pela ciência. É neste debate que surgem os modernos pseudo-hermafroditas da medicina e a *intolerável ambigüidade*<sup>44</sup> dos “monstros” e “andróginos” da cultura popular vai sendo substituída pela visão de que estas pessoas não passam de “erros” da natureza. Não por acaso, neste embate de forças visando à criação e consolidação de novos conceitos sobre corpos e gêneros, as mulheres barbadas e os hermafroditas povoam tanto os *freak shows* como os livros médicos, tais como os de Lagos García e Maraño, inclusive na relação espetáculo, comicidade e crime: *o pseudo-hermafrodita é unicamente objeto de curiosidade e burla, assim como o psicopata sexual o é de desprezo e desconsideração. O primeiro é um ser monstruoso, um fenômeno com certa comicidade; o segundo é um detestável vicioso*<sup>45</sup>.

E é exatamente pelo viés da discussão científica que, conforme Meyerowitz<sup>46</sup>, um novo tema passa a ganhar cada vez mais espaço na cultura de massas: a “troca” de sexos. Se nos *freak shows* o foco era a idéia de alguém possuindo os dois sexos/ gêneros ao mesmo tempo, evocando a monstrosidade e suas antigas relações com o universo mágico-religioso, agora aparece uma nova categoria de maravilhas, originada pela crença nos milagres da tecnologia médica: a noção de que é possível “trocar o sexo”, ou seja, passar de um a outro sem estacionar do meio do caminho, como as “aberrações” circenses. Apesar desta autora analisar especificamente o tema na cultura norte-americana, acredito que esta questão esteve presente em

---

<sup>42</sup> NARUYAMA, Akimitsu (Coleção de), *Freaks Aberrações Humanas*, Portugal, Livros e Livros, 2000, p. 104

<sup>43</sup> A primeira descrição científica moderna de um caso de hermafroditismo lateral foi em 1924. CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do "fenômeno transexual" (1910-1995)*, op. Cit., p. 94

<sup>44</sup> GROSZ, Elizabeth, *Intolerable ambiguity: freaks as/at the limit*, in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural spectacles of the extraordinary body*, op. Cit.

<sup>45</sup> GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, op. Cit., p. 555

<sup>46</sup> MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, op. Cit.

todos os países que recebiam as influências científicas e culturais da Europa pois, como vimos, foi lá que tais idéias se desenvolveram e se disseminaram através do ideal de universalização da ciência.

Como exemplo em nosso país, é possível citar a peça *O patinho torto*, do escritor e dramaturgo brasileiro Coelho Netto, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Ela apresenta claramente a apropriação médica sobre a questão da passagem de um sexo/ gênero a outro, e como isto se refletia no campo da cultura popular brasileira.

Escrita em 1917 como uma *comédia ligeira em três atos*, o texto se baseia, segundo o autor, em uma nota da *Gazeta de Notícias*<sup>47</sup> da cidade de Belo Horizonte, de 16 de outubro de 1917, com a epígrafe “*As surpresas da vida*”, descrevendo o caso de uma garota de 19 anos que, ao ser levada ao médico, descobre que, na verdade, é um homem. O doutor então explica ao pai da ex-moça: *É o que lhe digo. Emilia é homem... Não tenho a menor dúvida. É um caso de hypospadias. Não é um hermafrodita porque o hermafroditismo verdadeiro não existe. O que me admira é que só agora se tenha dado por esta mal formação.*

Fazendo referência à clássica fábula *O patinho feio*, esta peça trabalha com a noção de desvio da natureza, explicitada já no título: *O patinho torto*. O enredo narra, no estilo comédia de costumes e cheio de falas com duplo sentido, a mesma situação da notícia real, aumentando as personagens e os ambientes. A garota chama-se Eufemia (que a certa altura é chamada de Eumacho) e, depois da notícia de sua repentina mudança de sexo/ gênero anunciada pelo médico, ela compreende porque possuía estranhos gostos para uma garota, como fumar. Ela/ ele decide então que, após um ano de aprendizado como homem, se não surgirem mais “mudanças” em sua vida, irá casar-se com Iracema, irmã de seu ex-noivo e que já nutria uma paixão secreta pela então futura cunhada.

O interessante a perceber é como os conceitos da medicina que estão sendo debatidos no período já aparecem nesta peça popular. Assim, a figura do médico é fundamental para manter o equilíbrio entre os mistérios da natureza e os prodígios da ciência. Suas falas são exemplares. Quando a mãe

---

<sup>47</sup> Provavelmente esta nota se encontrava na seção dos “fatos diversos”, onde se apresentavam pequenas notícias curiosas e incomuns como “a mulher que casou com um urso” ou “a parede que jorrou sangue”.



de Eufemia reluta em deixá-la só na presença de um homem desconhecido, o Dr. Patureba afirma que não é homem e, frente ao espanto da senhora, explica: *eu sou médico, e o verdadeiro médico não tem sexo: é neutro*<sup>48</sup>. Ora, este é um conceito fundamental para o surgimento da ciência sexual: o distanciamento ideológico da figura do representante da ciência para com o universo dos desejos e das paixões eróticas<sup>49</sup>.

Da mesma forma, Bibi, o noivo de Eufemia, após saber da situação desta, explica a sua futura sogra: *Eufemia é um erro da natureza que nos enganou a todos: à senhora, a mim...* A idéia de “erro da natureza” e o sentimento de ter sido enganado por algo “falso” é formulado explicitamente. É também esta personagem que irá evocar a problemática da burocracia com a qual, anos mais tarde, travestis, transexuais e intersexuais irão se deparar como um dos maiores obstáculos para sua existência cotidiana. Bibi então afirma: *tu não podes passar assim de um sexo para outro sem... passaporte e declaração pública. Se a gente, para mudar o nome, anuncia nos jornais, vai ao tabelião, quanto mais para mudar de sexo.*

Após inúmeras referências ao diabo, às noções de desordem, inversão e engano, o pai de Eufemia, ao concordar com o desejo desta em esquecer “o tempo horrível” em que viveu no outro sexo, conclui: *posições definidas. É preciso firmar-se em um sexo, mas de uma vez. Saias de manhã, calças à noite, não! Não serve. A gente precisa saber com quem convive*<sup>50</sup>. Apesar desta peça tratar de um caso hoje chamado de intersexualidade, ela apresenta toda a problemática da discussão sobre a transição entre sexos e gêneros, em especial quanto ao discurso de que é necessário se ter um sexo/ gênero “verdadeiro” e fixo.

Mas a temática do travestimento associada ao teatro e ao entretenimento envolve em nosso país uma outra questão. No Brasil do início do século XX, a profissão de artista, especialmente de atriz, estava extremamente ligada à idéia de prostituição. Não que toda atriz fosse

---

<sup>48</sup> NETTO, Coelho, *O patinho torto*, Porto, Livraria Chardron de Léo & Irmão, 1924, págs. 8 e 45 respectivamente.

<sup>49</sup> McLAREN, Angus, “*Não um estranho, um doutor*”: *médicos e questões sexuais no fim do século XIX* in PORTER, Roy e TEICH, Mikulás, *Conhecimento sexual, ciência sexual*, São Paulo, Unesp, 1997

<sup>50</sup> NETTO, Coelho, *O patinho torto*, Porto, op. Cit., págs. 66, 100 e 141 respectivamente.

prostituta<sup>51</sup> ou vice-versa, mas em muitos casos, pela necessidade de sobrevivência das trupes com menos recursos, uma função complementava a outra. Também as pessoas que, como ainda hoje em dia, ao assumirem o gênero “oposto”, principalmente como modo de vida, eram impedidas de conseguir empregos mais tradicionais ou formais e rejeitadas do convívio social - muitas vezes por suas próprias famílias – restava apenas espetacularizar sua condição e/ ou negociar o fascínio sexual de sua ambigüidade. Desta forma, o termo “travesti” gradativamente uniu-se intimamente à noção de prostituição, tanto no imaginário popular quanto no policial e médico, embora segundo o historiador James Green, até os anos 60, esta relação ainda não existia<sup>52</sup>.

\*

Como vimos, a transexualidade, como uma categoria distinta, foi criada a partir da década de 50 do século XX, nos Estados Unidos, onde os três principais estudiosos do assunto, Harry Benjamin, John Money e Robert Stoller, desenvolveram suas pesquisas e teorias. Apenas como referência, é possível dizer que esta nova classificação psicopatológica ganhou repercussão científica mundial através do lançamento do livro de Benjamin, *O fenômeno transexual*, em 1966. No Brasil, pode-se afirmar que a temática da transição entre os gêneros, dissociada de sua associação com a criminalidade ou com a prostituição, e discutida pelos meios de comunicação de massas, deu-se a partir dos anos 80 com o “fenômeno Roberta Close”.

Desde o fim da década de 70, alguns programas de auditório como o *Clube do Bolinha*<sup>53</sup> ou o *Programa Sílvio Santos* apresentavam travestis e artistas que dublavam e interpretavam cantoras mulheres e eram conhecidas como “transformistas”. Em 1981, durante o carnaval, a modelo Roberta Close, então com 17 anos, já era sucesso de vendas entre as revistas de variedades e fofocas do mundo artístico, tanto que, em 1984, faz um ensaio fotográfico nua para a revista *Playboy*, a grande líder das produções pornográficas *soft core* no Brasil, voltada exclusivamente para o público heterossexual. Neste mesmo ano, um tablóide americano especializado em notícias bizarras, estampa em

---

<sup>51</sup> Uso aqui o termo “prostituta”, e não “profissional do sexo”, por acreditar que são concepções distintas de um mesmo “serviço” e que, na época, não havia a noção de prostituição como uma profissão reconhecida.

<sup>52</sup> GREEN, James N., *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, op. Cit., p. 384

<sup>53</sup> TREVISAN, João Silvério, *Devassos no paraíso*, op. Cit.; p. 310

sua capa, ao lado de uma foto de Roberta, o texto “*A modelo mais linda do mundo é na verdade um HOMEM!*”, ao lado de chamadas como “*Caçador de safári mata um alienígena espacial*” e “*Polvos assassinos esmagam pescador*”<sup>54</sup>. Logo em seguida, uma revista brasileira de tiragem nacional repete a manchete: “*A mulher mais bonita do Brasil é um homem.*”<sup>55</sup>

Inicia-se então uma discussão nacional via mídia e cultura de massas sobre o status social, conceitual e, conseqüentemente, terminológico desta modelo e pessoas afins. Roberta Close era de classe média, sem nenhum tipo de associação com o mundo da prostituição ou da marginalidade; as matérias da mídia sobre ela apareciam em revistas, jornais e programas da TV voltados para a parcela da população com bom poder aquisitivo e nas seções cultura, lazer ou colunas sociais, não nas páginas policiais entre criminosos e drogados. Roberta encarnava perfeitamente os valores morais e estéticos de beleza e feminilidade esperados de uma “verdadeira” mulher burguesa, e não se parecia em nada com o estereótipo da figura da travesti do imaginário social da época, ou seja, um homem grotescamente vestido de mulher<sup>56</sup>.

O que seria ela (ou ele) então? Ela não dublava nem fazia shows artísticos, então não deveria ser “transformista”. Seria a tal “transexual” que os médicos, através dos meios de comunicação, começaram a anunciar? Neste debate, a modelo declarou: *para os brasileiros, eu não sou homem, não sou mulher, não sou travesti nem homossexual. Ora bolas, o que é que eu sou? Um ET?*<sup>57</sup>

Um fato curioso no exemplo de Roberta Close é que a grande maioria dos discursos sobre ela, tanto o científico quanto o popular a chamavam no início de “travesti”. Isso não apenas porque o conceito e o termo “transexual” eram recentes e quase desconhecidos no Brasil, mas também porque a modelo não se encaixava dentro das definições oficiais de transexualidade. Em especial, no requisito hoje padrão em nosso país para a identificação de tais

---

<sup>54</sup> RITO, Lucia, *Muito Prazer, Roberta Close*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1998, p. 85

<sup>55</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *O que é transexualidade*, op. Cit., p. 9

<sup>56</sup> A psicanalista Marina Caldas Teixeira, ao analisar em 2006 o caso de Roberta Close, afirma que a modelo *aspira ser reconhecida como “mulher-de-verdade”*. Mas esta “mulher-de-verdade”, segundo a autora, *é enredada como paródia (...), uma imitação burlesca*. TEIXEIRA, Marina Caldas, *O transexualismo e suas soluções*, op. Cit. O texto está disponível na internet, conforme citado, mas não possui indicação de números de páginas.

<sup>57</sup> RITO, Lucia, *Muito Prazer, Roberta Close*, op. Cit., p. 22

peessoas: a profunda infelicidade, a *tendência à automutilação e ou auto-extermínio*<sup>58</sup> e a falta de investimento na sensualidade e no erotismo pessoal.

Ora, esta modelo foi um exemplo nacional e midiático de sensualidade e auto-realização. Se hoje ela é considerada por si mesma e por nossa cultura como uma mulher transexual, isto não se deu apenas graças aos fatores etiológicos em sua infância, expressos pelo “sempre me senti mulher desde criança” e a incorporação das noções médicas em seus discursos<sup>59</sup>, mas também pelo processo de distinção sócio-conceitual da categoria “travesti”, como veremos a seguir.

Mas se o tema da transexualidade chegou à grande mídia nos anos 80, no campo da medicina ele já estava presente desde pelo menos uma década antes, quando o médico cirurgião Roberto Farina, em 1971, fez a primeira cirurgia de transgenitalização no Brasil<sup>60</sup>, o que lhe ocasionou um processo criminal e outro no Conselho Federal de Medicina, tendo sido condenado em ambos. Até 1997, esta cirurgia era proibida pelo conselho de ética do CFM e considerada crime de lesão corporal pelo Código Penal Brasileiro, sendo que a maioria das pessoas transexuais brasileiras que passaram por este processo até então ou o fizeram em países estrangeiros ou ilegalmente<sup>61</sup>.

Durante o processo de Farina, iniciado oficialmente em 1976, por um procurador da justiça que ficou sabendo da cirurgia através da mídia e que durou vários anos, Luisa Campos Olazábal realizou um dos primeiros estudos brasileiros sobre o tema pelo viés dos estudos de genética, em uma pesquisa de mestrado no Laboratório de Genética Médica do Instituto de Biologia, junto à Faculdade de Medicina da USP, intitulado *Variabilidade cromossômica e dermopapilar no transexualismo (estudo de 31 casos)*

Neste trabalho, defendido também no ano de 1976, a autora inicia fazendo uma análise da literatura médica e psicológica correspondente, incluindo, claro, Harry Benjamin, Robert Stoller, John Money e Marañón, que foi extremamente influente no meio médico brasileiro com sua obra clássica, *La*

---

<sup>58</sup> Resolução do Conselho Federal de Medicina nº 1.652/2002 – *Dispõe sobre a cirurgia de transgenitalismo e revoga a Resolução CFM nº 1.482/97*, op. Cit.

<sup>59</sup> Por exemplo, em sua biografia lançada em 1998, o capítulo dois intitula-se “*Um deslize da natureza*”. RITO, Lucia, *Muito Prazer, Roberta Close*, op. Cit., p. 39

<sup>60</sup> Em uma aqui chamada mulher transexual (que os médicos e juristas chamam de homem transexual – MTF).

<sup>61</sup> COUTO, Edvaldo Souza, *Transexualidade – O Corpo em mutação*, Bahia, Editora Grupo Gay da Bahia, 1999, p. 105

*evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, de 1930, conforme o historiador James Green<sup>62</sup>. Olazabál ressalta que, segundo os autores ali analisados, o transexualismo é um desvio do comportamento sexual (sendo que este fator é mais comum nas classes cultas); existe nas pessoas transexuais uma profunda rejeição do fenótipo masculino; o “verdadeiro” transexual é somente masculino (MTF), sendo a mulher transexual (FTM) apenas um extremo da homossexualidade feminina; a inteligência dos ditos transexuais masculinos é acima da média *na linha feminina*; o homossexual comum tem mais tendência à depressão e à paranóia, e que *a primeira menção do fenômeno foi feita em 1830 por Friederich, que na época discutia sobre “a ilusão fixada de ser mulher”*. Desta forma, afirmando que agora o problema passou do campo moral ao científico, a autora conclui que o transexualismo é distinto do homossexualismo e do travestismo *tanto do ponto de vista psicológico (anamnástico) como genético (cromossômico)*<sup>63</sup>.

Em 1978, após o médico Roberto Farina ter sido considerado pela justiça como culpado do crime de lesão corporal, seus advogados, Octavio Reys e Lucio Salomone, ao recorrerem da decisão, também editaram um pequeno trabalho intitulado *A terapêutica cirúrgica do intersexual perante a justiça criminal: um caso de transexualismo primário ou essencial*, com o objetivo de, segundo os autores, atender aos inúmeros pedidos de jornalistas, médicos e criminalistas sobre o desenvolvimento do processo do dr. Farina.

Na introdução, os advogados esclarecem que, segundo os arquivos do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, o transexualismo é um caso extremo de intersexualidade psíquica, diferente da intersexualidade biológica, encontrada no hermafroditismo, embora em alguns momentos do texto os três conceitos se misturem. Novamente, a figura da pessoa intersexual de base orgânica, une-se ao transexual, mesmo após os esforços teóricos de Benjamin e Stoller em distinguir os dois conceitos. Também afirmam que, segundo o Instituto Médico Legal do Estado de São Paulo e o próprio Hospital das Clínicas, o paciente W. N., o “homem” biológico

---

<sup>62</sup> GREEN, James N., *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, op. Cit., p. 199

<sup>63</sup> OLAZÁBAL, Luisa Campos, *Variabilidade cromossômica e dermopapilar no transexualismo (estudo de 31 casos)*, Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Biociências da USP, 1976, págs. 6, 3, 17 e 45 respectivamente.

que foi operado, sendo neste processo considerado vítima de mutilação e/ ou castração, sofria de *desajuste psíquico, distúrbios do comportamento sexual* e que sua personalidade feminina estava estruturada desde a infância, salientando suas condições de *“jovem vaidosa preocupada com a indumentária e jóias com ótimas habilidades domésticas, atitudes femininas, tom de voz suave e gestos delicados”*<sup>64</sup>.

Em sua sentença, o Juiz que condenou o dr. Farina, afirma que a vítima não poderia jamais ser transformada em mulher, pois não haviam os *órgãos genitais internos femininos*, além da cirurgia pretender produzir condições favoráveis para *uniões matrimoniais espúrias*. Questionando a argumentação da defesa, o juiz afirma que W. N *é um doente mental, sem dúvida nenhuma*, mas que seu tratamento deve ser o psicanalítico, não a cirurgia, pois esta fixa a doença mental e “tranca as portas” da recuperação para o paciente.

Na apelação, citando Olazabál, Benjamin e Stoller, entre outros, os advogados buscam principalmente embasar a nova argumentação em uma origem biológica para a transexualidade, indo desde a alteração do desenvolvimento fetal do hipotálamo no cérebro (entendido como o centro da identidade sexual), até as características genéticas, ressaltando que a cirurgia só deve ser feita em casos de transexualismo verdadeiro, “primário ou essencial”, pois o paciente é descrito como possuindo um “cérebro feminino”.

A outra base conceitual da apelação é a diferenciação entre a pessoa transexual e a homossexual. Explicam os advogados de defesa que uma das características marcantes da transexualidade é a total falta de desejo homossexual, pois a atração sexual é vista por essas pessoas como sendo dirigida ao “outro” sexo, ou seja, o desejo é compreendido por elas como heterossexual. Os homossexuais assumem então o papel do oposto constitutivo maligno: eles figuram como os desviados que deveriam se tratar psicologicamente, pois representam neste jogo jurídico a afeminação e a “falsa” mulher, associada à uma vida sexual desregrada e imoral. Conforme os defensores, *a transexualidade não é perversão sexual e os autos não contêm uma só palavra que autorize a afirmação feita pela referida sentença, tachando*

---

<sup>64</sup> REYS, Octavio e SALOMONE, Lucio, *A terapêutica cirúrgica do intersexual perante a justiça criminal: um caso de transexualismo primário ou essencial*, São Paulo, edição dos autores, 1978, p. 12

*W. como pederasta homossexual. O que o conjunto probante informa é que W. tem mente de mulher, **mas de mulher honesta.***

Ainda segundo os advogados, a acusação afirma que o doutor Farina transformou W. em uma prostituta, e que o médico *quer que os bichinhas de 21 anos de idade entrem na fila para conseguirem ser operados*<sup>65</sup>. Ressaltando o caráter humanitário e ético de Farina e a reputação pregressa e atual de W. como “moça honesta”, a defesa roga a todos os envolvidos no caso e ao Criador para que se faça uma *humana e quase divina justiça*, inocentando o médico, e conclui: *os transexuais, seres marcados pela natureza madrasta e pelo sofrimento, jamais sejam confundidos com alegres, inconstantes e imorais “bichinhas” sem juízo. (...) A sociedade brasileira, como é lógico e evidente, prefere conviver com os indivíduos de sexo definido, bem declarado e harmonioso com a mente, ao invés de se ombrear com seres escusos, de sexo indeterminado, diferentes do comum dos mortais.*

Neste trabalho, percebe-se como o conceito de transexualidade é recente neste período, sendo não apenas constantemente definido no texto, em várias versões e por vários autores, como o seu contraste maligno ainda estava genericamente relacionado ao “homossexual”, que tanto a defesa quanto a acusação condenam. Existe apenas uma breve passagem onde a questão da “troca de roupas” é citada: *o transexual é sempre um travesti, mas o contrário não parece ocorrer*<sup>66</sup>. Aqui, os advogados estão falando sobre o que os médicos chamaram de travestismo fetichista, e não evocando diretamente as travestis da cultura popular ou de massas, estando essas provavelmente na categoria das abominadas “bichinhas” homossexuais.

Em 1982, o próprio médico Roberto Farina lança o livro *Transexualismo – do homem à mulher normal através dos estados de intersexualidade e das parafilias*, no qual narra sua problemática jurídica e expõe suas teorias e técnicas cirúrgicas. Segundo este autor, que em alguns momentos usa o termo *disfóricos gênito-generiformes*, para referir-se às pessoas transexuais - e chama a cirurgia de *conversão sexual* ou *reajustamento sexual* - hermafroditas, homossexuais e transexuais são todos graus de intersexualidade, que pode se manifestar do extremo biológico (verdadeiro hermafrodita) ao extremo psíquico

---

<sup>65</sup> Em negrito no original. Idem, ibidem, págs. 26, 75 e 92 respectivamente.

<sup>66</sup> Idem, ibidem, págs., 89, 109, 110, e 45 respectivamente.

(verdadeiro transexual), passando pelas parafilias ou desvios sexuais (homossexual).

Ao analisar o caráter congênito da transexualidade, escreve: *parafraseando a afirmação corrente no campo das moléstias infecciosas quando se afirma que a lepra não se “pega”, mas ela “dá”, diríamos com Benjamin que o transexual não se “torna” transexual, mas ele já “nasce” transexual*<sup>67</sup>. Assim, explica que o problema das pessoas transexuais é mais de gênero que de sexo e que, embora o ideal fosse mudar a mente delas para ajustá-la ao aparelho genital com o qual nasceram, como as psicoterapias não dão resultados, a única opção é a cirurgia. Mas ela só deve ser feita após cuidadosa avaliação clínica, especialmente psiquiátrica. Segundo Farina, é ao psiquiatra que *cabe, pois, dizer se se trata de um transexualismo primário, essencial ou verdadeiro, ou de um transexualismo secundário e falso*, mais próximo do *homossexualismo* (que também se divide em verdadeiro e situacional) e do *transvestismo*, que encontra-se entre as 45 parafilias citadas pelo autor, indo desde o sexo oral, já classificado assim desde Krafft-Ebing, até o “*hippismo*”, ou seja, a adoção dos valores do movimento “hippie”, em especial quanto à liberdade sexual.

Mas é na seção em que diferencia transexuais de homossexuais e travestis que este doutor reforça a noção de vítimas e vilões, pervertidos e perversos. Lembrando que pessoas transexuais são castas, tímidas, quase assexuadas, profundamente infelizes e que, principalmente, possuem a orientação do desejo heterossexual, esclarece que *o homossexual acha simplesmente “excitante” usar roupas femininas independente de sua psique que por sinal nada tem de feminina. Embora o “ego psíquico” do homossexual vislumbre traços de feminilidade, o seu “ego corporal” é inteiramente masculino. O homossexual é antes de mais nada um “efeminado”. Ele se considera masculino, tem atração por homens e se transveste para atrair certos homens, ou simplesmente, para exhibir-se ou porque sente excitação mental que lhe proporciona prazer independente do sexo. (...) É freqüente o*

---

<sup>67</sup> FARINA, Roberto, *Transexualismo – Do homem à mulher normal através dos estados de intersexualidade e das parafilias*, São Paulo, Novalunar, 1982, p. 125



*homossexual contribuir para a corrupção de menores, atentando contra os bons costumes e favorecendo a libertinagem*<sup>68</sup>.

Embora o autor procure delimitar claramente e com detalhes a condição transexual, quando vai contrastá-la com outras manifestações ou no caso, desvios sexuais, apresenta estas outras como um grande grupo indefinido e confuso, misturando homossexualidade, travestismo, orientações do desejo e identidades de gênero, além da explícita associação de homossexuais (aqui inclusos travestis) com o universo da marginalidade e do crime. Mais à frente neste texto de 1982, quase em sua conclusão, o autor evoca a eugenia e afirma: *achamos que do ponto de vista eugênico não haveria inconveniente se um número qualquer de homens psicosssexualmente disfóricos fossem castrados*<sup>69</sup>.

Vemos assim por estes exemplos, como a transexualidade para se firmar como entidade própria, teve de se diferenciar de outras categorias, em especial da homossexualidade e da travestilidade. No Brasil, esta distinção tornou-se mais acentuada pelo fato de o termo “travesti” estar associado historicamente ao imaginário do desregramento sexual e ao universo da prostituição. Mesmo os grupos políticos e de direitos civis de travestis e transexuais, quando começaram a se organizar dentro da “segunda onda” do movimento brasileiro com foco em identidades sexuais coletivas, a partir de fins dos anos 80 do século XX, suas questões se associavam intimamente à problemática das DST’s/ AIDS e a toda estigmatização presente neste processo.

Também a introdução das pesquisas sobre as travestis modernas nos estudos sociológicos, iniciados a partir desta época e tendo como referências fundantes os textos de Mott e Assunção<sup>70</sup> e depois de Hélio Silva<sup>71</sup>, confirmam o quanto é difícil separar este universo da prostituição no Brasil, pois apesar de mundos distintos, estão profundamente interligados em todo o território nacional, como atestam a grande maioria dos trabalhos na linha das ciências sociais analisados para este estudo.

---

<sup>68</sup> Idem, ibidem, págs. 144 e 182 respectivamente.

<sup>69</sup> Idem, ibidem, p. 196

<sup>70</sup> MOTT, Luiz e ASSUNÇÃO, Aroldo, *Gilete na carne: etnografia das automutilações dos travestis da Bahia* in Revista Temas IMESC, sociedade, direitos, saúde, São Paulo, 4 (1), julho de 1987

<sup>71</sup> SILVA, Hélio R. S., *Travesti – A invenção do feminino*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993

Como ressaltou a antropóloga Larissa Pelúcio<sup>72</sup>, o processo de “inclusão” social das travestis via programas de controle e prevenção de DST’s/ AIDS, foi uma “sidadanização”, tamanha a associação, concreta ou imaginária, destas pessoas com o campo da desordem e da doença, incentivando políticas públicas muitas vezes com resquícios de lógicas higienistas.

A associação de travestis – e mesmo transexuais – com a prostituição no Brasil é tão forte que poderia se dizer, já é “oficial”: dentro da Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego encontra-se o número 5198 - *Profissional do sexo - Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Puta, Quenga, Rapariga, Trabalhador do sexo, Transexual (profissionais do sexo), Travesti (profissionais do sexo)*<sup>73</sup>.

Nesta codificação, transexual e travesti, que são classificações clínicas para a medicina, ou identidades políticas de gênero para a militância, tornam-se também sinônimos de uma categoria de trabalho, a de “profissional do sexo”.

\*

Desta forma, percebemos como os conceitos de travesti e transexual, mesmo sendo constantemente confundidos e misturados, inclusive com a prostituição, seja pela mídia (como mostra a citação da epígrafe desta parte), pela cultura popular ou por racionalizações burocráticas, evocam, pelo viés científico e jurídico, a moralização dos antigos “monstros sexuais”, separando-os em perigosos e inofensivos. Mas, apesar de muito desta diferenciação ser embasada pelo discurso médico, ela é usada também como instrumento de distinção social nos embates cotidianos entre as próprias pessoas assim classificadas.

Berenice Bento notou como, na busca por uma feminilidade que seja aceita como legítima, as pessoas transexuais constantemente procuram se

---

<sup>72</sup> PELÚCIO, Larissa Maués, *Nos nervos, na carne, na pele – Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*, op. Cit.

<sup>73</sup> Ministério do trabalho e emprego - CBO - Classificação Brasileira de Ocupações, disponível em <http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>  
Acesso em 12/6/2008

diferenciar da feminilidade das travestis<sup>74</sup>, considerada muitas vezes como vulgar, exagerada e promíscua, estereotipando-as. Assim, o debate entre estes grupos sobre quem se encaixa em qual rótulo é constante, tendo muitas vezes como foco a questão de “quem é mais feminina” ou “onde se encontra” a feminilidade legítima.

Como o discurso sobre a transexualidade possui uma aura mais “higiênica”, forjado nos laboratórios e consultórios da Europa e dos Estados Unidos e ainda pouco disseminado popularmente em suas especificidades teóricas, pode-se afirmar que o termo “transexual” possui um capital lingüístico mais valorizado que o termo “travesti”, podendo ser mais facilmente convertido em capital social e, desta forma, sendo capaz de abrir ou fechar portas segundo a maneira como a pessoa se auto-identifica ou é identificada. Assim, apresentar-se ou ser apresentada como “transexual”, em especial se vier acompanhada de uma “feminilidade burguesa”, confere um aumento de capital simbólico associado a esta pessoa, que adquire especial valor quando, em ambientes onde os capitais econômicos dos sujeitos envolvidos são próximos, esta forma de distinção pode ser o passaporte para a transição entre grupos sociais.

Da mesma maneira, aproveitando o discurso popular e resignificando uma das linhas do discurso psicanalítico, a que compreende à transexualidade como uma psicose, é comum travestis se referirem às transexuais como sendo “loucas”, em uma estratégia de destronamento. Certa vez, ouvi Patrícia, que se auto-identificava como travesti, comentar sobre as transexuais: *Elas acham que são mulher mesmo! Isso não existe. São umas loucas!..* Neste exemplo, percebemos não apenas o imaginário de uma “loucura” que regeria concepções incomuns sobre si mesmo, no caso, originada de uma perda da “bússola do sexo”<sup>75</sup> encontrada nos genitais, mas também a idéia de uma “verdade” a qual estamos subordinados e devemos reconhecimento, referente aqui à noção de que mulheres transexuais não seriam uma “mulher mesmo”.

Fora do discurso militante e político, que trabalha a questão da travestilidade e transexualidade (masculinas ou femininas) como uma identidade de gênero específica, ainda uma grande parte das travestis com

---

<sup>74</sup> BENTO, Berenice Alves de Melo, *O que é transexualidade*, op. Cit., p. 54

<sup>75</sup> Conforme a expressão de Colette Chiland. CHILAND, Colette, *O Transexualismo*, op. Cit.

quem convivi durante esta pesquisa vê a si mesma como “homens homossexuais”. Percebemos assim como a busca por uma feminilidade “verdadeira”, associada ao conceito de “mulher”, “travesti” ou “mulher transexual” está ligada a um jogo por legitimidade e distinção social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando*<sup>1</sup>.

Como vimos, desde o final do século XVIII, com a mudança política e epistemológica ocorrida no campo do conhecimento, surge o conceito de dois sexos distintos e opostos, cada um possuindo uma psique característica. Daí em diante, os limites entre masculinidade e feminilidade, suas normas sadias e seus desvios patológicos serão constantemente reorganizados e questionados, até os dias de hoje. É neste mesmo período também que surge a estratégia discursiva sobre a “defesa da sociedade”.

Conforme demonstrou Foucault, a base do discurso de que “é preciso defender a sociedade”, é sempre uma guerra silenciosa, guerra esta não apenas no sentido grandioso, institucionalizado e oficial da disputa do poder bélico entre nações ou no partidário burocratizado, mas, principalmente, na luta cotidiana e mesquinha por justificar, legitimar e legalizar formas de controle social que privilegiem determinados grupos em relação a outros.

Originada do biopoder e da passagem da sociedade de soberania para a sociedade disciplinar do século XIX, a idéia de que é necessário “defender” a sociedade revela-se não através do discurso de um povo contra outro povo distinto, de uma “raça” contra outra, mas, na modernidade, este embate se dá através da noção de um único grupo, de uma única “raça”, identificada com a “sociedade” como um todo, que deve controlar e evitar suas próprias “degenerações” manifestadas em subgrupos. Segundo este autor, *aparece neste momento (...) um racismo de Estado: um racismo que uma sociedade vai exercer sobre ela mesma, sobre os seus próprios elementos, sobre seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social. (...) Vai aparecer, neste momento, a idéia de uma guerra interna como defesa da sociedade*

---

<sup>1</sup> ROSA, João Guimarães, *Grande sertão: veredas*, op. Cit., p. 23

*contra os perigos que nascem em seu próprio corpo e de seu próprio corpo; é (...) a grande reviravolta do histórico para o biológico, do constituinte para o médico no pensamento da guerra social*<sup>2</sup>.

É desta maneira que surge a noção moderna de “racismo”: como um discurso de base científica que visa auxiliar o Estado e as instituições sociais na vigilância e eliminação dos “inimigos internos” da sociedade. Como vimos, com a interiorização do conceito de monstro neste período, surge não apenas o monstro psíquico, como os psicopatas e os perversos sexuais, mas também os monstros sociais e políticos, como os delinquentes, os criminosos e os vários tipos de divergentes sociais. Assim, novamente, é o conceito de humano que está sendo redimensionado. Conforme o filósofo alemão do século XIX, Max Stirner, *por mais longe que vá a tolerância de um Estado, o seu limite é o do monstro não humano, de tudo que é inumano. (...) Não é difícil dizer, em poucas palavras, o que seja um monstro inumano: é um homem que não corresponde ao conceito de homem, tal como o inumano é aquela forma do humano que não se adequa ao conceito do humano*<sup>3</sup>.

Entre os “inimigos” internos surgidos neste período, estão os “desviantes” sexuais. Também sai de cena o hermafrodita mítico, pois este tem como palco a *epistémê* arcaica. Aparece o pseudo-hermafrodita da ciência, fruto da *epistémê* moderna e gerador de vários dos “desvios” ou “identidades” sexuais que vão se desenvolver no século XX, como travestis e transexuais, desestabilizando os padrões de gênero do período. Conforme Foucault, *nossa época foi iniciadora de heterogeneidades sexuais*<sup>4</sup>. Através da patologização, criou-se e mantêm-se a vigilância e o gerenciamento destas sexualidades. Por este padrão, as pessoas travestis e transexuais podem e devem ser totalmente “integradas” à sociedade, especialmente através do conhecimento e reconhecimento de suas “parafilias” e “transtornos”.

Durante o século XX, as mulheres conquistaram o direito de usar as mesmas vestimentas que os homens, mas a recíproca não foi verdadeira. Se no início deste período a questão das roupas era fundamental para se caracterizar as pessoas travestis, com a interiorização de onde se buscar a

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel, *Em defesa da sociedade*, São Paulo, Martins Fontes, 2000, págs 73 e 258 respectivamente.

<sup>3</sup> STIRNER, Max, *O único e a sua propriedade*, Lisboa, Antígona, 2004, p. 142

<sup>4</sup> FOUCAULT, Michel, *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*, op. Cit., p. 38

masculinidade ou a feminilidade, durante o decorrer do século XX, a diferenciação passa a ser revelada pela “identidade” de gênero. As normas de gênero que tornam inteligíveis os corpos, comportamentos e desejos não são questionadas, mas o que é constante e cotidianamente questionado e cobrado é a melhor ou pior adequação a estas normas, expressas através da performatividade de gênero.

Como são estas normas de gênero que ajudam a configurar o que entendemos por “humano”, quanto mais próxima está a performatividade de uma pessoa do ideal de uma “verdadeira” feminilidade ou masculinidade, mais esta pessoa será compreendida como humana, e o grau de legitimidade desta “humanidade” está intimamente associada à não ambigüidade. Quanto mais as normas de gênero de determinado período estão introjetadas e, principalmente, expressas como uma “natureza” interior através do vestuário, comportamento, sentimentos e desejos, mais se reforça a noção de uma “verdadeira” mulher ou de um “verdadeiro” homem, pois estes expressam uma feminilidade ou masculinidade vistas como “autênticas” ou “originais”.

Desta forma, não é qualquer performatividade de gênero que será legitimada, muito pelo contrário. Comumente, a performance feminina esperada e cobrada nos discursos médicos aqui analisados não é a dos valores agressivos, extrovertidos e fortemente interpretados como “racionais”, mas sim a dos valores maternos, polidamente contidos e sensíveis. Ou seja, a feminilidade cobrada como legítima de travestis e transexuais não é a estereotipadamente associada a mulheres de baixa renda, pouca escolaridade e vida afetivo-sexual considerada “promíscua”, mas a relacionada aos padrões femininos burgueses desenvolvidos no século XVIII e adaptados ao século XXI. Conforme Bourdieu, *em consequência, os traços distintivos mais prestigiosos são aqueles que simbolizam mais claramente a posição diferencial dos agentes na estrutura social – por exemplo, a roupa, a linguagem ou a pronúncia, e sobretudo “as maneiras”, o bom gosto e a cultura – pois aparecem como propriedades essenciais da pessoa, como um ser irreduzível ao ter, enfim, como uma natureza, mas que é paradoxalmente uma natureza cultivada, uma cultura tornada natureza, uma graça e um dom. O que está em jogo no jogo da*

*divulgação e da distinção é, como se percebe, a excelência humana, aquilo que toda sociedade reconhece no homem cultivado*<sup>5</sup>.

Também percebemos que os “espetáculos de aberrações”, a fascinação para com o estranho e a estigmatização do que é considerado “anormal” não desapareceram com os antigos *freak shows*, mas foram remodeladas pela cultura de massas e pela ciência. Tanto nas persistentes concepções “científicas” de “transtorno”, “perversão” ou “parafilia”; nos programas de auditório que colocam travestis em cena para o público descobrir se são “homens” ou “mulheres” e assim as “desmascarar”; quanto na chamada de um site contendo pornografia com travetis que anuncia: “*o melhor dos dois mundos!*”, a espetacularização estigmatizante está presente.

Vimos então como o desenvolvimento do discurso científico sobre as pessoas que desestabilizavam as normas de gênero, foi uma maneira de organizar a inteligibilidade social destas pessoas dentro da chave da medicalização e da patologização. Da mesma forma, o movimento militante pelos direitos de travestis, transexuais e transgêneros também pretende criar novas formas de gênero inteligíveis, mas pelo viés político, em especial dos direitos humanos. Conseqüentemente, a luta pela legitimidade social de travestis e transexuais é inerente à discussão sobre o reconhecimento da “humanidade” (ou do grau de humanidade) destas pessoas. Muitas vezes, este objetivo é dificultado pelas categorias de “transtornos” ou “desvios”, e mesmo pela dificuldade lingüística e conceitual no reconhecimento de certas pessoas como “homens” ou “mulheres” transexuais, pois procura-se sempre, uma pressuposta base “estável”, “firme” e “sólida” com base na qual serão organizadas e julgadas as performances de sexo e gênero.

Assim, as pessoas travestis e transexuais, com suas múltiplas maneiras de vivenciar a travestilidade e a transexualidade, ajudam a questionar, mesmo que sem intenção, as normas de gênero que regem nossos conceitos de sexo, gênero e, no limite, de humano, explicitando que estas normas também são fluidas e transitórias. Afinal, quando nossos gêneros sentem-se dispostos a mudar, *nossos corpos também mudam*.

---

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre, *A Economia das trocas simbólicas*, op. Cit., p. 16



## BIBLIOGRAFIA

- ADRADOS, Isabel, *Importância da identificação sexual na infância* in *Arquivos brasileiros de psicologia aplicada*, Vol. 21, Nº 4, out/dez 1969
- ARAÚJO Jr., José Carlos de, *A metamorfose encarnada: travestimento em londrina (1970 – 1980)*, dissertação de mestrado defendida pela Unicamp, Campinas, 2006
- ALBUQUERQUE, Fernanda Farias de e JANNELLI, Maurizio, *A Princesa – depoimentos de um travesti brasileiro a um líder das Brigadas Vermelhas*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1995
- ARAN, Márcia, *A transexualidade e a gramática normativa dos gêneros*, *Ágora* (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, 2006, disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-14982006000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000100004&lng=en&nrm=iso)  
Acesso em 06/ 09/ 2007
- ASSOCIATION, American Psychiatric, *Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais - DSM-IV*, CD-Rom, Porto Alegre, Editora Artes Médicas/ Loggos Treinamento e Informática, 1995
- BALZAC, Honoré de, *Seráfita*, Rio de Janeiro, Globo, 1955
- BARBERO, Graciela Haydée, *Homossexualidade e perversão na psicanálise: uma resposta aos gay e lesbian studies*, São Paulo, Casa do psicólogo, 2005
- BARBIN, Herculine, *O Diário de um hermafrodita*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983
- BASTIDE, Roger, *O homem disfarçado em mulher* in *Sociologia do folclore brasileiro*, São Paulo, Anhambi, 1959
- BAUDRILLARD, Jean, *A transparência do mal*, Campinas, Sp, Papirus, 1996
- BAUMAN, Zygmunt, *Modernidade e ambivalência*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1999
- BENEDETTI, Marcos, *HORMONIZADA! Reflexões sobre o uso de hormônios e tecnologia do gênero entre travestis de Porto Alegre*, Trabalho apresentado XXII Encontro Anual da Anpocs Caxambu, MG, 27 a 31 de Outubro de 1998, disponível em <http://www.clacso.edu.ar/~libros/anpocs/renato.rtf>  
Acesso em 10/10/2007
- BENEDETTI, Marcos, *Toda feita – O corpo e o gênero das travestis*, Rio de Janeiro, Garamond, 2005
- BENEDETTI, Marcos, *A batalha do corpo: breves reflexões sobre travestis e prostituição*, disponível em [www.ciudadaniasexual.org/boletin/b11/](http://www.ciudadaniasexual.org/boletin/b11/)  
Acesso em 21/08/2006
- BENJAMIN, Harry, *“Eu quero mudar meu sexo”* in CAPRIO, Frank. S. (org.), *Tudo sobre o sexo*, São Paulo, Ibrasa, 1966
- BENJAMIN, Harry, *Transexualismo e travestismo* in CAPRIO, Frank. S. (org.), *Tudo sobre o sexo*, São Paulo, Ibrasa, 1966

BENJAMIN, Harry, *The transsexual phenomenon*, Copyright of the electronic edition by Symposion Publishing, Düsseldorf, 1999, disponível em <http://www.symposion.com/ijt/benjamin/index.htm>  
Acesso em 27/09/2006

BENTO, Berenice Alves de Melo, *Transexuais, corpos e próteses*, revista *Labrys*, nº 4, Agosto/ dezembro de 2003

BENTO, Berenice Alves de Melo, *Da transexualidade oficial às transexualidades* in PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio (orgs), *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*, Rio de Janeiro, Garamond, 2004

BENTO, Berenice Alves de Melo, *Performances de gênero e sexualidade na experiência transexual* in LOPES, DENÍLSON [et al.] (organizadores), *Imagem e diversidade sexual: estudos da homocultura*, São Paulo, Nojosa edições, 2004

BENTO, Berenice Alves de Melo, *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, Rio de Janeiro, Garamond, 2006

BENTO, Berenice Alves de Melo, *O que é transexualidade*, São Paulo, Brasiliense, 2008

BERUTTI, Eliane Borges, *Transgenders: construções afetivas, políticas da alteridade* in *Grogoatá*, Niterói, Publicação semestral do programa de Pós-Graduação em Letras da UFF, nº 14, 1º semestre de 2003

BIRMAN, Patrícia, *Fazer estilo criando gêneros*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995

BOURDIEU, Pierre, *A Economia das trocas simbólicas*, São Paulo, Perspectiva, 1982

BOURDIEU, Pierre, *A economia das trocas linguísticas* in: ORTIZ, Renato (org.) *Grandes Cientistas Sociais - Bourdieu*, São Paulo, Ática, 1983

BOURDIEU, Pierre, *La distincion*, Madrid, Taurus, 1988

BOURDIEU, Pierre, *O poder simbólico*, Difel/ Bertrand Brasil, Lisboa, 1989

BOURDIEU, Pierre, *Novas reflexões sobre a dominação masculina* in LOPES, Marta Julia Marques et al. (orgs), *Gênero & Saúde*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996

BOURDIEU, Pierre, *A economia das trocas lingüísticas – O que falar quer dizer*, São Paulo, Edusp, 1998

BOURDIEU, Pierre, *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005

BROME, Gloria G., BROME, William D., JACOBS, Jon, *Different loving*, New York, Villard, 1993

BURKE, Peter, *A cultura popular na Idade Moderna*, São Paulo, Companhia das letras, 1989

BUTLER, Judith, *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”* in LOURO, Guacira Lopes (org.), *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000

BUTLER, Judith, *Críticamente subversiva* in JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida (ed.), *Sexualidades transgressoras – uma antologia de estudos queer*, Barcelona, Icaria Editorial, 2002

BUTLER, Judith (b), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003

BUTLER, Judith (a), *Deshacer el género*, Barcelona, Paidós, 2006

BUTLER, Judith (b), *Vida precaria: el poder del duelo y la violencia*, Buenos Aires, Paidós, 2006

CABRAL, Mauro e BENZUR, Gabriel, *Cuando digo intersex. Un diálogo introductorio a la intersexualidad* in *Cadernos Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu nº 24*, Campinas, Unicamp, janeiro - junho de 2005

CABRAL, Mauro e ROJMAN, Ariel, *La muerte de un extraño*, Córdoba, maio – junho de 2004,  
disponível em  
<http://www.ciudadaniasexual.org/boletin/b9/La%20muerte%20de%20un%20extra%C3%B1o.pdf>  
Acesso em 10/12/2007

CAMPBELL, Collin, *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*, Rio de Janeiro, Rocco, 2001

CAMPOS, Maria Consuelo Cunha, *Roberta Close e M. Butterfly: transgênero, testemunho e ficção* in *Revista Estudos Feministas*, vol. 7, 1º e 2º semestres de 1999

CARDOSO, Fernando Luiz, *Inversões do papel de gênero: “drag queens”, travestismo e transexualismo*, Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2005,  
disponível em  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722005000300017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000300017&lng=en&nrm=iso)  
Acesso em 19/ 09/ 2007

CARONE, Marilene, *Da loucura de prestígio ao prestígio da loucura* in SCHREBER, Daniel Paul, *Memórias de um doente dos nervos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995

CARRARA, Sérgio, RAMOS, Silvia, SIMÕES, Julio Assis, FACCHINI, Regina, *Política, direitos, violência e homossexualidade – Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – São Paulo 2005*, Rio de Janeiro, Clam/ Ims, 2006

CASTEL, Pierre-Henri, *Algumas reflexões para estabelecer a cronologia do “fenômeno transexual” (1910-1995)*, Revista brasileira de História [online], 2001, vol.21, no.41 [citado 30 Março 2006], p.77-111,  
disponível em  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882001000200005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882001000200005&lng=pt&nrm=iso). ISSN 0102-0188.  
Acesso em 12/01/2007

CASTILLO, Debra A., *Violência y trabajadores sexuales travestis y transgéneros em Tijuana* in *Debate Feminista*, ano 17, vol. 33, abril 2006

CASTLE, Terry, *A cultura do travesti: sexualidade e baile de máscaras na Inglaterra do século XVIII*, in ROUSSEAU, G. S. e PORTER, Roy (orgs.), *Submundos do sexo no Iluminismo*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999

CASTRO, Viveiros de, *Attentados ao pudor*, Rio de Janeiro, Livraria Moderna, 1895

CECCARELLI, Paulo Roberto (org.), *Diferenças sexuais*, São Paulo, Escuta, 1999

CERF, docteur Léon, *Les indécisions du sexe*, Paris, Les Éditions de France, 1940

CHAMPASSAK, Tiane Doan Na, *Le sexe des anges*, Paris, Éditions de La Martinière, 2003

CHILAND, Colette, *O Transexualismo*, São Paulo, Edições Loyola, 2008

CLASTRES, Pierre, *O arco e o cesto* in *A sociedade contra o Estado*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990

CLAYTON, Susan, *O hábito faz o marido? O exemplo de uma female husband, James Allen (1787- 1829)* in SCHPUN, Mônica Raisa (org.), *Masculinidades*, São Paulo, Boitempo, 2004

COHEN, Jeffrey Jerome, *A Cultura dos monstros: sete teses*, in SILVA, Tomaz Tadeu da (org.), *Pedagogia dos Monstros*, Belo Horizonte, Autêntica, 2000

COLAPINTO, John, *Sexo trocado – A história real do menino criado como menina*, Rio de Janeiro, Ediouro, 2001

CORRÊA, Mariza, *O sexo da dominação* in *Novos estudos CEBRAP*, São Paulo, nº 54, julho de 1999

CORRÊA, Mariza, *Não se nasce homem*, trabalho apresentado no Encontro Masculinidades/ Feminilidades” nos *Encontros Arrábida 2004*, Portugal, 2004

COSTA, Jurandir Freire, *A inocência e o vício – estudos sobre o homoerotismo I*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1992

COSTA, Jurandir Freire, *A face e o verso – estudos sobre o homoerotismo II*, São Paulo, Escuta, 1995

COUCHAUX, Brigitte, *Lilith* in BRUNEL, Pierre (org.), *Dicionário de mitos literários*, Rio de Janeiro, José Olympio, 2005

COUTO, Edvaldo Souza, *Transexualidade – O Corpo em mutação*, Bahia, Editora Grupo Gay da Bahia, 1999

DAMIANI, Durval, *O estudo de pacientes com hermafroditismo verdadeiro como meio de esclarecer os mecanismos envolvidos na determinação gonadal*, Tese de livre-docência pela Faculdade de Medicina da USP, São Paulo, 1999

DAVIS, Natalie Zemon, *As mulheres por cima* in *Culturas do povo*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990

DELEUZE, Gilles, *Post-scriptum sobre as sociedades de controle* in *Conversações*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992

DELEUZE, Gilles, *Controle e devir* in *Conversações*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1992

DEMBO, Adolfo e IMBELLONI, José, *Deformaciones intencionales del cuerpo humano de carácter étnico*, Buenos Aires, José Anesi, 1938

DENIZART, Hugo, *Engenharia Erótica*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997

DESCARTES, René, *Discurso do método*, São Paulo, Abril cultural, 1973

DREGER, Alice Domurat, *Hermaphrodites and the medical invention of sex*, Cambridge, Harvard University Press, 2003

DOR, Joël, *Transexualismo e o sexo dos anjos* in *Estrutura e perversões*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1991

DOR, Joël, *A servidão estética dos travestis* in *Clínica psicanalítica*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1996

DURST, Rogério, *Madame Satã*, São Paulo, Brasiliense, 1985

ECO, Humberto, *História da feiúra*, Rio de Janeiro, Record, 2007

ELIADE, Mircea, *Mefistófeles e o Andrógino*, São Paulo, Martins Fontes, 1999

ELLIS, Havelock, *A inversão sexual*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1933

ELLIS, Havelock,, *Psicologia do sexo*, Rio de Janeiro, Bruguera, 1971

ESTEVÃO, Adriana, *A política no corpo: mulheres fisiculturistas, corpos hiperbólicos*, Tese de doutorado defendida na PUC-SP, 2005

FACCHINI, Regina, *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*, Rio de Janeiro, Garamond, 2005

FALCONNET, Georges e LEFAUCHEUR, Nadine, *A fabricação dos machos*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1977

FARINA, Roberto, *Transexualismo – Do homem à mulher normal através dos estados de intersexualidade e das paraíllas*, São Paulo, Novalunar, 1982

FAURI, Mara Lucia, *Fronteiras do masculino e do feminino ou a androginia como expressão* in *Cadernos Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu nº 5*, Campinas, Unicamp, 1995

FERRAZ, Elisabeth A., SOUZA, Cynthia T de., SOUZA, Luiza M. de & COSTA, Ney, *Travestis profissionais do sexo: vulnerabilidades a partir de comportamentos sexuais*, Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu – MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006

disponível em  
[http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006\\_508.pdf](http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_508.pdf).  
 Acesso em 10/10/2007

FILHO, Antonio Carlos Pacheco e Silva, *Perversões sexuais - um estudo psicanalítico*, São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1987

FOUCAULT, Michel, *La vida de los hombres infames*, Madrid, La Piqueta, sem data

FOUCAULT, Michel, *O verdadeiro sexo* in BARBIN, Herculine, *O Diário de um Hermafrodita*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983

FOUCAULT, Michel, *As palavras e as coisas*, São Paulo, Martins Fontes, 1987

FOUCAULT, Michel , *História da sexualidade I - A vontade de saber*, Rio de Janeiro, Graal, 1988

FOUCAULT, Michel, *Vigiar e punir*, Petrópolis, Vozes, 1988

FOUCAULT, Michel, *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal, 1988

FOUCAULT, Michel, *Resumo dos cursos do Collège de France*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997

FOUCAULT, Michel, *Coleção Ditos e Escritos I: Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999

FOUCAULT, Michel, *Em defesa da sociedade*, São Paulo, Martins Fontes, 2000

FOUCAULT, Michel, *Os Anormais*, São Paulo, Martins Fontes, 2001

FOUCAULT, Michel, *Coleção Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004

FOUCAULT, Michel, *Um diálogo sobre os prazeres do sexo*, São Paulo, Landy, 2005

FOUCAULT, Michel, *A verdade e as formas jurídicas*, Rio de Janeiro, PUC\_RJ/ Nau Editora, 2005

FOUCAULT, Michel, *O poder psiquiátrico*, São Paulo, Martins Fontes, 2006

FRANÇA, Isadora Lins, *“Cada macaco no seu galho?”: arranjos de poder, políticas identitárias e segmentação de mercado no movimento homossexual*, Cd-rom do 29 encontro anual da ANPOCS, 2005

FRANÇA, Isadora Lins, *“Agora, es toda uma mujer”:* uma análise sobre a repercussão do caso Edinanci Silva na mídia, mimeo, 2007

FREUD, Sigmund, (1911) - *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (dementia paraniodes)*, em *Edição eletrônica brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, CD-Rom, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1999

FREUD, Sigmund, *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II)*, em *Edição eletrônica brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, CD-Rom, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1999

FREITAS, Aline de, *Manifesto trans hiper - feminista* disponível em <http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2006/04/351172.shtml>  
Acesso em 05/06/2006

FREITAS, Martha C., *Meu sexo real*, Petrópolis, Vozes, 1998

FRIEDLI, Lynne, *“Mulheres que se faziam passar por homens”:* um estudo da fronteira entre os gêneros no século XVIII in ROUSSEAU, G. S. e PORTER, Roy (orgs.), *Submundos do sexo no Iluminismo*, Rio de Janeiro, Rocco, 1999

FRIGNET, Henry, *O transexualismo*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2002

FRY, Peter, *Para inglês ver*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982

GAMSON, Joshua, *Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Um extraño dilema* in JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida (ed.), *Sexualidades transgressoras – uma antologia de estudos queer*, Barcelona, Icaria Editorial, 2002

GARCÍA, Carlos Lagos, *Las deformidades de la sexualidad humana*, Buenos Aires, “El Ateneo” librería científica y literária, 1925

GARCIA, José Carlos, *Problemáticas da identidade sexual*, São Paulo, Casa do psicólogo, 2001

GARCIA, Marcos Roberto Vieira, *Dragões – gênero, corpo, trabalho e violência na formação da identidade entre travestis de baixa renda*, Tese de doutorado defendida na USP/ IP, 2007

GAY, Peter, *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: Vol. 1 A educação dos sentidos*, São Paulo, Companhia das letras, 1999

GOFFMAN, Erving, *Estigma*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980

GREEN, James N., *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, São Paulo, Editora da UNESP, 2000

GROSZ, Elizabeth, *Intolerable ambiguity: freaks as/at the limit*, in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – Cultural spectacles of the extraordinary body*, New York, New York University Press, 1996

GROSZ, Elizabeth, *Corpos reconfigurados* in *Cadernos Pagu* / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu nº 14 – *Corporificando gênero*, Campinas, Unicamp, 2000

HALL, Stuart, *Quem precisa da identidade?* in Silva, Tomaz Tadeu da (org.), *Identidade e diferença*, Petrópolis, Vozes, 2003

HALL, Stuart, *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2004

HARRY Benjamin International Gender Dysphoria Association, *Standards of Care for gender identity disorders* disponível em [http://www.symposion.com/ijt/soc\\_2001/index.htm](http://www.symposion.com/ijt/soc_2001/index.htm)

Acesso em 6 de Janeiro de 2008

HIRSCHFELD, Magnus, *A questão sexual pelo mundo*, São Paulo, editora Piratininga, sem data

HIRSCHFELD, Magnus, *Transvestites – the erotic drive to cross-dress*, New York, Prometheus books, 1991

HOBSBAWM, Eric, *Era dos extremos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995

JAYME, Juliana Gonzaga, *Travestis, transformistas, drag-queens, transexuais: personagens e máscaras no cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*, Tese de doutorado defendida no Ifch da Unicamp, 2001

JARAMILLO, Ma. Del Rosário Oaxaca, *Como se construye la sexualidad a través del language* in *Revista Terapia Sexual*, São Paulo, Instituto Paulista de Sexualidade, Volume IX – Nº 1, janeiro a junho de 2006

KANTOROWSKICZ, Ernest H., *Os dois corpos do rei*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998

KAPPLER, Claude, *Monstros, demônios e encantamentos no fim da Idade Média*, São Paulo, Martins Fontes, 1994

KATES, Gary, *Monsieur d'Eon é mulher*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996

KATZ, Jonathan Ned, *A invenção da heterossexualidade*, Rio de Janeiro, Record, 1996

KOGUT, Eliane Chermann, *Crossdressing masculino – uma visão psicanalítica da sexualidade crossdresser*, Tese de doutorado defendida pelo departamento de psicología clínica da PUC – SP, 2006

KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopatia Sexualis*, Nova York, Arcade Publishing, 1998

KRAFFT-EBING, Richard Von, *Psychopatia Sexualis*, São Paulo, Martins Fonte, 2001

KULICK, Don, *Travesti – Sex, gender and culture among brazilian transgendered prostitutes*, Chicago, The University of Chicago Press, 1998

LANTERI-LAURA, Georges, *Leitura das Perversões*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994

LAQUEUR, Thomas, *Inventando o sexo*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2001

LE GOFF, Jacques e TRUONG, Nicolas, *Uma história do corpo na Idade Média*, Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2006

LEITE Jr, Jorge, *Das maravilhas e prodígios sexuais*, São Paulo, Annablume / Fapesp, 2006

LEITE Jr, Jorge, “O Melhor dos dois mundos” – *Sexualidade, entretenimento e pornografia com travestis*, disponível nos Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7  
disponível em  
[http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Jorge\\_Leite\\_Junior\\_16.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/J/Jorge_Leite_Junior_16.pdf)

LHERMITTE, J. (et. all), *Les états intersexuels*, Paris, P. Lethielleux éditeur, 1950

LIMA, Márcia Mello de, *Gozo e perversão: um percurso na teoria de Freud com Lacan*, Tese de doutorado defendida no Instituto de Psicologia da USP, 2001

LIMA, Shirley Acioly Monteiro de, *Intersexo e identidade: história de um corpo reconstruído*, Dissertação de mestrado em psicologia social defendida pela PUC-SP, 2007

LIONÇO, Tatiana, *Um olhar sobre a transexualidade a partir da perspectiva da tensionalidade somato-psíquica*, Tese de doutorado defendida no Instituto de Psicologia da UNB, 2006

LOPES, Suzana Helena Soares da Silva, *Corpo, metamorfoses e identidades: de Alan a Elisa Star* in LEAL, Ondina Fachel (org.), *Corpo e significado – ensaios de antropologia social*, Porto Alegre, Editora da Universidade/ UFRGS, 1995

MACHADO, Paula Sandrine, *O sexo dos anjos: um olhar sobre a anatomia e a produção do sexo (como se fosse) natural* in *Cadernos Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu nº 24*, Campinas, Unicamp, janeiro - junho de 2005

MACHADO, Paula Sandrine, “Quimeras” da ciência: a perspectiva de profissionais da saúde em casos de intersexo, in *Revista brasileira de Ciências Sociais* [online], out. 2005, vol.20, no.59 [citado 26 Abril 2006], p.67-80, disponível em  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092005000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000300005&lng=pt&nrm=iso). ISSN 0102-6909.  
Acesso em 27/06/2006

MACHADO, Paula Sandrine, “Anomalia”, “ambigüidade” e outros operadores de diferença: as vicissitudes da nomenclatura e suas implicações regulatórias, paper para o 31º Encontro anual da ANPOCS, 2007  
disponível em  
[http://201.48.149.89/anpocs/arquivos/10\\_10\\_2007\\_14\\_36\\_45.pdf](http://201.48.149.89/anpocs/arquivos/10_10_2007_14_36_45.pdf)  
Acesso em 19/10/2007

MACIEL-GUERRA, Andréa Tavares e GUERRA Júnior, Gil (orgs), *Menino ou menina? Os distúrbios da diferenciação do sexo*, São Paulo, Editora Manole Ltda, 2002

MALUF, Sônia Weidner, *Corporalidade e desejo: Tudo sobre minha mãe e o gênero na margem* in *Revista Estudos Feministas* [online], Jan. 2002, vol.10, no.1 [cited 26 April 2006], p.143-153  
disponível em  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100008&lng=en&nrm=iso). ISSN 0104-026X.  
Acesso em 12/08/2006



MANDAVILA, Juan de, *Libro de las maravilhas del mundo*, Madrid, Visor, 1984

MARAÑÓN, Gregorio, *La evolución de la sexualidad y los estados intersexuales*, Madrid, Javier Morata Editor, 1930

MARIN, Louis, *Le sexe ni vrai ni faux* in MARIN, Louis, *Lectures traversières*, Paris, Albin Michel, 1992

MARQUES, Fabrício, *Identidade sem ambigüidade* in *Revista Pesquisa FAPESP – Ciência e tecnologia no Brasil*, nº 90, Agosto de 2003

MATORY, J. Lorand, *Homens montados: homossexualidade e simbolismo da possessão nas religiões afro-brasileiras* in REIS, João José (org.), *Escravidão e invenção da liberdade*, São Paulo, Brasiliense, 1988

McCLINTOCK, Anne, *Couro Imperial. Raça, travestismo e o culto da domesticidade* in *Cadernos Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu nº 20 – Dossiê erotismo: prazer, perigo*, Campinas, Unicamp, primeiro semestre de 2003

MacRAE, Edward, *Os respeitáveis militantes e as bichas loucas* in EULALIO, Alexandre et al, *Caminhos cruzados: linguagem, antropologia e ciências naturais*, São Paulo, Brasiliense, 1982

McLAREN, Angus, “Não um estranho, um doutor”: médicos e questões sexuais no fim do século XIX in PORTER, Roy e TEICH, Mikulás, *Conhecimento sexual, ciência sexual*, São Paulo, Unesp, 1997

MEAD, Margaret, *Sexo e temperamento*, São Paulo, Perspectiva, 1988

MEYEROWITZ, Joanne, *How sex changed*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2004

MIGUET, Marie, *Andróginos* in BRUNEL, Pierre (org.), *Dicionário de mitos literários*, Rio de Janeiro, José Olympio, 2005

MILLOT, Catherine, *Horsexe*, Paris, Point Hors Ligne, 1983

MILLOT, Catherine, *Extrasexo*, São Paulo, Escuta, 1992

MINOIS, Georges, *História do riso e do escárnio*, São Paulo, Unesp, 2003

MIRA, Maria Celeste, *O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar* in *Cadernos Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu nº 21 – Olhares alternativos*, Campinas, Unicamp, 2003

MONEY, John e TUCKE, Patrícia, *Os papéis sexuais*, São Paulo, Brasiliense, 1981

MONGELLI, Lênia Márcia de, *Ética cristã X androginia (em torno da demanda do Santo Graal)* in *Veritas – revista trimestral de filosofia e ciências humanas da PUC-RS*, Porto Alegre, V. 40, Nº 159, setembro de 1995

MONTAIGNE, Michel de, *Ensaaios*, São Paulo, Abril Cultural, 1972

MONTERO, Santiago, *Deusas e adivinhas*, São Paulo, Musa, 1998

MORAES, Eliane Robert, *Sade, A felicidade libertina*, Rio de Janeiro, Imago, 1994

MOTT, Luiz e ASSUNÇÃO, Aroldo, *Gilete na carne: etnografia das automutilações dos travestis da Bahia* in *Revista Temas IMESC, sociedade, direitos, saúde*, São Paulo, 4 (1), julho de 1987

MOTT, Luiz, *Escravidão, homossexualidade e demonologia*, São Paulo, Ícone, 1998

NARUYAMA, Akimitsu (Coleção de), *Freaks - aberrações humanas*, Portugal, Livros e Livros, 2000

NETTO, Coelho, *O patinho torto*, Porto, Livraria Chardron de Léo & Irmão, 1924

NIETZSCHE, Friedrich, *Aurora*, São Paulo, Companhia das letras, 2004

OLAZÁBAL, Luisa Campos, *Variabilidade cromossômica e dermopapilar no transexualismo (estudo de 31 casos)*, Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Biociências da USP, 1976

OLIVEIRA, Marcelo José, *O lugar do travesti em Desterro*, Dissertação de mestrado em antropologia social apresentada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, 1997

OLIVEIRA, Neuza Maria de, *Damas de paus – O jogo aberto dos travestis no espelho da mulher*, Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994

OLIVEIRA, Pedro Paulo de, *A construção social da masculinidade*, Belo Horizonte, UFMG, Rio de Janeiro, IUPERJ, 2004

OMBRÉDANNE, Louis, *Les hermaphrodites et la chirurgie*, Paris, Masson et Cie., 1939

OVÍDIO, *Metamorfoses*, São Paulo, Madras, 2003

PARÉ, Ambroise, *Monstruos y prodígios*, Madrid, Siruela, 2000

PAULO II, João, *Ele os criou homem e mulher*, São Paulo, Cidade Nova, 1982

PELÚCIO, Larissa Maués, *Travestis e (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo* in *Revista Antropológicas*, ano 8, vol. 15 (1), 2004

PELÚCIO, Larissa Maués, *Sexualidade, gênero e masculinidade no mundo dos T-lovers – A construção da identidade de um grupo de homens que se relacionam com travestis* disponível em <http://www.orkut.com/Home.aspx?xid=14528913468179830382> Acesso em 17/08/2005

PELÚCIO, Larissa Maués, *Três casamentos e algumas reflexões – Notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem* in *Revista Estudos Feministas*, Volume 14, Nº 2, Florianópolis, 2006 disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n2/a12v14n2.pdf> Acesso em 11/12/ 2006

PELÚCIO, Larissa Maués, *Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti* in *Caderonos Pagu. [online]*. jul./dic. 2005, no.25 [citado 20 Julho 2006], p.217-248 disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332005000200009&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332005000200009&lng=es&nrm=iso). ISSN 0104-8333. Acesso em 11/12/2006

PELÚCIO, Larissa Maués, *Soropositividade, pressão e depressão: da vida nervosa das travestis vivendo com HIV/AIDS*, disponível nos Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 Disponível em [http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/L/Larissa\\_Pelucio\\_16.pdf](http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/L/Larissa_Pelucio_16.pdf) Acesso em 12/12/2006

PELÚCIO, Larissa Maués, e MISKOLCI, Richard, *Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis* In 30 ANPOCS, 2006, Caxambu, 30 encontro anual da ANPOCS, 2006, Cd-Rom do evento, 2006

disponível em  
<http://www.ufscar.br/richardmiskolci/paginas/academico/cientificos/foradosujeito.htm>  
 Acesso em 1/2/2007

PELÚCIO, Larissa Maués, *Nos nervos, na carne, na pele – Uma etnografia sobre prostituição travesti e o modelo preventivo de aids*, Tese de doutorado defendida na UFSCar / PPGCSO, 2007

PEÑA, Janet Mesa e CRUZ, Diley Hernández, *Transformistas, travestis y transexuales: un grupo de identidad social en la Cuba de hoy*, revista Temas Nº 36, Janeiro-março de 2004

PERES, William Siqueira, *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania*, Tese defendida no Instituto de Medicina Social da UERJ para obtenção do título de doutor em Saúde Coletiva, São Paulo, 2005

PINTO, Maria Jaqueline Coelho e BRUNS, Maria Alves de Toledo, *Vivência transexual – o corpo desvela seu drama*, Campinas, Átomo, 2003

PIRES, Beatriz Ferreira, *O corpo como suporte da arte*, São Paulo, Editora Senac, 2005

PLATÃO, *O sofista*, São Paulo, Abril Cultural, 1972

PLATÃO, *O banquete*, São Paulo, Edipro, 1996

PRIORE, Mary Del, *Esquecidos por Deus*, São Paulo, Companhia das Letras, 2000

PRINS, Baukje e MEIJER, Irene Costera, *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler* in *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2002, vol. 10, no. 1 [citado 2007-03-15], pp. 155-167  
 disponível em  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100009&lng=pt&nrm=iso). ISSN 0104-026X. doi: 10.1590/S0104-026X2002000100009  
 Acesso em 05/08/2007

R. Alejandra Zúñiga, *Algunas consideraciones en torno al termino “transgenero”* in *Terapia sexual*, Volume VIII, nº 1, janeiro a junho de 2005

RABINOVICH-BERKMAN, Ricardo D., *Transexualidad y cirugía: propuesta de um texto alternativo para el art. 110 del proyecto de Código Civil Argentino y art. 13 del nuevo Código Civil Brasileño*  
 disponível em  
<http://www.revistapersona.com.ar/9Rabinovich.htm>  
 Acesso em 30/5/2006

RAMSEY, Gerald, *Transexuais – perguntas e respostas*, São Paulo, Summus, 1998

REALE, Giovanni e ANTISERI, Dario, *História da filosofia – vol. I – Antiguidade e Idade Média*, São Paulo, Paulinas, 1990

REYS, Octavio e SALOMONE, Lucio, *A terapêutica cirúrgica do intersexual perante a justiça criminal: um caso de transexualismo primário ou essencial*, São Paulo, edição dos autores, 1978

RITO, Lucia, *Muito Prazer, Roberta Close*, Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1998

ROSA, João Guimarães, *Grande sertão: veredas*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2006

ROLNIK, Suely, *Toxicômanos de identidade – subjetividade em tempo de globalização* in LINS, Daniel, (org.), *Cultura e subjetividade – saberes nômades*, Campinas, SP, Papirus, 1997

RUBEN, Guillermo Raúl, *Teoria da identidade: uma crítica* in *Anuário antropológico 1986*, Brasília, Editora da UNB, 1986

RUSO, Jane A. e VENÂNCIO, Ana Teresa A., *Classificando as pessoas e suas perturbações: a “revolução terminológica” do DSM-III* in *Revista latinoamericana de psicopatologia fundamental*, ano IX, nº 3, setembro de 2006 disponível em [http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/v09\\_03/06.pdf](http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/v09_03/06.pdf)  
Acesso em 18/10/2007

RUSO, Jane Araújo, *Do desvio ao transtorno: a medicalização da sexualidade na nosografia psiquiátrica contemporânea* in PISCITELLI, Adriana, GREGORI, Maria Filomena e CARRARA, Sérgio (orgs), *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*, Rio de Janeiro, Garamond, 2004

SAADEH, Alexandre, *Transtornos de identidade sexual: um estudo psicopatológico de transexualismo masculino e feminino*, Tese defendida na Faculdade de Medicina da USP para obtenção do título de doutor em ciências, São Paulo, 2004

SALDANHA, Arthur de Mattos e PROLLA, Maria de Lourdes, *O desenho da figura humana em um caso de pseudo-hermafroditismo* in *Cadernos de psicologia aplicada*, Vol. 4, Nº 1, Porto Alegre, edições do centro de orientação e seleção psicotécnica – UFRGS, 1976

SANTIAGO, Idalina Maria Freitas Lima, *O jogo do gênero e da sexualidade nos terreiros de umbanda cruzada com jurema na grande João Pessoa / PB*, São Paulo, Tese de doutorado defendida na PUC – SP, 2001

SCHREBER, Daniel Paul, *Memórias de um doente dos nervos*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995

SCHWERINER, Mário René, *A Mulher Afrodita – O fascínio da ambigüidade sexual*, São Paulo, Harmonia, 1993

SCOTT, Joan, *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* in *Educação e realidade*, V. 16, nº2, jul/ dez 1990

SICUTERI, Roberto, *Lilith, A lua negra*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

SILVA, Carlos Antonio Bruno da, BRITO, Heleni B. de, RIBEIRO, Erlane Marques et al, *Ambigüidade genital: a percepção da doença e os anseios dos pais* in *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil* [online]. 2006, vol. 6, no. 1 [citado 2008-03-04], pp. 107-113  
disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-38292006000100013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-38292006000100013&lng=pt&nrm=iso). ISSN 1519-3829. doi: 10.1590/S1519-38292006000100013  
Acesso em 4/3/2008

SILVA, Hélio R. S., *Travesti – A invenção do feminino*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1993

SILVA, Hélio R. S., *Certas cariocas – Travestis e vida de rua no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996

SILVA, Hélio R. S., *Travestis – entre o espelho e a rua*, Rio de Janeiro, Rocco, 2007

SILVA, Hélio R. S. e FLORENTINO, Cristina de Oliveira, *A sociedade dos travestis: espelhos, papéis, interpretações* in PARKER, Richard e BARBOSA,

Regina Maria (orgs.), *Sexualidades Brasileiras*, Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996

SILVA, José Fábio Barbosa, *Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário* in GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo (orgs), *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*, São Paulo, UNESP, 2005

SILVA, Rosimeri Aquino da, *Passeando no centro de Porto Alegre com uma travesti*, revista Labrys - Estudos feministas, junho/ dezembro de 2006 disponível em <http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys10/riogrande/rosimeri.htm>  
Acesso em 10/10/2007

SIMÕES, Júlio Assis e FRANÇA, Isadora Lins, *Do “gueto” ao mercado* in *Homossexualidade em São Paulo e outros escritos*, São Paulo, UNESP, 2005

SHAKESPEARE, William (a), *Romeu e Julieta*, São Paulo, Abril Cultural, 1978

SHAKESPEARE, William (b), *Otelo, o mouro de Veneza*, São Paulo, Abril Cultural, 1978

SONTAG, Susan, *Notas sobre Camp* in *Contra a interpretação*, Porto Alegre, L&PM, 1987

STEKEL, Wilhelm, *El fetichismo*, Buenos Aires, Ediciones Imán, sem data

STIRNER, Max, *O único e a sua propriedade*, Lisboa, Antígona, 2004

STOLLER, Robert J., *A experiência transexual*, Rio de Janeiro, Imago, 1982

STOLLER, Robert J., *Masculinidade e feminilidade*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1993

STORR, Anthony, *Desvios sexuais*, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1967

TAUNAY, Afonso de E., *Zoologia fantástica do Brasil*, São Paulo, Edusp, 1999

TEIXEIRA, Marina Caldas, *O transexualismo e suas soluções* in *Asephallus* - revista eletrônica do núcleo Sephora – núcleo de pesquisas sobre o moderno e o contemporâneo – ano1, nº 2, maio a outubro 2006 disponível em [http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero\\_02/artigo\\_06port\\_edicao02.htm](http://www.nucleosephora.com/asephallus/numero_02/artigo_06port_edicao02.htm)  
Acesso em 10/12/2007

THOMSON, Rosemarie Garland, *From wonder to error: A genealogy of freak discourse in Modernity* in THOMSON, Rosemarie Garland (org.), *Freakery – cultural spectacles of the extraordinary body*, New York, New York University Press, 1996

TREVISAN, João Silvério, *Devassos no paraíso*, Rio de Janeiro, Record, 2000

TUCHERMAN, Ieda, *Breve história do corpo e de seus monstros*, Lisboa, Vega, 1999

VENCATO, Anna Paula, *“Fervendo com as drags”: corporalidades e performances de drag queens em territórios gays da Ilha de Santa Catarina*, dissertação de mestrado defendida pela UFSC, São Paulo, 2002

VENCATO, Anna Paula, *Fora do armário, dentro do closet. O camarim como espaço de transformação* in *Cadernos Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu nº 24*, Campinas, Unicamp, janeiro - junho de 2005

VENCATO, Anna Paula, *Existimos pelo prazer de ser mulher: um olhar antropológico sobre o Brazilian Crossdresser Club*, In: 26a. Reunião Brasileira de Antropologia: des/igualdade na diversidade, 2008, Porto Seguro, 26a. Reunião Brasileira de Antropologia: des/igualdade na diversidade, 2008. disponível em [http://201.48.149.88/abant/arquivos/9\\_5\\_2008\\_12\\_13\\_29.pdf](http://201.48.149.88/abant/arquivos/9_5_2008_12_13_29.pdf)

Acesso em 12/07/2008

VERDE, Jole Baldaro e GRAZIOTTIN, Alessandra, *Transexualismo o enigma da identidade*, São Paulo, Paulus, 1997

WINICK, Charles, E., *Unissexo*, São Paulo, Perspectiva, 1972

ZAMBRANO, Elizabeth, *Trocando os documentos: um estudo antropológico sobre a cirurgia de troca de sexo*, dissertação de mestrado defendida pela UFRGS, Porto Alegre, 2003

ZOLLA, Elémire, *Androginia, a fusão dos sexos*, Madrid , Edições Del Prado, 1997